

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“ME CONTA UMA HISTÓRIA?”**  
**As relações entre pessoas surdas e ouvintes no pluriverso**  
**surdo**

Lucila Lima da Silva

**Orientadora:** Marcia Moraes

**Co-pesquisadoras:** Ana Carla Cássia de Oliveira, Beatriz Alves Domingues Pereira,  
Giovana Maria de Oliveira, Ildete Vianna Soares, Mairla Pereira Pires Costa.

Niterói – RJ

Junho/2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUCILA LIMA DA SILVA

**“ME CONTA UMA HISTÓRIA?”**

**As relações entre pessoas surdas e ouvintes no pluriverso  
surdo**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia. Área de Concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Oliveira Moraes.

Niterói – RJ

Junho/2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586" Silva, Lucila Lima da  
"Me conta uma história?" : As relações entre pessoas  
surdas e ouvintes no pluriverso surdo / Lucila Lima da Silva. -  
2023.  
259 f.: il.

Orientador: Marcia Oliveira Moraes.  
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de Psicologia, Niterói, 2023.

1. Psicologia. 2. PesquisarCOM. 3. Pessoas Surdas. 4.  
Histórias de Vida. 5. Produção intelectual. I. Moraes,  
Marcia Oliveira, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

LUCILA LIMA DA SILVA

## **“ME CONTA UMA HISTÓRIA?”**

### **As relações entre pessoas surdas e ouvintes no pluriverso surdo**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia. Área de Concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Oliveira Moraes.

Aprovada em 05 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Oliveira Moraes (Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tathiana Prado Dawes  
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Cleopatre Tsallis  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Gonçalves de Lima da Silva  
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC – Campus Palhoça Bilíngue

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francielle Cantarelli Martins  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

**[FOTO DAS COLETORAS DE HISTÓRIAS – CO-PESQUISADORAS]**



**Em cima, da esquerda para a direita:**

**Imagem 1: Lucila – pesquisadora responsável**

**Imagem 2: Marcia – orientadora**

**Imagem 3: Ana Carla – co-pesquisadora**

**No meio, da esquerda para a direita:**

**Imagem 4: Beatriz – co-pesquisadora**

**Imagem 5: Giovana – co-pesquisadora**

**Imagem 6: Ildete – co-pesquisadora**

**Embaixo:**

**Imagem 7: Mairla – co-pesquisadora**



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à minha mãe, Simone, ao meu pai, Alfredo – grandes contadores de história – ao meu irmão, William, e à minha irmã, Ariane, por todo apoio e ninho que essa família é. Agradeço também às nossas e nossos ancestrais que lutaram, sobreviveram e viveram para que nós pudéssemos estar aqui.

À Marcia, orientadora querida, que me acompanha na aventura dessa pesquisa desde 2016, sempre tão generosa em compartilhar seus conhecimentos e cuidadosa com as pessoas que orienta e que a rodeiam. Tenho uma imensa sorte de tê-la encontrado no meu caminho.

À equipa, co-pesquisadoras, que fizeram que essa fosse uma pesquisa completamente diferente do que seria se eu estivesse só. Ana Carla, Beatriz, Giovana, Ildete e Mairla, espero que continuemos nossa pesquisa juntas, aprendendo, compartilhando e nos desenvolvendo.

Às e aos participantes dessa pesquisa, que agradavelmente contaram suas histórias para nós.

À comunidade surda, que me faz deslocar-me de mim mesma e ser inventiva para ir ao encontro do outro.

Às professoras Alexandra, Francielle, Simone e Tathianna, por toparem o convite de ler e tecer considerações sobre esse trabalho.

Às queridas, queridos e querides do grupo PesquisarCOM, pelas trocas, aprendizado e companhia no processo de pós-graduação.

Aos colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, pelo suporte quando necessário.

Ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, por ter concedido a licença e possibilitado que eu tivesse tempo para me dedicar integralmente a esse doutorado, bem como por ser o lugar em que tudo isso começou, com encontros com as diferenças que fazem pulsar. E estendo esse agradecimento aos funcionários e estudantes do Instituto, pelos encontros.

À equipe da Divisão Sócio-Psico-Pedagógica, da qual faço parte, pelo cotidiano de trabalho e debates que trazem deslocamentos e reflexões.

Às amigas e parcerias de estudo e caminhada, Ellen, Tainá, Bruna, Nicole, Allan, agradeço por tanto que nem cabe aqui.

À Carmem, Renata, Linda, Isabela e Silvana, por acolherem meus medos e inseguranças e me ajudarem a perceber-me e conhecer-me melhor, e me apoiarem para que eu possa cada vez mais ter coragem de ser quem eu sou, de propósito.

À Mary Immaculate College, pelo presente de oportunizar intercâmbio com culturas e realidades por vezes tão distintas e por vezes tão surpreendentemente próximas. Pela experiência que abriu minha mente em diversos e infinitos aspectos.

Ao Hands in Harmony, por terem aberto espaço para que eu pudesse estar junto e conhecer um pouco da realidade da comunidade surda irlandesa.

À Débora, Denis e Grian, por abrirem sua casa e sua família para me receber tão carinhosamente. Minha querida família irlandesa.

À Dayane, que mesmo não estando mais por aqui, estará sempre pertinho do meu coração.

SILVA, Lucila Lima da. *“Me conta uma história?”: As relações entre pessoas surdas e ouvintes no pluriverso surdo*. Tese de Doutorado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2023.

## RESUMO

Desde 2013 sou Psicóloga Escolar no Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde ouvi pela primeira vez sobre o que se chama de “mundo surdo”. Isso me fez pensar: se existe um mundo surdo, existe um ouvinte? Por que continuamos separando nossos mundos? Desde 2016, as questões principais que nos acompanham são: como se dão as relações entre pessoas surdas e ouvintes? O que podemos fazer para que essas relações sejam na direção de construir um mundo mais inclusivo? Nessa tese, estou chamando-o de pluriverso surdo – que inclui todos os tipos de subjetividades surdas e as conexões que nós, pessoas surdas e ouvintes, precisamos fazer para nos relacionarmos. Como metodologia, usamos o PesquisarCOM (MORAES, 2010). Assim, pesquisamos COM surdos, ouvintes, e pessoas com deficiência auditiva, e não SOBRE eles e nem sobre a surdez. Para desenvolver essa metodologia, estamos usando dois métodos principais. O primeiro é contar histórias, inspirado na epistemologia feminista (HARAWAY, 1995; 2016). O objetivo é criar um mundo com mais histórias, para tentarmos fugir do perigo de uma única história (ADICHIE, 2009). Para isso, desde o Mestrado venho contando minhas próprias histórias sobre minha experiência na comunidade surda. O segundo é uma equipe que, comigo, se tornou um coletivo pesquisador. Somos 7 mulheres surdas e ouvintes voluntárias pesquisando e analisando nossas descobertas juntas. Para tal, desenvolvemos um instrumento de pesquisa e realizamos conversas com 18 pessoas com uma pergunta principal: “Me conta uma história?”. Após, sentamos com as histórias que acolhemos, e delas colhemos algumas consequências e puxamos alguns fios que se costuram com as bolsas da tese que as carregam. Organizamos, assim, 7 bolsas temáticas que trazem histórias e discussões relacionadas a elas. Ao final, encerramos com uma bolsa amniótica, que em vez de apontar conclusões, aponta ideias que estão sendo nutridas para a continuidade dessa pesquisa.



## **ABSTRACT**

Since 2013 I've been a School Psychologist at the National Institute of Education for the Deaf, where I first heard about what is called the "deaf world". It got me thinking: if there is a deaf world, is there a hearing one? Why do we keep separating our worlds? Since 2016, the main questions that accompany us are: how are the relationships between deaf and hearing people? What can we do so that these relationships are in the direction of building a more inclusive world? In this thesis, I'm calling it the deaf pluriverse – which includes all kinds of deaf subjectivities and the connections that we, deaf and hearing people, need to make in order to relate to each other. As a methodology, we used *PesquisarCOM* (MORAES, 2010), that can be translated as to *ResearchWITH*. Thus, we research *WITH* deaf people, hearing people, and people with hearing impairments, not *ABOUT* them or about deafness. To develop this methodology, we are using two main methods. The first is storytelling, inspired by feminist epistemology (HARAWAY, 1995; 2016). The goal is to create a world with more stories, to try to escape the danger of a single story (ADCHIE, 2009). For this, since the Master's I have been telling my own stories about my experience in the deaf community. The second is a team that, with me, has become a research collective. We are 7 deaf and hearing women volunteers researching and analyzing our findings together. To this end, we developed a research instrument and conducted conversations with 18 people with a main question: "Can you tell me a story?". Afterwards, we sat down with the stories that we received, and from them we reaped some consequences and pulled some threads that are sewn with the thesis bags that carry the stories. We organized, therefore, 7 thematic bags that bring stories and discussions related to them. We ended the thesis with an amniotic sac (a "bag of water"), which instead of pointing out conclusions, points out ideas that are being nurtured for the continuity of this research.

## **RESUMO EM LIBRAS**

[https://youtu.be/U1F2A9QC\\_1k](https://youtu.be/U1F2A9QC_1k)

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APA – American Psychological Association (Associação Americana de Psicologia)

CAp – Colégio de Aplicação

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CMPDI – Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

CoArt – Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (UERJ)

CODA – Children of Deaf Adults (filhos ouvintes de mães/pais surdes)

DESU – Departamento de Ensino Superior (INES)

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FENEIS – Federação Nacional de Integração e Educação dos Surdos

FL – Faculdade de Letras (UFRJ)

FME – Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói

GESMIL – Grupo Espírita Mãos Iluminadas

HiH – Hands in Harmony Deaf Community Choir (Coral da Comunidade Surda Mãos em Harmonia)

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISL - Língua de Sinais Irlandesa

L1 – primeira língua

L2 – segunda língua

LBI – Lei Brasileira de Inclusão

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Libras – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

NED – Núcleo de Estudos da Deficiência (UFSC)

PPGP – Programa de Pós Graduação em Psicologia (UFF)

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI – Serviço Social da Indústria

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCUI – Termo de Cessão de Uso de Imagem

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

“ME CONTA UMA HISTÓRIA?” .....	15
As coletoras de histórias.....	17
O mapa e o método errante .....	24
As bolsas .....	29
BOLSA DAS POLÍTICAS DE ESCRITA.....	32
Políticas de acesso.....	32
Políticas de citações e de gênero .....	34
BOLSA DO LUGAR DE OUVINTE .....	40
BOLSA DOS ENCONTROS COM O CAMPO.....	43
A entrada no INES .....	45
O encontro com a Libras .....	49
BOLSA DAS HISTÓRIAS ÚNICAS .....	55
BOLSA DO PLURIVERSO SURDO .....	60
BOLSA DO ACOLHIMENTO DE HISTÓRIAS.....	64
Primeiro momento: Piloto 1 – Banquinha de histórias.....	65
Segundo momento: Piloto 2 – Experimentando uma nova versão da pesquisa .....	66
Terceiro momento: acolhendo mais histórias.....	70
BOLSA DE PERCURSOS DA ERRÂNCIA (OU BOLSA DO MAPA).....	74
Contação de histórias .....	74
Dança afro .....	81
E de que corpo estamos falando? .....	85
Argumentos corporais .....	89
BOLSA DAS REFLEXÕES SOBRE AS HISTÓRIAS .....	93
QUEM SÃO AS CONTADORAS DE HISTÓRIAS? .....	99
BOLSA DAS IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS .....	110
Sobre (não) ter referências surdas .....	113
Ser e descobrir-se surda.....	118
Confusões entre identidades e pertencimentos.....	127
Ser e descobrir-se ouvinte .....	133
Ser e descobrir-se CODA.....	134
BOLSA DA COMUNICAÇÃO E DAS LÍNGUAS .....	143
Encontros e desencontros .....	145

O esforço da pessoa ouvinte com a Libras .....	155
O esforço da pessoa surda com o português.....	159
<b>BOLSA SOBRE O DIREITO DE SER PROFESSORA E O DIREITO DE SER</b>	
<b>ALUNA .....</b>	<b>167</b>
Sobre o direito de ser professora .....	167
Sobre o direito de estar na escola .....	172
Sobre o direito de ser aluna .....	174
<b>BOLSA DOS DOIS MUNDOS? DE UM MUNDO JUNTO COM? .....</b>	<b>185</b>
Dois mundos.....	185
Como aproximar as pessoas surdas e ouvintes?.....	188
Um mundo junto com.....	196
Construindo pluriversos surdos .....	199
<b>BOLSA DA INTIMIDADE DE ACESSO.....</b>	<b>205</b>
Intimidade de acesso .....	205
Poemas da recordação e outros movimentos.....	219
<b>BOLSA DA CONVIVÊNCIA.....</b>	<b>225</b>
Apenas duas mulheres.....	225
As boladas .....	228
<b>BOLSA DO CORPO .....</b>	<b>233</b>
Posicionamento e modulações do corpo .....	233
O <i>slam</i> e o corpo.....	238
<b>BOLSA AMNIÓTICA .....</b>	<b>243</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXO 1 – Os quatro elementos da Natureza no Corpo .....</b>	<b>256</b>
<b>ANEXO 2 – Relato de Hebert: O voo do <i>sankofa</i>.....</b>	<b>257</b>

## “ME CONTA UMA HISTÓRIA?”

**Resumo em Libras:** [https://youtu.be/F\\_GgAmCeV1g](https://youtu.be/F_GgAmCeV1g)

**Resumo em português:** Introdução, com o título “Me conta uma história?”. Essa introdução apresenta como surgiu a ideia dessa pesquisa. Também traz 3 tópicos. O primeiro fala sobre como foi criada a equipa de coletoras de histórias, que são co-pesquisadoras dessa tese. Em seguida, apresenta o método da errância, que aconteceu nos 2 primeiros anos do doutorado. Após, apresenta a estratégia da organização da tese em bolsas, baseada na autora Le Guin, que é apresentada brevemente nesse tópico também.

A ideia inicial era bem simples. Surge de um desejo. Estava eu, acampando na praia – a gente pensa que é jovem e jura que a coluna vai aguentar. Aquela praia específica, como outras onde já acampeei, era tranquila e isolada. Amo. Quando tenho oportunidades como essa, de longos dias sem compromisso nenhum e sem acesso à tecnologia, adoro ficar esticada na areia na companhia de um bom livro. Nem precisa ser muito bom, na real. Qualquer história vira um grande entretenimento. Mas naquela viagem, esqueci o livro em casa. Olhei em volta e algumas pessoas pensaram como eu – estavam estiradas em suas cangas, lendo. Deu uma invejinha e pensei: nossa, como queria ouvir histórias! Na ausência do meu companheiro livro, poderia montar uma banquinha aqui na praia e colocar uma placa – “Me conta uma história?”. Será que alguém se interessaria em compartilhar suas histórias comigo?

É isso. Gosto de ouvir histórias. Gosto de saber de vidas vividas. De aventuras e de cotidiano. Principalmente de cotidiano. Conhecer e espalhar histórias é uma estratégia para tentar escapar do perigo da única história, para o qual Chimamanda Adichie (2009) nos alerta. E há uma única história que me intriga desde 2013: a história da surdez. Essa história, que segue a lógica dicotômica de conhecer o mundo preconizada no ocidente, produz polos, como os polos “mundo ouvinte” e “mundo surdo”.

Intrigada com essa única história, e um pouco temerosa do que ela vinha produzindo no meu cotidiano de trabalho, fui buscar outras histórias, as histórias únicas – no sentido de singulares, como nos traz Josselem Conti (2015) – para construir mundos e fazer ver possibilidades de conexão em vez de polarizações.

A partir desses sentidos, nessa tese optamos por usar a palavra “surdez” quando nos referimos à perspectiva biomédica ou à essa única história, que trazem uma concepção restrita sobre a pessoa surda e sobre os encontros entre pessoas surdas e ouvintes, polarizando-os. E quando nos referimos às histórias únicas, singulares, utilizaremos palavras ou termos derivados de “surdo” – que são o que priorizamos no nosso trabalho, pois está mais de acordo com nossa base ético-metodológica e com as concepções que esses termos têm para a comunidade surda sinalizante. Destacamos também o contraponto da palavra história no plural e no singular. Seguimos, assim, com a ideia de que as histórias únicas do pluriverso surdo nos ajudam a borrar e desmanchar a única história da surdez.

### **PLURIVERSO SURDO**

Remete à possibilidade composição de mundos a partir da pluralidade, em que mais e mais pessoas caibam e possam existir à sua maneira, em suas singularidades. Um mundo no qual a diferença importe. Inclui os diversos tipos de subjetividades surdas e ouvintes e as conexões que nós, pessoas surdas e ouvintes, precisamos fazer para nos relacionarmos. O pluriverso surdo não está pronto nem é uma situação específica, mas um modo de ver e viver a vida com outro posicionamento. Pode existir mais, ou menos, em alguns locais. Mas principalmente é uma prática cotidiana, é construído nos encontros, nos discursos, nas relações.

#### **Imagem 8: Pluriverso surdo**

A pergunta que me acompanha desde então é: que composições possíveis entre pessoas surdas e ouvintes? E outras foram acrescentadas: Como fazer existir e habitar um pluriverso surdo? Como borrar o pensamento dicotômico que constitui o Ocidente, opera em nós e insiste em polarizações, como a polarização surdos x ouvintes? Que histórias queremos, podemos e devemos contar?

Mas não fui sozinha. Encontrei mulheres incríveis pelo caminho, e juntas montamos uma equipa<sup>1</sup> de coletoras de histórias, e saímos por aí na intenção não de coletar, mas de colher – como nos ensina Carolina Manso (2010) – histórias sobre

---

<sup>1</sup> Quando escrevemos “equipe”, nos referimos à uma equipe ainda não formada, genérica. Quando escrevemos “equipa”, falamos da equipe formada apenas por mulheres que se encontraram nesse percurso de doutoramento e com as quais constituímos a sujeita-coletiva de pesquisa.



relações entre pessoas surdas e ouvintes no pluriverso surdo. Digo *intenção* de colher, porque no processo de organização das histórias e da escrita dessa tese, fomos nos dando conta de que o que nós, coletoras, fizemos, coletivamente, foi acompanhar atenta e ativamente a contação de histórias daquelas pessoas que convidamos para compor essa pesquisa conosco. O que fizemos coletivamente foi **acolher** pessoas e suas histórias. Dessas histórias, cada uma de nós, de forma singular, colheu consequências diferentes. A maneira que as histórias se conectam e reverberam é única para cada coletora. Esse foi um entendimento que veio ao final da pesquisa e da escrita, e como nos foi um entendimento valioso, retificamos os verbos usados em todas as etapas, ignorando o tempo cronológico dos acontecimentos. Então, nessa escrita, quando usarmos o verbo acolher, estaremos nos referindo ao movimento coletivo da pesquisa. Quando usarmos o verbo colher, estaremos nos referindo a um movimento individual de afetação pela pesquisa. Individual, feito por uma pessoa, mas não individualizante – ou seja, que não se encerra nessa pessoa.

Essa tese é uma forma de contar esses encontros e histórias. Histórias que vivi no movimento de ir em direção às pessoas surdas, de me formar para e no encontro com elas, a equipa que montamos, o que construímos juntas e o que acolhemos e queremos espalhar. Para isso, trazemos um mapa e umas bolsas. O mapa tradicionalmente serve para nos mostrar para onde ir, mas aqui ele serve mais é para contar por onde andei, por onde andamos. As bolsas são para guardar o que encontramos, para usar quando precisarmos, para compartilhar quando esbarrarmos com alguém no percurso. E convidamos você, que lê este trabalho, a colher também, à sua maneira, consequências das histórias que encontramos e aqui apresentamos.

Antes de mostrar o mapa e compartilhar os conteúdos das bolsas, deixa eu te contar sobre as coletoras, essas companheiras maravilhosas que construíram esse trabalho comigo.

### **As coletoras de histórias**

Na dissertação de mestrado (SILVA, 2018), já havíamos contado histórias. Contamos as que eu vivi no encontro com pessoas surdas. No doutorado, quisemos conhecer mais histórias, vividas por outras pessoas, a partir de outras localizações

políticas. Para isso, quis montar uma banquinha e pedir para pessoas me contarem suas histórias – ideia que nasceu naquele acampamento na praia, lembra? E depois olhar para essas histórias, tirar consequências delas, como diz a minha orientadora, e espalha-las pelo mundo afora. Quando falamos em olhar para as histórias, é porque entendemos que nessa pesquisa não coube o movimento tradicional de análise de dados. Não coletamos dados e não pretendemos analisa-los e destrincha-los, mas sim acolhemos histórias e o que pudemos fazer foi escutá-las, olhá-las, contemplá-las, estar com elas, e, por vezes, colher algo delas e tirar alguma consequência para nós. Então nessa escrita não usaremos o termo análise quando nos referirmos ao manejo das histórias, mas sim os verbos citados na frase anterior ou outros correlatos.

Daí pensei: seria muito bacana fazer essa contemplação junto com outras pessoas! Sou daquelas que prefere trabalhar em equipe, sabe? E dentro da proposta metodológica do PesquisarCOM – cunhada por Marcia Moraes (2010) – como o nome dá pistas, a gente não pesquisa sobre coisas ou pessoas, mas COM elas. Um dia eu assisti uma *live* – essas que estavam super em alta durante o período mais brabo de isolamento dentro da pandemia de covid 19 – que só ajudou a corroborar essa vontade de fazer juntas. Ana Regina Campello (2020), na *live* “Pesquisar sobre os Surdos: qual é o posicionamento ético que devemos adotar?”<sup>2</sup>, comenta sobre a importância das pessoas ouvintes que pesquisam *sobre* pessoas surdas e temas relacionados a elas incluírem e incentivarem os surdos no processo de pesquisa, de forma a estimular que a pessoa surda possa se tornar também pesquisadora – e essa seria uma das contrapartidas éticas possíveis do/a pesquisador/a para a comunidade surda. Campello até utiliza o sinal de “pesquisar sobre” – e nós, que temos como referência o PesquisarCOM, de saída já nos posicionamos no exercício ético-metodológico de entender as pessoas que colaboram com a pesquisa como sujeitos *com* os quais pesquisamos, e não objetos de pesquisa *sobre* os quais pesquisamos. Mas ainda assim (e talvez até por isso), as orientações dela têm extrema relevância para nós. Deste modo, o grupo proposto para olhar para as histórias acolhidas na pesquisa leva em conta que as pessoas surdas são especialistas em suas experiências e as tomamos como parceiras de pesquisa.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://youtu.be/SNgsIzFyByk> Acesso em 20/12/2020.

O que nos parecia a princípio uma forma de operar o PesquisarCOM modificou intensamente os caminhos percorridos na construção dessa tese.

Em um encontro com a primeira pessoa que veio a compor essa equipa, os deslocamentos já começaram a operar.

*Eu já tava quase dormindo, bem chateada com aquele dia, pois tinha recebido a resposta do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com vários apontamentos de revisões e retificações necessárias para a aprovação do projeto de pesquisa. Parecia uma tarefa gigante e eu não tinha certeza se daria conta dela no prazo de 30 dias estipulado. Então Alex<sup>3</sup>, um amigo e parceiro, intérprete no Rio de Janeiro, me liga, e insiste na ligação. Quando finalmente atendo, ele me apresenta Mairla, também intérprete em Santa Catarina. Eles estavam bolando um projeto juntos sobre a saúde mental de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e português, e queriam me convidar para colaborar. Porém, em 2 minutos a internet de Alex caiu. Enquanto estávamos ali, naquela sala virtual, sem se conhecer e esperando uma reunião acontecer, começamos a conversar e eu despejei em Mairla a ansiedade e receios que o CEP gerou em mim. Com isso, ela compartilhou comigo seus percursos de pesquisadora e aluna de pós graduação, agora no doutorado, e quando eu contei da vontade de montar uma equipe para os próximos anos do meu doutorado, ela prontamente perguntou se poderia estar nessa equipe. Nessa conversa, chegamos à conclusão de que se essa equipe iria contribuir para olhar as histórias, fazia sentido que participasse também de todas as etapas de pesquisa – ajuste do instrumento, acolhimento e contemplação das histórias. Não refleti sobre as consequências de optar por um ou outro caminho, apenas segui com o que era mais coerente para mim naquele momento. (Memórias sobre um encontro vivido em outubro de 2021).*

Nesse meio tempo, recebi um toque precioso no grupo PesquisarCOM: a importância de estar atenta ao perfil das pessoas que comporiam essa equipe. Gislana

---

<sup>3</sup> Alex Sandro Lins Ramos é professor especializado da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói (FME/Niterói) e tradutor/intérprete de Libras da Faculdade de Letras da UFRJ. É audiodescritor e coordenador do Laboratório de Audiodescrição e Produção de Outras Tecnologia Assistivas (FL/UFRJ) e atua na coordenação de ações de extensão na área de Acessibilidade, Diversidade e Inclusão no Departamento de Letras-Libras da UFRJ.

Vale<sup>4</sup> me chamou a atenção para o fato de que as pessoas surdas tem lugares sócio-políticos diferenciados no encontro com o ouvintismo (SKLIAR, 1999; 2005; MARTINS; KLEIN, 2012) e conforme se aproximam da corponormatividade ouvinte. Assim, um grupo mais diversificado em termos de hegemonia de poder deveria tentar incluir pessoas surdas que se comunicam de formas diversas, mas priorizando quem se comunica por Libras, entendendo que a pessoa surda que se comunica por Libras provavelmente sofre uma opressão mais forte na sociedade ouvintista do que a que se comunica por português oral.

Em um efeito bola de neve (BIERNACK; WALDORF, 1981), em alguns dias estava montada uma linda equipa de pesquisa só com mulheres maravilhosas, queridas, inteligentes e engajadas no processo de pesquisar, e desde outubro de 2021 somos 7. Essa equipa é voluntária, já que essa pesquisa está sendo feita sem financiamento. Somos eu, Lucila Lima, uma mulher branca, sem deficiência, carioca que sempre vivi na cidade grande do Rio de Janeiro, psicóloga bilíngue (português/Libras), psicóloga escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mestra e doutoranda em Psicologia na UFF; minha orientadora, a Marcia Moraes, uma mulher branca, sem deficiência, professora da UFF, que pesquisa com pessoas cegas (mas orienta os mais diversos trabalhos de graduação, mestrado e doutorado); a Mairla Costa, uma mulher nordestina que mora no sul do país, sem deficiência, bibliotecária, intérprete de Libras, graduanda em Letras-Libras, pedagoga, professora de pedagogia bilíngue no IFSC – Palhoça, mestra e doutoranda no programa de pós graduação em Estudos da Tradução, na UFSC; a Giovana Oliveira, uma mulher branca, sulista, graduada em Letras-Libras, professora de Libras, surda bilíngue, que se comunica conosco em Libras, mestranda no programa de pós graduação em Educação, na linha de diversidade, diferença e desigualdade social, na UFPR; a Ana Carla Cássia, uma mulher negra, carioca, pedagoga, professora de Libras, surda bilíngue, que se comunica conosco em Libras, dona do curso MIS Libras, pós graduanda em psicopedagogia; a Beatriz Alves, professora de educação física, carioca recém moradora de São Paulo, mulher que se identifica ora como surda oralizada ora

---

<sup>4</sup> Gislana Vale é doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF, também orientada pela professora Marcia Moraes. Participou dessa tese como contadora de histórias e é mais extensamente apresentada no tópico “Quem são as contadoras de história?”

como deficiente auditiva, e se comunica conosco através do português oral e tem pouco conhecimento da língua de sinais; e a Ildete Vianna Soares, que mora no interior do Rio de Janeiro, pedagoga e coordenadora de educação especial em dois municípios do interior do Rio, primeira mestra e primeira doutoranda surda do programa de pós graduação em Psicologia da UFF, bilíngue, que se comunica conosco ora em Libras ora se expressando através do português oral. Nossa equipa se reuniu durante todo esse tempo apenas através de reuniões remotas, considerando que cada uma estava em locais diferentes do país.

E de onde surgiu a ideia de que somos coletoras de histórias?

Em seu ensaio “The Carrier Bag Theory of Fiction”, Ursula K. Le Guin (1986/2021) reconta a história da humanidade a partir não dos raros heróis caçadores de mamutes com suas lanças pontiagudas retratados nas paredes das cavernas, mas das cotidianas pessoas coletoras, que saiam para coletar sementes, grãos, aveia, pequenos animais e os carregavam de volta em uma bolsa, cesta, casca enrolada, pedaço de folha, patuá ou qualquer outro recipiente possível para casa – em si também um recipiente de pessoas.

Ela coloca a centralidade da história não em na arma ou na lança do herói que protagoniza uma aventura, mas no contêiner, na bolsa, no recipiente usado para carregar as coisas para casa ou para qualquer lugar, para depois guarda-las, ou compartilhá-las, ou disseminá-las. Repetidamente, no cotidiano da vida.

(...) antes da ferramenta que força a energia para fora, nós fizemos a ferramenta que traz a energia para a casa. (LE GUIN, 2021, p.19-20).

Essa é uma perspectiva diferente sobre como construir obras de ficção, mas também sobre como se conta a história da humanidade. E nessa perspectiva interessa menos as grandes aventuras heroicas, de um herói apenas, colocado no pedestal e em que qualquer outra personagem só existe para confirma-lo herói; e mais as aventuras cotidianas de coletar aveia selvagem, e semeá-las, e cantar para a criança, e observar salamandras e de sempre ter

(...) sementes para serem coletadas, e espaço na bolsa de estrelas.  
(LE GUIN, 2021, p. 24).

Essas aventuras cotidianas que sustentam a vida. Afinal,

Nas regiões temperadas e tropicais onde, ao que tudo indica, os hominídeos evoluíram para seres humanos (...) o que realmente fizemos para nos manter vivos e de barriga cheia foi coletar. (LE GUIN, 2021, p.17)

Nós fizemos isso. Nós fomos coletoras. Não de aveia, mas de histórias. Saímos em busca dessas histórias numa postura não de caça, mas de acolhimento, a partir da curiosidade e do desejo de estar junto com as contadoras de história.

*Então eu pensei que o nome que combina com nosso grupo é coletiva de coletoras de histórias. Porque eu sinto que nós fazemos isso. Nós nos reunimos e debatemos cada vez um pouco mais. Depois a gente sai e [acolhe] histórias, com as nossas entrevistas. [A gente volta e conversa entre si. E repete.] [Acolhe] e guarda histórias para depois, no futuro, disseminá-las.* (Lucila Lima da Silva, comunicação pessoal com a equipa, 02 de janeiro de 2023).

Em nossos primeiros encontros, no final de 2021, primeiro nos apresentamos e contamos um pouco sobre nossos percursos. Depois, falamos sobre a pesquisa. Expus o tema – a relação entre surdos e ouvintes –, como surgiu a pergunta de pesquisa, e o que vínhamos fazendo com e a partir dela até então.

Conversamos também sobre o lugar que o corpo foi tomando enquanto questão nesse processo de pesquisa. Sinto que não consegui explicar exatamente qual era a questão que estava tentando observar com relação ao corpo, mas a gente insistiu em levar essa pergunta adiante nas nossas conversas entre nós e com outras pessoas fora do grupo, nos acolhimentos de histórias. E com isso algumas histórias surgiram também. Nem sempre as perguntas de pesquisa estão bem elaboradas no início desse processo – ousou dizer que muitas vezes não estão – mas de fato elas vão se constituindo, elaborando, desdobrando e reafirmando na medida em que as sustentamos e levamos adiante. Como diz Donna Haraway (2016) quando nos convoca a “ficar com o problema”.

Outro ponto de conversa que surgiu no início de nossos encontros foi a ideia e o conceito de pluriverso surdo. Várias pessoas ouvintes já tinham me dado o retorno de que era um conceito bacana, uma forma de olhar para o campo que fazia sentido, ao se deslocar da ideia de mundo surdo. Mas houve momentos que não tinha certeza se era uma ideia que fazia sentido para pessoas surdas porque ainda não tinha tido nenhum retorno de uma pessoa surda sobre o conceito. E logo em um dos primeiros encontros a Giovana já comentou sobre como era interessante pensar em pluriverso surdo e nas pluralidades que o compõe. Quando estávamos nos encaminhando para o final da pesquisa, em janeiro de 2023, no início do processo de olhar para as histórias acolhidas, ganhei um presente das 3 surdas sinalizantes da equipa: a partir das nossas discussões, dos nossos encontros e do texto que consta nessa tese sobre o pluriverso surdo, elas criaram um sinal para esse termo.

**Vídeo:** sinal em Libras de “pluriverso surdo”: [https://youtu.be/bDdLCvmD0\\_k](https://youtu.be/bDdLCvmD0_k)



**Imagem 9:** “Pluriverso surdo”, em escrita de sinais (SignWriting), feita pelo prof. Sinésio Filho<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>José Sinésio Torres Gonçalves Filho é professor de Libras na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). É mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA) e atualmente é doutorando em Linguística na UFSC, onde pesquisa sobre SignWriting, a escrita de sinais. Agradeço ao professor pelo apoio em transcrever os sinais de “pluriverso surdo” e “composição” para a escrita de sinais. Tais conceitos foram desenvolvidos da pesquisa de mestrado (SILVA, 2018) e dessa pesquisa de doutorado, e os sinais para eles foram criados com a comunidade surda sinalizante no ano de 2023.

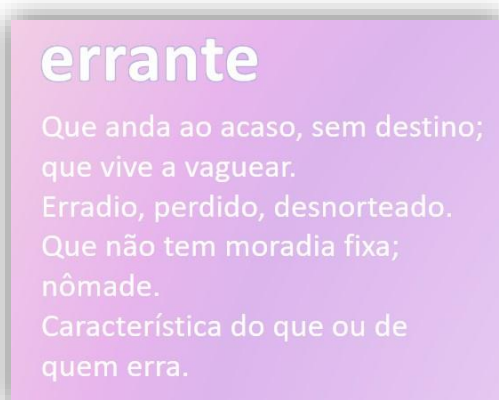
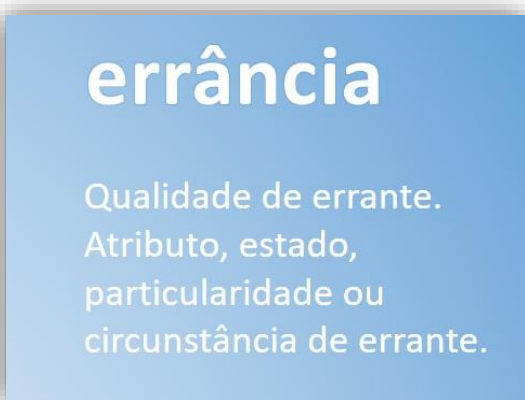
**Vídeo:** explicação do sinal de “pluriverso surdo”, em Libras: <https://youtu.be/ErzLEyrrPJM>

**Tradução do vídeo da explicação do sinal de “pluriverso surdo”:** *“Oi! Boa noite a todas! O sinal seria ‘pluriverso surdo’ porquê? É conectado à pesquisa que trata da relação de surdos e ouvintes, conectados. Nós não podemos separar os dois, isso seria, por exemplo, falar de surdez, certo? Então pensamos nas várias pessoas, surdas e ouvintes, trocando ‘surdez’ por diferentes ‘orelhas’ [sinal de diversidade saindo da orelha] indicando as diferenças existentes nesse universo.”* (Ana Carla Cássia, comunicação pessoal, 10 de janeiro de 2023)

### **O mapa e o método errante**

O mapa surgiu nessa tese como uma estratégia de organização de pensamento. Antes da qualificação, desenhei ele para tentar visualizar por onde andei, para assim pensar onde queria chegar. Ele nos conta de um primeiro momento dessa pesquisa, e junto dele nasce o método que usamos para a construção desse primeiro momento – o método errante.

Assim como no mestrado, os primeiros semestres do doutorado foram de errância.



**Imagem 10: Errância.** Adaptado de <https://www.dicio.com.br/>

**Imagem 11: Errante.** Adaptado de <https://www.dicio.com.br/>



No mestrado, caminhava pela cidade com o olhar atento para histórias que pudessem contar mais sobre o campo de estudo. Escrevia essas histórias e compartilhava-as com a orientadora, fazíamos uma pré-contemplação e guardávamos para retomá-las depois, mais à frente no percurso da pesquisa. Dessa vez, porém, não fiquei atenta a escrever as histórias que pudessem contar mais sobre o campo. Apenas segui, errante, nômade, perambulando de um lado para outro, seguindo um fio de conexões que talvez só na minha cabeça (às vezes nem nela) fizesse sentido, sem ter certeza das conexões que este caminhar fazia com o pluriverso surdo – meu campo de atuação, de trabalho e pesquisa. Neste momento me deparei com mais um significado da palavra errante: “erradio, perdido ou desnordeado”. E isso me desestabilizou. Como iria produzir algum conhecimento acerca do pluriverso surdo e as relações entre pessoas surdas e ouvintes se tudo que eu fazia era andar “sem rumo, perdida” por aí?

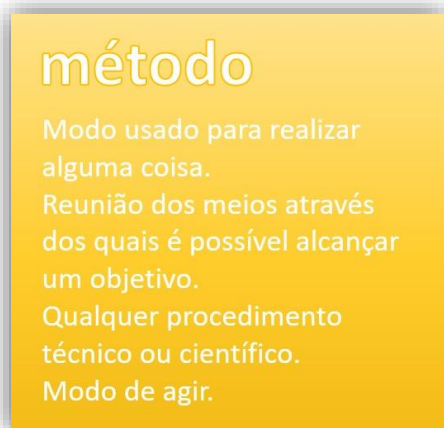
Foi necessário fazer uma torção nos sentidos.

*Proposta do exercício: Escreva uma frase. Torne-a dúvida. Faça dela certeza. Refaça-a sensorialmente. Mantenha a ideia original, mas agora numa forma geométrica. Encha de erotismo. E finalmente deixe-a sucinta.*

*A qualificação tá chegando... Tenho que qualificar? O que me qualifica para qualificar? Em algum momento a qualificação **VAI** chegar. Mas enquanto isso, o coração não bate, o estômago embrulha, o quarto escuro esconde, a vontade de sair correndo vibra as pernas. Um fio de frio percorre a espinha e vai parar na barriga. Queria eu que em vez de frio ela estivesse é cheia de borboletas! Mas a ideia da qualificação volta em espiral. Ou melhor, em círculo, rodando sem sair do lugar. Bom mesmo seria se ela me pegasse de repente, me agarrasse pela cintura, me convidasse para dançar. Rodopiaríamos mundo afora na vertical, até cairmos na horizontal e, no calor do momento, com muito suor e cheiros, com carne vibrando, as palavras emboladas nos nossos beijos, nas nossas pernas, a respiração ofegante e aquele sorrisinho de*

*prazer, intensificaríamos até acabar. E relaxaríamos. Qualificado está?* (Diário de campo, 29 de fevereiro de 2020)<sup>6</sup>.

Torcer os sentidos e fazer da errância um método. Um “método desviante” (GAGNEBIN, 2006).



**Imagem 12: Método.**

Adaptado de <https://www.dicio.com.br/>

Se método é, na sua base, o modo usado para realizar alguma coisa, a errância pode, sim, ser vista como método. O caminhar atento e poroso aos acontecimentos (FOUCAULT, 1969/2008) é um modo de fazer pesquisa. Tomamos aqui, então, a errância como método. Errância no sentido proposto por Michel Serres (1993), como um percurso que não se faz em linha reta, mas que comporta derivas. De tal forma que possibilita conexões inusitadas entre as bifurcações e trilhas e pistas que vão surgindo no caminho.

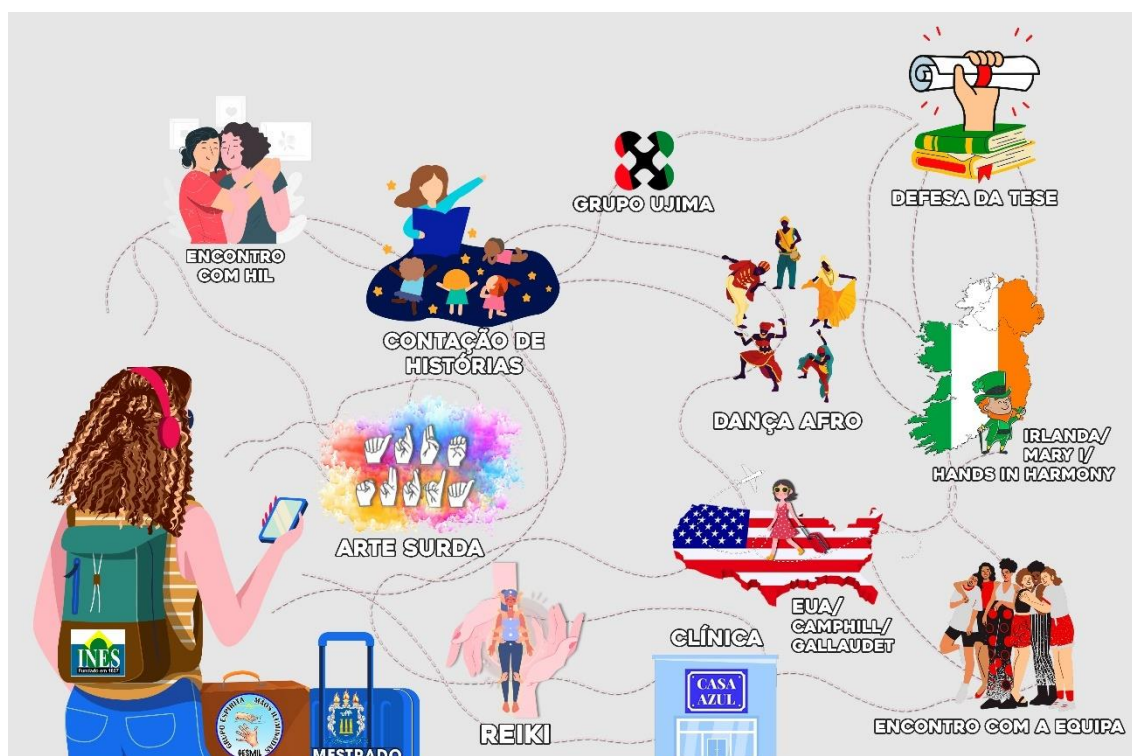
Doravante, sempre que mencionarmos errância, caminho ou percurso, é à esse movimento não retilíneo que nos referimos. Um movimento que pode ser em espiral, às vezes em círculos, mas que *me pega de repente, me agarra pela cintura e me convida para dançar.*

Ainda que parecesse que nada estava acontecendo, em qualquer canto que eu vá nesses últimos anos, vou criando caminhos a partir desse lugar de mulher, psicóloga bilíngue, ouvinte, que habita o pluriverso surdo. Tal lugar muitas vezes, inúmeras vezes

---

<sup>6</sup> Diário de Campo produzido a partir da oficina de escritas criativas, concebida e conduzida por Luciana Franco, psicóloga e Doutora em Psicologia. Composta por um encontro presencial, no dia 29/02/2020, seguido de 5 dias de trocas pelo WhatsApp. Nesta oficina, Lulu, como carinhosamente a chamamos, propunha diversos disparadores para exercícios de escrita criativa, como o apresentado nesta história.

(muito mais do que as que aparecerão aqui no papel), mobiliza meu corpo, minhas falas, minhas escolhas de por onde seguir<sup>7</sup>.



**Imagem 13: Percursos.**

**Legenda:** Aqui temos um breve significado para cada item que compõe a imagem, na ordem cronológica dos acontecimentos. 1) A mulher no canto esquerdo inferior me representa, com a bagagem das vivências no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Mestrado da UFF e no Grupo Espírita Mãos Iluminadas (GESMIL), voltado para o acolhimento e acesso de pessoas surdas à casa espírita. 2) Encontro com Ildete Vianna Soares, mulher surda bilíngue, pedagoga, Mestre em Psicologia pela UFF. 3) Curso de contação de histórias, inicialmente buscado como estratégia para aprimorar a Libras. 4) Grupo UJIMA, de contação de histórias infantojuvenis negras, do qual participei em 2019. 5) Prática da dança afro, durante o ano de 2019. 6) Encontro com artes produzidas por pessoas surdas falantes de língua de sinais, especialmente de Libras. 7) Simboliza a atuação na clínica, iniciada em 2019, com atendimentos para surdos e ouvintes. 8) Viagem aos Estados Unidos, onde vivi por 2 semanas em uma comunidade chamada Camphill, pautada nas ideias de Rudolf Steiner, formada por pessoas com e sem deficiência, lá nomeadas

<sup>7</sup> Tais caminhos estão representados na imagem 12, idealizada por mim e produzida em sua primeira versão pelo designer George Ferreira (@rootsgege), e complementada após a qualificação pela designer Isadora Thimoteo (@isadorathimoteo). Há muitas histórias por trás do pequeno mapa apresentado nessa imagem. No processo de construção da versão final dessa tese, priorizamos contar apenas algumas delas.

como *peças com diferenças de desenvolvimento*. Nesta viagem também visitei Gallaudet, uma universidade voltada para surdos. 9) Reiki – Terapia de cura através da imposição das mãos reconhecida como tratamento pela OMS e também pelo SUS como Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS). Formação que eu fiz à convite da comunidade surda, para posteriormente traduzir a formação para Libras. 10) Formação da equipa, grupo de co-pesquisadoras dessa tese. 11) Intercâmbio na Irlanda, onde estive em contato com professores dos programas de Educação Especial e de Psicologia Escolar da Mary Immaculate College e com o coral da comunidade surda Hands in Harmony. 12) Defesa da tese.

Lembro, então, de Angela Carneiro<sup>8</sup> e um trabalho que fizemos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>9</sup>, junto aos alunos de Ensino Médio, em 2015 e 2016. Foi uma proposta inserida em um projeto maior, que pensava a escolha profissional com os alunos (CARNEIRO; SILVA, 2018; SILVA; CARNEIRO, 2018). Naquele momento, fizemos uma parceria com a professora de Artes para trabalhar com os alunos a construção (em desenho) de um mapa coletivo em que eles traçassem o caminho entre o colégio e as suas casas, apontando o que encontravam por esses caminhos – o que fez aparecer pontos de referências afetivos da cidade.

Conversando com Angela mais recentemente, falávamos da subjetividade que se produz no espaço, e como nossas perspectivas e nossa capacidade de ação se ampliam à medida que ampliamos a nossa possibilidade de estar no espaço, conforme ocupamos e expandimos esse espaço (interferindo, assim, no processo de escolha profissional, inclusive).

A forma como os corpos, o corpo se organiza em relação ao espaço revela as experiências, os valores e as escolhas na vida.  
[...] Como a gente se organiza espacialmente fala sobre as escolhas que a gente faz na vida. A forma como o corpo percebe

---

<sup>8</sup>Angela Carneiro é psicóloga, pós-doutora em Psicologia, e grande companheira nos caminhos profissionais e da vida. Nós nos conhecemos em 2015, ocasião em que ela esteve no INES por 6 meses, vinculada à equipe de Psicologia pelo PROPPI, projeto institucional voltado a pessoas graduadas que têm interesse em conhecer na prática o pluriverso surdo. Seguimos juntas desde então.

<sup>9</sup>Esse é um colégio público federal de ensino bilíngue para surdos – preconiza a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita como línguas de instrução. Abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Para mais informações, visite: <http://www.ines.gov.br/colégio-de-aplicacao> Último acesso: 21/06/2018.

o mundo, ela se materializa na forma como a gente organiza o espaço em torno de nós. [...] Eu me lembro quando eu comecei a dançar, eu achava que espaço era um grande vazio (risos), assim, inabitado. E não é, é ao contrário: espaço é o que a nossa experiência faz dele. A gente vai construindo o espaço pela experiência.<sup>10</sup> (CAFÉ FILOSÓFICO, 2009).

Ao tomarmos o percurso como método, o caminhar errante pode nos ajudar a articular percursos na direção de construir cartografias das paisagens dessa andança – cheias de sensorialidades, sonoras, não sonoras, afetivas... –, para lermos esse texto, para operarmos esse campo de estudo. Para bailarmos com o pluriverso surdo e, quem sabe, fugir da linearidade e espiralar um pouco, trazendo deslocamentos para nossos corpos e nossas certezas tão duras, desenhando no espaço formas diversas de viver.

Tais ideias colaboram no processo de construção da escolha profissional com estudantes (como no projeto que fizemos no INES), e também se aplicam a outras circunstâncias. Como o processo de produção de conhecimento, de uma forma mais ampliada. Deste modo, além das histórias acolhidas com as coletoras, trago também neste trabalho, de forma breve, meu percurso de expansão no espaço, posto que este percurso ajudou a construir sentidos e constituir e compreender um campo de pesquisa. São histórias vividas por mim, Lucila, no caminhar em direção às pessoas surdas, na intenção de construir um corpo que possibilite maiores conexões com essas pessoas, no desejo de uma composição com as diferenças.

### **As bolsas**

‘Muitos teorizam que as primeiras invenções culturais devem ter sido um recipiente para guardar os produtos coletados e algum tipo de carregador ou transportador em forma de rede’. É o que diz Elizabeth Fisher na Criação da Mulher (McGraw-Hill, 1975).

---

<sup>10</sup> Falas de Dani Lima, bailarina, no programa Café Filosófico, veiculado pela TV Cultura em 2009, com título “O que pode o corpo?”. Disponível em: <https://youtu.be/d8kSSGX1Ufw> Acesso em 20/11/2020.

(...) Enquanto a cultura foi explicada como originária de e elaborada a partir do uso [de] objetos longos e duros utilizados para espetar, bater e matar, eu nunca pensei que tivesse, ou quisesse ter qualquer parte nela. (...) Se é humano colocar algo que você quer, porque é útil, comestível, ou bonito, numa bolsa, numa cesta, ou num pedaço de casca ou numa folha enrolada, ou num ninho tecido com seu próprio cabelo, ou com o que você tenha à mão, e então levá-lo pra casa com você, sendo a casa outro tipo de bolsa ou saco, um recipiente para pessoas, e então mais tarde tirá-lo e comê-lo ou compartilhá-lo ou armazená-lo para o inverno em um recipiente mais sólido ou colocá-lo num patuá ou no altar ou no museu, o lugar sagrado, o espaço que contém o que é inviolável, e depois, no dia seguinte, provavelmente voltar a fazer mais do mesmo – se isto é humano, se é isso que é preciso, então afinal eu sou humana. Totalmente, livremente, alegremente, pela primeira vez. (LE GUIN, 2021, p. 19-21)

Como estrutura para essa tese, pensamos então nas bolsas. Bolsas de tamanhos variados para carregar histórias únicas. Histórias únicas que são úteis e bonitas. Que nos trazem possibilidades de outros mundos, de diversificar nosso olhar sobre as relações possíveis entre pessoas surdas e ouvintes.

Temos as bolsas instrumentais, que contém nossos repertórios teóricos, éticos, epistemológicos, metodológicos. Há também algumas bolsas temáticas, com temas que se repetem ou se aproximam nas histórias vividas e também nas colhidas. E mesmo que o tema se repita, a maneira de agir com ele é singular. Temos outras bolsas das raridades, com histórias que não se repetem, mas que são igualmente preciosas para pensar o pluriverso surdo. Há ainda aquelas bolsas que carregam as possibilidades de expansão no espaço, vividas por mim e desenhadas no mapa.

As bolsas estão misturadas e não necessariamente estão escritas em ordem cronológica. Guardam alguma linearidade no pensamento, mas pretendemos também que você possa lê-las de forma independente, e abrir qualquer bolsa que estiver desejando

naquele momento. Para que você possa passear com (e por) elas, colocamos subtítulos que dizem dos temas que elegemos como fios principais das histórias ali contadas. Porém, entendemos que nem os subtítulos nem os comentários tecidos nas bolsas conseguem dar conta exhaustivamente de todas as reflexões e consequências de cada bolsa e cada história, e por isso deixamos algumas pontoas soltas também. Convidamos você, que nos lê, a fazer também suas conexões, a partir de suas experiências, para além do que foi possível costurar por nós.

## **BOLSA DAS POLÍTICAS DE ESCRITA**

**Resumo em Libras:** [https://youtu.be/j4Ba624l\\_cw](https://youtu.be/j4Ba624l_cw)

**Resumo em português:** Essa bolsa apresenta a política de escrita dessa tese. Fala sobre a política de acesso e sobre a política de citação e de gênero. Explica como nós escolhemos escrever a tese, como organizamos essa escrita. Fala também sobre quem escolhemos citar, e por que.

### **Políticas de acesso**

Muitas vezes os textos acadêmicos têm uma linguagem pouco acessível para pessoas que não são da área de estudo e especialmente para a população em geral, fazendo com que esse material (bem como o conhecimento que busca transmitir) circule apenas entre poucos. Levando isso em consideração, como política de acesso, buscamos nessa tese escrever com uma linguagem cotidiana, bem como a própria pesquisa se constituiu aproximando-se, e a partir, do cotidiano.

Outra política de acesso diz da acessibilidade. Uma ação nessa direção foi acrescentar descrições de imagens nas figuras que aparecem no texto, através da ferramenta “Texto Alt” do Word, que permite inserir uma descrição da imagem que fica aparentemente oculta mas é lida pelos leitores de tela, e aparece quando se passa o cursor do mouse sobre a imagem na versão do documento em PDF. Havia a intenção de ter a revisão das descrições com a consultoria de Gislana Vale, mas isso acabou não sendo realizado.

Além disso, assim como na dissertação de mestrado (SILVA, 2018), nos inspiramos na dissertação de Camila Alves (2016) para usar uma estratégia para pessoas que utilizam o leitor de tela, buscando identificar visualmente (e audivelmente, quando a leitura se fizer através de leitor de tela) a presença de diferentes tons no texto. Aparecerão em itálico no corpo do texto as histórias de encontros vividos ou testemunhados, em formato de memórias ou diários de campo (DC), ou surgidas nos encontros entre coletoras e contadoras de histórias, bem como trechos de trabalhos anteriores. Ao final do trecho em itálico, indicaremos entre parênteses qual a natureza daquele texto.



Isso se dá dessa maneira para tornar mais simétrica a experiência de leitura visual deste texto com a experiência de leitura pela via do leitor de voz. O leitor de voz dessa maneira identifica que há no texto alguma quebra, alguma ruptura, mostra isso mudando o tom da leitura, o itálico visualmente, pretende também fazer aparecer essa quebra, esse relance que as memórias fazem aparecer nesse processo de escrita. (ALVES, 2016, p. 8).

Com relação às citações, todas aparecerão blocadas, com recuos de 4cm, quebrando o protocolo da ABNT em que este recuo só é utilizado em citações mais longas do que 3 linhas,

para que fique marcado [na leitura através do leitor de voz] a não continuidade no texto. (ALVES, 2016, p. 8).

No passado, na construção da dissertação de Mestrado, inventamos também outra estratégia de acesso: além do resumo da dissertação ter sido traduzido para Libras, criamos no início de cada um dos 3 capítulos um resumo em Libras para apresentar as expectativas para cada capítulo e para que o eixo proposto no resumo pudesse servir como direção de leitura. Inicialmente, na dissertação, essa era uma estratégia pensada com o objetivo de que

*a partir do resumo em sua primeira língua (como muitos consideram), os surdos sinalizantes tenham maior clareza sobre o que se trata o tópico, lendo-o a partir do eixo proposto pelo resumo, e também avaliando e adequando a leitura da dissertação aos tópicos que lhe despertem maior interesse, afinidade ou curiosidade.* [Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 36)].

Decidimos que eu mesma, Lucila, faria o resumo em Libras, ainda que à época eu não tivesse um nível de fluência tão grande em Libras. Essa decisão foi para manter a marca de autoria do trabalho. Devido o nível de fluência na língua, fizemos um resumo-roteiro em português, para depois filmar a versão em Libras. Optamos por manter o resumo em português no início dos capítulos. Como a banca de Mestrado apontou, essa estratégia – que a princípio visava acessibilidade para um público específico – desdobrou-se em acessibilidade para todos, pois também os falantes de português puderam de

antemão ter em mente sobre o que se tratava cada capítulo da dissertação. Um amigo da época do Mestrado, Allan Dayvidson, leu o texto da dissertação, e lembrou-se de um vídeo que viu, certa feita, que falava sobre o “curbe cut effect” – estratégias e materialidades que são utilizadas a princípio como acessibilidade para certo público, mas acabam atingindo outras populações. Como, por exemplo, a rampa para cadeirantes que pode servir também para pessoas com carrinhos de compras ou de bebês.

Resolvemos, então, repetir o feito aqui, nessa tese de doutorado, com alguns ajustes. O processo, dessa vez, foi diferente. Senti a necessidade de primeiro filmar um rascunho do resumo diretamente em Libras, depois traduzi esse vídeo para o português e por fim refilmei, fazendo alguns ajustes na organização da fala e do pensamento.

Sabemos que a Lei da Libras (BRASIL, 2002) entende que esta não é uma língua substitutiva do português na sua modalidade escrita, e preconiza, assim, que o surdo brasileiro tenha fluência na língua portuguesa escrita. Porém apostamos que acessar a tese em sua primeira língua possibilitará maior entendimento bem como maior difusão desse material entre a comunidade surda sinalizante.

Chegamos a refletir sobre a possibilidade de traduzir a tese completa para a Libras. Porém entendemos que não seria viável no tempo que teríamos após a finalização dela em português. Além disso, há algumas questões, como a quantidade de páginas e o tamanho em que se converteriam em vídeos, que poderiam ficar grandes e cansativos. Outra questão importante é que há conceitos e termos que demandariam a discussão e construção de sinais, respeitando uma fidelidade à Libras, e feitos por pessoas surdas – o que demandaria mais tempo de discussão e apropriação dos conceitos.

Entendemos, também, que há limites para a acessibilização do texto – inclusive de tempo e verba, considerando que essa não é uma pesquisa financiada. Fizemos o que estava dentro das nossas possibilidades, porém entendemos que talvez haja pontos a melhorar que não estejamos conseguindo antecipar ou resolver no momento.

### **Políticas de citações e de gênero**

A ciência hegemônica é masculinista, e temos uma construção de mundo ocidental patriarcal. Na escrita, vemos isso, por exemplo, na língua portuguesa que utiliza o masculino para o plural. Pode se tratar de 1 milhão de mulheres e 1 homem, que o plural

via de regra vai para o masculino. E isso traz na escrita um apagamento das mulheres e das pessoas de gênero diferente do masculino. Sendo esse texto pautado na ciência feminista, e sendo nossos encontros majoritariamente com mulheres, priorizaremos que o plural, quando se tratando de grupos de pessoas, seja feminino.

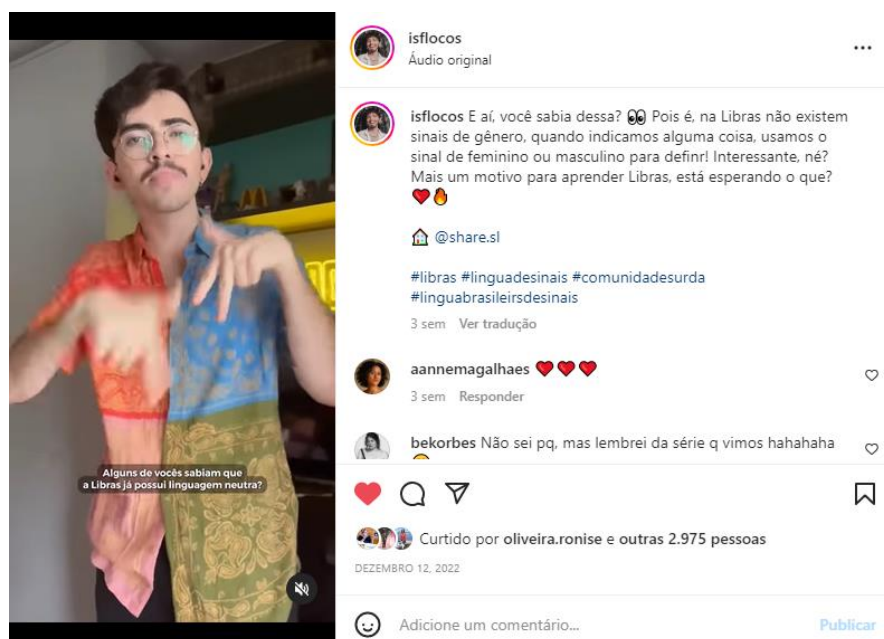
Os convites para participar da pesquisa, seja como coletoras ou como contadoras de história, foi feito à mesma maneira a partir de nossos encontros, e pelo efeito de bola de neve, em que uma de nós pensava em alguém para convidar, e isso fazia com que pensássemos em mais alguém, e mais alguém. Talvez por isso tenham sido atravessados por afetos e afinidades, e talvez por isso as pessoas convidadas tenham sido em sua maioria mulheres.

As normas de citação (como ABNT, APA) preconizam o sobrenome das pessoas citadas como referência aos seus trabalhos. Dentro desse cenário patriarcal, como consequência, vemos que os nomes das mulheres cientistas são, mais uma vez, apagados. Quantas vezes ao se deparar com o sobrenome de uma pessoa em um trabalho acadêmico, você lê assumindo que aquela pessoa é homem? Quantas vezes você faz isso assumindo que é uma mulher? Se nunca reparou, passe a reparar. Para lutar contra esse apagamento, priorizamos citar nome e sobrenome das parcerias com as quais escrevemos esse texto.

Ainda sobre as parcerias com quem trabalhamos, muitas vezes elas aparecem a partir de conversas, revisões de textos, reflexões partilhadas. Achamos essencial marcar isso e nomeá-las, seja no corpo do texto seja em notas de rodapé. Assim como também nomeamos quase todas as participantes dessa pesquisa – de acordo com sua autorização para tal – entendendo-as como produtoras também de conhecimento, e buscando assim reconhecê-las nesse lugar. Sobre as pessoas citadas nas conversas, perguntamos às contadoras se desejavam manter os nomes reais – o que foi feito quando se tratando de pessoas públicas – e colocamos nomes fictícios para as outras pessoas citadas em contexto mais privado.

Buscaremos trabalhar também com uma linguagem neutra a partir das palavras já estabelecidas no nosso vocabulário, sempre que possível, com substituições como estudantes em vez de alunas/alunos/alunes, ou parcerias em vez de parceiras/parceiros/parceiros, ou pessoas surdas em vez de surdas/surdos/surdes. É interessante que na Libras, isso já tá posto! Os sinais não têm marca de gênero, e se

quisermos explicitá-lo, geralmente é necessário trazer um sinal complementar para tal (como o sinal de mulher ou de homem). Gabriel Isaac (@isflocos) e Léo Viturinno (@leoviturinno) falam sobre isso nos vídeos abaixo.



<https://www.instagram.com/p/CmFKeDqJczg/>

**Imagem 14: Gabriel Isaac**

**Legenda do vídeo:** Heey, vim trazer um fato bem legal para para vocês. Alguns de vocês sabiam que a Libras já possui linguagem neutra? Que ao sinalizar não identificamos de cara para qual gênero estamos nos referindo, sabiam disso? Vejam só esse exemplo: esse é o sinal de irmane [variação 1 – mostra o sinal: duas mãos fechadas e indicadores abertos, usando os dedos indicadores das duas mãos esfregando na lateral um do outro em sinal de vai e vem]. Ou essa outra variação [variação 2 – mostra o sinal: uma mão fechada, polegar, indicador e médio abertos, o dedo indicador e médio esfregando na lateral um do outro em sinal de sobe e desce]. Qual gênero? Masculino ou feminino? Não há. Se não quiser indicar o gênero, pode fazer simplesmente assim: irmane [variação 2] ou assim [variação 1]. Se quiser indicar gênero, masculino ou feminino, precisa acrescentar outro sinal: irmane [mostra o sinal, na variação 2] + mulher [mostra o sinal de mulher: mão fechada com o dedo polegar aberto deslizando pela bochecha para baixo] = irmã; irmane [mostra o sinal, na variação 2] + homem [mostra o sinal de

homem: dedo polegar de um lado e os outros dedos do outro, em formação V deslizando pelas laterais do queixo e se encontrando abaixo dele, visualmente semelhante à barba]. Veja outro exemplo. Professore [mostra o sinal: uma mão com o sinal em datilologia da letra P arrastando-se no ar na horizontal de um lado para o outro]. Qual o gênero? Não indica. Para indicar, professore + homem [mostra os sinais] = professor; professore + mulher [mostra os sinais] = professora. Então existem muitos outros sinais que não indicam gênero. Linguagem neutra, ehh. Sabia disso? [emoji de coração amarelo]. Comente abaixo.



<https://youtu.be/89A7DN1jUcw>

**Imagem 15: Léo Viturinno**

**Transcrição de alguns recortes do áudio do vídeo:** [...] Oi gente! Tudo bem com vocês? Eu gosto tanto de abordar sobre esse assunto que é a linguagem neutra. E eu acredito que você já deve ter encontrado esse termo por aí nas redes sociais. Tem rolado tanta polêmica sobre isso, não é mesmo? Mas e você? Sabe o que significa? Eu não tenho muito conhecimento mas eu vou tentar fazer um resumo com o que eu encontrei no nosso titio Google, tá bem? Então. A linguagem neutra, ela é utilizada com a intenção de incluir as pessoas não binárias, ou pessoas gênero fluido e transgêneras, que não se enquadram no padrão de gênero estipulado na língua portuguesa. [...] Mas e a Libras, tem uma

linguagem neutra? [...] Na Libras nós temos, sim, pronomes. Mas não é a mesma coisa que no português. Vou até te mostrar agora. [mostra os sinais dos pronomes, que são feitos através de apontamento com o dedo indicador: para o lado, el@; para frente, você; cada um desses em movimento circular caso queira usar os pronomes no plural; na direção da própria pessoa, eu; movimento circular no espaço incluindo a própria pessoa: nós]. E aí, percebeu alguma diferença? Esses pronomes são todos indicados através de apontamentos. Só isso. Muito fácil, né? Nós não utilizamos uma marcação de gênero, tanto feminino ou masculino. [...] Em alguns livros didáticos da Libras surgiram com alguns pronomes, né, algumas palavras sem a marcação de gênero, e nesses materiais a gente consegue encontrar isso tá? E eles utilizam colocando o arroba, dessa forma: [legenda, sem voz e sem sinal: amig@; namorad@] em português escrito, para marcar uma possível neutralidade de gênero, não necessariamente só utilizando gênero masculino ou feminino, não há essa preocupação, mas aqui, dessa forma, mostra-se que a linguagem neutra, ela é válida, podendo ser homem, mulher, dois gêneros ou nenhum desses dois gêneros mais utilizados por aí. Mas por que transcrever dessa forma, no caso da Libras para o português? Claramente, temos uma linguagem neutra na língua brasileira de sinais, com certeza! Eu vou até deixar alguns exemplos de sinais [mostra sinais, na legenda, aparece: professor@; namorad@; amig@; médic@; ti@; irm@] E aí? Você conseguiu identificar se é masculino ou feminino? Não, né? Nós não temos sinais com a marcação de gênero. [...] Vou sinalizar agora para vocês duas frases: [sinaliza frases sem áudio e sem legenda. A primeira: aponta para o lado (pronome) + é + pronome possessivo na primeira pessoa do singular + sinal de namorar]. [...] Viu como essas frases, elas foram realmente neutras? Simplesmente não é preciso saber se é homem ou mulher. Mas e se eu quero sinalizar me referindo à mulher ou homem? [...] Então, a indicação de gênero é usada para marcar o sinal: por exemplo, homem ou mulher, e sempre antecedendo o sinal. [...] Outro exemplo: homem + namorar = namorado; mulher + amig@ = amiga. Agora uma frase: [sinaliza frases sem áudio e sem legenda. A primeira: pronome possessivo na primeira pessoa do singular + homem + namorar + cozinhar + delícia + maravilha] [...] Ficou bem mais claro agora, né? [...] Também, outro exemplo: quando eu estiver com o meu namorado aqui do lado, eu simplesmente faço um apontamento para ele enquanto faço a sinalização em Libras, mais

*ou menos assim: ele é meu namorado. Sem marcar o gênero masculino, porque no contexto da visualização o gênero já está sendo explícito. Mas se ele não tivesse do meu lado? Alguns que me conhecem sabem que eu sou LGBTQIAP+, e eu não preciso mencionar o gênero masculino para isso. Mas quem não me conhece ou não sabe que eu faço parte do grupo LGBTQIAP+, e dependendo da pessoa, caso eu queira sinalizar ou mencionar, eu utilizo a marcação de gênero, com o sinal de homem. Entendeu? E eu vou repetir: Libras tem linguagem neutra, sim! Mas não foi uma ideia dos movimentos LGBTQIAP+, não, não. Pois a linguagem neutra na Libras já existia desde sua estruturação, lá atrás, antes de toda essa polêmica sobre a linguagem neutra inserida no português. E aí, você gostou de saber dessas informações? Ah! E você já imaginou como seria a interpretação de Libras para português, oralmente ou escrito? Como saber se a pessoa surda está se referindo à marcação de um ou outros gêneros? Deve ser um desafio! [...]*

De fato, a linguagem neutra foi um desafio na tradução das histórias contadas em Libras. Em algumas delas conseguimos identificar o gênero a partir de conversas anteriores ou posteriores com as contadoras de história. Em outras, não foi possível identificar o gênero e conseguimos utilizar uma linguagem neutra. Em algumas, porém, não conseguimos identificar o gênero e acabamos traduzindo automaticamente e inconscientemente para o masculino, atravessadas também pelo sexismo que estrutura a nossa língua materna, o português.

Por fim, e não menos importante, dentro da nossa perspectiva ético-epistemológica priorizamos trazer para o texto a parceria de trabalhos com autoria feminina bem como autoria de pessoas surdas – colocando em cena, assim, a epistemologia feminista e a epistemologia surda – e também trabalhos de pessoas com deficiência na perspectiva dos Estudos da Deficiência. Tais trabalhos podem vir em forma de artigo acadêmico ou também de produções outras – como audiovisuais, postagens em redes sociais, conversas do cotidiano em sala de aula e fora dela, entre outras.

## **BOLSA DO LUGAR DE OUVINTE<sup>11</sup>**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/Bue20oHWoI4>

**Resumo em português:** O título dessa bolsa é “O lugar de ouvinte”. Como pesquisar com a pessoa surda, a partir do lugar de ouvinte que eu mesma ocupo? Qual o meu posicionamento ético para isso?

Muitas vezes marcamos aquilo que chamamos de Outro, naturalizando uma hegemonia social. Assim, marcamos a pessoa surda, e esquecemos que ser ouvinte também é uma marca, também é uma forma de inscrever-se no mundo. Nós, ouvintes, falamos daquele amigo surdo, ou daquela professora surda. Mas qual o propósito de trazer essa marca na fala? E porque quando o amigo ou a professora é ouvinte, não aparece caracterizado, da mesma forma?

Para além de repetir a pergunta recorrente na comunidade surda: você é surdo ou ouvinte? – que muitas vezes diferencia para hierarquizar posições e corpos – queremos aqui trazer um pouco da complexidade de ser ouvinte inseridas na comunidade surda. O que implica pesquisar com uma população que tem no corpo uma marca evidentemente distinta da nossa? Qual nosso lugar de ouvinte nessa comunidade? Como ser ouvinte na comunidade surda também nos marca? O que levamos adiante com essa marca?

No trabalho e na pesquisa, no interesse em estar com os surdos, temos que operar modulações em nós, ouvintes. Recebemos um sinal, aprendemos Libras, conhecemos a ideia de cultura surda, participamos da comunidade surda, militamos pela inclusão social das pessoas surdas e pela disseminação da língua de sinais. A disponibilidade para o encontro com o outro produz mudanças em nós e há algum nível de mistura, mas não gera um campo de igualdade. Isso não implica nem tem como efeito o apagamento de nossas marcas e não nos isenta do privilégio de sermos ouvintes no mundo que vivemos, onde prevalece a corponormatividade, “um ideal de corpo apto, fisicamente capaz, sem lesão ou impedimento”, como nos traz Anahí Guedes de Mello (2016, p. 3266). A comunidade

---

<sup>11</sup> Essa bolsa é uma versão editada de um tópico de um artigo recente, cuja publicação está no prelo (SILVA; RODRIGUES, 2023), em parceria com Ingrid Moura, psicóloga bilíngue e doutoranda em Psicologia no PPGP/UFF, também orientada pela professora Marcia Moraes.



surda vem discutindo sobre o Privilégio Ouvinte nos últimos anos, como podemos ver em alguns perfis nas redes sociais (DIVERSILIBRAS, 2020; FERREIRA, 2020; CASTILHO, 2020). Principalmente quando somos parte da população inserida na norma hegemônica – e por isso mesmo tidos como não-marcados – é relevante reconhecermos nossas marcas, o que possibilita sustentar as diferenças. Reconhecer minhas marcas não é dar caráter determinístico a elas, mas antes com elas e a partir delas tecer outras relações com a vida. Outra vida, portanto.

De modo que, se nossas marcas não se apagam – não deixaremos de ser ouvintes, não somos quase-surdas – ainda assim no reconhecimento delas podemos operar deslocamentos em nós, construir um corpo outro, e estar de modo diferente tanto no encontro com pessoas surdas quanto no encontro com ouvintes.

*Estar na comunidade surda tem um efeito interessante, parece afetar não apenas a mim, mas a outros com quem convivo e a quem eu levo histórias sobre meus encontros com o pluriverso surdo: passei a ver (e passaram a me contar de) muito mais pessoas surdas ao redor. Esse pluriverso passou a me convocar em diferentes espaços. E várias pessoas agora, após contato comigo (com este meu ‘migo’, esse eu que vivencia e fala muito sobre o pluriverso surdo e a Libras), começam a se sentir convocadas também. A ponto que uma amiga chegou a me dizer: tá com mais surdo na rua hoje em dia, né?*

*Prestávamos, agora, mais atenção à existência de pessoas surdas. De repente o mundo estava povoado de pessoas surdas como eu nunca vi antes. Nós (eu e essas várias pessoas que têm contato com meu pezinho neste campo) passamos a ser fisgadas pelas pessoas surdas e pelo pluriverso surdo. Tenho notícias disso à medida que as pessoas me vêem como referência para contar qualquer “causo” que aconteça no encontro delas com alguma pessoa surda e com o pluriverso surdo, seja como personagem ou como espectadores. Além disso, quando as pessoas descobrem que eu sei Libras, normalmente têm uma reação de interesse, dizem que gostariam de estudar essa língua também, e pedem que eu ensine alguns sinais (DC, SILVA, 2017, 2022).*

Não só nossas falas, mas nossas escritas parecem ter também este efeito. Algumas pessoas ouvintes que nos leem, nos contam em seguida de seus encontros com o pluriverso surdo. Tais encontros pareciam a elas (e a nós) tão esporádicos e, de repente, são tão frequentes, que vamos nos dando conta que “a presença do povo surdo é tão antiga

quanto a humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos.”, como destaca Karin Strobel (2008, p.42). Com efeito, passamos a notar quantas vezes a falta de interesse, de informação ou de atenção e respeito às diferenças refletiram na invisibilidade das pessoas surdas. Do mesmo modo, percebemos que nosso próprio movimento de buscar e divulgar informações e experiências com a comunidade surda nos torna aliadas à luta das pessoas surdas pela possibilidade de existência e ocupação de mais diversos espaços e relações.

*Quando você volta só para o encontro entre ouvintes, ainda que não tenha nenhuma pessoa surda, existe alguma coisa do pluriverso surdo que tá ali. Que tá com você, na verdade. Então se a gente tá discutindo..., sei lá, o edital, prova de língua, tem alguém ali, você que tá ali, para estranhar: ‘pera lá, mas se chegar uma pessoa surda, qual a língua dela?’ Entendeu? É isso que eu tô querendo dizer. Ainda que não tenha uma pessoa surda, tem uma marca desse pluriverso que te atingiu de alguma maneira, ainda que você continue ouvinte. (DC, SILVA, 2017, 2022 – registro de uma fala em orientação da professora e orientadora de mestrado e doutorado Marcia Moraes).*

Assim, ainda que não sejamos surdas, somos marcadas pelo pluriverso surdo, de algum modo. Não à toa que as pessoas nos trazem histórias de encontros com pessoas surdas. E essa marca se transmite, em certo grau, porque as pessoas passam a ser afetadas pelo pluriverso surdo de modo diferente. Nós levamos essa marca adiante. A partir dela e com ela tornamo-nos ativistas por um mundo mais plural e comum, que seja menos centrado de modo tão hegemônico na audição. Que possa incluir outras sensorialidades e outros sentidos.

## BOLSA DOS ENCONTROS COM O CAMPO

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/rXgsUY0SOI0>

**Resumo em português:** Essa bolsa fala do encontro com o campo. Como nós encontramos o campo de pesquisa? Como eu, Lucila, entrei no INES? Como eu, Lucila, encontrei com a Libras?

*Um encontro, um momento, uma faceta, um acontecimento (FOUCAULT, 1969/2008) que (se) produz ali. Efeitos criativos dos encontros. A maneira de encarar a pesquisa é um gesto de atenção ao que se produz. O que se colhe desse campo é a partir do nosso encontro com ele. Nós, pesquisadoras, também estamos implicadas. Também somos produzidas. Não diz só do outro, diz de nós também.*

*Buscamos nos distanciar de uma prática extrativista que se quer apartada e purificada das intermitências do campo e assim ignora que, no próprio gesto de pesquisar, campo e pesquisador são constantemente produzidos.*

*Este modo de fazer ciência que pede transcendência e divisão entre sujeito e objeto opera o que Donna Haraway (1995) chama de olhar de sobrevoos. O olhar de sobrevoos que a ciência hegemônica pretende é um olhar distanciado, neutro – mesmo quando usando microscópios, pois todas as lentes são usadas para ampliar esse olhar. Diz que é necessária a distância do objeto de pesquisa para que se consiga enxergá-lo com clareza e neutralidade do pesquisador. Busca produzir experimentos que tenham reprodutibilidade, ou seja: esse experimento, e por consequência o conhecimento por ele produzido, só é válido à medida que tenha suas variáveis (qualquer coisa que possa interferir no processo do experimento, maculando-o) controladas para que possa se ver o objeto isolado, e assim o experimento possa também ser replicado em qualquer lugar do mundo. Conhecimento universal. A visão, para a ciência hegemônica, tudo vê e a todos alcança. Fala de todos os lugares e de lugar nenhum.*

*O extrativismo é um risco que está posto, bem sabemos disso. A assunção da pesquisa como prática localizada e situada é a nossa aposta ético-política para lidar com o risco em questão. Assim, nesse trabalho nos localizamos, nós e as histórias que surgem nos encontros com o campo.*

*As histórias que contamos não são inteiras – não são contos de fadas com início, meio, fim. São fragmentos, estilhaços que servem para intervir, cortar histórias e fazeres hegemônicos para que outros possam aparecer. São inconclusas para que mais coisas caibam nelas. Esta não é uma discussão fácil, e nada óbvia, a tecemos juntas no grupo PesquisadorCOM, grupo de pesquisa e orientação coletiva, com coordenação e orientação da professora Marcia Moraes, que inclui alunos da pós-graduação com questões de pesquisa diversas – feminino, gesto, cegueira, formação em psicologia, [pluriverso surdo], doula, deficiência, trânsito, escrita, para citar alguns. É um ninho, um aconchego, e um espaço potente para trocas, crescimento e construção de conhecimento conjunto. Como Josselem Conti e Marília Silveira bem apresentam,*

O que existe de comum entre nós é que “gastamos tempo” com a política de pesquisa. Cada uma de nós entrou para o mestrado ou doutorado movida por questões diferentes, buscamos o PesquisadorCom [MORAES, 2010] como método e o que atravessa todos os nossos trabalhos tem relação com as políticas de pesquisas e a escrita. Tomamos o método como um modo de fazer política. Nossos encontros são ocasiões para pensar modos de estar com outros e exercitar certo modo de compor o mundo em que vivemos e de articular o "nós" que sustenta nossa política de pesquisa (CONTI; SILVEIRA, 2016, p. 57).

*Mas o que é entender a pesquisa como prática localizada? E o que é localizar-se? Pensamos esse conceito com a epistemologia feminista.*

*A perspectiva feminista (DESPRET; STENGERS, 2011; HARAWAY, 1995; ALCOFF, 2016)<sup>12</sup> argumenta que a pesquisa é necessariamente parcial, traz marcas. E existe um manejo a ser feito: podemos estar atentas às marcas e, incluindo-as no pesquisar e na tessitura do texto que publiciza a pesquisa, construir uma pesquisa*

---

<sup>12</sup>Aproximei-me da perspectiva feminista acerca da produção de conhecimento através, principalmente, da disciplina de pós-graduação “Ciência e feminismo” ofertada pelas professoras Marcia Moraes e Ana Cláudia Monteiro, que frequentei nos anos de 2016 a 2019, e do grupo PesquisadorCOM.

*encarnada e localizada. Para a objetividade feminista, quanto mais localizado mais objetivo.*

*Aprendemos com a Donna Haraway que a transcendência ambicionada pela ciência hegemônica não se compromete, se esquia de responsabilidade, aqui entendida como response-ability (HARAWAY, 2011), a capacidade de responder, de prestar contas, pelo conhecimento produzido; a habilidade de responder deste lugar que se ocupa, e, portanto, ocupar-se disso.*

*No processo de pesquisa, um modo de sustentar a objetividade feminista e nos tornarmos responsáveis é apresentar as conexões, sempre parciais, que as pesquisadoras e o campo estabelecem, trazendo à tona elementos que nos contem desse processo de criação de conhecimento. Isso é, para nós, localizar-se. Falar a partir (e junto com) desse emaranhado de conexões.*

(...) precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. (HARAWAY, 1995, p. 16).

[No pluriverso surdo], a tarefa de “traduzir conhecimentos” tem sentido literal quando pensamos nas línguas (português e Libras) que permeiam o campo. A “capacidade parcial” para tradução é expressão chave, e nos interessa imensamente pensar na possibilidade da produção dessas redes de conexões, entendendo-as não como totalizantes, mas como provisórias e frágeis, articuladas e potentes. [Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 23-25)]

### **A entrada no INES**

Desde 2013 trabalho no INES. A partir do momento que entrei nessa instituição, começou a se descortinar para mim um campo que eu desconhecia. Achei que, entrando para uma escola, estava assumindo um cargo de psicóloga escolar cujas funções já me eram familiares. Porém encontrei uma comunidade, uma língua e uma cultura que retraçaram meu percurso profissional, bem como minha vida em diversos âmbitos. Encontrei o (comumente chamado) “mundo surdo”.

*Entrei no INES pela primeira vez em 2013, na ocasião em que fui entregar documentos para a posse da vaga de psicóloga. Eu havia passado em um tão desejado concurso público. Era um concurso para trabalhar em uma escola de surdos, e como eu tinha planos de seguir carreira na área de psicologia escolar, me animei. Imaginava uma escola parecida com as que eu conheci durante minha vida escolar, acadêmica e profissional. Nem fui procurar mais informações no Google.*

*Quando cheguei lá, dei de cara com essa construção impactante, um prédio que, apesar de baixo (com seus apenas três andares) parece enorme. Por fora, pintura nova. Amarelo, com detalhes brancos. Bem conservado. Mas sua arquitetura muito antiga, sua cúpula no alto do prédio e suas janelas e sacadas esculpidas fazem lembrar um castelo ou uma mansão de desenhos animados, que destoa dos prédios retilíneos mais típicos da paisagem carioca da Rua das Laranjeiras.*

*Ao entrar, a sensação é que aqueles corredores – largos e com pé direito dois ou três vezes mais alto do que o habitual nas construções de hoje em dia – poderiam me engolir a qualquer momento. Imaginava que das suas escadas de ferro e mármore alguma majestade desceria em breve. Pisava no chão de madeira de lei esperando que rangessem, como o chão das casas velhas de filme de terror noir, apenas com o assoalho brilhando mais, de tão bem encerado.*

*Caminhei até meu destino, a sala dos recursos humanos, bom e velho RH, de onde eu esperava sair com um crachá diferente do que o de “visitante” que recebi na portaria. Quem sabe o de “servidora”?*

*No meio do caminho, ouvi a algazarra dos alunos no pátio. Quem disse que o mundo surdo é um mundo de silêncio? Esbarrei ainda com alguns que conversavam tão rápido com as mãos que logo percebi que o alfabeto que aprendi com a Xuxa pouco me ajudaria ali.*

*Senti que estava entrando em um mundo diferente.*

*Ali o velho e o novo pulsavam forte, quase forte demais, revelando um contraste sensível a olhos nus. Na ocasião da posse, fui apresentada a então diretora. Gente fina, bem falante. Seu corte de cabelo, óculos e casaquinho compunham a típica imagem de professora ou bibliotecária. Ela tinha um broche dourado com a insígnia da república brasileira, ornada com o nome do MEC e do INES, e logo eu também ganhei o meu. A*

*pergunta que ela me fez acentuou sutilmente o contraste já notado. Perguntou-me algo como: “o que você acha de trabalhar com pessoas mais velhas e mais antigas na instituição?”. A princípio não entendi o porquê da pergunta, mas ainda assim respondi: “Bem, acho que se tem muito a aprender com as pessoas e com a história. E os jovens também podem trazer um certo frescor da academia e de novas teorias. Então são trocas riquíssimas.” Mas a pergunta não passou batida, me deixou com a pulga atrás da orelha.*

*Estava entrando em um campo em disputa entre saberes tradicionais e aqueles que o desafiam. Disputas políticas sobre quem pode falar neste campo, e por ele. No trabalho, e com esta pesquisa, coloco-me também nessa disputa, no exercício de um outro modo. Não para falar pelo campo, mas para falar com o campo – considerando também o lugar diferenciado de ouvinte trabalhando no cenário [do pluriverso surdo]. Não uma disputa mirando o pódio, mas antes uma disputa com contornos flexíveis e temporários, pela inconclusão do campo, pela abertura, mais do que fechamento dentro de outra verdade qualquer.*

*Outros encontros foram acontecendo, e algo neles se repetia. Especialmente no encontro com os surdos e com pessoas que trabalhavam há bastante tempo na instituição, 3 perguntas andavam sempre juntas, em tom solene e por vezes desconfiado: “Você é nova, né? Você é o quê (referindo-se à minha profissão)? Você já trabalhou com surdos antes?”*

*Esses primeiros passos e encontros me deram pistas da instituição em que eu estava entrando, como a tensão entre os servidores, especialmente entre os mais antigos e mais novos na instituição, bem como a demanda por um especialismo que autorize suas falas. E essas três perguntas que andavam juntas trouxeram-me também o tom de uma convocação: qual meu lugar aqui? Que saberes preciso ter e desenvolver para lidar com esse público? Preciso, mesmo, de um saber específico?*

*Naquele momento eu buscava uma adaptação ao que me parecia ser outro mundo. Porém o que eu ainda não sabia é que se tratava do tipo de curiosidade à qual se refere Michel Foucault na introdução do livro “História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres” (1984/1998), o tipo de curiosidade que convoca ao nosso próprio deslocamento.*

É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (1984/1998, p. 12).

[Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 38-40)].

Aos poucos fui aprendendo a Libras e inserindo-me na comunidade surda (composta por surdos e ouvintes usuários de língua de sinais). Com as práticas cotidianas do trabalho e fora dele – posto que minha inserção na comunidade surda passou a ultrapassar os muros do instituto – o chamado mundo surdo ia me instigando, me intrigando, me provocando e por vezes me incomodando.

*Poderia ser qualquer lugar, mas era este. A partir de minha chegada no INES como trabalhadora, entrei em contato com a comunidade surda, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e com os conceitos de cultura e identidade surdas.*

*Nesse espaço, com seus diversos entraves, vejo-me imersa em um campo tenso e delicado: o campo relacional entre surdos e ouvintes. O cotidiano de trabalho por vezes torna-se naturalizado e tão corrido que atropela momentos de pausa e reflexão, e seguimos reproduzindo saberes e fazeres institucionalizados, muitas vezes caindo no lugar de queixa ou paralisando-se frente a eles, sem abrir possibilidades de deslocamentos operados em nós e/ou por nós.*

*Nesta relação com [o pluriverso surdo], ainda que eu aprendesse a língua, estudasse a cultura surda, conhecesse a comunidade surda, parecia-me por diversas vezes estar tão distante que era como se eu habitasse outro mundo. E no cotidiano no INES, vejo reiteradamente o discurso da existência de um mundo surdo. Em contraste haveria então um mundo ouvinte? Será ele o que eu habito? Como estar com os surdos*



*se estamos em mundos diferentes? Que comum é possível para surdos e ouvintes?* [Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 20)].

### **O encontro com a Libras**

Meu contato inicial com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), de forma mais estruturada, se deu em 2013, com minha entrada no INES para atuar como psicóloga escolar. Ali iniciei o curso de Libras, a princípio devido ao compromisso assumido em edital, de me capacitar nesta língua. Posteriormente, por entender a centralidade da língua para a comunicação com os surdos com quem eu me encontrava no cotidiano de trabalho. Foram três anos de curso formal. No início, meio sem jeito. Mas em algumas poucas aulas, já sabia soletrar meu nome, cumprimentar surdos com um “bom dia!” básico e falar uma frase-chave: “Desculpa! Só sei um pouco de Libras. Espere um pouco, vou ligar para o intérprete”.

O suficiente para começar a me comunicar e a me deslumbrar com a língua: a maneira como mãos e corpos bailavam pelo espaço, o contorno e a intensidade que as expressões faciais iam dando às frases. De forma que mesmo eu, ouvinte que não sabia ainda tanto a Libras (não reconhecia seus signos e estruturas gramaticais), conseguia por vezes ver naquela dança imagens super nítidas e inferir um pouquinho sobre o que se tratava.

Apaixonei-me pela Libras e – como toda apaixonada – eu simplesmente não me cansava dela. Pensava nela o tempo inteiro, ficava ansiosa esperando o momento em que iria me encontrar com ela novamente. Quando a encontrava, sentia medo e interesse ao mesmo tempo. Ficava repetindo conversas na minha cabeça. Falava dela para todo mundo, queria que todo mundo a conhecesse. Assim, procurei me aprofundar no aprendizado da Libras em qualquer oportunidade que aparecia, buscando mergulhar na língua e na cultura surda.

*Em 20/09/2022, assisti ao evento de lançamento do filme do grupo Hands in Harmony Deaf Community Choir (HiH)<sup>13</sup>, um coral em língua de sinais irlandesa (ISL), feito em parceria com o Living and Learning Communities Project, da produtora Grey*

---

<sup>13</sup> <https://www.facebook.com/Handsinharmonydeafcommunitychoir>

Heron Media. Nesse evento, além da apresentação do filme (maravilhoso, por sinal!), houve também uma sessão interativa de perguntas e respostas entre as pessoas que participavam do coral e a plateia curiosa e interessada. Trago aqui um trecho da conversa, que foi feita em inglês oral e em ISL, traduzida por intérpretes de ISL nos dois sentidos, e traduzida livremente por mim do inglês para o português.

[Eu faço uma pergunta sobre o que a comunidade surda pensa que a comunidade ouvinte pode aprender com eles]

HiH: *Você quer dizer no sentido de o que pessoas surdas podem aconselhar pessoas ouvintes a fazerem para facilitar a comunicação com eles, por exemplo, em alguns jeitos surdos, cultura surda...?*

Lucila: *Sim, culturalmente e também, tipo, aspectos da vida de ser surdo na comunidade surda, porque às vezes pode ser parecido, mas às vezes pode ser um pouquinho diferente, então...*

HiH: *Então, as diferenças entre a cultura surda e a cultura ouvinte?*

Lucila: *Sim, que a cultura ouvinte poderia aprender um pouquinho com.*

(...)

HiH: *Então, realmente, aulas de ISL, esse é o começo. E não é apenas sobre aprender língua de sinais. Você aprende um pouquinho de cultura surda, de história dos surdos, os surdos dentro da sociedade. E é realmente a melhor maneira. Então você começa a aprender ISL primeiro e depois você começa a notar onde está a comunidade surda e você pode se juntar à e mergulhar na comunidade. E essa é realmente a única maneira. Sem temer. Lógico, você vai ficar nervosa de se juntar a algo no qual você é nova, mas, você sabe... (...) há sempre coisas surdas rolando, e você pode se juntar à comunidade e vir testemunhar a cultura surda por você mesma, e desse modo, aprender. Realmente mergulhar na comunidade é a maneira de fazê-lo. (...) Então não é apenas aprender ISL, e essa é a melhor forma. Construindo aos poucos. Obtenha um pouco de ISL primeiro – e eu sei que pessoas ouvintes, elas sempre...: ‘oh, mas língua de sinais é tão difícil!!’, e vocês estão certas! Você sabe, é como falar qualquer tipo de língua. (...) Mas com ISL você tem o aspecto visual, também. Então, de alguns modos você pode achar diferente, se você não está acostumada a pensar as coisas a partir de uma perspectiva visual. Você tem que ter um pouco de contato visual e algumas pessoas*

*podem ser realmente tímidas com isso, mas é isso, sabe, você tem que desencanar!* [you have to just get over it]. *Apenas desencana e faça contato visual com as pessoas surdas. E essa é a parte realmente importante. E ISL não é apenas sobre sinalizar o que está nas mãos. Na verdade, isso é apenas 30%. Mas linguagem corporal e expressão facial é 70% da língua. Então você meio que pensa que o que está rolando nas mãos é importante – e as pessoas ouvintes para quem eu estava ensinando anteriormente, elas estariam dizendo, sabe, ‘Oh, me desculpe mas pessoas ouvintes não sabem o que fazer...’ Então... Finja que ela sou eu* [traz uma pessoa para o palco e a coloca de frente para si]. *Então, me ensina a sinalizar. Então... ‘meu nome é...’ – e você pode sentir a pessoa baixar o olhar, não é mesmo?* [e pensando:] *‘Oh, o que que você tá fazendo??’ E ela está olhando apenas para as minhas mãos. E eu digo: ‘Não, não, não, você tem que olhar para meu rosto, olhar para as expressões, olhar para o espaço de sinalização à minha frente.*

As línguas de sinais são línguas de materialidade gestual e de modalidade visual-espacial<sup>14</sup>. Elas não são universais. A Língua Brasileira de Sinais é a língua utilizada para comunicação por parte das pessoas surdas no Brasil. É reconhecida pela Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) e é regulamentada pelo Decreto nº 5626/05 (BRASIL, 2005), como

meio legal de comunicação e expressão [...] em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Entender que a Libras é uma língua gesto-visual (gestual), e depois percebê-la como visual-espacial, não é uma questão simples. A princípio parecia óbvio que, se na língua oral-auditiva (como o português), o signo linguístico é oralizado e a sua recepção é auditiva, na língua gesto-visual o signo linguístico é sinalizado e a sua recepção é visual.<sup>15</sup> Porém em algum momento passou a fazer diferença perceber o uso do corpo no

---

<sup>14</sup> Quando falamos da materialidade gestual, dizemos da maneira como a língua se concretiza – no caso da Libras, através do corpo/gesto. Quando falamos em modalidade visual-espacial, estamos dizendo dos canais de percepção e produção da língua.

<sup>15</sup> No caso de pessoas surdocegas, a recepção é também através das mãos e do corpo, com o uso da língua de sinais tátil e do Tadoma, por exemplo.

espaço para a expressão nesta língua. E não apenas o uso das mãos – diferentemente do que uma leitura rápida do símbolo da acessibilidade linguística para Libras nos levaria a crer.



**Imagem 16: símbolo de acessibilidade em Libras.**

Muitas pessoas quando estão aprendendo Libras focam na ideia de achar um sinal correspondente para cada palavra em português, e costumam pensar que esse sinal se encontra apenas na forma das mãos, no desenho que elas fazem para fazer um sinal (chamamos isso de configuração de mão). Esquecem-se especialmente de um dos 5 componentes dos sinais, que chamamos de parâmetros da língua de sinais<sup>16</sup>: as expressões não-manuais<sup>17</sup>.

*Dessa forma, obrigatoriamente, o sinal, qualquer que seja, inclui as expressões não-manuais. Mesmo que aparentemente sinais como o de água, por exemplo, pareçam prescindir desse parâmetro, isso é um equívoco. Pois as expressões não-manuais se dividem em dois grupos. A saber, as expressões não-manuais afetivas – estas não têm implicação para o enunciado – e as expressões não-manuais linguísticas – das quais o enunciado depende. No caso do exemplo do sinal “água”, eu posso pedir água sorrindo, mas esse sorriso não tem qualquer ligação com o sinal, pois a expressão de água é neutra. O sorriso, portanto, exprime tão somente um estado afetivo. Já no sinal “feliz” o*

---

<sup>16</sup>Os 5 parâmetros da língua de sinais são: configuração de mão; ponto de articulação, também chamado de localização; movimento; orientação, também conhecido como direcionalidade; e expressões não-manuais.

<sup>17</sup> Expressões não manuais são expressões faciais e corporais que marcam o discurso em língua de sinais, podendo exercer diferentes funções, como intensificações, localização, sintaxe, entre outras.

*sorriso é parte da função semântica (significado) e morfológica (estrutura) do sinal.* (Edigleisson Alcântara<sup>18</sup>, comunicação pessoal, 25 de julho de 2021).

As expressões não manuais podem ser expressões faciais e corporais, podem ser um movimento de cabeça, um levantar de sobrancelha, uma mexida com os lábios, um deslocamento dos ombros, um estufamento do peito. É comum ser dito que essas expressões dão a entonação da frase em Libras tal qual a voz dá entonação à frase dita oralmente. Porém, essa comparação é uma simplificação sobre o uso das expressões não manuais na língua de sinais. Diferentemente da língua oral, para além de entonação, há outras funções de tais expressões, como as mencionadas funções semântica e morfológica, e podemos acrescentar a função sintática – por exemplo, para imprimir flexões aos sinais, como número e grau; para marcações de frases afirmativas, negativas e interrogativas; entre outras. Além do uso do corpo, é importante atentar também para o uso do espaço nas línguas de sinais, que tem uma infinidade de funções, como conjugação de verbo; referenciar o discurso com a posicionalidade dos objetos, lugares ou seres no espaço neutro de sinalização à frente do corpo para retomá-lo durante o discurso; referenciais temporais; entre outros.

Essas diferenças linguísticas aparecem na pesquisa não na direção de polarizar ou de hierarquizar uma língua e outra. Mas na intenção de dar relevo às diferenças que possibilitam composições, como outra camada para a pergunta: que comum podemos produzir entre surdos e ouvintes?

Para a Libras acontecer, ela precisa mobilizar o corpo inteiro. E, enquanto ouvinte, isso não é simples. No processo de aprendizagem da língua, percebi o quanto que me demandava uma mobilização subjetiva para poder estar com o corpo de maneira diferente, para poder me sentir à vontade usando esse corpo como instrumento de expressão. Muitos de nós, ouvintes, estamos tão pouco acostumados a esse uso do corpo que é comum o comentário dos surdos (principalmente no início da aprendizagem da Libras): “ouvinte é frio!”.

---

<sup>18</sup>Agradeço ao amigo e parceiro de profissão Edigleisson Alcântara pela leitura cuidadosa da primeira versão desse tópico. Edi, como carinhosamente o chamamos, é psicólogo bilíngue, intérprete de Libras/Português, mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE e doutorando em Estudos Linguísticos pela UFMG.

Durante a banca de qualificação do doutorado, a professora Alexandra Tsallis fez uma consideração: que ouvinte é frio? E segue na reflexão: Talvez o ouvinte frio seja aquele não marcado. O homem branco, cis, sem deficiência, europeu, masculinista. Que se põe como universal, que se quer neutro, e assim, descorporificado. Sem corpo. Sem marcas. Sem calor. Sou interpelada, como ouvinte, por essa afirmação (“ouvinte é frio!”) e isso me mobiliza, de certa maneira, a um percurso para buscar meu corpo, retomar minhas marcas, colocando em xeque no meu próprio corpo as reverberações dessa afirmação.

No processo contínuo de aprendizagem de Libras, venho percebendo – por conta própria e por apontamentos de outras pessoas no meu entorno – alguns efeitos que o uso da Libras tem operado no meu corpo. Como apontado por minha orientadora, Marcia Moraes, em comunicação pessoal, esse corpo precisou ser tomado pelo espaço. Aumentou os contornos, fez outra paisagem corporal. E esse é um acontecimento (FOUCAULT, 1969/2008) importante para irmos ao encontro dos surdos ou do pluriverso surdo. Um corpo novo que se constrói, um processo de reformulação desse corpo que se evidencia não só no uso da Libras, mas também no contato com surdos oralizados. Um corpo que não hesita em se posicionar na direção do outro, de maneira articulada, expressiva, e que conecte. Como esse corpo, que se reinaugura para uma ouvinte aprendiz da Libras, pode ir ao encontro de pessoas surdas?

## BOLSA DAS HISTÓRIAS ÚNICAS

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/GrRC4RS7wfg>

**Resumo em português:** Essa é a bolsa das histórias únicas, no sentido de singulares, que é diferente da única história, uma história generalizada que se repete, parecendo não se modificar. Mas no cotidiano, no trabalho, no encontro com as pessoas surdas, com as histórias de vida que elas nos mostram, percebemos que essas histórias borram a única história da surdez.

Em 2016 entrei no Mestrado com o objetivo de pesquisar sobre os efeitos que a prerrogativa da existência de dois mundos poderia produzir na relação entre surdos e ouvintes. Comecei a pesquisa questionando a história única (ADICHIE, 2009) da surdez que conheci nos anos anteriores através de registros e discursos.

*Das práticas de eliminação de surdos como seres imperfeitos, passando pelas práticas de reabilitação do deficiente auditivo, e também a regulamentação da Libras e o reconhecimento do surdo como sujeito de direitos, com língua e cultura próprias, decerto existem muitas histórias. No entanto, nos espaços onde circulo parece se manter no centro dessa única história da surdez a disputa pela língua, que opera ora como instrumento de dominação, ora enquanto vetor de empoderamento. Pautados na língua, têm-se os métodos e estratégias de educação e socialização dos surdos (oralismo/gestualismo), persistindo*

esse percurso de narrativa crítica que captura episódios da história em uma lógica dicotômica, judicialista e atemporal [que] configura-se atualmente em referencial teórico central na produção acadêmica relativa à educação e socialização de sujeitos surdos. (ROCHA, 2010, p. 25)

*A maneira como a única história da surdez é contada, assumindo uma perspectiva de “história-tribunal” (ROCHA, 2010, p.15), dá a entender que há de um lado os surdos, que sempre quiseram e querem a língua de sinais, oprimidos pelos ouvintes, do outro lado, que querem e sempre impuseram/impõem a oralização. Apresenta-se uma história*

*de lutas e vitórias, com inimigos estanques, encerrando na dicotomia oralismo x gestualismo uma série de nuances que perpassam o ser surdo, sua relação com o mundo e com os ouvintes. Ignora-se também, deste modo, que são discursos que não se encerram em dado momento histórico, para dar lugar a outros, e sim coexistem, produzindo forças, pensamentos e ações heterogêneas.*

*Esta história da surdez, que é contada de forma dicotômica e que implica em vencedores e vencidos alternando-se no pódio da história, demanda aliados para cada polo. [Trecho da dissertação de Mestrado (SILVA, 2018, p. 26-27)].*

A única história da surdez não dava conta do encontro cotidiano com pessoas surdas.

Tais histórias guardam de antemão os lugares nos quais os outros devem se encaixar. (...) São formas de classificar e de categorizar os outros que não lhes oferecem oportunidades de se reinventarem. (...) As únicas histórias apagam mundos, fazem desaparecer possibilidades de vida, de existências. (MORAES; TALLIS, 2016, p. 42)

Nos atendimentos à estudantes, nas conversas com profissionais surdas e surdos, no contato com a comunidade surda fora dos muros do INES, os encontros mostravam a singularidade que escapava às identidades pré-definidas e muito difundidas (PERLIN, 1998) dentro da comunidade surda.

Como fazer aparecer as múltiplas versões de escutar e não escutar com as quais me deparava nesse caminho? Sabia que não me interessava pesquisar *sobre* a pessoa surda, ou *sobre* o pluriverso surdo, tomando-os como objetos de estudo. Entendia, especialmente porque vivia na prática, que todo conhecimento que pudéssemos sistematizar estava sendo produzido a partir da imersão naquela comunidade, da relação com aquelas pessoas. Assim foi se desenhando o uso do PesquisarCOM (MORAES, 2010) na dissertação e na tese, uma forma de fazer psicologia e pesquisa que, como a palavra COM anuncia, tem como ética o estar juntos, a produção coletiva, a inseparabilidade de pesquisadoras e pesquisados em sujeito e objeto, entendendo que



todos são participantes da pesquisa, colaboradores com a construção de conhecimento, ainda que com saberes que falam a partir de lugares diferenciados.

Tornar-se com o outro, transformar-se, produzir mundos que se articulam, se compõem. É a ação do pesquisarCOM. (ARENDDT; MORAES; TSALLIS, 2015).

Anteriormente, no percurso do mestrado a aposta metodológica, com base na epistemologia feminista, foi contar histórias situadas e localizadas (HARAWAY, 1995; CONTI, 2015; MORAES; TSALLIS, 2016) dos encontros cotidianos com o campo, a partir da minha perspectiva: psicóloga ouvinte bilíngue, inserida na comunidade surda sinalizante<sup>19</sup>. Com essas histórias foi possível analisar o campo relacional entre surdos e ouvintes, e aos poucos buscar borrar a lógica de pensamento dicotômico posta no campo – reflexo de certa forma de pensar na cultura ocidental, que nos leva a polarizar o modo de conhecer e entrar em contato com o mundo. Bem x mal, certo x errado, bonito x feio, inteligente x ignorante são alguns exemplos que encontramos no dia a dia. No pluriverso surdo, vemos isso se transformar em (mundo) surdo x (mundo) ouvinte; surdos sinalizantes x surdos oralizados; Libras x aparelho de amplificação sonora (AASI)/implante coclear (IC). Mas, como mencionado, as histórias borravam a lógica dicotômica e faziam aparecer o que anteriormente chamamos de versões da surdez (SILVA; MORAES, 2019), mas hoje, a partir de novos encontros, como com a interpelação da professora Francielle Cantarelli Martins na banca de qualificação do doutorado, nomearíamos como versões de ser pessoa surda.

Agora, nessa tese, buscamos contar outras histórias, as histórias únicas do pluriverso surdo, enquanto histórias singulares, seguindo com *a inflexão que Josselem Conti propõe para o sentido da palavra “única”*.

---

<sup>19</sup> A nomenclatura surdo “sinalizador” ou “sinalizante” não é consensual no campo. No cotidiano, a que mais ouço é sinalizante. Perguntei para alguns colegas surdos qual seria a nomenclatura mais apropriada, e a maioria respondeu-me “sinalizante”. Por isso, nessa dissertação usei essa palavra para referir-me aos surdos usuários da língua de sinais. Como me disse Ronaldo Gonçalves de Oliveira, amigo e professor de português do INES, em comunicação pessoal, “esse é um caso que o próprio uso vai fazer a língua optar por um dos dois termos, mas por enquanto isso está sendo gestado por ela”.

Única história ou história única? Há uma ambiguidade aí. Se colocarmos o adjetivo antes da história, teremos uma só história carregando o sentido de uma história pré-concebida. Escolhemos, neste texto, continuar usando este adjetivo, mas posicionando-o de uma outra maneira. Se é “única”, é em um outro sentido, de singular. Propomos uma tomada de posição: histórias únicas em detrimento das únicas histórias. (2015, p. 15)

*Assim, também apostamos nas histórias únicas, que possam fazer proliferar outras maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo, produzindo uma visão do mundo diferente do que uma única história, hegemônica, produz, entendendo com Marcia Moraes e Alexandra Tsallis que*

A escrita na ciência está longe de ser o simples relato dos resultados de uma pesquisa. Ela é antes, uma forma de povoar o mundo. Uma forma de fazer mundo. (2016, p. 44).

*As histórias caem no papel em sua maioria na primeira pessoa (eu/nós). São pessoais, mas não individuais. São pessoais no sentido que Vinciane Despret e Isabelle Stengers constroem no tópico “o pessoal é político” do livro *As fazedoras de história* (2011). Não intentamos falar da interioridade de um eu, tampouco contar uma anedota para divertir o leitor, e seria bom que as histórias não parecessem meros exemplos para ilustrar a teoria. O pessoal torna-se político na medida em que*

estes pedaços de história façam sentido para os outros. (...) Poder sentir e dizer junto: ‘isso importa’ (DESPRET; STENGERS, 2011, s/p)<sup>20</sup>.

[Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 27-28)]

As histórias que contamos nessa tese têm origem de três movimentos: o movimento de rememoração de histórias vividas junto à comunidade surda; o movimento

---

<sup>20</sup> Original em francês, com tradução (não publicada) para o português feita pelo Grupo PesquisasCOM. A citação está sem página, mas é possível encontrá-la no tópico 6 (O pessoal é político) deste livro.

de errância, que se desdobrou no mapa, sobre o qual falamos anteriormente; e o movimento de acolhimento de histórias. O primeiro e o segundo falam de histórias vividas por mim, Lucila, na busca de me conectar com as pessoas surdas, na busca de criar um corpo para melhor ir na direção dessas pessoas, no desejo de uma composição com as diferenças. O terceiro movimento, de acolhimento de histórias, foi feito primeiramente por mim, como um piloto de pesquisa, e em um segundo momento<sup>21</sup> por nós, as coletoras de histórias, co-pesquisadoras nesse processo de doutoramento, em conversas com pessoas surdas e ouvintes que habitam o pluriverso surdo.

Há muito mais histórias dentro desses movimentos do que as que pudemos trazer para esse texto. Ainda que não tenha sido possível trazer todas as histórias para cá, somos muito gratas a todas as pessoas que as compartilharam conosco. Por isso, estão todas incluídas no tópico “Quem são as contadoras de história?” mesmo que eventualmente não tenhamos usado a história de alguma delas.

O processo de manejo do material propiciou que algumas das histórias caíssem nessas páginas, e é a partir delas que vamos dialogar, sempre seguindo na direção de “contar histórias, povoar o mundo” (MORAES; TSALLIS, 2016).

---

<sup>21</sup> Pesquisa registrada e aceita pelo Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil, sob o número CAAE 52317421.0.0000.5243.

## **BOLSA DO PLURIVERSO SURDO**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/4DzLbnGvIeY>

**Resumo em português:** O tema dessa bolsa é o pluriverso surdo. É um conceito que começou a ser pesquisado e inventado na dissertação de Mestrado, e agora nessa tese de doutorado, pode ser mais desenvolvido e mais aprofundado, um pouco. Também apresentamos o sinal de pluriverso surdo, criado na equipa de pesquisa pelas 3 mulheres surdas sinalizantes, que me deram o sinal de presente.

*Durante meu trabalho, no cotidiano e no processo de pesquisa, encontro-me com o pluralismo de pessoas surdas, de discussões, de posicionamentos políticos que compõem a surdez enquanto campo.*

Pluralismo de culturas, sim, das ideologias, das opiniões, dos sentimentos, das religiões, das paixões, mas também pluralismo das naturezas, das relações com os mundos vivos, materiais e também com os mundos espirituais. (LATOURE, 2011, s/p).

*Trata-se do entendimento de que, se o pluralismo é inerente, precisamos poder diferir. Mais que isso, podemos apostar na construção de um mundo comum em que as diferenças importem.*

Se nós colocamos de lado o que nos separa, não há nada que nos resta para colocar em comum. O pluralismo fere muito profundamente. O universo é um pluriverso (James). (LATOURE, 2011, s/p).

*É à surdez enquanto pluriverso que nos referimos quando usamos a palavra como substantivo. (Trecho da tese pré qualificação, fevereiro de 2021).*

Um modo de habitar esse pluriverso na direção da construção do comum é buscando produzir composições. Para a composição, precisamos nos misturar, desmanchar um pouco do que há em nós, borrar com um pouco do que há no outro. Isso não significa buscar uma igualdade, apagando nossas marcas e nossas diferenças. E sim

entender que é com a diferença que é possível compor. A composição é frágil, provisória e potente. Uma forma de construir um mundo comum, temporária, pois que sempre será momentânea, e se dará em um trabalho sem fim. Que demanda disponibilidade e presença. Tal ideia, trabalhamos na dissertação, intitulada “Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez” (SILVA, 2018).



**Imagem 17:** “Composição”, em escrita de sinais (SignWriting), feita pelo prof. Sinésio Filho.

Porém, a palavra surdez é entendida pela comunidade surda sinalizante como um signo que remete à versão biomédica onde a surdez é tida como uma doença que precisa ser reabilitada para que o sujeito se aproxime o máximo possível da corpronormatividade (MELLO, 2016) ouvinte – ação criticada como ouvintismo (SKLIAR, 1999; 2005; MARTINS; KLEIN, 2012). De tal modo, a partir de novos encontros, como o que mencionamos anteriormente com a professora Francielle na banca de doutorado, nosso uso da palavra “surdez” – ainda que justificada como uma torção e o uso da palavra como substantivo – foi tensionado, e não estava chegando aos nossos interlocutores de maneira precisa. Seguindo a proposta da composição, de desmanchar o que há em nós e borrar com o que há no outro, entendemos que se pesquisamos COM a comunidade surda sinalizante é importante não usar uma palavra que remeta à perspectiva biomédica que tanto nós, pesquisadoras, como a comunidade com a qual pesquisamos, discordamos.

Ao sermos interpeladas com a crítica ao uso da palavra surdez, passamos a repensar também o termo que viemos usando na dissertação, o pluriverso da surdez.

Como usar um termo que possa ser semanticamente acurado tanto em português quanto em Libras? Foi assim que começamos a pensar no conceito de pluriverso surdo.

Enquanto no pluriverso da surdez ambas palavras assumem o lugar de substantivo, duas palavras-nomes que se juntam, no pluriverso surdo, surdo é um adjetivo que dá característica, qualifica um nome (pluriverso).

O que é, então, pluriverso? Seguimos com a ideia de William James, a partir da leitura de Bruno Latour, conforme apresentada na dissertação de Mestrado.

*Então o esforço inicial do projeto de pesquisa era para pensar, se não em dois mundos, em um mundo comum, passível de habitação por surdos e ouvintes. Mas o processo de pesquisa nos fez refletir sobre a não existência desse mundo comum a priori. Assim como não há surdos a priori. O que nos levou a pensar que também não há ouvintes a priori. Não há um mundo a ser desvelado. Não vamos andar por aí e esbarrar em um espaço-mundo – ou transformar um dia o nosso mundo em um lugar – em que se conviva sem que as diferenças importem.*

O pluralismo está conosco para sempre. Pluralismo de culturas, sim, das ideologias, das opiniões, dos sentimentos, das religiões, das paixões, mas também pluralismo das naturezas, das relações com os mundos vivos, materiais e também com os mundos espirituais. (LATOURE, 2011, s/p).

*Não se trata de apagar as diferenças em nós. Para além das ideias estanques de surdo e ouvinte, queremos poder diferir, produzir diferenciação inclusive de nós mesmos. E queremos um mundo no qual a diferença interesse. Sendo assim, ainda que consigamos compor este mundo comum, ele não será um universo, mas um “pluriverso” (JAMES apud LATOUR, 2010, 2011).*

Nenhum acordo possível sobre o que compõe o mundo, sobre os seres que o habitam, que o habitaram, que devem habitá-lo. Os desacordos não são superficiais, passageiros, devidos a simples erros de pedagogia ou de comunicação, mas fundamentais. Eles ferem as culturas e as naturezas, as metafísicas práticas, vividas,

vivas, ativas. (...) Se nós colocamos de lado o que nos separa, não há nada que nos resta para colocar em comum. O pluralismo fere muito profundamente. O universo é um pluriverso (James). (LATOURE, 2011, s/p).

[Trecho da dissertação de mestrado (Silva, 2018, p. 68-69)].

O pluriverso, para nós, então, remete à possibilidade de pluralidades. Mais que da existência de pluralidades, remete à possibilidade de composição de mundos a partir dessa pluralidade, em que mais e mais pessoas caibam e possam existir à sua maneira, em suas singularidades. Para uns, pode parecer uma utopia. Mas nós entendemos que trata-se de uma prática cotidiana. O pluriverso é o que construímos como tal, nos encontros, nos discursos, nas relações. Não é universal – não pretendemos que seja, isso contraporia o próprio conceito. Assim como a composição (SILVA, 2018), é frágil, é localizado, demanda trabalho e é muito potente.

O pluriverso não é uma situação específica, mas um modo de ver e viver o campo (a vida) com outro posicionamento. A ideia de pluriverso surdo possibilita, então, inventar diferentes lentes.

E como é o pluriverso qualificado como surdo? Como é, então, o pluriverso surdo? Usamos o conceito de pluriverso surdo para nos referir à diversidade de subjetividades e encontros que compõem o campo, e das relações que ali emergem. Trata-se de maneiras singulares de se ser uma pessoa surda – como, por exemplo, oralizada, sinalizante, bilíngue, implantada, com AASI, filha, mãe, trabalhadora, estudiosa, militante, amiga, negra, indígena, trans, homem, mulher, brasileira, de diferentes classes sociais, com diferentes interesses, com diferentes e singulares histórias. Trata-se, também, de encontros e maneiras de se relacionar entre pessoas surdas e pessoas ouvintes, bem como de pessoas surdas entre si, sejam elas falantes de língua de sinais ou não. Abarca, ainda, profissionais que estão envolvidos na atenção à pessoa surda – psicólogas, fonoaudiólogas, audiologistas, intérpretes de Libras/Português, professoras, e qualquer profissional que se abra a este encontro. Contém os múltiplos discursos que atravessam o campo – oralismo, bilinguismo, modelo biomédico, modelo socioantropológico, modelo social da deficiência. E tem também algo mais que vamos descobrindo no caminho.

## **BOLSA DO ACOLHIMENTO DE HISTÓRIAS**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/Y1HP728aUZ4>

**Resumo em português:** O tema dessa bolsa é o acolhimento das histórias. Ela apresenta a metodologia prática, como aconteceu o passo a passo da pesquisa. Foram 3 momentos, que são explicados nessa bolsa.

Do desejo de ouvir e contar outras histórias, surge o “Me conta uma história?”. Se o que nos move é a vontade de ouvir/ver, conhecer, novas histórias, porque não pedir? Pedir para contarem. De que maneira?

Para responder essa pergunta, precisamos contar que esse método acabou se desdobrando em 3 momentos de pesquisa. Ele foi idealizado antes da qualificação do doutorado, que ocorreu em fevereiro de 2021. Ali, montamos o piloto 1 de pesquisa e convidamos algumas pessoas a nos contarem histórias. Também iniciamos o processo de contemplar essas histórias, puxando alguns fios e conversando sobre elas com o grupo PesquisadorCOM e com a banca na qualificação do doutorado. Esse foi o primeiro momento e primeira etapa. A ideia era que após a qualificação pudéssemos acolher mais histórias, do mesmo modo, e montar uma equipe que estivesse junto conosco para olhar essas histórias. Porém, os encontros que a vida nos traz convidam também a repensar as nossas ações. E em um desses encontros, refletimos: se essa equipe vai estar junto da contemplação das histórias, porque não participar também do acolhimento delas? E foi assim que se reuniram as coletoras de histórias, uma equipa de mulheres que, para além de apoiar no processo de acolher e olhar para essas histórias, se tornou coletivamente a própria pesquisadora, a sujeita-coletiva pensante dessa pesquisa. E assim surgiram o segundo e o terceiro momento desse método: o piloto 2 de pesquisa e a efetivação dela.



## **Primeiro momento: Piloto 1 – Banquinha de histórias – para acolher histórias**



**Imagem 18: “Escuto história de amor”**

Captura de tela do clipe da música “Só sei dançar com você”, de Tulipa Ruiz. Disponível em: <https://youtu.be/JO3wqLoFeNo>

Nesse primeiro momento, fizemos um vídeo em Libras convidando pessoas surdas (falantes de Libras ou não) e ouvintes bilíngues (falantes de Libras) a contar histórias. Montamos um roteiro apontando 4 temas sobre os quais nos interessava ouvir.

Construímos um instrumento bilíngue no Google Forms (aplicativo de elaboração de formulários do Google). No formulário estava o roteiro inicial e as autorizações de uso das histórias. As pessoas poderiam enviar suas histórias por texto ou vídeo, anexando os arquivos no formulário ou pelo WhatsApp ou e-mail. Era um instrumento que propiciava que as pessoas enviassem suas histórias em seu próprio tempo, de forma assíncrona, sem marcarmos um momento síncrono de conversa ou interação. A ideia inicial era que a pesquisa também fosse feita da mesma forma. O vídeo seria divulgado nas redes sociais, junto com um formulário de autorização para uso das histórias e da imagem. As histórias que fossem chegando formariam um banco de dados e, aos poucos, seriam analisadas (entendendo que talvez o tempo do doutorado não daria conta de analisar tudo).

Para o piloto 1, enviamos esse formulário para 6 amigas e 1 amigo responderem. 3 mulheres surdas, 2 mulheres CODA<sup>22</sup>, 1 mulher ouvinte e 1 homem ouvinte. 5 pessoas responderam, sendo 2 textos em português e 3 vídeos em Libras, que traduzimos para o português escrito.

Com as respostas a esta pesquisa piloto inicial, e na qualificação, junto com a banca, pudemos reavaliar o instrumento de pesquisa – o formulário como um todo e o roteiro do vídeo para pedir as histórias, mais especificamente. Agradecemos a sugestão da professora Alexandra Tsallis na banca de qualificação para o novo roteiro: a apresentação da pesquisa e o pedido simples: “Me conta uma história que você ache que tenha a ver com essa pesquisa?”

Ainda assim, foi muito interessante ver e ler as histórias que nos chegaram em Libras e em português nesse primeiro piloto, puxar alguns fios para estar com elas e compartilhar isso com a banca, e anteriormente com o grupo PesquisarCOM. Trouxeram perspectivas inesperadas de entendimento do campo, e reafirmaram algumas impressões que já nos acompanham.

### **Segundo momento: Piloto 2 – Experimentando uma nova versão da pesquisa**

Em um segundo momento, começamos a conversar sobre a metodologia de pesquisa. E o primeiro ponto que me foi questionado pela equipa foi como faríamos para manejar com o tempo e conteúdo das histórias. Explico: havia uma preocupação (que eu anteriormente não tinha tido) de que ao pedir as histórias através de um vídeo, e recebê-las através de formulário, poderiam chegar histórias super longas, ou super curtas, e com maior ou menor presença de detalhes que poderiam fazer diferença para o entendimento das histórias e para responder à pergunta central da pesquisa. Decidimos, então, que seria mais interessante ter conversas síncronas com as pessoas que convidaríamos para participar da pesquisa.

Não mais espalhar o formulário pelas redes sociais e aguardar que pessoas respondessem para montarmos um banco de dados. Até porque o CEP solicitou que para

---

<sup>22</sup> Sigla em inglês para o termo “Children Of Deaf Adults”. Em português usamos a mesma sigla, com o significado de “filhos ouvintes de pais surdos”.

se adequar à ética de pesquisa precisaríamos estipular um número fechado de participantes, podendo no final da pesquisa até ter menos, mas nunca mais que o número estabelecido. E determinou também que seria necessário enviar esse convite individualmente para cada pessoa que estivéssemos pensando em solicitar a colaboração. Mas para além das questões colocadas pelo CEP, pesou também o debate e o acordo em que chegamos entre nós, as coletoras, sobre qual seria o melhor processo para acolhermos as histórias que desejávamos ouvir. E para isso contou muito o desejo de interação com as participantes, de ouvir suas histórias e de poder intervir e perguntar mais coisas a elas, à medida que a curiosidade fosse atizada.

Equipa participativa! Construtora da pesquisa, de fato! Nada de só executar. Chegaram junto questionando e propondo e compondo. E transformando essa pesquisa e essa pesquisadora. Transformando-nos nessa sujeita-coletiva pensante, coletora e disseminadora de histórias.

Após essas conversas todas, começamos a reformular os instrumentos de pesquisa – o formulário do Google e o que antes seria roteiro para um vídeo, que virou roteiro para uma conversa síncrona online. Alteramos o formulário a partir do que a equipa pensou que seria relevante analisar enquanto perfil: será que as mulheres contariam histórias diferentes dos homens? A classe social interferiria? E a formação acadêmica? O formulário ficou composto então de 3 etapas: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Cessão do Uso de Imagem (TCUI) e a construção desse perfil. Assim como o primeiro, teve versões em português e em Libras. Mas diferente do primeiro, teve um belo design visual organizado com a equipa com o objetivo de ficar esteticamente mais agradável e menos cansativo de ler/ver.

Com o TCUI, perguntamos se as pessoas participantes dessa pesquisa desejavam preservar o anonimato (a não divulgação de seu nome, de sua imagem ou de informações específicas que poderiam levar a identifica-la). Das 18 pessoas participantes, 2 desejaram o anonimato. Sendo que uma delas mudou de ideia após ler suas histórias escritas na tese, e afirmou desejar ser nomeada. Com a outra pessoa que desejou manter o anonimato, pactuamos o nome fictício que gostaria que fosse usado na tese para representa-la.

Estando os instrumentos afinados, levantou-se a necessidade de fazer um piloto de pesquisa para avaliar se o formulário estava bom, ou muito extenso, ou confuso de

alguma maneira. Já havíamos falado do interesse de que todas participassem de todas as etapas – acolher e olhar para as histórias (e porque não, também da etapa de disseminá-las?). E como seria isso de entrevistar alguém para uma pesquisa acadêmica? Algumas ali já o haviam feito anteriormente, outras não. Decidimos então que o piloto também serviria de experimentação para ocupar o lugar tanto de entrevistadora/coletora de histórias quanto de entrevistada/contadora de histórias.

Tanto para o piloto quanto com as pessoas que fôssemos convidar, combinamos que faríamos a entrevista na língua de conforto da pessoa convidada, e que quem conduziria a conversa seria alguém que também se sentisse confortável naquela língua. Para isso, a equipa me solicitou um pequeno roteiro resumido de como conduzir a conversa. E assim fizemos uma rodada de conversas em cascata, nessa ordem: eu, Lucila, entrevistei Beatriz em português, que entrevistou Mairla em português, que entrevistou Giovana em Libras, que entrevistou Ana Carla em Libras, que me entrevistou em Libras.

Outro acordo que fizemos foi que eu, como pesquisadora responsável, estaria presente em todas as conversas, no piloto e pós piloto, assim poderia apoiá-las com presença, com a operacionalização da gravação e para tirar qualquer dúvida da coletora ou da contadora de história durante a conversa. Ou seja, ainda que eu estivesse presente em todas as conversas, uma das co-pesquisadoras seria responsável pela condução e pelo acolhimento da história. Vemos aqui o processo de experimentação de Beatriz como coletora de histórias em dois momentos. Em um primeiro momento, no piloto 2 montado com as coletoras, quando ela entrevistou Mairla.

### **Mairla, Beatriz e Lucila, 09/03/2022**

*Beatriz: Então, bom dia. Meu nome é Beatriz. Sou surda oralizada. Que mais que eu posso...? Eu fui convidada para participar desse projeto de pesquisa da Lucila. Que tá aqui presente. É um projeto interessante porque... eu também tô aqui pra aprender e tô te convidando pra contar uma história. O projeto fala sobre a convivência, né. Não é a convivência, não sei explicar... É... Sobre o... Ah, dá nervoso, pô. Você tá fazendo parte mas, pô...*

*Mairla: Dá nervoso mesmo!*

Beatriz: *Num dá?! Eu não me preparei, né. Mas... É pra contar uma história do que que você conhece sobre a comunidade surda. Ou se você já teve alguma convivência com surdo, assim, se tem alguma experiência, alguma história para nos contar sobre essa... É isso? Ou não? Tenho que falar mais?*

Lucila: *Isso. Exatamente. Sobre a relação entre as pessoas surdas e ouvinte, né.*

Beatriz: *Isso. A relação entre pessoas surdas e ouvintes. É, não é fácil não! Quer falar alguma coisa Mairla? Não fica muda não!*

E em um segundo momento, durante o processo de acolhimento de histórias após o piloto 2, em que Beatriz foi a coletora das histórias de Gislana.

### **Gislana, Beatriz e Lucila, 29/08/2022**

*Então, meu nome é Beatriz, eu sou surda, também. Surda, é... Deficiente auditiva, né, porque eu tenho um pouquinho de audição. 16% de audição. E... conheci a Lucila através de uma colega. Ela me convidou pra participar, eu aceitei e aí hoje ela me convidou pra participar da entrevista contigo. (...) Gislana, olha só, ela me botou nesse papel, mas eu não sou uma pessoa que tenho prática de fazer isso, sabe? É minha primeira entrevista? Eu acho, né, eu nunca fiz. Eu fiz, já, uma entrevista? (...) Eu fiz um treinamento, né, pra vivenciar. Com você e com, é... O que que a Lucila me convidou? Ela me convidou pra fazer parte do doutorado dela, aí a gente teve umas reuniões pra conhecer quem ia fazer parte da equipe. E aí ela queria que a gente contasse uma história de relação entre surdos e ouvintes. E... Só pra quebrar o gelo, eu vou te contar uma pequena história que eu vivenciei quando eu conheci um grupo de pessoas cegas.*

Foi bacana ver a saída que Beatriz construiu para o que ela chamou de nervoso e falta de experiência em conduzir a entrevista. Ela começou a colheita de histórias com Gislana, que é uma mulher cega, compartilhando uma história que ela mesma, Beatriz, vivenciou com pessoas cegas.

Após todas essas conversas piloto realizadas entre os dias 07 e 16/03/2022, nos reunimos no dia 18/03/2022 para avaliarmos como cada uma se sentiu durante esse processo.

Nesse piloto fizemos 5 entrevistas-conversas-contação de histórias com o total de aproximadamente 1h50min. 38 minutos em português que foram traduzidos para Libras e 71 minutos em Libras que foram traduzidos para o português oral. Os vídeos foram editados para inserir janela de Libras nos primeiros, áudio nos segundos e legenda em todos. No tempo, dinâmica e financiamento possíveis da pesquisa, fiz essas traduções e edições por conta própria e sem revisão.

A intenção era que todas nós pudéssemos acessar todas as conversas gravadas em nossas línguas de conforto e assim pudéssemos olhar para elas juntas e perceber se havia algum ajuste necessário de fazer (seja no formulário seja nas conversas) para que enfim pudéssemos realizar as conversas com as pessoas convidadas e pedir para que elas nos contassem histórias sobre o tema da pesquisa. Na prática, cada uma conseguiu assistir apenas algumas das conversas. Ainda assim, realizamos duas reuniões em abril de 2022 para fazermos juntas uma pré-contemplação do material.

### **Terceiro momento: acolhendo mais histórias**

Então nós, coletoras de histórias, montamos em julho de 2022 uma lista inicial de 21 potenciais convidadas e convidados. A ideia era que cada coletora pensasse em alguns nomes para convidarmos, buscando indicar pessoas com marcas diferentes – de gênero, raça, classe e nível escolar. Ao fim, entre 25/07/2022 e 11/09/2022, realizamos 9 entrevistas com convidadas e convidado que chegaram a partir de interesses comuns e afinidades. Esse material, com conversas tanto em português oral como em Libras, rendeu aproximadamente 5h15min brutas. Não realizamos a tradução e edição total desse material, mas grande parte das conversas em Libras foram traduzidas diretamente para o português escrito, para compor essa tese.

Teve algo muito interessante nesse processo de indicação, convite e condução das conversas. Como já havíamos combinado de que a conversa seria realizada na língua de conforto da pessoa convidada por quem de nós também se sentisse confortável naquela língua, no momento de indicar nomes, na primeira lista com 21 pessoas, vi que a equipa não se preocupou em indicar como potencial convidada uma pessoa que falasse a mesma língua de quem estava indicando. Porém, conforme o processo de pesquisa se desenrolou,

na prática a mesma pessoa que indicou certo nome foi quem fez o convite e conduziu aquela conversa. Não foi de propósito. Mas fez uma baita diferença!

### **Mairla e Lucila, em conversa após as entrevistas com Camila e Elaine, 19/08/2022.**

Mairla: *E é engraçado, quando a gente tava conversando tanto com Camila quanto com ela [Elaine], eu pensei, eu, eu... Às vezes eu me questionava: 'Por que que a Lu não faz essas entrevistas sozinha, né?'* Eu passo o nome da pessoa, você vai lá, marca e faz. [Mas] *Ia ser outra pesquisa se fosse sem a presença de quem convidou!*

Lucila: *Totalmente! O fato de você conhecer as pessoas – Elaine, Camila... – faz com que possa trazer histórias diferentes, puxar coisas que eu nem pensaria em puxar, por já conhecer anteriormente.*

Mairla: *E essa ideia foi sua ou foi da Marcia?*

Lucila: *Minha, mas não foi de propósito, não. Foi só porque eu gosto de fazer as coisas junto, mesmo!* [Risos]

Mairla: *Então eu esper... eu imagino que isso vá aparecer na tese, explicando... Eu acho que você tem que dizer justamente isso, sabe? Porque eu acho que fazer pesquisa assim é muito mais desafiador. Mas ao mesmo tempo eu acho que floresce muito mais coisa.*

Havia uma relação anterior entre a co-pesquisadora e a convidada que possibilitava que a coletora fizesse perguntas que eu, pesquisadora responsável, nem imaginaria, e também algum afeto positivo tinha ali que levava a convidada a aceitar o convite. Isso fica explícito na fala de uma pessoa que Beatriz convidou.

### **Helena<sup>23</sup>, Beatriz, Mairla e Lucila, 03/09/2022**

Lucila: *A Bia tá participando hoje porque ela que te convidou, então tem conexão, parece que mais intimidade...*

Helena: *É! A Bia me chamou, chamou 1, 2, 3 vezes, me procurou várias vezes, mas eu sempre pedia desculpas, porque estava ocupada com o trabalho, ter um tempo*

---

<sup>23</sup> Nome fictício escolhido pela participante, como uma homenagem à guerreira da mitologia grega Helena de Tróia. Para Helena, essa personagem representa sua própria história de luta e suas origens italianas.

[livre] *é difícil. Também não conheço você [Lucila], não é verdade? Nunca te vi. A Bia me falou que você sabe Libras, que é psicóloga do INES...* [faz cara de desconfiada]. *Eu imaginei que você era nova, que entrou no concurso de 2014, certo?* [Lucila responde: 2013]. *Ah, 2013. Então, é nova! Porque eu conheço psicólogas, conheço professoras do INES, antigas lá, mas novas como você, não conheço. Por isso eu fiquei na dúvida [se participava da pesquisa], mas a Bia me pediu várias vezes e eu aceitei.*

Essa foi uma conversa diferente, pois participamos 3 coletoras de história – eu, Beatriz e Mairla – especialmente porque a contadora de histórias é oralizada mas fala prioritariamente em Libras, e a Beatriz não tem tanta fluência em Libras. E foi interessante também perceber em como dentro da comunidade surda naturalizamos o fato de as pessoas surdas confiarem mais em quem tem esse “selo de aprovação” da comunidade ou de alguma outra pessoa surda. A gente só se deu conta disso quando Mairla, conversando com uma colega do instituto onde trabalha, contou sobre essa conversa, e sua colega ouvinte estranhou muito.

#### **Mairla e Lucila, em conversa no dia 30/11/2022.**

*Mairla: A ideia daquela pesquisa engessadinha, que você prevê tudo, ela inexistente. Por exemplo, eu lembro daquela mulher que eu entrevistei que quem indicou (...) foi a Bia. E ela disse assim pra gente: ah, eu só aceitei... como a Bia é surda também, eu só aceitei porque era uma surda validando as duas ouvintes. (...) E eu lembro que comentei isso com (...) aquela minha colega de trabalho, e ela ficou chocada, assim, sabe? Pra ti ver, como é interessante, né, a perspectiva de um ouvinte que ainda não amadureceu pra entender as questões culturais, né, dessa "desconfiança" que o surdo tem no ouvinte que ele não conhece. Mesmo sendo bilíngue, mesmo sendo do INES, mesmo sendo psicóloga, mestre, pesquisadora... Mas precisa da validação do par, mesmo ela entendendo que esse par é mais deficiente auditivo do que identidade surda. Né? Que interessante?*

*Lucila: E que não é acadêmica, não é pesquisadora... O que a gente, como ouvinte consideraria credencial o suficiente pra validar não valeu nada pra ela.*

*Mairla: Aham, aham! E isso é muito, muito comum, assim. (...)* [Mairla conta da experiência de uma amiga dela, Ana Paula Jung, que pesquisou no mestrado sobre o início da profissão de intérpretes (JUNG, 2022), entrevistou algumas pessoas mais antigas na



comunidade surda e nessa profissão, e na banca estava André Ribeiro Reichert, que é bem conhecido, atuante e liderança na comunidade surda] *E aí ele tava na banca e falou que observa que as narrativas [da dissertação de Ana] explicam justamente um período em que pro ouvinte... Ele [o intérprete] era uma pessoa que acompanhava o surdo onde quer que o surdo fosse, né, então tinha que ser uma pessoa muito da confiança, diferente de hoje que você tem uma pessoa lá que (...) pode ser 'qualquer um'. E aí ele faz um contraponto dizendo que lá naquela época é como se – e principalmente porque esses intérpretes atuavam muito com os líderes surdos – e aí é como se eles [os intérpretes] ganhassem um greencard, foi o exemplo que ele deu. Então, ó, se você ganhou o greencard da comunidade surda ou daquele líder surdo você tem, tipo um selo de, ah...*

Lucila: *Selo de validação!*

E essa conexão entre co-pesquisadora e convidada levava não apenas ao aceite do convite, e sim, também, a se sentir à vontade para conversar e contar suas histórias de um lugar que na maioria das vezes era de bate papo.

Então assim seguimos, acolhendo histórias e guardando-as na nossa bolsa, para com elas povoar e ficcionar mundos. (LE GUIN, 1986/2021; MORAES & TSALLIS, 2016; HARAWAY, 2016)

Após acolher essas histórias, traduzi-las e montá-las na primeira versão dessa tese, enviamos às participantes para que pudessem ler e porventura corrigir algum erro de entendimento ou tradução. Tivemos algumas respostas nesse sentido, e incorporamos as revisões das participantes na versão final da tese.

## **BOLSA DE PERCURSOS DA ERRÂNCIA (OU BOLSA DO MAPA)**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/MGrZZfDvxhY>

**Resumo em português:** Essa é a bolsa de percursos da errância, ou bolsa do mapa. Nessa bolsa, contamos histórias que eu, Lucila, vivi e experienciei na direção de tentar organizar meu corpo para conseguir me expressar melhor e ter uma maior conexão com as pessoas surdas. Temos várias histórias, mas não cabiam todas na tese, então escolhemos contar aqui 3: curso de contação de histórias; dança afro; e argumentos corporais, que significa o que nós acumulamos no corpo que nos dá condições de inventar estratégias para nos expressarmos usando o corpo.

### **Contação de histórias**

Em 2018, após defender a dissertação, fui apresentá-la em Libras no “Integrando Saberes” do INES. Convidei Ildete para assistir. Antes de fazer parte dessa equipa de pesquisa, eu e a Hil (apelido carinhoso pelo qual Ildete também é conhecida) nos conhecemos no final de 2017 / início de 2018, em um curso preparatório para pessoas candidatas ao Mestrado pela política de ação afirmativa organizado voluntariamente por estudantes que cursavam ou tinham concluído a pós graduação em Psicologia da UFF. Nos tornamos grandes amigas e companheiras de estudos, e foi assim que surgiu o convite para ela assistir à essa apresentação. Ao final, perguntei sua opinião. Ela, que é bem sincera e direta, disse que foi ok, mas que ainda havia muito a melhorar na minha Libras. Fez uma crítica construtiva especialmente à minha maneira de contar histórias em Libras, apontando que era necessário que eu usasse melhor o corpo no espaço, as expressões corporais e faciais para produzir interesse no público surdo e prender a atenção deles na minha história. Comentário extremamente relevante, principalmente ao considerar que trabalhei metodologicamente com narrativas e contação de histórias na dissertação.

No mesmo dia, já em casa, Hil propôs uma brincadeira-prática. Ela lançava algumas cenas que eu precisava montar e mostrar em Libras, usando poucos sinais e

usando principalmente classificadores<sup>24</sup> e estando mais atenta às expressões não manuais. Cenas como: conversa entre 3 pessoas; uma aventura em um barco que passava por correntezas, calmarias e cachoeira; etc. Ela ia dando as seguintes orientações: “para apresentar tais cenas, não pense nos sinais frios, isoladamente”. “Esqueça dos sinais, pense com o corpo!” “O corpo precisa falar, precisa se conectar.” Segundo Ildete, nesse exercício-brincadeira

[...] [você, Lucila] precisava perceber a influência que as suas sensações, as suas emoções, os seus pensamentos e as suas atitudes exerciam sobre o seu corpo, fazendo-o se comunicar. Tinha como proposta, possibilitar a sua liberdade de criação e o seu compartilhamento de suas experiências, e desta forma, permitir processos de subjetivação (modos de agir, de sentir, de dizer o mundo) e relações de alteridade ali naquele momento (você ouvinte e eu surda). (Comunicação pessoal, 08 de outubro de 2020).

A partir daquela interpelação, buscando aprofundar-me na língua de sinais, procurei cursos de contação de história em Libras. Durante uma tarde, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB/RJ), encontrei Augusto Machado<sup>25</sup>. Augustão, como é conhecido, contava histórias em Libras para crianças ouvintes entre 3 e 7 anos e seus pais. Eu o assisti por aproximadamente 40 minutos, maravilhada com o fato dele conseguir prender a atenção das crianças pequenas por tanto tempo e em uma língua desconhecida para elas. Conversando com Augustão após o evento, perguntei se ele conhecia e recomendava algum lugar em que eu pudesse aprender e praticar a contação de história em Libras. Infelizmente ele não conhecia, porém me indicou o processo que ele mesmo

---

<sup>24</sup> Classificadores são formas de mostrar, visualmente, como é alguma coisa ou passar a experiência de uma situação. Segundo Castro e Quadros, citados em diversas apostilas de Libras, eles “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados.” (2006, p. 71).

<sup>25</sup> Augusto Machado dos Santos é pedagogo, atuou como estagiário arte-educador no CCBB/RJ e atualmente é professor de Educação Básica e mestrando no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) na UFF.

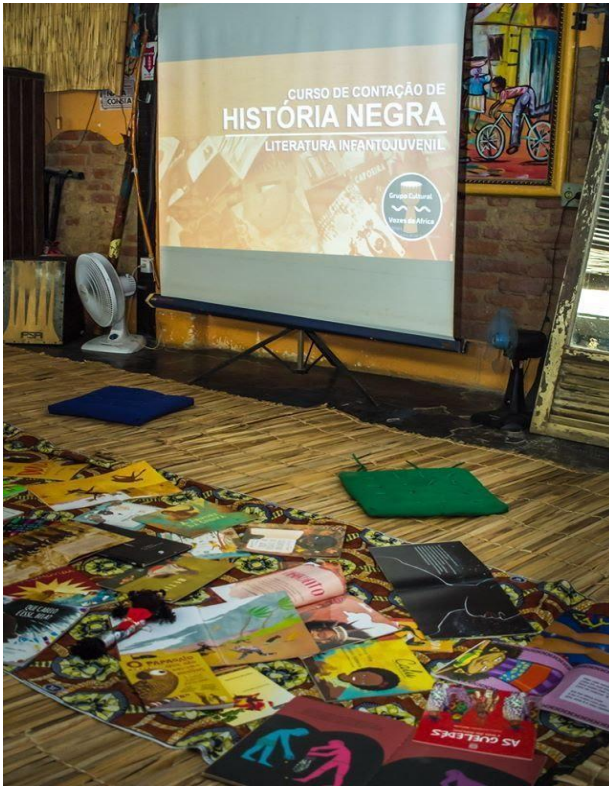
fez. Começou a treinar contar histórias, no início por 5 minutos, depois 10, e assim gradativamente foi aumentando até chegar àquele momento em que conseguia fazer um evento com 40 minutos de contação e interação com as crianças que o assistiam. Sugeri-me fazer uma página no Facebook ou Canal no YouTube para tal prática (que eu ainda não fiz, mas quem sabe um dia?).

Não encontrei um curso de contação de histórias em Libras, mas no começo de 2019 encontrei o “Curso de contação de histórias e literatura negra infantojuvenil”, ministrado por Sinara Rúbia<sup>26</sup>, que trazia como conteúdo discussões sobre a produção literária protagonizada por pessoas negras. Trabalhamos nos cursos o contexto literário atual, o/a griô, ancestralidade, pertencimento, representatividade, comunidade, matriz de pensamento africano e afro-brasileiro. Conhecemos livros infantojuvenis diversos que muitas vezes não se encontram nas grandes livrarias (o que é uma questão), escritos, ilustrados por pessoas negras, com personagens negras que podem trabalhar com o público alvo (crianças e adolescentes) uma série de questões e discussões antirracistas, com representatividade e representação negra para tal.

Após o curso, fomos convidadas a integrar o Grupo UJIMA, um grupo de contadoras de histórias infantojuvenis negras egressas do curso, criado em 2017. Tem como objetivo a disseminação de literatura infantojuvenil negra, com protagonismo negro, de autoria negra, seja texto ou ilustração, e nesse processo atua também como espaço de formação continuada para profissionais em especial da área da educação – mas não exclusivamente.

---

<sup>26</sup> Sinara Rúbia Ferreira é contadora de histórias, educadora, escritora, ativista, pesquisadora nas áreas de Literatura Infantojuvenil Negra e Contação de Histórias de Inspiração Griô e mestranda em Relações Étnicas Raciais pelo CEFET/RJ.



**Imagem 19: Curso de contação de histórias negras infantojuvenis.**

Foto em grande plano mostrando o ambiente da aula inaugural do curso. Fotografia de Pam Nogueira (@pamnogueirafoto) retirada de uma página de um grupo fechado do Facebook.

A partir desta base e discussões citadas, no curso aprendemos e praticamos a contação de história. Eu tinha como referência uma experiência de 15 anos com um grupo de teatro espírita. Porém o trabalho de atuar e de contar histórias é bem diferente. No processo do teatro também trabalhamos muito o corpo no espaço, sendo este o palco. Na contação de histórias, o trabalho corporal leva em conta uma posição do público menos como espectador e mais como interativo. Só que o público infantojuvenil tem um modo de interação que pede certo manejo para que eles possam participar e contribuir com as histórias, mas ao mesmo tempo para que a/o contador/a possa conseguir chegar ao fim da história sem perder a atenção do público. Um trabalho corporal que leva em conta o outro, e mais que isso, que vai na direção do outro.



**Imagem 20: Contação de histórias 1**

Fernanda Araújo veste-se representando Oxum, e conta a história “Oxum e seu mistério”, do livro “Omo-Oba: histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira (2009). Uma menina encara o abebé (espelho de Oxum) séria e profundamente. Fotografia de Bárbara Dias (<https://www.facebook.com/diasb83>) retirada da página pública do Grupo UJIMA no Facebook (<https://www.facebook.com/grupoujima/>).

Através da contação de histórias, experimentei a potência do corpo no espaço para a comunicação. Uma das ações do grupo UJIMA é levar a contação de histórias infantojuvenis de referência negra para escolas, preferencial e majoritariamente as periféricas e da rede pública de ensino. Nas escolas, atendíamos várias turmas em cada turno de trabalho voluntário. Na foto abaixo (imagem 19), havia no espaço aproximadamente 55 crianças entre 6 e 10 anos. Nesta escola, contamos as mesmas duas histórias 3 vezes seguidas, em uma tarde, alcançando aproximadamente 170 crianças.

As crianças sentavam-se de preferência em roda, ou meia lua. Ocasionalmente era em disposição de plateia, dependendo do espaço oferecido pela escola para a realização da contação. De início, já convidamos as crianças a interagirem com as histórias, fazendo algumas perguntas, convidando a alguns movimentos e falas conjuntas. Para fazer isso de forma em que elas não fiquem dispersas e percam o conteúdo, o uso do corpo e da expressão corporal para dar contorno à experiência é essencial. Na fotografia a seguir (imagem 19) podemos perceber como as crianças toparam o convite, indo junto com nossa expressão corporal (das contadoras), contribuindo assim para que aquela história produzisse um comum entre contadoras e escutadores e se tornasse nossas (de todos os presentes) histórias.



**Imagem 21: Contação de histórias 2**

Da esquerda para a direita: Maíra Oliveira, Cristiane Kairalla, Luciana Soares da Silva e eu, Lucila Lima da Silva, contamos as histórias “O baobá” e “O tambor”, do livro “O mar que banha a Ilha de Goré”, de Kiusam de Oliveira (2014). Fotografia de George Ferreira (@rootsgege) retirada da página pública do Grupo UJIMA no Facebook. (<https://www.facebook.com/grupoujima/>)

Nos processos de formação através do curso de contação de histórias e dos circuitos do UJIMA, levando em conta a interação e a possibilidade de produção de comuns, exercitamos estratégias para modular a voz e o corpo no espaço. *Um corpo que não hesita em se posicionar na direção do outro, de maneira articulada, expressiva, e que conecte.*

Fui buscar o curso de contação de histórias, como aconselhado por Ildete, com o objetivo de ter mais fluência em Libras. O curso não trouxe isso, diretamente. Porém, trouxe muitos conhecimentos importantes, dentre os quais a força de se contar outras histórias para se criar novas referências e referenciais de vida (no caso, negras, para crianças negras – mas podemos expandir essa ideia para as crianças e adolescentes surdos) indo ao encontro da proposta de Chimamanda Adichie (2009) de contar histórias únicas em vez de única história; o olhar para a ancestralidade, para os mais velhos (griôs); a oralidade como forma de transmissão de conhecimento – e no pluriverso surdo a (corp)oralidade<sup>27</sup> (LEITE, 2019) é muito comum também, já que Libras tem versão escrita recente e pouco popularizada, e a pessoa surda sinalizante transmite seus conhecimentos principalmente pela língua de sinais. Em especial, esses processos de formação me fizeram experimentar e valorizar a importância/presença do corpo na contação de histórias, o que ajuda muito na fluência da Libras, que se aprimora a cada vez que se adquire mais argumentos corporais (ideia que trabalharemos um pouco mais a frente).

Esse corpo construído para a contação de histórias é um corpo disponível para se conectar. Havia, ao participar do curso de contação de histórias e do grupo UJIMA, uma disponibilidade para a conexão com o outro – e mais que isso, uma busca por essa conexão. Esse corpo que se constrói, ora paulatina ora subitamente, parece buscar criar “tentáculos” (como me disse Hil) para o processo de comunicação e relacional.

---

<sup>27</sup> Tarcísio Leite, professor da UFSC, discorreu sobre o conceito de (corp)oralidade em palestra no Fórum do INES (disponível em <https://youtu.be/XBeHgXNn0SM>, acesso em 10/12/2020). A ideia é que a oralidade é sempre acompanhada de um corpo, seja em línguas orais ou em línguas de sinais. A (corp)oralidade é a “situação concreta da interação presencial, face a face, o habitat primordial da linguagem humana”. E a pandemia vem nos mostrar que a interação presencial se faz também de modo remoto (online, virtual).



Eu lembro que *tentáculo* vem do latim *tentaculum*, que significa “aquele que sente”, e *tentare*, que significa “sentir” e “tentar” (...). Os seres tentaculares produzem apegos e desapegos; eles fazem cortes e nós; eles fazem a diferença; eles tecem caminhos e consequências, mas não determinismos; eles são ambos abertos e atados de algumas maneiras e não de outras. (HARAWAY, 2016, p. 31, tradução livre, grifos da autora).

### **Dança afro**

No contexto que ia se desenrolando, dentro da contação de histórias – e a partir de encontros que buscamos como que despertados para algo que sempre esteve ali mas nunca tomou relevo – foi crescendo em mim a necessidade de fazer alguma atividade física. Desta vez não para moldar meu corpo aos padrões estéticos do ideal de magreza da nossa sociedade, mas para retomar uma conexão e consciência corporal que, no dia a dia, corre riscos de ficar relegada.

Após o curso de contação de histórias, que aconteceu em janeiro de 2019, vejo que estavam abertas as inscrições semestrais para as atividades na Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (CoArt/UERJ), que incluíam várias modalidades de atividades corporais. Como um personagem de desenho animado que “voa” atrás do cheiro de torta quentinha na janela (e essa imagem me lembra muito o sinal de “atrair” em Libras), segui o desejo de inscrever-me na aula de Dança Afro.



**Imagem 22: atração.**

**Vídeo: sinal em Libras de “atrair”:** <https://youtu.be/Uk1r7PWuZ90>

A dança afro, como guiada pela professora Eliete Miranda<sup>28</sup>, veio junto com muitos ensinamentos. Suas aulas envolvem momentos de danças individuais, e outras coletivas; ela ensina técnicas e também mostra os conceitos e imagens afro-centrados que acompanham os movimentos, que assim vão adquirindo sentidos, e não se tornam apenas repetição. Além da aprendizagem de técnicas de dança afro, há também exercícios de produção e expressão.

Dançar passou a ser, sob o olhar e a batuta da mestra, singularização. Eliete não julgava movimentos como certo ou errado – ainda que seja bem rigorosa com relação ao ritmo e à nitidez que os gestos precisam ter para comporem uma estética. O que ela nos pede é comprometimento e seriedade com a dança, com ela e conosco mesmos. O tipo de seriedade que pode ser lúdica também, mas que não esqueçamos a política que fazemos, ali naquele espaço, da nossa existência. E assim iam se descortinando uma série de “nós”, cheio de “eus” que deslocavam-se de si sem se perder (ao contrário, encontrando-nos conosco mesmos muito mais).

---

<sup>28</sup>Eliete dos Santos Miranda é uma mulher negra baiana sexagenária de uma potência ímpar. Seu olhar atravessa as pessoas. Suas expressões faciais e seus movimentos corporais são belíssimos. Ela é, entre tantas outras coisas, dançarina, professora, pesquisadora, atriz, preparadora corporal. É possível encontrar um pouco de sua história na Revista Passos, s/d, n.1 (p. 22-25). Disponível em: <https://centrocoreografico.wordpress.com/revistapassos/?fbclid=IwAR2G-yddCIR6rxJ1aN9hfON1E47C76lKfi2ZUO4iBBhlcJBMe0uhVwyp8cw> Acesso: 03/08/2020.

Nesse processo aprendemos também a entender mais o que o corpo trazia, conhecimentos que, gravados em nós, nesse corpo, não acessávamos através de um racional desencarnado.

*Hoje [25/03/2019] fizemos exercícios que remetiam à esses 4 elementos [ar, fogo, água, terra – ver anexo 1: “Os 4 elementos da Natureza do Corpo”]. Às vezes isoladamente, às vezes em conjunto (p. ex, terra+água, fogo+ar). Depois, fizemos dança incluindo 1 ou 2 gestos próprios de cada Orixá<sup>29</sup>. [...] Foi interessante, quando ela perguntou uma palavra para o dia, imediatamente respondi “turbilhão”. Ela: “de quê?”. Eu: “de movimento”. “E qual elemento você mais sentiu hoje?” Curiosamente, respondi: “terra”. Mas logo pensei comigo mesma: “turbilhão de movimento é ar, né? Ainda mais que quando falei mexi meus braços para cima como num vendaval”. Ouvindo os colegas relatarem que sentiram mais os elementos com os quais normalmente se conectam no cotidiano, pensei comigo que eu sinto muita conexão com a água. Racionalmente. Mas então o que o corpo estava me dizendo? De fato estou em um momento interno meio turbilhão. Muita coisa se movimentando. E percebi, então, que talvez eu busque terra, busque me aterrar. Lembrei agora da conversa que tive com Angela 3<sup>a</sup> passada, em que eu disse que estou sentindo muito movimento interno, apesar de as coisas estarem meio paradas por fora. De qualquer forma, o que eu quero destacar é a delícia de poder ouvir o corpo e mudar minha autopercepção.*

A vontade de compartilhar a experiência com a dança afro aqui nos escritos da tese foi crescendo, mas parecia não fazer sentido. Parecia que a conexão dança afro – Libras só existia na minha cabeça. Estava esquecendo que tem um elo importantíssimo aí, dentro do contexto da pesquisa: dança afro – CORPO – Libras. Conforme narramos aqui as experiências com a dança afro, e lembrando dos encontros que ela proporcionou, entramos em contato com a monografia de graduação em psicologia de Hebert Silva dos Santos (2019). Ele parte de uma conversa que tivemos na aula de dança, em que Eliete trouxe para a roda a provocação de pensarmos a palavra lembrar em vez de resgatar, verbo muito usado em alguns movimentos sociais. Nesta aula, retomo a ideia de Haraway, com quem encontramos na pesquisa de mestrado (SILVA, 2018, p. 32) quando ela brinca

---

<sup>29</sup> A professora Eliete traz a ideia de Orixás como representantes de forças da natureza.

com a palavra em inglês: *remember*, lembrar, pode ser também lido como *re-member*, re- prefixo que significa fazer de novo, -member, sufixo que significa membro. *Re-member* pode ser entendido, então, como lembrar, rearticular os membros,

reconhecer todos os membros, animados e inanimados, que inventam o nó de uma vida em particular. (HARAWAY, 2008, p. 162).

Hebert se interessa pelo conceito, e o trabalha de forma muito bonita e potente em sua monografia. Ele faz uma articulação entre os verbos lembrar, rememorar e reconhecer.

[...] lembrar também fazia parte do *dançar*, se relacionando a construção tanto do corpo como para o ser membro enquanto um coletivo de pessoas. As palavras, não estão só conectadas no inglês, também descobri que lembrar, vem do latim *Rememorare*. O reconhecer, está ligado ao conhecimento, em reconhecer que a cultura afro sempre esteve presente, as representações negras sempre estiveram aqui. (SANTOS, 2019, p. 12, grifos do autor).

Nesse encontro com a dança afro, com a professora Eliete e com Hebert, fui lembrando-me enquanto corpo, sentindo como eu, através do corpo, manifestava-me. Vislumbrando alguns conhecimentos que estavam arraigados e eu reforçava quando queria na verdade extirpá-los de mim – conhecimentos que dicotomizam a relação corporeamente, e colocam a mente e o intelecto, a razão, como hierarquicamente superior. Pensando a possibilidade de ressignificar minha história, minha relação com a racionalidade, e o quanto eu estava relegando o corpo a segundo plano ao longo da minha vida. Olhando-o, quando muito, apenas como instrumento à serviço do intelecto. Não sendo capaz de reconhecer os saberes que o corpo guarda, e, se estivermos um pouco atentas/os, mostra.

Ao longo dessa reaproximação com a dança meu corpo precisou se readaptar ao que era dançar, se lembrar. Na etimologia da palavra, lembrar significa unir novamente aquilo que estava desmembrado. Era como se aquele corpo estivesse “enferrujado” pelo não uso por tanto tempo. Um corpo desmembrado não se articula no movimento, precisa de tempo de dedicação, treino, repetição para se lembrar e tornar a dança fluida. (SANTOS, 2019, p. 16)

### **E de que corpo estamos falando?**

Neste ponto, redesenha-se o sentido de trazer a dança afro para a pesquisa e escrita desta tese.

No ato de dançar, podemos tornar nosso corpo potência na produção de novas formas de ser e de lidar com as posturas produzidas e enrijecidas socialmente. (SANTOS, 2019, p. 26).

Na dança, o corpo ganha protagonismo. Assim como na língua de sinais. Protagonismo esse que aprendemos com uma ciência masculinista branca europeia que não tem valor.

Há no presente um ranço, um eco platônico que distancia o que julgamos ser regime do sensível, experiencial e afetivo daquilo que se supõe racional – logo, da produção de ciência. (OLIVEIRA; SILVA, 2020).

O “Penso, logo existo” cartesiano é a palavra de ordem em um mundo em que as características que são tomadas como “masculinas”, o ser racional, pragmático, são aquelas que importam, que temos que conquistar, através por exemplo da educação formal. São as características valorizadas inclusive financeiramente, em um contexto capitalista patriarcal. O racional é o que importa.

E assim aprendemos a cada dia a importância de “domar” o corpo, “domar” os instintos, e abstrair de qualquer coisa que nos faça lembrar que o corpo existe. Para

deixá-lo moldado para a produção e modos de vida capitalistas. Principalmente quando se tratam de corpos feminino, negros e lgbs, [busca-se] normatizar esses corpos com o padrão de homem branco hétero. (Hebert Santos, comunicação pessoal, 04 de agosto de 2020).

A história a seguir foi uma experiência vivida e contada pela professora Marcia Moraes.

*A primeira vez que interrompi uma aula para ir ao banheiro fazer xixi foi em 2017, ano em que completei 25 anos de magistério. Não que a vontade de ir ao banheiro nunca tivesse me acontecido no meio de uma aula. O que acontecia era que eu "esperava" terminar a aula para aí sim, ir ao banheiro. Imagina? No meio da aula falar para os alunos: "licencinha, vou ao banheiro! Ai que vergonha!" Era o que me passava pela cabeça nesses momentos de aperto. Quando finalmente consegui esse pequeno e tão importante gesto, foi como uma libertação: eu-corpo-docente preciso fazer xixi e não, não posso esperar o fim da aula! Um alívio! Não foi numa aula qualquer que isso aconteceu pela primeira vez. Era uma roda com muitas mulheres, entre elas a querida amiga Ana Claudia Monteiro, com quem divido, há dois anos, a disciplina Ciência e Feminismo. Num espaço acolhedor e absolutamente transformador para mim (e ousou dizer, para muitas de nós) pude finalmente nascer corpo-docente. Os mais de 50 anos de vida, a ausência das regras, a presença dos chás para ajustar as variações do meu (agora) errante termostato corporal, a força daquelas mulheres em roda estudando juntas, a marca dos feminismos nos conhecimentos científicos e em nós, tudo isso fez (re)nascer meu corpo-docente. E ele renasceu nesse gesto banal, cotidiano: fazer xixi. As transformações no pensamento são também as do corpo e depois dessa experiência, interrompi algumas outras aulas para ir ao banheiro. Nesse tempo, fui me dando conta de que me formei docente acreditando que deveria deixar o corpo fora da sala de aula. Essa herança que nos faz separar o corpo do pensamento é insidiosa, se imiscui no mais visceral que há em nós. Hoje, lendo bell hooks, encontro outras mulheres que como eu, não sabiam que eram corpos-docentes.*

Quando me tornei professora e sentia vontade de ir ao banheiro no meio da aula, não tinha a menor ideia do que meus antecessores faziam nessa situação. Ninguém falava sobre a relação entre corpo e ensino. O que fazer com o corpo na sala de aula?

*Ler essas palavras me fez sentir que aquela roda de mulheres, que me pariu corpo-docente, é ainda maior do que imaginei.*

(Marcia Moraes, comunicação em rede social, 1 de setembro de 2018).

Romper com esta lógica masculinista e ocidental, que na verdade é um longo processo, revela novas perspectivas. As aulas de dança afro foram importantes para evidenciar o valor dos conhecimentos que o corpo produz.

Se na dicotomia corpo e mente o corpo é constantemente desvalorizado, é preciso cada vez mais reconhecer, afirmar e dar valor aos conhecimentos que o corpo coloca no mundo. Não qualquer corpo, mas cada corpo, com suas marcas. Há na dança afro uma potência de nos apropriarmos dos nossos corpos, e com isso ir ao encontro de nós mesmas. E aprender a ir ao encontro de nós mesmas potencializa também o movimento de aprender a (como) ir ao encontro do outro.

Através de cada movimento, cada repetição, cheios de ritmos, de energias, de sentidos, de histórias, com a dança afro fui conduzindo-me ao meu corpo, mostrando-me a gratidão por habitá-lo e por poder movimentar-me dentro de minha singularidade. Sentimentos brotando, podendo me entender inteira – não mente e corpo como duas instâncias dicotomizadas, mas in-tei-ra. Conectada. Aquele momento em que o racional e o emocional e o corporal e o social, todos se misturam, e a palavra encontra o corpo, e vai se desdobrando em outras camadas. Muitas camadas. E o que nasce?

Na língua

*Amanda Lioli e Catherine Moreira*

Quando a palavra encontra o corpo, a carne brota verbo.

Os ossos crescem conjugados.

A baba escorre no futuro.

A memória? Pretérito imperfeito.

Cada unha, uma letra.

Os cabelos, fios da gramática.

Os braços, troncos e pernas, oração – sem sujeito.

O sujeito é dito oculto, pelas regras sociais sufocado – mas é composto, na verdade, e caminha. Cheio de verbo e vontade.

Agente da passiva, não mais!

Agora o objeto é direto, porque quando a palavra encontra o corpo, a carne brota verbo.

E é cabeça, é ombro, cotovelo, quadril, bunda, bochecha, peito, órgãos internos.

Minha língua, meu corpo, respira e brota.

Do encontro entre Libras e português, flertam os sexos gramáticos.

Brinca uma língua na outra. Amasso.

O que nasce?

[Sinal de “poesia” em Libras]

Essa é uma poesia bilíngue – em Libras e em português. E faz ainda mais sentido e é ainda mais bela quando assistida nas duas línguas simultaneamente. Deixo o convite para assisti-la no vídeo de aproximadamente 2 minutos que se encontra nesse link:

<https://youtu.be/-aLRrLauNCQ>





**Imagem 23: Na língua.**

Da esquerda para a direita: Amanda Lioli e Catherine Moreira.

### **Argumentos corporais**

Cada parte deste caminho, desta errância, possibilitou a construção de mais densidade de argumentos corporais.

A expressão “argumentos corporais” surge em uma aula no segundo semestre de 2019. Esta disciplina tinha como objetivo debater as teses em andamento dos alunos de doutorado do PPGP/UFF. Levamos escritos onde contamos algumas experiências com a língua de sinais, dentre elas experiências em oficinas de Libras para ouvintes.

*Eu era responsável por dar a aula sobre expressões não-manuais em uma oficina de Libras de nível básico para ouvintes, no âmbito religioso. Propus um exercício em que cada pessoa sorteava secretamente um papel onde estava escrito uma sensação ou sentimento e tentava exprimi-los por meio das expressões para a turma adivinhar qual era. Uma aluna sorteia “confusão” e, seguindo minhas orientações, tenta expressar a sensação: primeiro, usando apenas os olhos; depois, olhos e o resto do rosto; por fim, rosto e corpo inteiro. Passadas as 3 etapas, a turma, autorizada a tentar adivinhar, começa a “chutar”, até que a aluna, rindo, bem ruborizada, dá a resposta “certa”. E depois, no momento de discussão pós-dinâmica, ela tem um insight: “Gente!! Agora eu entendo porque as pessoas nunca percebem o que eu tô sentindo! No trabalho, aconteceu uma situação e eu tava morrendo de raiva, e todo mundo vindo falar comigo sobre como*

*eu tava lidando bem, com muita tranquilidade, com a situação. E eu respondia (sorrindo, e falando por entre os dentes, em tom de raiva, mas sem jamais tirar o sorriso do rosto): ‘Bem? Eu tô bem?!’. E, por dentro, pensava: ‘Mas esse povo não tá vendo que eu tô cheia de raiva aqui?!’. Acho que no meu dia a dia acontece como aqui no exercício: minhas expressões não são coerentes com o que eu tô sentindo ou tentando mostrar!’.*

Diante da história relatada, surge na turma de doutorado um debate em que refletimos sobre como conectar gesto, expressão e emoção. Como sentir e expressar? Um colega de turma<sup>30</sup> comenta que a aluna da oficina

não conseguia falar sobre a raiva dela; sentia uma coisa, mas não tinha argumentos corporais para expressar [...] [o sentimento de] formas visuais-espaciais. (Gabriel Serafim, comunicação pessoal, 25 de setembro de 2019).

Gostamos do termo argumentos corporais. Diz de algo que borra a racionalidade tradicionalmente limitada à ideia de mente e corpo separados. Diz de uma possibilidade de construção de uma racionalidade incorporada, ancorada no corpo, a partir de gestos, expressões, movimentos, e todo um arcabouço que vamos construindo ao longo de nossas vidas, de acordo com nossas experiências. Para nós, significa, então, o que acumulamos no corpo que nos dá condições de inventar estratégias para nos expressarmos usando o corpo. Como com a língua de sinais.

À medida que a Libras foi se consolidando em mim, e eu fui exercitando o ato de mobilizar meu corpo para falar – exercícios na direção de colocar em xeque a ouvinte fria de que eu também sou feita – foi-se desenvolvendo juntamente a possibilidade de me expressar com mais amplitude mesmo na língua portuguesa. Conforme fui dando mais atenção para o meu corpo, trabalhando-o através da expressão artística no teatro, na contação de histórias e na dança afro, fui construindo os referidos argumentos corporais, que se dão não apenas nas expressões, mas também no uso do corpo no espaço. Isso me proporciona maior fluência na Libras. Mas, além disso, amplia a porosidade para a conexão. Desconstruir as amarras de um corpo que é moldado em uma sociedade que

---

<sup>30</sup> Gabriel Serafim é psicólogo e, à época, doutorando em Psicologia na UFF.

preconiza seu controle não é um exercício fácil. Passa por dar-se conta de si, das maneiras que você se manifesta enquanto corpo, da sua prosódia (CASTRO, 2019), e das potencialidades que o corpo te proporciona. Isso também tem influência de aspectos emocionais, psicológicos e sociais. Não é algo de um entendimento apenas intelectual. Não é só saber que a língua de sinais pede expressões faciais e corporais como gramática, mas é também entender o que está em jogo para algumas pessoas nesse processo de produção dessas expressões. O que está em jogo, mas não está dado, e o encontro com pessoas surdas desafia a nós, ouvintes, o tempo todo na direção de novas modulações e construção de mais argumentos corporais. Como nos disse a pessoa do Hands in Harmony, quando, falando da timidez dos ouvintes para olhar no olho, diz: desencana! “*Get over it!*”. Sabendo, ainda, que não é fácil, mas é um processo que nós, ouvintes, podemos investir para estar junto com as pessoas surdas. Lembramos de um encontro.

*Atuo como psicóloga em uma oficina de Libras específica para familiares de surdos da educação infantil, junto com duas professoras surdas. [Experiência relatada no artigo “Ensino de Libras para estímulo da comunicação e afetividade das famílias” (BUZE et al, 2019).] Em certo momento, com a aula voltada para contação de histórias e a professora insistindo nas expressões faciais e corporais, para além do uso do vocabulário manual, as mães se mostram tensas e inseguras de conseguir. Puxo a conversa sobre o corpo, a partir das minhas reflexões recentes. Falo um pouco sobre como nós somos educadas a controlar nosso corpo – nós mulheres, ainda mais! E elas respondem, concordando: ‘É isso mesmo! É difícil se soltar! Como que faz para fazer isso aí?! Eu sou tímida, as pessoas vão ficar olhando. Eu sou meio fechada, como vou fazer?’.*

Naquele momento, as mães trouxeram suas dificuldades em se sentirem deslocadas perante uma sociedade que lê o corpo expressivo como um corpo indomado e incabível. “As pessoas vão ficar olhando”. Também suas dificuldades emocionais em se expor perante o outro. “Eu sou meio fechada, como vou fazer?”. No processo de construção de argumentos corporais, que outras questões atravessam como limitadores e barreiras de uma abertura para a conexão com o outro?

Então, perquirindo ainda a questão central – qual comum entre surdos e ouvintes? –, seguimos as pistas que reverberam com mais força nesta pesquisa: conexões e

composições. A aposta presente aqui é que elas não existem sem o corpo, sem uma disponibilidade corporal. Demandam também disponibilidade afetiva e um estar juntos que buscamos construir e anunciar também com essa tese.

## **BOLSA DAS REFLEXÕES SOBRE AS HISTÓRIAS**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/HX0wjpo2OeY>

**Resumo em português:** O título dessa bolsa é “reflexões sobre as histórias”. Aqui apresentamos como refletimos sobre as histórias acolhidas.

Houve um processo para entender como trabalhar com as histórias. Tradicionalmente, nas pesquisas pautadas na ciência hegemônica, dos saberes que se pretendem neutros e universais, existe o processo de coleta de dados, para posterior análise e discussão de dados.

Durante um tempo eu me debati com a ideia de análise. Não estava segura sobre como analisar as histórias que acolhemos das contadoras. Levei a questão para o grupo PesquisadorCOM. Ali conversamos sobre o processo de construção dessa pesquisa, a maneira de operacionalizar o PesquisadorCOM, as radicalidades da construção da equipa e a maneira como se tornou a sujeita-pensante-pesquisadora nessa tese, a forma que estávamos acolhendo as histórias. Então, me foi lembrado: você não construiu a equipa para analisar junto contigo? Volta para elas com essa questão de como fazê-lo. Ok. Fiquei com isso em mente, mas segui. Em algum momento, essa questão retorna para mim. Conversando com Marcia, ela afirma: *“há algo que é possível compartilhar e construir juntas, mas há algo que é seu nesse trabalho, que você precisará toma-lo. Que tal pensar com a equipa que histórias do pluriverso surdo vocês querem levar adiante nesta tese? A partir disso, você constrói uma direção coletiva de trabalho das histórias, mas fica com a responsabilidade, como a pesquisadora responsável por esse doutorado, de tecer as considerações de pesquisa a partir das histórias.”*

Até então, as histórias estavam divididas em 3 partes e os movimentos em direção à análise haviam sido os seguintes.

Na primeira parte, com 5 contações de histórias oriundas do Piloto 1 realizado antes da qualificação, havia 3 vídeos em Libras com o total de 16 minutos, que foram traduzidos para o português escrito e agrupados com 2 textos recebidos já em português escrito. Esse arquivo com as 5 contações foi levado para debate com o grupo PesquisadorCOM. Nesse processo, construímos alguns fios que poderiam ser puxados de

cada história, apenas apontando pontos interessantes, mas sobre os quais não desenvolvemos discussão no corpo da tese antes da qualificação.

A segunda parte tinha 5 contações de histórias oriundas do Piloto 2, junto com a equipa – em que fomos ora coletoras ora contadoras de história, entre nós mesmas. Essa parte tinha o total de 1 hora e 49 minutos, sendo 38 minutos em português que foram traduzidos para Libras e 71 minutos em Libras que foram traduzidos para o português oral. Os vídeos foram editados para inserir janela de Libras nos primeiros, áudio nos segundos e legenda em todos para todas nós, coletoras, acessarmos todas as conversas gravadas em nossas línguas de conforto e assim olhar para elas juntas. A ideia era que antes de implementar a terceira etapa da pesquisa, nós pudéssemos fazer uma pré-análise dessas conversas e, após realizar todas as entrevistas, retomá-las como material junto com as outras histórias acolhidas, e pensar em uma análise final. Na prática, cada participante da equipa conseguiu assistir apenas algumas das conversas, e realizamos duas reuniões em que cada pessoa presente trouxe alguns pontos que lhe chamou a atenção nas entrevistas que assistiram. Não me dei conta antes, mas esse também foi um processo de puxar fios das histórias.

A terceira parte, com as 9 entrevistas que fizemos após o Piloto 2, tinha aproximadamente 5 horas e 15 minutos de vídeos em português oral ou em Libras. Eu estava assoberbada com a quantidade de material, e um tanto desesperada de imaginar repetir o trabalho que fiz com a segunda parte de histórias – traduzir e editar tudo para colocar todos os vídeos em todas as línguas e modalidades circulantes na equipa (Libras, português oral e português escrito) – para que toda a equipa pudesse analisar junto. Lembrei da orientação da Marcia e chamei uma reunião com a equipa para pensar que histórias gostaríamos de levar adiante com a tese.

Nesta reunião, foi possível entender também que a disponibilidade para fazer a análise de toda e cada história não era tão viável assim. Afinal, o material é extenso e cada pessoa da equipa também está envolvida com seus próprios trabalhos e estudos e rotinas de vida. Nesta reunião, primeiro levantei a pergunta sugerida por Marcia: quais temas gostaríamos de levar adiante com essa tese? Histórias que contam sobre o que, que gostaríamos de disseminar? A resposta que surgiu foi uma grande questão para as parceiras: a comunicação. E dentro dessa questão-guarda-chuva, havia três outras – a

partir das histórias que acolhemos: a) as línguas (português e Libras); b) escola inclusiva x educação bilíngue (seja na educação básica ou no ensino superior); c) dificuldades de comunicação na relação com os ouvintes e retorno para o “mundo surdo”, para o lugar de conforto para respirar.

O que aconteceu foi que quando elas destacaram esse ponto, minha primeira reação foi pensar: “Ai, mas tem que falar disso de novo? É sobre isso que todo mundo que pesquisa e atua nessa área fala. Ainda precisa repetir??” E o que elas estão me dizendo é que sim, precisa repetir. Precisa repetir porque isso tudo não é óbvio para as pessoas ouvintes que não conhecem o pluriverso surdo – e aí o desafio é como fazer para essa tese alcançar pessoas que não estão pensando sobre a relação entre surdos e ouvintes – porque a princípio quem se interessa pelo tema pode chegar nesse trabalho, mas quem não se interessa ou desconhece, não vai buscar. Então, que palavras chaves usar pra isso? Que título usar pra ficar mais atraente para o público que nem sabe que deveria estar pensando sobre a relação e a comunicação com pessoas surdas? E precisa repetir porque se elas são minhas parceiras e vivem e destacam isso, preciso respeitar, e o que elas estão dizendo é que por mais que se fale sobre esses temas, ainda não está sendo suficiente, porque essas barreiras permanecem – mesmo entre quem já teve contato com pessoas surdas e com o pluriverso surdo.

Mas isso tudo eu refleti depois da reunião. Na hora, seguindo o fio do meu primeiro pensamento, o que fiz foi lançar uma segunda pergunta: durante o processo de pesquisa, quais histórias mais tocaram vocês? Quais histórias se destacaram, e ficaram na memória, ou fizeram refletir sobre algo diferente? E assim eu achei legal, pareceu que surgiram temas um pouco mais variados. Então guardei em mente a possibilidade de seguir apenas com as histórias e temas mencionados pela equipa – e esse seria o parâmetro para o recorte da pesquisa, que tem uma quantidade de material grande.

Só que na hora de seguir com a escrita da tese, houve vários engasgos e tropeços, que estavam dizendo de uma necessidade de tratar as histórias de outra maneira. Foi com esses engasgos, tropeços e travas na escrita que fui aos pouquinhos finalmente entendendo o que as histórias estavam me pedindo. Estavam pedindo escuta e companhia (STENGERS, 1989). O que precisava fazer era ser psicóloga com as histórias. Sentar do lado, escutar atentamente, fazer perguntas apenas pontuais, ser respeitosa com as histórias

e com as pessoas que as contaram, não fazer intervenções bruscas, não ficar recortando-as e rearranjando-as para servirem de exemplificação à uma articulação teórica que eu estivesse querendo mostrar. As histórias são a própria teoria. E as contadoras são as teóricas dessa segunda metade da tese.

*Meu nome é Elaine, esse é meu sinal [a mão passando na cabeça, com o polegar tocando e arrastando na testa e todos os outros dedos descendo e se fechando em movimento de leque], eu sou surda, vocês sabem, falo Libras. A Mairla me convidou: ‘Você pode dar uma entrevista para uma pesquisa em Psicologia?’ ‘Sim, eu sou aberta para participar de entrevistas dentro da área do que cada pessoa pesquisa.’ Tem duas alunas aqui da UFMS que sempre fazem entrevista comigo, e eu faço vários relatos pra elas. Eu acho que hoje em dia é importante que as pessoas aprendam a partir do que as pessoas surdas contam, e disseminar o que não está visível sobre as necessidades da pessoa surda. Os detalhes de quem é a pessoa surda, como ela se sente, quais são suas dificuldades, que surdos não são deficientes, as dificuldades de comunicação, e muitos outros pontos. Óbvio que essas informações são básicas, mas é porque em geral ouvintes não olham para essa minoria, que são os surdos. Por isso que quando ela fez o convite, eu aceitei. (Elaine, 19/08/2022)*

De tal maneira que essa segunda metade foi construída com trechos grandes de histórias, conversas inteiras, na intenção de mostrar o que está sendo dito. Na intenção de levar adiante não uma análise ou conclusão sobre as histórias, mas as próprias histórias, do modo que foram contadas por suas protagonistas.

Uma direção ética que tomamos foi evitar interpretar as histórias, implicando nelas sentidos que não nos foram ditos. Por exemplo: “Fulana se sentiu assim quando...” Ou “Sicrana quis dizer que...”. Em alguns casos, complementamos com alguma informação com a qual tivemos contato em momento extra contações de histórias, e quando isso acontece tentamos deixar apontado no texto.

Para o manejo de quais histórias entrariam e quais não entrariam nesse texto, optamos por trazer as que pareciam conversar mais com duas das questões principais para essa tese: o pluriverso surdo e a relação entre pessoas surdas e ouvintes. Articulado com essas questões gerais da tese, mantivemos duas bolsas com as questões específicas que a equipa apontou como importantes – a Bolsa da comunicação e das línguas e a Bolsa sobre



o direito de ser professora e o direito de ser aluna, em que trazemos histórias da educação bilíngue e da educação inclusiva, ainda que não nos aprofundemos nesse tema, nesse momento.

Nesse processo, acabou acontecendo a tradução da Libras para o português escrito e a transcrição do português oral para o português escrito de quase 100% das conversas ocorridas na terceira etapa de pesquisa. E assim consideramos que as intervenções nas/com as histórias foram as que foram sendo feitas no próprio processo de acolhimento delas, em conjunto com as coletoras. E após acolhidas as histórias, houve então mais 2 processos de intervenção: primeiro, a tradução e transcrição – onde em alguns momentos fiz pequenos ajustes para tirar cacoetes da (corp)oralidade, mas buscando manter a forma e conteúdo das histórias – e depois, a organização delas em bolsas. Bem sabemos, no entanto, que o trabalho de organização, que é um trabalho de montagem e edição, é uma grande intervenção. Cada edição e montagem diferente faz aparecer, faz contar, uma diferente história. Não nos isentando do trabalho e da responsabilidade pelas edições e montagens das histórias nessa tese, buscamos, porém, não as submeter a um escrutínio de análises teóricas. Em vez disso, optamos por conversar com as histórias, trazendo nossas memórias e vivências, e fazendo pontuações na intenção de explicitar alguns dos fios de pensamento que levaram à montagem final dessa tese.

Assim como na primeira metade dessa tese, as bolsas estão com subtítulos que se referem aos temas que elegemos como fio principal de conexão entre as histórias de cada bolsa. É importante frisar, porém, que as histórias abrem espaço para diversas e diferentes reflexões, e não seria possível trabalhá-las exaustivamente. Por isso, dentro das bolsas destacamos algumas palavras, termos ou conceitos e seus significados, que surgem das histórias ou no encontro com elas, como objetos multiuso que às vezes carregamos conosco, e ao final de cada bolsa, deixamos alguns fios soltos que podem ou não serem costurados por você que nos lê. Essa, que é uma pesquisa COM (SILVA; MORAES, 2019), é COM você também. E a intenção foi que essa escrita seja porosa para que você também possa fazer seus encontros.

Em alguns momentos, as histórias nos remeteram à outras – algumas histórias que lemos em livros e artigos durante os últimos anos como pesquisadoras, trabalhadoras e participantes do pluriverso surdo. Em uma pesquisa tradicional, ou mesmo na primeira

metade dessa tese, elas seriam tratadas como teoria, com citações diminuídas e bloqueadas e discutidas. Optamos por trata-las aqui nessa segunda metade como histórias contadas igualmente por uma pessoa contadora de histórias, que no caso acabou por publicá-las. Elas vêm, então, referenciadas, mas em itálico e seguindo a mesma lógica das histórias acolhidas por nós.

Fica então o convite para você, que nos lê agora: venha conosco – coletoras e contadoras – contemplar e estar junto dessas histórias, e deixe que elas possam reverberar também em você.

## QUEM SÃO AS CONTADORAS DE HISTÓRIAS?

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/YxiqzrXHf8w>

**Resumo em português:** Nessa bolsa, apresentamos quem são as contadoras de histórias. Mostramos a foto e uma minibiografia de cada pessoa que participou da pesquisa contando histórias para nossa equipa.

Neste tópico, apresentamos as contadoras de histórias a partir de uma fotografia, uma autodescrição e uma minibiografia que as próprias pessoas nos mandaram, a pedido, para montar essa sessão. Ainda que tenhamos enviado um modelo, cada pessoa teve a liberdade de construir suas autodescrições e minibiografias do jeito que lhe interessou mais – e por isso vemos as diferenças na escrita aparecerem.



**Imagem 24: Aline**

Autodescrição: sou uma mulher branca, cabelos lisos e castanhos na altura dos ombros, olhos profundos e de cor castanho-escuro, rosto arredondado, uso óculos grandes de grau, sou gordinha e geralmente meu sorriso mostra todos os meus dentes.

Aline L’Astorina de Andrade Campos. Mulher cisgênero branca, bissexual, ouvinte filha de surdos (CODA) e sem deficiência. Carioca, nascida e crescida no subúrbio do Rio. Tradutora Intérprete de Libras/Português no INES e em diversos outros contextos, como cultura e entretenimento. Geminiana com elemento terra forte no mapa. Vegana. Leve e responsável. Amo uma boa e sincera conversa.



**Imagem 25: Ana Carla**

Autodescrição: Sou uma mulher negra, de 32 anos, de estatura mediana, cabelos bem cacheados meio cor de ruivo, olhos pequenos e castanhos escuros, uso óculos, tenho rosto fino e lábios carnudos. E um sorriso largo.

Ana Carla Cássia, pedagoga bilíngue (português/Libras), pós-graduada em Letras-Libras, cursando atualmente especialização em

psicopedagogia. Sou professora de Libras no mercado há 09 anos. Atuei como educadora, professora e monitora de projetos em museus do Rio de Janeiro. Experiência como professora na educação remota.



**Imagem 26: Beatriz**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, tenho 43 anos. Uso óculos, com um aro preto, e na lateral um aro dourado. Estou com o cabelo pintado de castanho escuro.

Beatriz Alves Domingues Pereira. Sou surda oralizada. Estou morando em São Paulo, agora, mas sou carioca. Sou professora de Educação Física, com pós graduação em Letramento e Surdez para crianças e EJA, pelo INES. Trabalho na Educação há mais ou menos 14 anos. Atualmente, dou aula

para os anos iniciais e os anos finais. Trabalhei na rede de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, e no CAP/UERJ. No momento estou pensando em fazer uma nova faculdade, de Fisioterapia, porque eu também gosto de trabalhar na área da saúde. Eu faço acupuntura, faço massagem. E essa é a minha caminhada de trabalho.



### **Imagem 27: Camila**

Autodescrição: Sou uma mulher negra, tenho 39 anos, baixa, cabelos cacheados ruivos, olhos castanhos escuro, pintinha da testa, na foto estou com batom marrom na boca.

Camila Regiane Prado Delfino, professora e tradutora de Libras, ativista da comunidade surda, poeta e surda. Trabalhei mais de 9 anos como professora de Libras com pessoas de todas idades, ouvintes e surdas. Também fui monitora de Libras para crianças surdas carentes. Sempre fui poeta desde jovem, porém comecei a poetar após, quando surgiu o sarau de surdos.



### **Imagem 28: Deisi**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, de 38 anos, cabelos loiros, olhos cor de mel meio verde.

Deisi Graciele Vessoleck Bordignon, mulher surda, moradora do São Bento do Sul. Psicóloga, professora de Libras. Tutora do INES no Polo UFPR, no curso de pedagogia bilíngue. Sou casada. Sou artesã, me apaixono por artesanatos através de reciclagem. Sou protetora dos animais, sempre ajudo animais abandonados. E sou apaixonada por suculentas.



### **Imagem 29: Elaine**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, com alguns sinais e pintinhas marrons no rosto, uso óculos de aro fino verde com as hastes douradas, tenho cabelo cacheado, castanho.

Elaine Aparecida de Oliveira da Silva. Mulher surda pura, profunda. Sou servidora pública federal na UFMS, onde trabalho como professora de Libras em diversos cursos do Ensino Superior. Minha formação inicial foi a graduação em Letras-Libras, na UFSC. Em seguida fiz pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva. Fiz mestrado na UFSC, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PPGET) e agora dou continuidade aos meus estudos como doutoranda no mesmo programa, o PPGET. Participo do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Língua de Sinais (Intertrads). Pesquiso sobre terminologias na área da tradução, utilizando, para isso, entrevistas e análises. Na minha família, meu pai e minha mãe são surdos, meu marido é surdo e nós temos 3 filhas CODA, ouvintes.



### **Imagem 30: Giovana**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, 42 anos, cabelo liso, loira, olhos verdes grandes, lábios normais.

Giovana Maria de Oliveira. Mulher branca surda, gaúcha, moradora de Curitiba, no Paraná, professora de Libras. @giovana.libras. Sou praticante de Barras de Access, faço facilitação para pessoas evoluírem suas energias. Mestranda em Educação na UFPR. Meu melhor amigo e filho único é o Flocos, meu *dog*. Amo tomar chimarrão, adoro ajudar e escutar (com os olhos) as pessoas. Sou viajante, sensível, simpática, empática e sempre curiosa sobre tudo.



### **Imagem 31: Gislana**

Autodescrição: Na foto, Gislana, mulher negra não retinta, sorri, tem cabelos escuros que estão soltos na altura dos ombros, veste uma camiseta na cor salmão, combinando com o batom.

Gislana Monte Vale. Mulher cega, escritora, poeta; Doutoranda em Psicologia – UFF; Mestre em Avaliação de Políticas Públicas – UFC; Consultora em Políticas Públicas e Acessibilidade Cultural; Membro do GT de Acessibilidade Cultural do Ceará; Coordenação Executiva Nacional do

MBMC; Pesquisadora-colaboradora do LABCONATUS – UFF; Artigos publicados sobre Gênero e Deficiência.



### **Imagem 32: Helena (nome e foto fictícia)**

Descrição: Imagem desenhada de uma mulher branca, de pele e cabelos claros longos soltos. Apresenta testa pequena, rosto arredondado e o queixo levantado. Usa flores no cabelo e um vestido estilo túnica rosa.

Helena de Tróia. Mulher surda bilíngue. Professora da rede municipal e estadual. Mestre e doutoranda. Escolheu essa personagem para lhe representar nessa tese, com a seguinte história: Helena de Tróia era conhecida como uma guerreira que era admirada por todos, cujo rosto era cobiçado pelos reis da Grécia Antiga. Era a Rainha de Esparta, “*cujo rosto fez perder mil navios – provocando a Guerra de Tróia*”. Mulher independente que representa as lutas das mulheres que enfrentam as barreiras e os preconceitos ao longo da história marcados pelo poder e pelas atitudes machistas; usando a sua beleza, a sua sedução, a sua coragem, a sua determinação e a sua inteligência. Teve que viver no “estrangeiro”, em Tróia. Era considerada uma deusa luminosa e apresentava um *status* social privilegiado na Grécia, porém ela viveu sofrimentos por causa do amor proibido de Páris (que era o príncipe de Tróia).

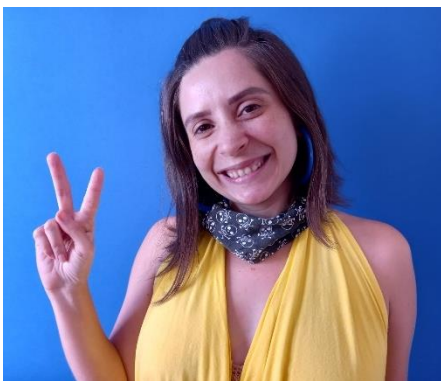


### **Imagem 33: Ildete**

Autodescrição: Sou uma mulher surda bilíngue, com cabelos castanhos escuros e alguns fios brancos lisos de tamanho médio, olhos castanhos escuros, uso óculos, de sorriso largo, tenho marcas de expressão, pois tenho 57 anos e atualmente peso 52 quilos com 1,65 de altura.

Ildete Vianna Soares. Mulher surda bilíngue (português e Libras - Língua Brasileira de Sinais). Carioca, moradora de Saquarema – interior do Rio de Janeiro. Pedagoga. Especialização em Educação Inclusiva/Surdez e Libras. Professora de Libras para adultos ouvintes em uma escola pública na Região dos Lagos (RJ). Mestre e atualmente Doutoranda em psicologia na UFF. Artesã na técnica de quilling – @hilarte.quilling. Praticante de jiu-jitsu e, nas horas

de lazer, vôlei de areia. Apreciadora de pé na areia e brisa do mar.



### **Imagem 34: Isabela**

Autodescrição: Sou uma mulher branca de 36 anos, 1,49m, com cabelos abaixo do ombro e procuro estar com o semblante sorrindo.

Isabela Lustoza Moreira. Paulista e moradora de Curitiba, Paraná. Produtora de elenco e intérprete de Libras. Proficiência em Libras pela FENEIS nível 1.

Como produtora, adoro encontrar talentos e descobrir pessoas. Como intérprete de Libras, adoro passar as informações através das minhas mãos e corpo. Sempre em busca de aprendizado na língua. Na vida particular, o que mais me dá prazer é passear com os *dogs* e brincar com meus priminhos(as).





**Imagem 35: Jane**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, de 55 anos, de estatura mediana, cabelos bem cacheados castanhos, olhos castanhos, uso óculos, tenho uma pinta na bochecha, lábios vermelho/rose e sobrancelhas acesas

Jane Alves Machado. Mulher branca ouvinte, sem deficiência. Carioca, moradora de Duque de Caxias. Pedagoga bilíngue – português/Libras. Sou CODA (filha ouvinte de pais surdos). Tradutora-intérprete de Libras/português no contexto religioso (espírita) e educacional. Estudante de Pós no Curso de Tradução e Interpretação em Libras. Libriana. Irmã mais velha. Amo dançar e sou extrema extremamente apaixonada pelo mar. Alegre,

brincalhona e sorridente.



**Imagem 36: Lucas**

Autodescrição: sou um homem pardo, de 27 anos, cabelo cacheado preto, olhos castanhos marrom, uso óculos, bigode e um sorriso mais natural.

Lucas de Lima da Cruz. Homem pardo surdo, deficiência auditiva. Moro em Londrina – Paraná. Graduado Letras Libras. Graduado como Pedagogo bilíngue. Especialização em Letras; Educação Especial e Inclusiva; Ensino Lúdico; e Linguística

Aplicada. Mestrado em Educação de Surdos. Humildade, simplicidade. Pesquisador sobre o lúdico com surdos. Alegre e sorridente.



**Imagem 37: Lucila**

Autodescrição: Sou uma mulher branca, de 37 anos, de estatura mediana, cabelos bem cacheados castanhos, olhos castanhos, uso óculos, tenho bochechas fofas, lábios carnudos e um sorriso gigante.

Lucila Lima da Silva. Mulher branca ouvinte, sem deficiência. Carioca, moradora do Rio de Janeiro. Graduada pela UERJ. Psicóloga bilíngue – português/Libras. Psicóloga clínica no consultório particular. Psicóloga escolar no INES. @psi.lucila. Tradutora-intérprete de Libras/português no contexto religioso (espírita). Especialista em Saúde Mental; e em Psicologia Escolar. Mestra e Doutoranda em Psicologia – UFF. Pesquisadora responsável por essa pesquisa. Ariana. Irmã mais velha. Atriz e dançarina amadora. Alegre e sorridente. Escutadora e contadora de histórias.



**Imagem 38: Mairla**

Autodescrição: Sou uma mulher parda, de 39 anos, de estatura mediana, cabelos cacheados castanhos, olhos castanhos, uso óculos.

Mairla Pereira Pires Costa é mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da UFSC, onde atualmente cursa doutorado. Bolsista Capes Excelência. Bibliotecária pela Universidade Estadual de Santa Catarina e Licenciada em Pedagogia (Uniasselvi). Membro do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Língua de Sinais (Intertrads). Professora substituta no IFSC – Câmpus Palhoça Bilíngue, atuando nos cursos de Pedagogia Bilíngue (Libras-Português), Pós-graduação em Educação de Surdos e Técnico em Tradução e Interpretação (Libras-português).



**Imagem 39: Ronaldo**

Autodescrição: Sou um homem pardo, com 57 anos, de cabelos bastante grisalhos, com calvície frontal marcada por entradas. Tenho a pele do rosto marcada por algumas cicatrizes de acne e algumas manchas esbranquiçadas causadas por vitiligo. Lábios grossos, nariz grosso e olhos castanhos. Meço 1,75m, com complexão de corpo normal, entretanto, com uma barriguinha protuberante.

Nascido no Rio de Janeiro, o professor Ronaldo Gonçalves de Oliveira é graduado em Letras – português, espanhol e literatura, pela UERJ, especialista em docência do ensino superior pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), mestre em linguística, com ênfase na língua espanhola, pela UFRJ, e doutor pelo Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS) do Instituto de Nutrição da UERJ, onde desenvolveu e desenvolve pesquisa interdisciplinar, em parceria com o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), da Universidade de Coimbra, Portugal, relacionando alimentação, surdez, linguagem, cultura, comunicação e cinema. Atualmente, é servidor público no INES, em cujo colégio de aplicação exerce o cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, sob o viés da modalidade educacional de educação bilíngue de surdos. É também investigador associado ao Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra, Portugal.



#### **Imagem 40: Ronise**

Autodescrição: Sou uma mulher negra, surda e domino a libras como minha primeira língua. Tenho 63 anos, de estatura pequena, cabelos bem cacheados pretos, olhos pretos, uso óculos, sou gordinha, tímida, alegre. E maravilhosa!!!

Ronise de Oliveira. Sou Surda, negra, do Rio de Janeiro, caçula de dois irmãos Surdos, vivida e viajada pois amo viajar mesmo que seja de bairro para bairro. Sou Professora de Libras aposentada, sou Tutora de Libras da UERJ/CEDERJ. Escrevi o livro: Meus sentimentos em folha. Sou Presidente

da Associação de Surdos do Rio de Janeiro – ASURJ e sou Espirita.



#### **Imagem 41: Valeria**

Valeria de Oliveira é professora, pesquisadora, mulher negra, mãe, inclusive de uma jovem surda, e avó. Iniciou sua carreira acadêmica dedicando-se à educação dos surdos! É coordenadora da Coordenadoria do Programa Rompendo Barreiras / DASP/B / PR4 / UERJ. Mestre em educação pelo ProPEd-Uerj, doutoranda em História Social pelo PPGHS / FFP / Uerj, com pesquisa em Políticas Públicas de Inclusão Acadêmica e Professora Assistente do CAp-UERJ. Suas atividades de

ensino, pesquisa e extensão situam-se no campo da educação com inclusão e educação especial.



**Imagem 42: Verônica**

Autodescrição: Tenho 63 anos, sou branca de estatura mediana, olhos castanhos claros, cabelos castanhos curtos e cacheados, rosto afinado e sempre com sorriso. Uso óculos só para leitura e em lives.

Meu nome é Verônica Lima, sou professora com formação em Pedagogia e pós graduação em educação especial com especialidade em deficiência auditiva. Formada como tradutora/intérprete de

Libras/Língua Portuguesa.

## **BOLSA DAS IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS**

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/FpSw0gjD7Vg>

**Resumo em português:** O título dessa bolsa é “identidades e pertencimento”. Temos, nela, 5 tópicos: a importância de ter referências surdas; como é perceber-se surda; a confusão que às vezes acontece com identidades e pertencimentos; como é perceber-se ouvinte; e como é perceber-se CODA.

Quando eu cheguei no INES, me disseram que as pessoas surdas eram diversas, assim como as pessoas ouvintes. Eram heterogêneas, com suas histórias de vida, jeitos, gostos, escolhas, posicionamentos políticos. Porém rapidamente aprendi dentro da instituição que a ideia de pessoa surda vinha carregada de significados que diziam sempre de ser uma pessoa surda sinalizante, inserida na comunidade surda (sinalizante) e na cultura surda.

Aprendi isso quando recebia formulários de encaminhamentos para atendimento em psicologia escolar que apontavam como demanda/problemática: “o aluno não tem identidade surda”. Aprendi isso quando atendia estudantes que diziam sofrer preconceito e discriminação da parte de outros estudantes por não terem uma Libras fluente, pois cresceram com métodos oralistas e tinham o português como primeira língua. Aprendi isso quando minha amiga de trabalho me contou de uma aluna que ela acompanhava: a aluna tinha resquícios de audição, e tinha também paralisia cerebral com sequelas que dificultavam seus movimentos de coordenação motora global e coordenação motora fina, então elas costumavam se comunicar usando ao mesmo tempo o português oral e a Libras, visando facilitar o entendimento. Essa aluna frequentava um setor específico da instituição voltado para estudantes que têm algum comprometimento ou deficiência (para além do diagnóstico de surdez, que não é considerada por nós, na instituição, nem um comprometimento nem uma deficiência – e sim uma diferença sensorial e linguística) e a princípio não estava incluída em nenhuma turma regular. Minha amiga a acompanhava nesse setor, bem como fazia um trabalho para que o setor da escola que tinha as turmas regulares pudesse receber essa aluna para que ela frequentasse a escola com os outros estudantes. Quando essa menina foi incluída, minha amiga continuou o acompanhamento

individual. Em um curto período de tempo, ao se comunicar com a aluna do mesmo jeito de sempre, a aluna a responde em Libras, à sua maneira (dentro das suas possibilidades motoras): “Não! Sem português oral! Aqui é proibido português! Aqui só pode Libras!”

Apreendi isso também no curso de Libras que iniciei assim que cheguei à instituição. Tivemos uma aula sobre “Identidade Surda”, com a apresentação de certo conceito de identidade surda que vem acompanhado de uma classificação de 7 tipos de identidades, que apresentam entre si uma hierarquia que as posiciona como mais forte ou mais fraca. É uma noção de identidade surda muito difundida na comunidade surda, apresentada na dissertação de Gladis Perlin (1998). Uma ideia de identidade que, na minha perspectiva, diante da classificação, da hierarquização e do enquadramento propostos pela autora, pode ser bastante discriminatória e excludente de pessoas surdas em suas diversidades.

Comecei a estranhar essa ideia de Identidade Surda (com S maiúsculo mesmo, que significaria a Identidade Surda Política, a meta das identidades, aquela que deveria ser alcançada pelos surdos segundo a hierarquização proposta no trabalho citado) quando encontrava, nos meus atendimentos, estudantes que borravam essas linhas das hierarquizações. Quando, por exemplo, no primeiro ou segundo ano de trabalho, atendia estudantes que preferiam conversar comigo sem intérprete, mesmo eu informando que minha Libras ainda era precária. E aí começávamos o atendimento em Libras, para daqui a pouco passar para o português, ou então misturar as duas línguas e transitar por elas, por vezes acrescentando ali também estratégias de comunicação para se entender – seja escrita no papel, seja mímica ou gestos. Esses alunos não teriam, então, uma identidade forte? O fato de transitarem entre as línguas, ou por vezes até optarem pelo atendimento através do português oral, diante da minha limitação com a Libras, significaria uma identidade fraca?

Continuei a estranhar essa ideia quando, entrando no Mestrado, passei a ter contato com outras pessoas e histórias de pessoas surdas que não falavam em Libras. Pessoas surdas oralizadas que se posicionam a favor de tecnologias reabilitativas. Pessoas como as que participam do movimento “Surdos que ouvem”. Pessoas que não se identificam plenamente nem com a ideia de serem sinalizantes nem com a ideia de serem

oralizadas. Pessoas que se consideram ora como surdas ora como deficientes auditivas, independente da língua que falam.

No encontro também com pessoas que colocaram importantes questões para a comunidade surda justamente a partir das noções de identidade e pertencimento, como Anahi Guedes de Mello (2006).

Ou que borram as ideias de identidades surdas institucionalizadas só por serem quem são, como a Ildete.

*Mas o que significa ser uma mulher surda, tendo uma boa oralidade (faaallllooooo pelos cotovelos) e com isso uma independência dos intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em algumas atividades existentes no espaço acadêmico da UFF (Universidade Federal Fluminense)? [Nota da autora: '(...) junto com os meus colegas que são ouvintes, uso a língua oral e faço uso da leitura labial; em grandes grupos, assistindo a uma aula, por exemplo, preciso dos intérpretes de Libras.] É como se tivesse que escrever minha própria história de forma diferente, pois da maneira que é, não represento a 'categoria dos deficientes – surdos sinalizantes'. [...] Essa minha 'diferença' de ser Surda e falar muito bem, ou seja, habitar este espaço de fronteira, bagunça o que a sociedade conceitua como deve compor o corpo de uma mulher surda sinalizante. Na verdade, desvio-me da maioria dos corpos engessados nesta categoria, ou seja, destoo da dicotomia vendida pela nossa sociedade, em que surdo que não faz uso de tecnologia, não fala com a boca, só usa a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Esse é o perigo de uma história única! Nesse sentido, como diz Chimamanda [Adichie (2009)], muitas histórias importam. (SOARES, 2020, p. 67-68)*

E sigo encontrando histórias diversas que dizem de um aspecto do pluriverso surdo, que são as diferentes versões de ser pessoa surda – ideia que trabalhamos anteriormente como versões da surdez (SILVA; MORAES, 2019), mas que diante de novos encontros e reflexões, preferimos agora renomear.

Podemos ver esse aspecto do pluriverso surdo nas histórias que chegam pelas contadoras sobre quem são, seus processos de perceber-se pessoa surda, o uso ou não das tecnologias reabilitadoras, a possibilidade de posicionar-se / assumir-se surda, o sentimento de pertencimento ou não à comunidade surda, como acompanharemos nas histórias a seguir.



## Sobre (não) ter referências surdas

Camila, Mairla e Lucila, 19/08/2022

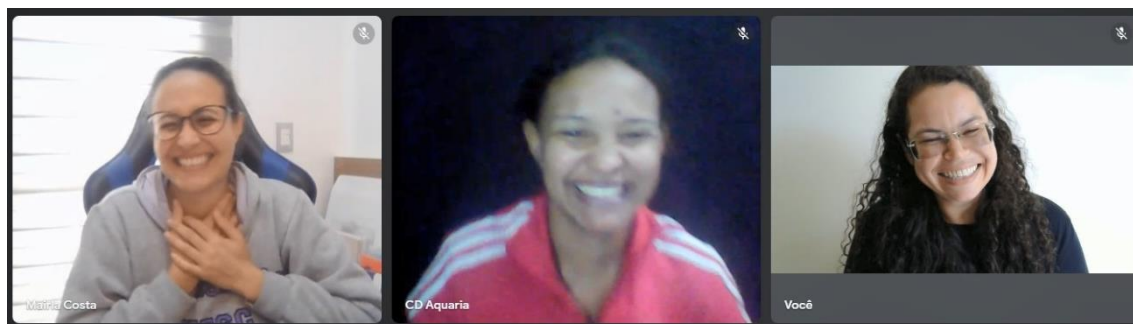


Imagem 43: Da esquerda para a direita, Mairla, Camila e Lucila

Camila: *Eu lembro que teve um menino que era surdo e era órfão. A pessoa responsável pelos cuidados dele pediu para me chamar, para que eu fizesse o papel de um suporte para ele, para ajudar com a identidade surda. Ele não era do mundo surdo. Então eu fui, e aí quando eu cheguei lá, parece que ele pensava: ‘Eu sou ouvinte.’ Ele tinha, na época, 11 anos. A maioria dos ouvintes falava: ‘Ah, sim! Ele sabe falar, ele tem uma voz boa’. Mas isso não era verdade! Ele usava gestos. Então eu tentei quebrar isso com ele. O sinal dele é esse, do Pantera<sup>31</sup>. Ele era criança, né. E eu tentei ensinar como que é o mundo próprio dos surdos. E ele falava: ‘Eu não sou surdo!’ E eu falava: ‘Você é surdo! Precisa aprender Libras<sup>32</sup>.’ ‘Não! Eu não vou aprender Libras! Libras é proibido!’ Eu fiquei espantada: Libras é proibido? Como assim?? Então eu comecei a mostrar pra ele histórias próprias do mundo surdo, tentando explicar com gestos caseiros, que eram próprios dele. E aí eu trouxe também um ouvinte que não sabia Libras, trouxe para trabalhar com eles dois juntos. Mas o ouvinte falava: ‘não, ele sabe falar português’, mas ele não sabe falar! Por exemplo, árvore. Mostrava pra ele o sinal de árvore, ele tentava falar. E ele falava coisas aleatórias, fazia a datilologia de coisas aleatórias... ele não sabia o significado da palavra árvore. Ele não sabia! Aí eu falava: ‘Se quer ir à fono, ok, vá. Mas precisa do suporte de uma professora de Libras? Precisa!’*

---

<sup>31</sup> Nome fictício escolhido pela contadora de história, Camila.

<sup>32</sup> Nota de tradução: a partir de uma observação da co-pesquisadora Giovana, em todas as histórias fizemos a escolha de traduzir para “língua de sinais” sempre que a contadora se referir a um momento sabidamente antes da Lei de Libras (BRASIL, 2002), e “Libras”, quando nos parece que a pessoa se refere a um momento posterior ao reconhecimento oficial da Libras como língua no Brasil.

*Eu tentava explicar pra ele de dentro do mundo surdo, e trazer uma pessoa ouvinte também para o mundo surdo. E o ouvinte falava: ‘mas pra que que ele vai entrar nesse mundo [surdo]? Pra que?’ ‘Ué! Pra se comunicar! Vai se comunicar como? Ele é surdo, e se todo mundo só oraliza, ele vai ficar sem saber nada. Nesse mundo [ouvinte], ele vai ficar sem saber nada do que está acontecendo.’ Então eu fui trabalhando com ele, trabalhei com ele durante 3 anos, explicando, explicando, e ok. Ele foi se desenvolvendo. Hoje ele tem 16 anos, já aceitou a identidade surda. E eu fico feliz porque... ele não tem pai, ele não tem mãe, ele não tem surdos como ele, ele não tem comunicação. Então eu fui ensinando pra ele, e é maravilhoso. A minha filha, por exemplo, ela tem 8 anos, e ela sabe Libras. Ela conversa muito com o Pantera em Libras. Bate papo... E isso vai fazendo com que ele se desenvolva. Eu acho que é importante que a criança, principalmente a criança surda, perceba: ‘quem sou eu?’ Eu sou uma referência surda pra ele, um modelo surdo. (...) Até hoje ele tenta entender: ‘será que eu sou surdo?’ Parece que as vezes ele se sente ainda como uma pessoa ouvinte. Ele tá em desenvolvimento, ainda.*

#### **Lucas, Giovana e Lucila, 25/07/2022**



**Imagem 44: Da esquerda para a direita, Giovana, Lucas e Lucila**

*Lucila: Tem, por exemplo, alguma história que aconteceu no passado que te marcou, que você sente que te marcou?*

*Lucas: Sim. Na verdade, eu lembro que quando eu tinha 3, 4 anos, eu não entendia... as pessoas ouviam e conversavam e eu olhava, estranhando. Porque eu não ouvia nada. Eu não sabia o porquê. Acho que isso começou a me angustiar. Eu falava alto as palavras. ‘Mãe!’ Eu chamava. Eu não conseguia ouvir! Usava gestos. Eu não entendia... os sinais. Onde eu iria aprender? Eu apontava. Onde eu iria aprender? Onde iriam me ensinar? Eu só apontava. Eu me sentia estranho. Acontece que eu não entendia*

*nada. E só apontava. A pessoa falava oralmente comigo. Eu olhava, sem entender. Eu não ouvia nada, não conseguia entender. Parecia que tinha algo errado comigo. Era muito estranho! Demorou... Eu ia observando e percebendo... Com 5, 6, 7 anos de idade, eu não entendia... 8, 9 anos... Eu comecei a entender com 12 anos, que eu descobri que era surdo. 'Peraí, mas como assim? Surdo e ouvinte não são iguais? Não são humanos, iguais? Surdo e ouvintes são diferentes? Pera, não tô entendendo nada!' Aí me explicaram... aí eu me descobri com 12 anos! Até então eu não sabia de nada. Isso é um problema. E isso foi algo que me marcou aos 12 anos.*

*Giovana: Importante marca!*

*Lucila: Sim. Parece que antes, você cresceu até seus 12 anos, sem se perceber como um humano, igual.*

*Lucas: Era uma cidade pequena, muito pequena!*

*Lucila: Faltava referência, certo?*

*Lucas e Giovana, juntos: Sim.*

*Lucas: Eu não tinha nenhuma informação. Minha família não teve nenhuma orientação. Foi isso.*

Camila e Lucas nos falam da importância de referências surdas para que a criança consiga se entender enquanto ser, entender quem se é. Sem essa referência, Lucas se via perdido. E Pantera se via como ouvinte, mas, segundo a percepção de Camila, sem verdadeiramente encaixar-se nesse mundo ouvinte. Para Pantera, encontrar-se com uma referência surda não foi o suficiente para tirá-lo desse conflito, segundo Camila, pois ela diz que até hoje ele ainda se questiona sobre quem é. Ainda assim, como vemos em outros trechos da história que ela conta, o contato com pessoas surdas e com a Libras trouxe novas possibilidades para Pantera e ampliou seus argumentos corporais e maneiras de se expressar.

### **Camila, Mairla e Lucila, 19/08/2022**

*Mairla: Você percebeu, nesse período de 3 anos que a linguagem corporal do menino... Por exemplo, parece que antes, no começo, ele usava mais a boca, ficava dependendo da boca...*

*Camila: Certo...*

Mairla: ...e depois foi se acostumando a usar mais o corpo e as expressões faciais?

Camila: Certo... Sim... Agora parece que ele usa mais... o VV, visual vernacular. Usa muito! Agora ele tem... na internet, ele tem contato com o Fábio<sup>33</sup>. Não sei se vocês conhecem o Fábio.

Mairla e Lucila: Sim.

Camila: Ele usa muito o visual vernacular. É poeta. Então eu peguei e mostrei pra ele: 'Olha! Pode ser você no futuro!' Então ele começou a perceber o próprio corpo, a mudar... as expressões faciais mudaram muito, muito mesmo! Parece que antes ele tinha as expressões paradas. Hoje ele se expressa com muita intensidade! Com o rosto e o corpo, se expressa muito! Seus gestões e expressões. Eu penso que isso é muito importante. Eu também ensinei a ele a se gravar. Por exemplo, o que ele grava hoje [com 16 anos], e o que ele gravava no passado, quando tinha 11 anos, é completamente diferente. 'Viu?! Que bonitas, suas expressões faciais, que bonitas, suas expressões corporais.' [Ele responde:] 'É! É! Eu amo! Eu amo!' E assim ele se desenvolve. Eu acho muito importante se gravar, porque é um registro pra ele, pra ele perceber o próprio desenvolvimento. Porque se não se grava, não percebe o desenvolvimento, pensa que continua sempre o mesmo. Mas não é! Ele mudou! É importante, isso.

O visual vernacular (VV) é um termo da Literatura Surda para falar de um tipo de criação visual estética das línguas de sinais. Trata-se de uma forma de articular os sinais no espaço, incorporando a representação dos objetos, animais e pessoas através de classificadores, técnicas de performance e ações de mídia cinematográfica.

Baseado em: VIEIRA, s/d.

#### **Imagem 45: Visual Vernacular**

Para Lucas, entender-se como surdo foi um ponto de virada. Foi a história que ele trouxe como uma grande marca, quando faço essa pergunta, já ao final de nossa conversa.

---

<sup>33</sup> Fábio de Sá. Poeta e expoente do visual vernacular no Brasil. Para conhecer mais de seu trabalho, acesse se canal no YouTube: <https://www.youtube.com/@LIBRASUPER> ou seu perfil no Instagram: @fabio.ssilva

Aos 12 anos foi quando ele começou a aprender Libras, com uma professora ouvinte. Em sua história, ele conta como antes disso ele se sentia como um ser estranho, alguém com quem tinha algo errado. Lucas nos aponta para o problema grave que é não ter informações, orientações e referências para que ele pudesse se reconhecer como um ser humano que se diferenciava de ouvintes, mas que tinha sim um contorno e um lugar no mundo – e não alguém que, por essa diferença, tinha em si algo de errado. Lembro-me de uma história que ouvi pouco depois de começar a conhecer o pluriverso surdo. A história da criança surda que se emociona ao encontrar com um adulto surdo porque ali nesse encontro descobre que não vai morrer. Antes, como ela não conhecia nenhum adulto surdo, achava que o motivo era porque não existiam, porque todo surdo, então, deveria morrer criança. Lembro o quanto me marcou ouvir essa história, e pensar na angústia da menina, imaginando sua morte precoce, por falta de referências. É a história de Emmanuelle Laborit, que conta sua biografia no livro “O voo da gaiivota” (1994).

*Tinha um gato branco. Para mim, aquele gato não tinha nome. Mas era muito feliz que fosse meu. Fazia-o saltar no ar, como se fosse um avião. Brincava de helicóptero com ele. Puxava seu rabo. Era certamente infernal, mas o gato me adorava. Passava o tempo todo a infernizá-lo, mas ele me adorava assim mesmo.*

*Ele abriu a barriga. Não sei como, nem quando. Estávamos no campo. Papai, que fazia seus estudos de medicina, se ocupou dele; costurou-a, mas não deu certo. O gato morreu. Perguntei o que tinha acontecido. Meu pai disse:*

*– Acabou.*

*Isso queria dizer que ele tinha desaparecido, que tinha partido. Que não o veria novamente.*

*Não sabia o que quer dizer a morte. Nos dias que se seguira, continuei a perguntar pelo gato. Explicaram-me que tinha acabado, e que ele não voltaria nunca mais. ‘Nunca mais’, não compreendia. ‘Morte’, também não. E, ao final das contas, acabei compreendendo só uma coisa: ‘morte’ era ‘acabou-se, está terminado’. Pensava que as pessoas adultas eram imortais. As pessoas adultas partiam e voltavam. Logo, não acabavam nunca.*

*Mas não eu. Ia ‘partir’. Como o gato. Não me via tornando-me grande. Via-me ficando sempre pequena. Por toda minha vida. Acreditava-me limitada ao estado*

*presente. E, sobretudo, acreditava-me única, sem igual no mundo. Emmanuelle é surda, ninguém mais é como ela. Emmanuelle é diferente, Emmanuelle nunca será grande.*

*Não podia me comunicar com os outros, portanto não podia ser como os outros, as pessoas adultas que escutavam. Logo, iria ‘acabar’. E, em certos momentos, quando não conseguia me comunicar, dizer tudo o que tinha vontade de pedir, de entender, ou quando não havia resposta, aí então pensava na morte. Tinha medo. Sei agora por quê: nunca tinha visto adultos surdos. Somente tinha visto crianças surdas na classe especializada da escola maternal onde estava. Portanto, na minha cabeça, as crianças surdas nunca cresciam. Iríamos morrer, assim, pequenos. (LABORIT, 1994, p. 31-32).*

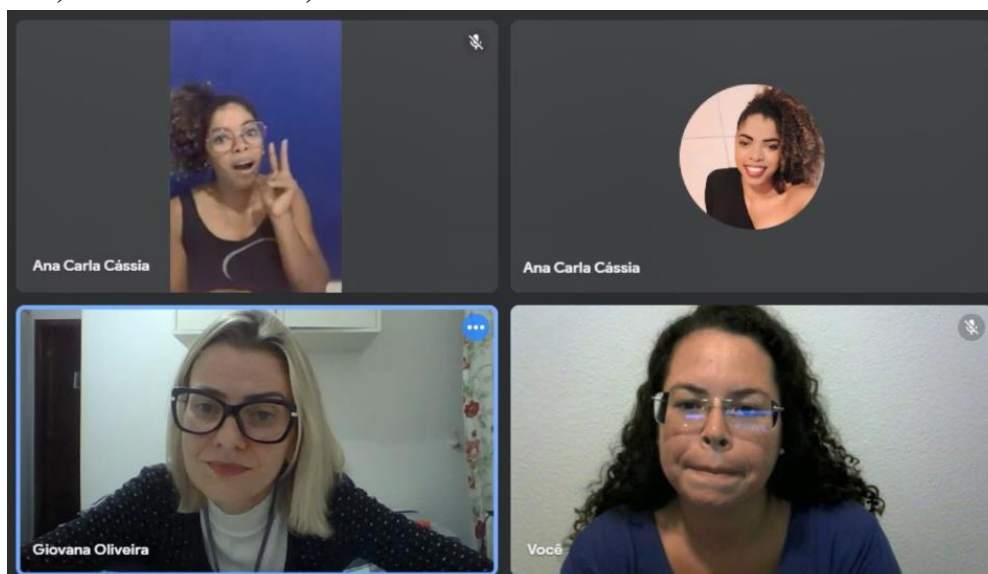
**Imagem 46: Emmanuelle Laborit**

Fonte: Google Imagens



### Ser e descobrir-se surda

Ana Carla, Giovana e Lucila, 16/03/2022



**Imagem 47: Da esquerda para a direita. Em cima: Ana Carla e Ana Carla. Embaixo: Giovana e Lucila**

Ana Carla: *Eu nasci ouvinte. Depois eu fui perdendo a audição, conforme eu fui crescendo. Mais ou menos com a idade de 2, 3 anos, a minha mãe e o meu pai começaram a perceber que quando me chamavam, eu andava, e eles chamavam, e eu andava e nem ouvia. Minha mãe e meu pai pensavam: nossa, ela é distraída? Falta atenção? Ou escuta pouco? O que que será? Se gritasse ou me cutucasse, eu olhava rapidamente. E aí eles percebiam, né. Aí falavam: ah, deve ser normal, o jeito da criança, não deve ser nada não. Mas conforme eu fui crescendo aconteceu que eu comecei a falar muito errado. Porque minha audição tava diminuída, então eu não falava certo, não. Às vezes eu falava de forma um pouco defeituosa, trocava as palavras, parece que embolava a língua, sabe? Então continuei crescendo e falando errado e pedindo desculpa por estar falando errado. E aí eu entrei na escola. E minha mãe falou: ‘oh, professora, a Ana Carla precisa sentar na frente pra ela poder prestar atenção, entendeu?’ Mas só assim, simples assim, essa instrução. E aí acontecia a aula e eu ia entendendo assim, uns pedaços, dava para entender um pouco do conteúdo. Mas as pessoas da escola me zoavam, né, porque eu falava errado. Então tavam sempre me zoando por eu falar diferente. Eu ignorava elas. Continuei crescendo, e quando eu tinha mais ou menos 10, 11 anos, eu comecei a me entender como tendo alguma coisa errada, sim. Eu comecei a me perceber diferente. Então, na escola as coisas pioraram muito, a turma era grande, uma turma de ouvintes, nunca tinham visto surdos antes, os amigos ficavam me zoando, falavam que minha voz era estranha, me chamavam e eu só ouvia se gritassem. Quando eu olhava, né, olhando no olho, conseguia ter uma relação boa, mas se estavam nas minhas costas, eu só conseguia entender se eu virasse e olhasse. Se não, não entendia nada. E assim eu fui crescendo. Então quando eu tinha mais ou menos 16 anos, eu entrei pro Ensino Médio, pro primeiro ano do Ensino Médio. Eu me formei em pedagogia, né. Mas nesse momento, quando eu entrei no Ensino Médio, eu vi uma menina surda, e foi um choque pra mim. Porque eu imaginava: ‘como é que ela vai aprender??’ Eu não conhecia nada sobre pessoas surdas. Eu ficava pensando: ‘como que acontece, esse aprendizado?’ E aí eu comecei a sentir, assim, uma empatia com ela, porque eu lembrei do passado, quando tinha muitas barreiras, pegava as coisas pela metade... E ela tinha uma surdez profunda e lá não tinha intérprete, e aí eu ficava mais ou menos...*

Giovana: *É, no passado não tinha intérprete, né?*<sup>34</sup>

Ana Carla: *É, não tinha. Por mais ou menos 3 meses não teve intérprete. Eu ficava pesando: ‘como? 3 meses é muita coisa pra ela ficar sem aprendizado!’ Então, eu sabia só a datilologia da Libras, sabia uma base muito pequena, mas eu comecei a perguntar pra ela os sinais. A gente se comunicava escrevendo, porque eu também não sabia nada de Libras, então a gente escrevia e trocava. E foi natural. Ela começou a me ensinar os sinais e no dia a dia, a gente conversando no cotidiano, eu fui absorvendo. Parece que em 3 meses eu já fiquei... já absorvi a Libras. Eu não era fluente, mas conseguia me comunicar nessa rotina, no dia a dia, olhando pra ela, trocando sinais e me comunicando. Sem oralizar. Eu me esforçava pra poder conseguir aprender. 3 meses depois, chegou o intérprete, e eu me senti aliviada. E então aconteceu uma segunda descoberta, que foi a do conforto linguístico. Eu olhava para o/a intérprete e ignorava a professora. Eu acompanhava a professora ouvinte usando a leitura labial, mas quando tinha intérprete, isso diminuía e eu ia me sentindo mais confortável, e passei a ignorar a professora e acompanhar a aula através de intérpretes. Às vezes, se eu não soubesse algum sinal – porque eu estava começando a aprender Libras, às vezes entendia, às vezes não sabia – eu olhava para a professora, via o que ela estava oralizando e conectava com o que o/a intérprete estava sinalizando, conectava as duas informações. Então eu sentava na frente e ficava fazendo essa associação e assim eu fui absorvendo muito a língua de sinais.*

[...]

Giovana: *Eu tenho uma curiosidade para perguntar para você. No passado você não sabia língua de sinais, certo? Não sabia nada. Como que você percebeu que você era surda? Como que você se descobriu como pessoa surda? Ou, por exemplo, na relação com os ouvintes, como você se percebeu? Se percebia diferente, se percebia igual? Como você descobriu essas diferenças entre você como surda e eles como ouvinte?*

Ana Carla: *Verdade, parece que eu sabia lá no fundo, sabe?, eu sabia que tinha alguma coisa diferente. Mas eu não assumia. Parece como... sabe, como... me fingindo*

---

<sup>34</sup> Ainda que já existisse a Lei (BRASIL, 2002) e o Decreto de Libras (BRASIL, 2005), pois essa história aconteceu em 2006.



*de ouvinte. Mas no fundo eu sabia que eu não era igual. Porque eu percebia, por exemplo, que o grupo de primos... um exemplo simples. 'Ah, você ouviu isso?' E aí todo mundo ouviu e eu: 'ouviu o que?' E aí eu ficava imaginando, né. 'Tá bom, não ouvi.' E às vezes eles estavam conversando e eu não conseguia acompanhar. Porque, por exemplo, eu lembro que minha avó, tinha o grupo de primos né, e aí, antigamente, 8, 9 horas da noite a avó já mandava todo mundo dormir. Era roça, né, era sítio. Então os primos ficavam conversando baixinho. E eu não conseguia entender nada. Eles só murmurando e eu ficava olhando: 'falou o que? fala mais alto' E eles começavam a falar alto e: 'Ih, fala baixo, porque a vovó...' Tinha que controlar a voz, né, porque se não a nossa avó ia brigar. 'Fala baixo, porque a vovó vai dar bronca.' Então eu começava a perceber que eu tinha alguma coisa diferente, alguma coisa errada. Mas eu ignorava isso. Eu falava: ah, dá pra conversar, dá pra se comunicar... Quando foi com 16 anos, mais ou menos, foi a primeira vez que eu fiz audiometria...*

Giovana: 16?<sup>35</sup>

Ana Carla: *Sim, 16 anos. 16.* [Aqui Ana Carla repete o sinal de duas formas: a forma que a mesma sinalizou pela primeira vez e a segunda, conforme Giovana fez]

Giovana: *Ah, que lindo, o sinal de 16!*

Ana Carla: *Isso, 16.* [Sorri.] *E aí quando eu recebi o laudo da audiometria, parece que foi um choque, assim, pra mim. Porque eu pensava que tinha um ouvido que eu ouvia bem e o outro que não. Mas na verdade eu tinha perda auditiva nos dois ouvidos. Nossa! Foi assim, uma surpresa pra mim. Eu ficava pensando: foi diminuindo minha audição e eu não sabia, eu não me apropriei nada da língua de sinais, eu não tinha conhecimento de língua de sinais, nada. Era diferente né, no passado. Não tinha Lei, poucas pessoas respeitavam o surdo. Agora a gente tem uma presença na sociedade, tem a Lei, tem várias coisas que melhoraram nossa vida como surdos. Mas no passado não tinha isso. Tinha muito mais barreiras pro trabalho, muito mais limitação para várias coisas. Foi então um choque para mim quando... eu não tava na faculdade ainda, né, então foi um choque, fiquei muito angustiada. Fiz o que? Eu procurei usar o aparelho. Menina, nossa senhora!*

---

<sup>35</sup> Nota de tradução: Trata-se de uma dúvida devido à variação linguística. Giovana é do sul do país (nasceu em Porto Alegre e mora em Curitiba) e Ana Carla é do Rio de Janeiro. Nesse momento, Giovana se surpreende e admira a maneira diferente de Ana Carla sinalizar o número 16.

Giovana: *Você não usava aparelho antes?*

Ana Carla: *Não, não usava. Não usava nada. Com 16 anos eu botei aparelho. Um choque! Outro choque! Porque parecia que dava para ouvir. Antes eu não ouvia nada, e com aparelho eu conseguia ouvir algumas coisas. Ai, meu deus, mas não era bom não! Começou um incômodo! Eu nunca tinha usado antes, né, não tava acostumada com esse som. Por exemplo, o som de passarinho, o som de cantoria, eu não escutava nada. Som de telefone, eu não escutava. E aí, com o aparelho eu comecei a escutar, mas parece, assim, que eu ficava meio perdida. Eu não sabia de onde tava vindo os sons, o que que eram esses sons, qual lugar... Nossa! Também, o cabelo né, mexer no cabelo dava um som que me dava um nervoso, me arrepiava. Porque eram ruídos, não tinham sentido. Eu falava: 'pra quê que eu vou usar aparelho?' Então eu comecei a abandonar o aparelho. E aí as pessoas falavam alguma coisa, e eu falava: 'por favor, fala mais baixo'. Porque era normal, assim, eu não conseguir entender. No passado, com o aparelho, eu conseguia ajustar um pouquinho, mas depois não adiantava nada. E aí eu comecei a frequentar a fono e a fono falava: precisa de treino Ih todo dia. E aí eu ficava pensando: 'precisa de treino, para ficar ouvindo esses ruídos?! Eu não! Eu vou abandonar esse aparelho!' Mas a gente ficava procurando aparelho por anos, tinha fila para poder conseguir aparelho, pra eu desprezar, ignorar, abandonar o aparelho? Sendo [surda] severa, eu não ouvia nada. E pra quê? Se eu usasse aparelho e desse... me ajudasse pra alguma coisa, tudo bem. Mas não me ajudava em nada, só me incomodava!*

Giovana: *É isso, o seu corpo era perfeito. Só a orelha que tava com alguma coisa diferente. E você é visual e tava sendo feliz, dava para poder aprender tudo, olhar o mar e ver a beleza do mar, pra que que precisa ouvir o mar, né? Por exemplo.*

Ana Carla: *É isso. Exatamente. Então algumas coisas eu conseguia ouvir, barulhos muito fortes, se tivesse uma batida de carro perto, eu conseguia ouvir. Não sou totalmente surda, tenho alguns resquícios. Mas não era bom. E se no futuro ficar totalmente surda, tá ótimo, porque eu tenho a Libras! Se eu não tivesse a Libras, aí é outra história! Aí teria que procurar outras estratégias, aparelho, implante coclear... Mas eu tendo a Libras, tá ótimo!*

Giovana: *É verdade, exatamente! Muito obrigada pela explicação. Porque eu, por exemplo, no passado quando eu era pequena, eu não conseguia entender nada, eu não*

*sabia nada de língua de sinais. E eu não me percebia como surda. Quando eu era criança. As pessoas falavam comigo e eu copiava, e eu tentava falar, imitava, mexendo os lábios. Só que não entendia nada, era só uma cópia do ouvinte, do jeito do ouvinte. Então eu fui crescendo, entrei na escola com 7 anos e aí eu comecei a me perceber como diferente dos ouvintes, e eu comecei a aprender a língua de sinais. E aí me desenvolvi. Por isso que fiquei curiosa de te perguntar.*

Ana Carla: *Com que idade você aprendeu Libras?*

Giovana: *Na verdade, não era Libras, era Comunicação Total. Foi o período de Comunicação Total. Eu tinha 7 anos. Oralizava junto com a língua de sinais. Essa era a Comunicação Total. Língua de sinais, mesmo, eu fui aprender com 11, 12 anos. Porque entrou um professor surdo, era uma liderança da comunidade surda, e eu agradeço muito a ele. Porque antes não tinha professor surdo, era só professor ouvinte, que aplicava a comunicação total. Que era com gestos, né. Parece que faltava... Quando entrou um professor surdo, que sinalizava direto, aí era língua de sinais mesmo, sabe. De uma forma simples, antiga, era língua de sinais. E ele falava com a gente: 'pra quê que você vai falar junto com a sinalização? Deixa fluir naturalmente só a sinalização.' E foi assim que eu aprendi direto a língua de sinais. Mas com 12 anos eu comecei a usar aparelho. E aí eu sou o contrário de você, parece. Porque o aparelho, eu uso até hoje! Eu não vivo sem aparelho. Eu não tiro aparelho pra nada. Parece que o mundo fica muito silencioso, eu fico angustiada sem aparelho. E com aparelho, ufa! Dá um conforto! Parece que eu sou viciada, sabe?, no aparelho. Então. De um ouvido eu não ouço nada. Mas com o outro ouvido eu consigo usar aparelho e melhora.*

Ana Carla: *Nos dois ouvidos?*

Giovana: *Não, não. O aparelho é só em um ouvido. Em um não adianta, mas no outro funciona.*

Ana Carla: *Ah, entendi. Maneiro. É diferente, né, sua história e a minha.*

Giovana: *É, parece que é o contrário!...*

Como Giovana e Ana Carla afirmam, suas histórias são diferentes. Ambas são mulheres surdas bilíngues. No nosso grupo, elas costumam usar a Libras para se comunicar. São professoras de Libras, e super disponíveis para ensinar ouvintes com quem encontram em seus caminhos – eu mesma já testemunhei isso várias vezes na

convivência com elas. São pessoas inseridas na comunidade surda de diversas formas, e que também transitam entre ouvintes. Se me perguntassem, eu diria que ambas têm suas identidades surdas bem desenhadas, se posicionam como surdas, e como professoras de Libras têm em seu ofício cotidiano a proposta de tornar o mundo mais bilíngue. E uma usa aparelho auditivo e outra não. Por questão de escolha e conforto. Isso não faz de uma menos surda ou menos implicada com o movimento surdo do que outra.

Me parece mais interessante olhar, nessas histórias, para a importância do encontro de ambas com outras pessoas surdas. A partir do momento que Ana Carla encontra uma colega de classe surda, e que Giovana encontra um professor surdo, é que ambas começam a olhar para si como um lugar de potência, e não de falta. Um lugar de quem pode sinalizar, em vez do lugar de quem não pode ouvir. Isso me lembra da história de Ildete, que nos contou um dia que quando ela encontrou com a Libras, ela percebeu que era como se antes ela enxergasse em preto e branco, e a Libras trouxe cor para sua vida, e receber um sinal lhe trouxe uma sensação gostosa de pertencimento. Ildete fala disso em sua dissertação, “Surdo oralizado no contexto de ouvintes e de surdos: identidade e diferença como desafio” (SOARES, 2020).

### *1.3 - Libras, um despertar em cores numa oralização desbotada*

*Experienciar a perda de audição me colocava numa verdadeira montanha russa que faziam marcas: ora com um silêncio gritante acompanhado de um zumbido, ora com sons incompreensíveis e desorganizados que tiravam toda minha harmonia. A sensação era a de que havia deixado de ter um corpo para ser ‘eu-orelha’, ou seja, um corpo que se percebe com deficiência na audição e é percebido ao mesmo tempo pelos outros como uma orelha andante. Era estranho e incômodo, mas apesar disso tudo, tentava reconstruir a existência do meu corpo e a sua relação com o mundo; mesmo sem saber que caminho seguir, sabia que estava num mundo diferente, um mundo sem cor. Certo dia, ao chegar à igreja que frequentava, avistei um casal que ‘brincava’ com as mãos num bailado tão emocionante que não me contive e fui me sentar perto deles. Apesar de introvertida, fui me aproximando, aproximando... até receber o primeiro sorriso daquele que tinha mãos flutuantes. Nesse momento, o pastor apresenta o casal a todos e explica que o ‘irmão’ (tratamento usado na igreja para dizermos que temos o mesmo PAI - DEUS) era surdo e a ‘irmã’, sua esposa, a intérprete dele. Caramba, ele é*

*surrdddoooo! – disse internamente. Logo sinto um pulsar diferente, um elo à distância se faz, uma possibilidade de, talvez, bailar com as minhas mãos e assim ‘ouvir’ é despertada em mim. E, num salto um pouco atrapalhado pela emoção, recheada de expectativas, sento-me ao lado da intérprete. Com muita simpatia, ela pergunta meu nome e o que faço na igreja; respondo meio embaraçada, porque fico fascinada em vê-la mexer com as mãos e com a forma de ele olhar pra mim. Ao término do culto, tendo a intérprete como mediadora, conversamos sobre a minha surdez e combinamos, dentre outros assuntos relacionados a ser surdo, o início do meu aprendizado da Libras. De repente, o momento mais emocionante e marcante é chegado, depois de uma explicação breve, o batismo do meu sinal pessoal em Libras (nome visual). Um sentimento de pertencimento naquele instante acontece, me sinto em família, ali tenho a certeza de que encontro meus iguais. (SOARES, 2020, p. 42-44)*



**Imagem 48: Ildete**

[...]

*A partir da experiência do meu "batismo", a sensação do pertencimento (conexão estabelecida com os meus iguais), de estar entremeada a um todo maior numa dimensão não somente concreta, mas também abstrata e subjetiva, sem dúvida foi fundamental para a minha identidade com uma multiplicidade de papéis. O sentimento do pertencimento foi construído pelo compartilhado, pelo vivenciado. (SOARES, 2020, p. 47)*

Porém, Hil traz também em sua dissertação a problemática de encontros e desencontros com a comunidade surda, que nem sempre a reconhecem como igual e a deixam permanecer nesse sentimento de pertencimento, diante da segregação que a oralização por vezes (muito frequentemente) opera entre a população surda brasileira.

*Ao aprender Libras, comecei a transitar por uma fronteira que na época não tinha ideia do que esse aprendizado poderia me disponibilizar, na minha cabeça estava, simplesmente, aprendendo uma outra língua, me aprofundando em conhecimentos, que davam cores à minha oralização já desbotada pela entrada (input) truncada dos sons nos meus ouvidos.*

[...]

*Só que ao cruzar essa fronteira (entendendo como um espaço heterogêneo), com possibilidades múltiplas de encontros e diálogos culturais, carregado de sentimento de pertencimento, feito de contínuas travessias internas e externas (que trouxeram uma série de desassossegos e ao mesmo tempo o que se tornou possível), faz-me experimentar 'identidades' que revelaram diversas maneiras de ser e, assim, negociar a reconstrução do meu corpo.*

[...]

*Entretanto, diante desse aprendizado, vem a incompreensão dos que antes via como meus semelhantes; passei a ser rotulada de 'surda paraguaia' (apelido com intenção pejorativa dado pelos surdos sinalizantes) ou, ainda, com a mesma intenção, a surda com a 'libras defeituosa'. Eles esqueceram do meu interior, eu sou o que sou! Compreendo que por estar neste espaço de fronteira, este desencontro acontece, por eu ter permanecido com a Língua Portuguesa, mesmo tendo aprendido a Libras – Língua Brasileira de Sinais, ou seja, continuava a usar a língua do 'colonizador' (no campo da surdez, quando a força ouvinte estabelece a norma de controle da comunidade surda, submetendo-a a expor-se como ouvinte, usamos os termos audismo/ouvintismo que se baseiam na ideia do 'colonialismo') e manter-me nesse lugar de fronteira, mostrava o meu desejo de continuar nos dois espaços (de ouvinte, porque continuava a falar; e de surda, porque usava a língua de sinais) e com isso, pagar um preço: o de sujeitar meu corpo a des-encontros (acolhimentos e rejeições inconstantes) tanto dos ouvintes como dos surdos. (SOARES, 2020, p. 48-49)*

## Confusões entre identidades e pertencimentos

Beatriz e Lucila, 07/03/2022



Imagem 49: Da esquerda para a direita, Beatriz e Lucila

Beatriz: *Então, eu como surda, é... surda... como é que fala? Oralizada, né. Que é uma experiência que eu vivo sempre. Minha. A questão das crianças que convivem comigo dentro do trabalho perguntarem porque que eu falo diferente. Porque eles me... a criança, quando vai me conhecer, eles acham que eu tenho um aparelho na boca, eles acham que eu tenho... é... alguma coisa diferente. É, na minha... na minha soletraç... quando eu soletro, quando eu falo. Assim, eu já cheguei falando que eu sou carioca. Eu estou no Estado de São Paulo agora. Mas eles: 'não, professora, você tem alguma coisa diferente na boca.' Eu falei: 'porque eu sou surda'. Então, assim, é... uma das histórias assim que eu tô me lembrando é essa. Das crianças perceberem que eu tenho alguma coisa diferente. Que... aí eu falo: 'é porque eu sou surda!'. Eles acham que eu tenho a língua presa ou uso aparelho, ou tenho... sei lá! Essa é uma experiência.*

É curioso notar que a primeira coisa que Beatriz diz que chega falando para os alunos é: “eu sou carioca”. E depois, como o estranhamento continua, aí vem o “eu sou surda”. Que marcas nos tocam, nos tomam, damos evidência, a cada encontro, a cada relação que tecemos? Porque Beatriz não traz de imediato sua marca como surda? Ao mesmo tempo, porque ela precisaria fazê-lo? Será que o ser surda deveria chegar primeiro que o ser carioca, por exemplo?

Beatriz traz nessa e em outras histórias que conta a confusão com as possibilidades de autoidentificação: surda? Surda oralizada? Deficiente? Pessoa com deficiência auditiva? No formulário, ela optou pela última:

Pesquisa: relação surdos e ouvintes

Perguntas Respostas 13 Configurações

Você se considera uma pessoa... \*

Surda

Surdocega

com Deficiência Auditiva

Coda

Ouvinte

Outro: \_\_\_\_\_

Enviar

**Imagem 50: Formulário – Identificações – 1**

Porém, sua história vem nos mostrar que essa pergunta é bem mais complexa do que marcar um x em uma opção pode dar conta. Existir pode ser uma luta mesmo de saber onde é o nosso lugar! Especialmente em meio às opressões que certas localizações nos impõem. E podemos estar no cruzamento de vários desses lugares de opressão – como o conceito de interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2020; AKOTIRENE, 2019) nos ensina a pensar.

### **Beatriz e Lucila, 07/03/2022**

Beatriz: *Quando eu fiz 18 anos, num carnaval meu pai me mostrou um surdo na rua. Falou: ‘Ah, esse menino é surdo.’ Aí foi conversar com o avô dele e me apresentou o Kadu. (...) foi o primeiro surdo que eu tive contato. Aí depois de um tempo, que eu fui fazer faculdade de Educação Física... Eu escolhi Educação Física justamente porque foi a única matéria que eu não me sentia diferente, quando eu fazia Educação Física, entendeu? Então a minha escolha de ser professora de Educação Física foi porque dentro da, das atividades de Educação Física eu me senti normal. Era uma atividade que eu fazia parte do coletivo. Entendeu? Fazia parte do... daquela turma, entendeu? Então eu me senti uma pessoa normal.*

Lucila: *Curioso. E porque você acha que a Educação Física fazia isso? (...) Te dava essa sensação?*

Beatriz: *Porque... Porque era... dentro da escola você é sempre chamada de surda, né. Quando... tinha o bullying naquela época, né. Eu era surda e usava aparelho,*



*meu aparelho era chamativo e sempre me chamavam de surda. E na hora que eu tava jogando, eu não me sentia assim. Eu não me sentia... E eu fui analisar isso quando eu fui fazer a monografia. De Educação Física. Aí foi aí que eu fui procurar os surdos, foi aí que eu fui buscar essa comunidade, essa cultura, entendeu? [Eu não fui apresentada pro grupo de surdos, eu fui atrás deles.] E foi nessa cultura que fui conhecer e aí eu achei que: 'pô, encontrei a minha comunidade, encontrei uma pessoa igual a mim.' E quando eu cheguei nessa comunidade vi que esse grupo, eles me chamavam de surda falsa. Eu bati muito com esse grupo. E como eu falava, eu tenho telefone, eu respondo no telefone, e eu me comunico muito bem, mas essa comunicação que eu tenho hoje é porque eu fiz muita fono. A minha mãe, é... se eu quisesse uma garrafa ou um copo d'água minha mãe me obrigava a falar 'água'. Aí ela me dava água. Então eu tive uma educação que eu fui obrigada a falar. E isso me favoreceu muito. E quando eu cheguei lá e conheci aquele grupo eu fiquei encantada e ao mesmo tempo eu senti o preconceito também. Entendeu? [...] e eu escolhi, assim, me afastar. Porque eu me empolguei muito com a... com a... com Libras, né. Mas aí o próprio... a linguagem, eu tava misturando, eu não soube separar, eu tava falando igual surdo. Então eu tive umas, umas... umas quebras de... Assim, eu me decepcionei um pouco com como eu fui recebida, né. Então, assim... eu faço de tudo pra defender qualquer deficiente, porque eu me sinto no lugar de deficiente. Mas ao mesmo tempo eu tenho essa luta de... onde está o meu lugar? Se eu faço parte da cultura surda... Não sei. Não sei mesmo. Não sei porque... é muito... Ah, o mundo é muito difícil, né. Eu acho que o mundo é muito... Eu não sei te falar hoje qual é o meu... papel.*

Assim como Ildete, Beatriz também sentiu que não foi muito bem recebida na comunidade surda enquanto uma surda oralizada. Hil aprendeu e optou por usar Libras, mas Bia acabou se afastando da língua e segue, de certa forma, nessa tensão de identificações. É interessante ver como Ildete elaborou essa questão em sua dissertação afirmando-se na fronteira e não aceitando que a enquadrassem em um dos dois lados da dicotomia surda sinalizante x surda oralizada. Talvez (digo isso com base na nossa parceria durante esses anos de pesquisa, desde 2018) sua pesquisa para o mestrado – não sem percalços e lutas, como ela mesma narra – tenha contribuído para essa elaboração sobre sua própria vida: o pessoal é político, e o político também é pessoal.

*Apesar dessas lutas, meu corpo já se sentia confortável nesse ‘entre-cultura’ e já percebera que não haveria outra forma de existir senão pela Língua Portuguesa e pela Libras - Língua Brasileira de Sinais. Posiciono-me, então, como ‘Surda’<sup>36</sup> oralizada e, também, como usuária de Libras’. Para mim, não há dúvida da impossibilidade de escolher apenas um lado de identificação cultural, de demarcar limites, identifico-me nesse lugar de transferência de valores. É algo tênue, sou constituída por este composto, sinto-me profundamente atravessada e, por vezes, não tem como distinguir. Nasci neste ‘entre-espaço’: na fronteira!*

*Este posicionamento significa dizer que, junto aos ouvintes, passei a usar a língua oral para me expressar, fazendo uso da leitura labial para compreensão quando em pequenos grupos; quando em grandes grupos, uso da Libras com tradução de intérpretes; e junto aos surdos sinalizantes, uso da língua de sinais, fazendo movimento labial, perguntando os sinais quando não entendidos e solicitando para ‘falar’ (sinalizar) devagar, se necessário. Tal qual Glória Anzaldúa traduzida por Joana Plaza Pinto, quando diz:*

Eu não vou ter mais vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, [...]. Eu vou superar minha tradição de silêncio. (2009, p. 312)

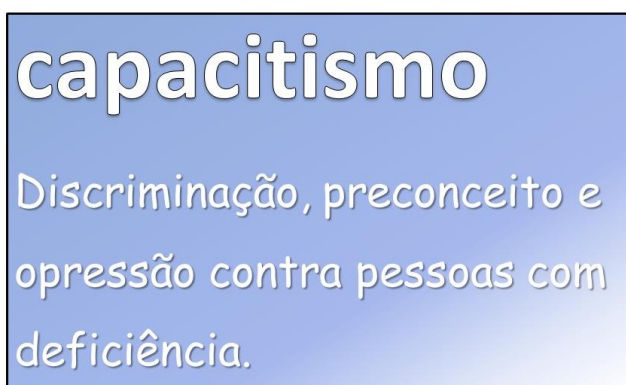
(SOARES, 2020, 49-50)

Entender-se e assumir-se surda, ou entender-se e assumir-se pessoa com deficiência é um processo que tem várias camadas e nuances e momentos. Novamente podemos pensar com Beatriz – e também com sua interlocutora, Gislana, que é uma mulher cega – quando estão conversando sobre o capacitismo que sofrem cotidianamente

---

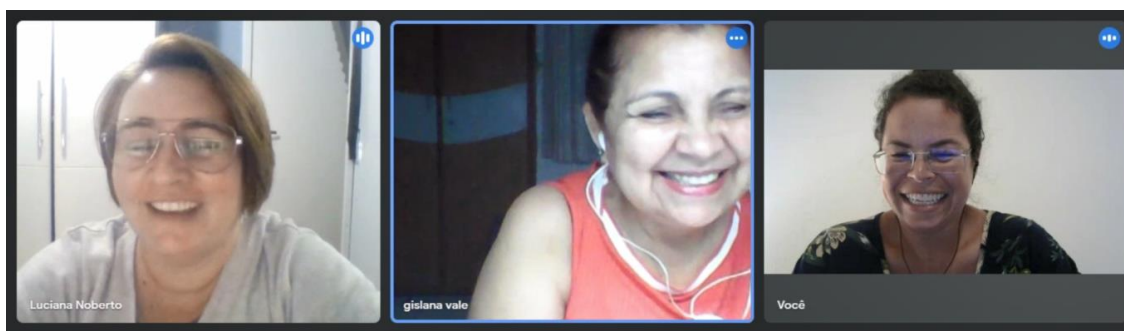
<sup>36</sup> Nota da autora: “Destaco o termo Surda ‘com S maiúsculo’ como uma forma de empoderamento, de reconhecimento da identidade surda que está em mim e em todo processo histórico e cultural que nos envolve. Segundo Audrei Gesser (2008, p.225), o termo Surdo ‘rejeita o discurso ideológico dominante construído nos moldes do oralismo, que localiza o surdo em dimensões clínicas e terapêuticas da cura, da reeducação, da normalização’, demonstrando o ‘discurso pautado em paradigmas da diversidade linguística e cultural’.

e, nessa conversa, refletindo sobre suas identificações e seus posicionamentos e afirmações de identidade diante da sociedade.



**Imagem 51: Capacitismo**

### **Gislana, Beatriz e Lucila, 29/08/2022**



**Imagem 52: Da esquerda para a direita, Beatriz, Gislana e Lucila**

*Gislana: Porque eu vejo muito, por exemplo, como eu sou uma mulher cega, eu vou nos lugares e a pessoa faz isso que você falou. Fica mandando alguém falar, né. Eu fiz uma cirurgia no joelho, recente, e a assistente do médico, ela ficava falando com minha irmã. ‘Diz pra ela que o médico vai falar com ela...’ Aí minha irmã: ‘tu tá ouvindo?’. Eu: ‘sim’. Aí eu: ‘Diz pra ela que eu acho que vai dar certo...’ Aí ela pegou, bateu em mim, a assistente do médico, assim: ‘Eu tô ouvindo’. Eu disse: ‘Eu também tô! Você tá falando pra ela, eu tenho que responder pr...’ [Gargalhadas]*

*Beatriz: Exatamente isso. Exatamente isso! Eu vi isso, eu vivenciei isso.*

*Gislana: Ah, eu disse: ‘eu tenho que responder pra ela!’*

*Beatriz: É bem interessante né? Como você passa por isso e até hoje, né, ou não? Acabou?*

Gislana: *Não! Até hoje!*

Beatriz: *Eu acho que, acho que as coisas ainda não mudaram muito não. A gente tá mais exposto, a gente tá dentro da sociedade, mas as pessoas parecem que têm medo da gente.*

Gislana: *Mas eu fico pensando uma coisa: mudaram pra gente e não mudou pra eles, que não têm a deficiência. Eu acho que a gente avançou. Pelo menos alguns lugares que eu tenho ido, eu percebo que nós com deficiência, diversas deficiências, a gente avançou no pensar sobre a gente. Porque, assim, a deficiência, ela é um lugar muito impeditivo, então a gente tem muito medo de lidar com ela e de se assumir com ela, porque a gente pensa... se eu pensar que eu sou surda, se eu pensar que eu sou cega, e pronto, eu não pos... ninguém mais vai entender que eu sou uma pessoa, uma mulher, além da surdez. Porque parece que a deficiência, ela chega muito na frente da gente, né. E à medida que a gente vai construindo essa coisa na cabeça da gente, de entender que a gente tem mesmo essa deficiência, e que... Eu penso que eu passei metade da minha vida procurando me parecer com quem não tinha nenhuma deficiência. Falar igual, andar igual, comer igual. Me comportar... Até porque como eu não tenho uma característica muito forte da deficiência, por exemplo, meus olhos não têm diferença. Pelo menos não ainda, digamos, porque as pessoas têm... às vezes se perde um olho, às vezes o olho tem uma posição diferente. Mas o meu ainda não tem, ou eu não sei se vai ter. Então as pessoas não acreditam muito que eu não enxergo. De princípio, elas não acham. Até porque eu tô sem bengala. Então elas não acham muito.*

Beatriz: *Olha, todo mundo fala, todo mundo acha que eu não sou surda também, tá. Eu... Geralmente eu escondia o meu aparelho, né, com o cabelo, e eu falo muito bem. Mas ninguém entende que eu tenho só 16% de audição. Eu tenho os meus limites.*

Gislana e Beatriz falam de momentos em que tentavam se enquadrar na corponormatividade imposta pela sociedade, escondendo suas deficiências. Ao mesmo tempo trazem que isso mudou para elas – já não buscam mais esconder-se. É interessante ver nessa conversa também o que Gislana aponta: mudou para elas, que se assumem como mulheres com deficiência, mas não mudou para as pessoas sem deficiência, que de dentro da sua corponormatividade e capacitismo, não avançam no pensar sobre a deficiência.

A fala de Gislana convoca a nós, pessoas sem deficiência, à um processo de também avançar no pensar sobre a gente – pois que ela percebe que esse é um trabalho que as pessoas com deficiência já estão fazendo e avançando nele. E avançar nesse pensar significa também deslocar-se de si para se reposicionar para ir ao encontro do outro. Na relação com pessoas com deficiência, acredito que isso significa – entre outras coisas – pensar nossos privilégios, nossos posicionamentos, estar atentas aos nossos capacitismos, e nos disponibilizarmos para estar junto de fato, construindo e dando força às nossas possibilidades de conexões.

### **Ser e descobrir-se ouvinte**

Para mim era tão naturalizado o fato de ouvir com os ouvidos que nem sabia que tinha um termo que me colocava em uma categoria e me marcava no mundo. Diante do encontro com a comunidade surda, eu me descobri ouvinte. E o que significa ser ouvinte no mundo que vivemos? E o que significa ser ouvinte no encontro com a comunidade surda? E o que significa ser ouvinte habitando e construindo o pluriverso surdo?

*O outro ouvinte, na posição da alteridade surda cultural também evidencia a diferença de ser: este ouvinte é o outro que experiencia a fala, a escuta, a leitura, a lógica de ser ouvinte e a alteridade que este ouvinte não tem, ele é um 'privado' de ter tentativas de sinais expressivos para tudo. Um privado de experiências visuais para tudo. Os outros ouvintes são os outros 'não capacitados' para inventar uma língua de sinais na sua originalidade, de criar uma cultura exclusivamente visual. (PERLIN, 2003)*

É curioso notar que os pontos relacionados à identidade levantados em outros tópicos dessa bolsa – ser e descobrir-se surda e ser e descobrir-se CODA – surgiram como questão nas conversas com as contadoras surdas e CODAs. Mas nenhuma contadora ouvinte trouxe como questão ser e descobrir-se ouvinte: é algo que para nós já tá dado e naturalizado. Mas que entendo que precisamos, sim, tensionar.

Essa tese é um exercício, também, de reflexões sobre as perguntas levantadas no primeiro parágrafo desse tópico. A resposta vai sendo construída no cotidiano, nos encontros, a cada encontro. Acredito as temáticas levantadas nessa tese – como o privilégio ouvinte, a hegemonia do português e diversas histórias sobre encontros entre pessoas surdas e ouvintes – nos dão pistas para responder localmente essas perguntas.

### **Ser e descobrir-se CODA**

Já que estamos falando de pluriverso surdo, falamos de quem habita e constrói esse pluriverso, composto na diferença, com diversos tipos de encontros e pessoas. De tal maneira, é interessante trazer também as histórias de duas contadoras que não são surdas. Mas também não são ouvintes. Jane e Aline nos trouxeram com muita força o que uma delas nomeou de “identidade CODA”.



**Imagem 53: Jane**



**Imagem 54: Da esquerda para a direita, Ana Carla, Aline e Lucila**

No momento que construímos o primeiro piloto, o formulário não oferecia a opção “CODA” no tópico em que perguntávamos: “Você é...”. Apenas haviam as opções \*Surdo/a \*Ouvinte \*Deficiente auditivo/a \*Outros



Protótipo: relação surdos e ouvintes

Perguntas Respostas 4 Configurações

Você é... \*

Surdo/a

Ouvinte

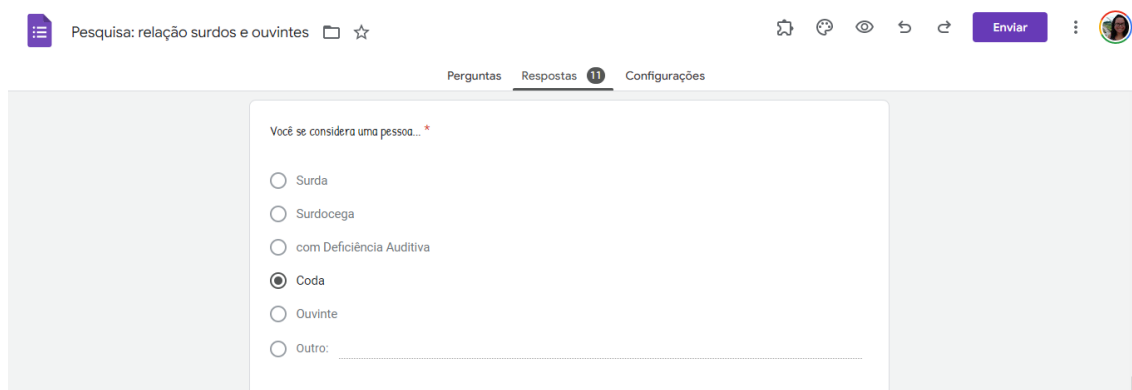
Deficiente auditivo/a

Outros...

Enviar

**Imagem 55: Formulário – Identificações – 2**

Jane respondeu a opção “ouvinte”. Mas trouxe na história que nos contou que se entender CODA lhe deu um lugar no mundo. Isso nos motivou a alterar o formulário e, no novo formulário, Aline respondeu a opção CODA.



Pesquisa: relação surdos e ouvintes

Perguntas Respostas 11 Configurações

Você se considera uma pessoa... \*

Surda

Surdocega

com Deficiência Auditiva

Coda

Ouvinte

Outro: \_\_\_\_\_

Enviar

**Imagem 56: Formulário – Identificações – 3**

Tá, mas o que é CODA? Sigla em inglês para “Children of Deaf Adults”, é usada no Brasil para dizer de “filhos ouvintes de pais surdos”. E o que significa ser CODA? Qual a dimensão que isso pode ter na vida de uma pessoa?

*Bom, meu nome é Aline, esse é meu sinal [configuração de mão da letra A na frente do corpo, na altura do ombro, fazendo um movimento rápido para frente e para trás duas vezes, como quem bate em uma porta invisível]. Eu nasci com pai e mãe surdos, e eu sou ouvinte. Então eu sou CODA. [...] Antes eu não conhecia essa palavra, CODA. Não conhecia. Quem me apresentou essa palavra foi a Laura Jane, que é intérprete lá no*

DESU [Departamento de Ensino Superior do INES]. [...] *Ah, eu amo ela! Ela me apresentou a palavra, eu não conhecia. Ela foi pros Estados Unidos e quando ela voltou, ela divulgou pelo Brasil. Antes, eu não sabia qual era a minha identidade. Porque quando eu ia lá com os ouvintes, chegava na comunidade ouvinte, eu sentia que faltava intimidade. Não combinava. E com os surdos, eu não era surda. Eu tinha intimidade, mas há alguma coisa que acontece na pele do surdo que eu não tenho como acessar. Eu entendia, tinha empatia, mas eu não sentia na própria pele, como surdo. Então eu ficava, parece que no meio, perdida. E aí quando eu conheci a palavra CODA, parece que eu me senti preenchida. Eu achei a minha identidade! Eu entendi o que eu sou, quem eu sou. E aí, junto com as outras crianças CODA, que eu cresci, a vida inteira, né. Cada um foi pro seu canto, cada um tem seu próprio trabalho, sua casa, sua família, suas coisas. Mas a gente continua em contato. Mesmo que tenha se afastado um pouquinho. E aí quando eu aprendi essa palavra, eu aproveitei pra espalhar e aí parece que conectou! Conectou o grupo de pessoas. Todo mundo se sentiu igual. 'Ah, porque minha mãe faz isso!' 'Ah, acontece com minha mãe também.' 'Ah, porque com meu tio acontece isso!' 'Ah, com meu tio também'. Parece que foi uma sintonia, uma identificação. Porque eu não sou ouvinte, eu não sou surda, eu não sou intérprete, eu sou CODA. Eu entendi a minha identidade. Por isso até hoje eu continuo em contato [com as crianças CODA com quem cresci]. A gente marca, às vezes 1 vez por ano, que seja, um encontro pra conversar, bater papo, vai na casa de uma pessoa, ou vai no restaurante, uma praça... encontra uma vez por ano. A gente marca sempre, 'ah, vamos nos encontrar!', acho que é pra matar a saudade, um pouquinho. Falar sobre a família... Porque se eu, hoje em dia, converso com o meu primo de sangue, ele não vai entender. Porque eu tenho um tio surdo, e aí o filho, que é CODA, se eu converso com ele, ele me entende, se identifica também. Agora a outra tia, que é ouvinte, não. A gente conversa, normal, mas tem coisa que não dá pra se aprofundar. Porque o CODA entende claramente, na hora. Quem não é, falta alguma coisa, sabe? Então parece que eu me entendi CODA, entender o que significa CODA me deu mais clareza e mais liberdade sobre quem eu sou. Entende? Também na terapia, eu falei pra minha psicóloga, expliquei o que é CODA, e aí agora ela consegue me ajudar melhor. Porque ela tem mais claramente o que é essa identidade, que sou eu. (Aline, 30/08/2022)*



*Como eu aprendi a língua de sinais? Essa língua tão maravilhosa. Então, eu sou filha de surdos. Os dois, meu pai e minha mãe, são surdos. A minha mãe é surda profunda, e meu pai usava aparelho auditivo, mas era oralizado, mas também sabia língua de sinais bem. A minha mãe sabia muito pouco, a língua de sinais. E eu cresci nessa família, sendo estimulada e me desenvolvendo no contato com o surdo direto, até mais ou menos... uns 20 [anos]. Depois eu casei e me afastei da comunidade surda. [...]* [Então Jane nos conta sua história e finaliza usando a palavra CODA pela primeira vez na narrativa, dizendo:] *E o mais legal é saber que eu, EU, eeeuuuu sou filha de surdos. Eu sou CODA. E isso significa o que? É uma valorização que eu não tinha ideia, e que hoje eu tenho. Muito obrigada, esse é o resumo da minha história. Eu amooo, eu sempre estarei aqui. Até Deus liberar pra eu voltar pra casa, também. Lá, né. Muito obrigada, meu nome é Jane, e eu sou CODA, e esse é meu sinal [configuração da mão com polegar e mindinho abertos e os 3 dedos do meio abaixados, como no sinal de “desculpa”. A mão gira levemente no ar na frente da bochecha esquerda, como o movimento da letra J, e toca com o mindinho a bochecha próximo ao nariz]. Um beijo no seu coração! (Jane, 27/11/2020)*

Ah! É importante dizer que ambas nos contaram histórias em sua primeira língua, ou língua materna, ou L1, a Libras.

*A minha primeira língua é a língua de sinais. Eu aprendi o português depois, quando eu entrei na escola, eu já tinha mais que 5 anos de idade. Então eu acredito que hoje eu seja uma pessoa bilíngue de fato. Porque eu não tenho... Dentro do Brasil, né, é a língua portuguesa L1 e a L2 é Libras. Eu não tenho uma L2 dentro do Brasil. Eu, na verdade, tenho as línguas concomitantemente. A Libras é a minha língua materna e o português é a minha L1 também. Então as duas andam juntas. Então acredito que eu seja de fato bilíngue. (Aline, 30/08/2022)*

Atualmente, tanto Aline como Jane têm a língua de sinais como instrumento de profissão – são tradutoras e intérpretes de Libras e Português.

Jane fala do seu processo de encontro com a profissão:

*[...] e eu me separei. Aí é que eu voltei pra comunidade surda. Estranho, o mais engraçado é que o meu ex-marido é que me incentivou, ele falou: ‘vai, volta pra Libras,*

*pra comunidade, você sabe, sua família, etc...’ E eu: ok, aceitei. Eu procurei o INES, fui lá e me inscrevi. Quando me inscrevi e entrei lá, fui avaliada, e me botaram no nível 4. No 5º nível, peguei o diploma e procurei um trabalho. Estranho! Meu ex-marido também pegou meu currículo e entregou pra secretaria de educação daqui de Caxias. Entregou. A mulher me chamou para avaliação, e ela era surda. Eram duas surdas e uma terceira professora... surda também. As 3 tinham um projeto na equipe de lá. Aí me avaliaram, e ela percebeu o quê: meus sinais eram velhos. Eram sinais próprios que minha mãe e do meu pai criaram... Mas ela não desistiu de mim, não! Estranho, muito legal! Então, elas aceitaram meu currículo, me orientaram e me incentivaram. E parece que a língua voltou, incorporou de volta em mim! Para minha origem... Parece, porque eu acho que a Libras, ela tá correndo no sangue, ela corre no meu sangue, no meu corpo todo. E com isso eu desenvolvi muito rápido, a língua. E eu trabalho aqui na educação de surdos, e também na Viável. É uma empresa de chamadas de vídeos para comunicação das pessoas surdas, para marcar médico, marcar advogado, conversam... Porque aqui no Brasil tem, às vezes, uma dificuldade na comunicação com os surdos, não tem, não funciona, por vários problemas. Então... Eu sou muito feliz que Deus me trouxe de volta para o lugar de onde antes eu saí. Sabe a história do filho pródigo que Jesus conta? Eu voltei pra casa! A comunidade me recebeu de volta. E eu sou muito feliz por isso. Muito, muito mesmo. Mas todo dia eu aprendo como essa língua se desenvolve! Como! Desenvolve muito! Graças a Deus. A gramática, as estruturas, tudo, a história, a cultura, a comunidade... (Jane, 27/11/2020)*

A história de Jane nos conta que não basta ser CODA e ter a Libras como sua primeira língua para ser intérprete. É necessário formação inicial e formação continuada. Hoje em dia existem formações como o bacharelado em Letras-Libras e pós graduações em tradução e interpretação. Anteriormente a implementação desses cursos, havia o pró-Libras, um exame de proficiência na Língua Brasileira de Sinais. Antes disso, antes da Libras ser reconhecida legalmente como língua e com essa legislação vir a demanda da formação oficial de intérpretes, a maioria das vezes quem cumpria esse papel era algum(a) familiar, e especialmente pessoas CODAS podiam ficar automaticamente nessa função desde crianças.

Isso é retratado nos filmes “A Família Bélier” (de 2014, no original francês “La Famille Bélier”) e na sua adaptação estadunidense de 2021, “No ritmo do coração” (no original em inglês “CODA”) – que inclusive ganhou 3 Oscar em 2022: melhor filme, melhor roteiro adaptado e melhor ator coadjuvante para o ator Troy Kotsur, que é surdo e faz o papel do pai na família sobre a qual se trata o filme. Aline também nos conta um pouco disso na sua história.



Imagem 57: Cartaz brasileiro do filme “A família Bélier”.



Imagem 58: Cartaz original do filme “CODA”.

### Aline, Ana Carla e Lucila, 30/08/2022

Aline: *Eu comecei a interpretar já tem 11 anos, já. Que eu comecei a interpretar profissionalmente. Mas antes eu já interpretava dentro da família, né. Eu comecei a trabalhar com contrato de intérprete quando eu tinha 21 anos. Antes disso, eu interpretava informalmente dentro do contexto familiar, de amigos, essas coisas.*

[...]

Ana Carla: *Você sentia vontade de interpretar? Sentia que era uma vontade livre ou parece, como se fosse, não é exatamente uma obrigação, mas... 'Meu pai e minha mãe precisam, então eu preciso ajudar'... Ou foi uma vontade mais livre sua? Sabe? Foi uma coisa que você se sentiu pressionada ou... como você se sentiu?*

Aline: *Na verdade, na época em que eu nasci, em 90... Porque mais ou menos de 90 até mais ou menos 2010, nesse período, as gerações de CODA, elas eram obrigadas de fato a interpretar. Não tinha assim, 'Ah, boa vontade, eu vou ajudar meus pais'... Não tinha esse pensamento. Era criança, não tinha isso! Meu pai e minha mãe me obrigavam mesmo! E não era só comigo. Era... por exemplo, meus, entre aspas, 'primos CODA', que cresceram junto comigo. Porque na verdade, o surdo se afasta da família de sangue e vai encontrar outros surdos. Por exemplo, naquela época, nas associações. Vão conversar, bater papo... E aí a gente crescia junto com outras crianças que eram CODA. É como se fosse uma família. Por exemplo, eu não tenho contato com minha família de sangue. E eu percebo que a maioria dos CODA da época de 90 até 2010 eram obrigados a interpretar. Não tinha 'Ah, vou ajudar meus pais'. Não! Era uma obrigação. Eu não queria saber de ser intérprete. E eu falava isso pra minha mãe, e ela falava: 'Você vai sim, ser intérprete, quando crescer'. Parece que ela insistia isso comigo, e a gente acabava discutindo. Mas eu tentava, assim, acessar e seguir por outros caminhos, parece que Deus, não sei... [...] Eu tentei seguir várias profissões, mas parece que sempre tinha uma barreira. E aí um dia, de repente aconteceu isso mesmo, com essa idade de 21 anos, aconteceu. Eu tava desempregada, passando sacrifício, não tinha dinheiro, não tinha onde trabalhar... Porque desde 14 anos eu trabalho pra ajudar a pagar contas em casa. Então eu tinha 21 anos e tava sem emprego. Parece que tudo estava fechado pra mim. E aí eu não sei como... uma pessoa me ofereceu: 'ah, você quer fazer essa experiência, de ser intérprete? Se você gostar, a gente te contrata.' Eu não tinha pró-Libras naquela época, não tinha nada...*

Ana Carla: *É, porque naquela época não existia né.*

Aline: *É, sim, naquela época era diferente. E aí eu aceitei, porque eu tava sem dinheiro, precisava ajudar em casa. Aceitei. E entrei nessa escola. Era pra interpretar uma aula de português, que é difícil pra surdo né. E aí a professora falando, aqui em pé, e eu sentei do lado dela e os surdos sentaram na minha frente. E a professora ia falando e eu olhava aqueles surdos sentados. Eu nunca tinha interpretado fora da minha família, nunca. E eu pensava: qual estratégia eu vou fazer? Porque eles não me conhecem, não conhecem os sinais que eu uso... Tava, parece que enferrujada, sabe, com a língua de sinais, naquela época. Aí eu pensei: os surdos tavam aqui sentados. Eu vou fazer como*

*se fosse meu pai e minha mãe. Eu vou pensar: como é que eu explicaria se fosse meu pai e minha mãe pra entenderem claramente? E eu sei que eu comecei a interpretar e os olhos dos surdos foram abrindo e foi surgindo um brilho no olhar! E aquilo, eu me apaixonei na hora! E aí depois, assim, eu saí de lá e fui pedir: será que eu posso ficar aqui, trabalhando como intérprete então, de noite? Então de repente parece que todas as portas que estavam fechadas, elas foram se abrindo. Porque parece que minha profissão mesmo é ser intérprete. Antes eu não queria. Mas depois eu me apaixonei e aceitei esse caminho.*

[...]

*Ana Carla: Muito interessante, sua história. É, legal mesmo! Porque a gente pode pensar: será que você era obrigada a interpretar ou não? E aí você contou de uma época em que você era obrigada, como se fosse uma opressão, né. Você própria não tinha vontade.*

*Aline: Não tinha intérpretes. Não tinha. Hoje em dia, de 2010 pra cá, tem intérprete nos lugares. O surdo que tem filhos hoje em dia, não precisa obrigar o filho a ser intérprete. Já tem intérpretes. E aí a criança CODA cresce de um jeito diferente!*

*Ana Carla: Mais livre! Parece que mais livre. (Aline e Ana Carla, 2022)*

Na reunião que fizemos para pensar sobre como olhar para as histórias, ao falarmos sobre a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, Ana Carla disse:

*Outra entrevista que lembro foi a que fizemos com aquela mulher intérprete ouvinte, lembra, Lucila? [Sim, a Aline] É, a Aline. Então. Interessante como ela falava oralmente, e recebia as respostas em língua de sinais, pois seu pai e sua mãe são surdos. Nesse processo, ela foi transformando sua forma de se expressar da oralização para a sinalização, e cresceu assim.*

Porém, ao assistir novamente a entrevista com Aline reparei que ela não traz essa história, e então lembrei que o enredo da história que Ana se recordou é uma linda poesia da Aline em Libras.



<https://www.instagram.com/p/CiwJHfajP5H/>

### Imagem 59: Poesia da Aline

**Descrição-Tradução do vídeo:** [No vídeo, Aline sinaliza a poesia, sem versão em português oral e sem legenda em português escrito. Ao fundo, toca a música “Amarelo, azul e branco”, de Anavitória com a participação de Rita Lee. A letra diz: “Deixa eu me apresentar que eu acabei de chegar, depois que me escutar você vai lembrar meu nome. É que eu sou de um lugar onde o céu molha o chão, céu e chão gruda no pé, amarelo, azul e branco. Eu não sei... não sei... não sei diferenciar você de mim”] Nasci. [mexe os lábios, animada, olhando para o alto à direita:] Mamãe! [Continua olhando para o mesmo lugar, mas agora com expressão atenta, faz o sinal:] “mamãe” [e mexe a cabeça, em afirmativo]. [Vira para a esquerda, ainda olhando para o alto, e mexe os lábios, animada:] Papai! [Continua olhando para o mesmo lugar, mas agora com expressão atenta, faz o sinal:] “papai” [e mexe a cabeça, em afirmativo]. [Olha para o alto e para frente, aponta para si e mexe os lábios, com expressão de interrogação:] eu? [Mexe os lábios, animada:] Aline! [Faz o sinal do seu nome, com as mãos fechadas no sinal de A em Libras, balançando para frente e para trás, como se batesse em uma porta no ar:] Aline!! [Se abraça, feliz e sorridente]. [Olha para frente, conversando em Libras com o interlocutor:] Parabéns! Hoje é um dia especial! São 19 anos da Lei de Libras! Amo vocês!

## BOLSA DA COMUNICAÇÃO E DAS LÍNGUAS

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/S2INP-XkMGk>

**Resumo em português:** O título dessa bolsa é “comunicação e línguas”. Fala sobre a comunicação e também sobre dificuldades de comunicação. Mostra o esforço da pessoa ouvinte para se conectar com a Libras e também o esforço da pessoa surda para se conectar com o português.

Em 20/12/2022 fizemos uma reunião entre a equipa para conversarmos sobre os temas que eram mais relevantes para levarmos adiante com essa tese, a partir das nossas experiências e das histórias que acolhemos.



**Imagem 60: Reunião entre as co-pesquisadoras. Da esquerda para a direita. Em cima: Ana Carla, Giovana e Mairla. Embaixo: Ildete e Lucila.**

Nesse dia, a equipa disse que o tema mais relevante em suas vivências e um dos que mais surgiram nas histórias, em se tratando da relação entre pessoas surdas e ouvintes, é a comunicação. Essa questão apareceu na nossa discussão, a princípio, por conta das histórias em que as pessoas contavam sobre seus processos educacionais, em geral em escola inclusiva e por vezes em escola ou classe bilíngue para surdos. Ao relembrar as histórias que acolhemos que a marcaram, Giovana trouxe duas conversas com pessoas surdas em que ambas apontaram suas insatisfações e isolamentos dentro da escola inclusiva. Ana Carla pegou o gancho da Giovana na conversa para dizer que entende se tratar da dificuldade de comunicação que as pessoas surdas encontram em escolas inclusivas.

Ana Carla: *O principal problema são as barreiras de comunicação, é isso! Se todo mundo soubesse Libras, ah! Bacana! Aí a comunicação ia ser uma delícia! Mas a maioria das vezes o que acontece é a barreira na comunicação. Esse é o principal problema. E por que???*

Giovana: *Mas também é necessário ter muita paciência com essa comunicação truncada...*

Ildete: *E isso é independente de ser surdo oralizado ou sinalizante. Porque todo surdo, oralizado ou sinalizante, tem dificuldade de comunicação com ouvintes.*

Giovana: *Tem, mesmo.*

Ildete: *Independente de ser surdo oralizado, implantado ou sinalizante, todo surdo tem problemas de comunicação com ouvinte. Eu acho que o principal é essa comunicação truncada.*

Giovana: *Isso é porque com a dificuldade de comunicação, o que acontece? Me dá angústia, mexe com meu emocional, com meus sentimentos. E por isso que para acabar com essas barreiras de comunicação, a língua é muito importante, para a comunicação fluir e termos conforto cognitivo. Mas ouvintes com ouvintes também têm problemas de comunicação. Surdos com surdos também têm problemas de comunicação. Dentre as diversas identidades... depende do contexto. Por isso o importante é a fluidez na comunicação.*

Mairla: (...) *Para mim, sempre volta na língua. Para mim: sim, pensar em surdo é pensar em língua. Tudo se conecta com a língua. Por exemplo, um bebê nasce, às vezes tem... acontece uma doença hereditária em que há uma perda auditiva, ou nasce sem audição. Ele precisa de aquisição de linguagem. Como é esse processo? Ou cresce e pode acontecer uma meningite que acarreta em perda auditiva. Precisa aprender Libras, a família precisa aprender Libras. Eu lembro do relato da Helena, da experiência dela crescendo com dificuldade na relação por causa da língua. Para mim não existe pensar relação entre pessoas surdas e ouvintes deixando a língua de lado. Não dá.*

Giovana: *Por causa da comunicação.*

Lucila: *E volta para a comunicação!*

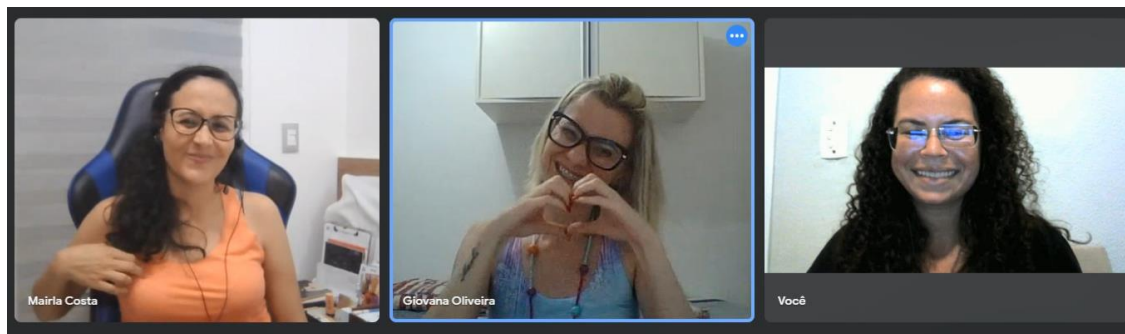
Trouxemos, então, aqui, algumas dentre as muitas histórias que apareceram sobre comunicação e línguas no encontro entre pessoas surdas e ouvintes. No primeiro tópico,



temos histórias de encontros e desencontros nas línguas. No segundo tópico, temos histórias de ouvintes aprendendo Libras. No terceiro tópico, histórias de surdos aprendendo português.

### Encontros e desencontros

**Giovana, Mairla e Lucila, 07/03/2022**



**Imagem 61: Da esquerda para a direita, Mairla, Giovana e Lucila**

Giovana: *Quando eu era pequena... então, parece que não tinha comunicação com os ouvintes, a gente só brincava, mas se comunicar... eu não entendia nada. Nada. É como se eu fosse vazia. Não tinha língua, só brincava, que era mais fácil. As pessoas falavam comigo, oralmente, e eu ficava encarando, sem entender nada. Aí eu copiava, ficava mexendo minha boca tentando imitar a oralização. Copiava aquele movimento, normal, né. Copiava e mexia minha boca.*

Mairla: *Com que idade, mais ou menos? 5, 6 anos?*

Giovana: *Ah, era com mais ou menos 6, 6 ou 7 anos. As pessoas falavam oralmente, eu respondia mexendo a boca, e aí as pessoas também me encaravam, eu acho que também estranhavam e me encaravam. Eu percebia, mas deixava pra lá. O tempo foi passando e eu entrei na escola de surdos, e aí eu fiquei feliz, porque estava entre iguais. Eu fui me apropriando e aprendendo as coisas. Comecei a oralizar. E o tempo foi passando. Depois a comunicação com minha vizinha, amiga minha, melhorou. Eu conseguia entendê-la. Entendia a minha mãe, entendia o meu irmão... A comunicação foi melhorando e evoluindo. É normal. Mas na verdade eu cresci sempre brincando sozinha, brincava um pouco com a vizinha, mas brincava mais sozinha, sempre.*

Mairla: *E a relação com a família, era uma relação tranquila, dentro de casa? Alguma coisa que te marcou? Não sei, só por curiosidade.*

Giovana: *Eu comparo os períodos em que eu era bebê até os 7 anos, e depois, porque com 7 anos eu entrei na escola. Como? Até os 7 anos a comunicação era só por gestos, sinais acordados [sinais caseiros], por exemplo: comer, [faz mais dois sinais que eu não reconheço]. Não era uma comunicação em pé de igualdade. Era só uma comunicação para os cuidados que eu recebia, simplesmente. [Exemplifica com alguns gestos: polegar para cima, com expressão feliz; polegar para baixo, com expressão entre neutra e triste; um terceiro gesto, com a mão espalmada balançando e a expressão facial de raiva, seria palmada?]. Uma comunicação simples, básica, apenas. Depois, na escola, fui melhorando. Comecei a entender o vocabulário, sinais das coisas... Porque antes eu gritava: 'eu quero comer! estou com fome!' E a minha família não entendia nada. Igual o filme 'E seu nome é Jonas', parecido com o que esse filme mostra. Mas a minha mãe lutou muito, e eu sou grata a ela por ter aceitado aprender Libras. Minha avó e minha tia também aceitaram [aprender Libras]. E foi isso, só.*

## ***E Seu Nome é Jonas***

Imagem 62: Cartaz do filme "E seu nome é Jonas"



Giovana nos conta do isolamento que viveu na infância, e de apenas copiar movimentos dos ouvintes, sem sentido. Lucas também traz um relato semelhante em suas

histórias antes dos 12 anos de idade, que foi quando se encontrou com a Libras e se descobriu surdo. Ele também diz que apenas copiava os movimentos dos ouvintes mas que as coisas não faziam sentido para ele e ele vivia isolado, sem contato nem com surdos nem com ouvintes. (Trazemos seu relato de forma mais completa na bolsa em que conversamos sobre educação inclusiva e educação bilíngue – intitulada “Bolsa sobre o direito de ser aluna e o direito de ser professora”.) Aqui Giovana nos conta que a falta da língua era o que abria um abismo entre ela e as pessoas ao seu redor. Nos mostra também o quanto o processo de aprendizado de Libras e, posteriormente, do português oral, possibilitaram que a relação dela com outras pessoas se desenvolvesse mais. Ao ponto que ela marca sua vida como antes dos 7 anos, quando a comunicação se dava a partir de gestos e expressões, e depois dos 7 anos, quando começou a ter o aprendizado de uma língua de forma mais sistemática e estruturada.

Me chama a atenção quando ela diz que essa comunicação antes dos 7 anos de idade “não era uma comunicação em pé de igualdade”. Não sei exatamente o que Giovana quis dizer com essa frase, mas me remete à questão do poder que as línguas têm na nossa sociedade. O poder que ter uma língua formalizada pode trazer. Em especial a língua portuguesa, hegemônica em nosso país – e o quanto muitas vezes as pessoas surdas não fluentes em português talvez se vejam em situações em que não estão em pé de igualdade por esse motivo. Em que esse pé de igualdade lhes é tirado por uma sociedade ouvintista e que não constrói pontes de acessibilidade linguística. Mas também o poder no sentido da potência que ter uma língua formalizada pode trazer também. Ter a Libras, uma língua que pode ser compartilhada com uma comunidade, que traz pertencimento, identidade, cultura e a possibilidade de uma comunicação mais ampla e plena.

Também me chama a atenção quando ela diz que é grata por a mãe, a avó e a tia terem aceitado aprender Libras. Me chama a atenção em primeiro lugar pelo fato de serem mulheres da família a aprenderem a Libras. Na minha experiência como psicóloga escolar, fizemos oficinas de Libras para familiares de estudantes surdos. Foi um projeto em uma parceria da equipe que faço parte (uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogas e psicólogo, assistentes sociais, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e pedagoga) e a equipe de professoras e professores de Libras. Nessas oficinas – e em especial na que perdurou mais tempo, que foi com as famílias das crianças da Educação

Infantil – a presença era majoritariamente, quando não exclusivamente, de mulheres. Principalmente mães, mas em algumas ocasiões, avós, tias e irmãs. E em segundo lugar, pelo uso do sinal “aceitar”. Parece-me que nós, ouvintes, podemos aceitar ou não o convite para aprender Libras, ou podemos fugir de mil e uma maneiras desse aprendizado, fuga essa sustentada pelo Privilégio Ouvinte (DIVERSILIBRAS, 2020; FERREIRA, 2020; CASTILHO, 2020) que mencionei anteriormente, na Bolsa do Lugar de Ouvinte desse trabalho. Essa segunda discussão é um fio que quero puxar neste e em outros tópicos dessa bolsa.

### Deisi, Giovana e Lucila, 25/07/2022

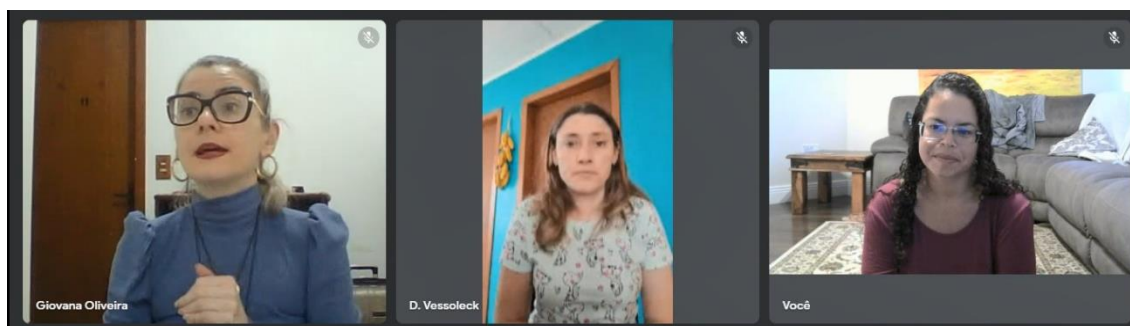


Imagem 63: Da esquerda para a direita, Giovana, Deisi e Lucila

Giovana: *Sobre a relação com o corpo, por exemplo, você percebe nos ouvintes, com a língua, com a Libras, há um conforto? Ou a comunicação é truncada?...*

Deisi: *Boa pergunta.*

Giovana: *...Com pessoas ouvintes. Esquece a escola. Fora da escola, com qualquer pessoa. Como você se sente na relação? Diferente, como surda? Há conforto?...*

Deisi: *Por exemplo, com ouvintes que sabem Libras também?*

Giovana: *Com os que sabem Libras e com os que não sabem Libras. Como você se sente? Qual a diferença?*

Deisi: *Tem muitas situações, em geral... Por exemplo... Bom, tem intérprete bom, um ouvinte que sabe Libras, qualquer pessoa que sabe Libras, e com quem eu não sinto conforto. Porque não é uma Libras gostosa. Não me dá conforto. Outro exemplo: se tem fluência. Outro exemplo: se eu pergunto uma palavra qualquer que eu não conheço, e a pessoa explica de um jeito que me dá angústia, não me dá conforto, não tem clareza, sinto que falta... Outros me dão conforto, são claros, apresentam detalhes, têm uma*

*língua de sinais gostosa, dão conforto. Já há outros, alguns que me dão dor de cabeça, sim, me dão dor de cabeça. Por exemplo, uma pessoa que sabe Libras, normal. Mas que parece que fica repetindo as informações, acha que eu não entendo. Eu entendi sim! 'Ok, ok, já entendi sim'. Parece que fica se repetindo. Eu já entendi! Isso não me dá conforto. Também, com outras pessoas que não sabem Libras. E a pessoa parece que entende um pouco de gestos. Aí, por exemplo, eu pergunto alguma coisa, e a pessoa tem dificuldade com a comunicação e quer logo chamar outra pessoa. 'Não precisa! Tenta se comunicar comigo! Usa gestos! Sente! Dá para me mostrar com seu corpo, dá sim!' Ah, então a pessoa me mostra, e eu entendo tranquilo. Com outras pessoas, não. Parece que o ouvinte acha que não é capaz de se fazer entender com o corpo e com os gestos. Aff! Também, em outra escola que eu trabalhei, eu conhecia a oralização de algumas pessoas, estava acostumada, então dava pra entender. Se eu não entendesse, a pessoa chamava intérprete, ou escrevia. A maioria das pessoas escreve. Comigo, a maioria escreve. Então me chamam, perguntam se eu entendi. Por exemplo, chamamos o intérprete quando vemos que não entendemos nada, já tentamos gestos, já tentamos escrita. E o ouvinte: 'ok, ok'. Aí eu não tenho conforto, não. E às vezes eu me sinto triste, também.*

*Giovana: É interessante quando você diz do intérprete que fica se repetindo, quando você já entendeu. Parece que o intérprete está confuso se eu sei a língua de sinais mesmo, ou fica achando que eu não tô entendendo claramente. Porque pensa que o surdo não conhece as coisas. Parece que subestima o surdo, né? E aí fica achando que tem que repetir e repetir a informação.*

*Deisi: Ou também, talvez seja um intérprete que não tem fluência em Libras. Parece que nunca viu outro surdo antes. Ou que eu sou a única... nunca viu antes outro surdo que saiba português. Eu aviso que há variações, as pessoas são diversas, não há um único tipo de surdo. Há uma diversidade de surdos, sim. E aí, por exemplo, às vezes é uma palavra simples que eu entendi. E o intérprete pergunta: 'entendeu?' E repete. E pergunta de novo: 'entendeu?' E repete. Eu desisto! Se eu sou a única surda que você conhece, vai pra comunidade surda, sabe?!*

*Deisi traz diversas situações de encontros e desencontros com ouvintes que sabem ou não Libras. No início dessa bolsa, Ana Carla falou que seria uma delícia se todo mundo soubesse Libras. De fato, concordamos que isso ampliaria muito as possibilidades de*

comunicação e relação entre pessoas surdas e ouvintes. Mas os aspectos das relações entre seres humanos são complexos e se desdobram em várias camadas. E aqui Deisi nos traz que nem sempre saber Libras é o suficiente para garantir uma boa relação, e que não saber Libras não deve ser impeditivo para se comunicar com uma pessoa surda.

Gosto de algumas pistas que Deisi nos dá. Uma delas, sobre a Libras gostosa, que dá conforto: parece que é uma sinalização clara e que apresenta detalhes. E talvez aqui não se trate de detalhes de explicações, mas detalhes visuais, que com a sinalização seja possível visualmente entender do que se trata. E isso é um aprendizado. Lembro-me de quando estava no início do curso de Libras e um professor orientou quase como uma “tarefa de casa” que nós, cursistas ouvintes, passássemos a prestar mais atenção em como as coisas são, visualmente falando, e imaginar em como traríamos essa visualidade para a sinalização. Esse mesmo professor deu aula para a Educação Infantil e me contou que sua didática com as crianças menores implicava em principalmente “ensiná-las a olhar”. Esse olhar é construído. Também em um curso que fiz específico sobre classificadores, esse era um importante exercício. Quando a gente vê uma pessoa sinalizando com clareza, é fácil de reconhecer, pois ela traz elementos visuais que nós (especialmente ouvintes que não estamos acostumados com essa perspectiva visual do mundo) às vezes nem nos dávamos conta, mas que fazem total sentido quando vemos sinalizados.

Outra pista que Deisi nos dá é quando ela e Giovana falam – sem nomear – sobre o capacitismo com o qual algumas pessoas ouvintes agem quando partem do princípio que a pessoa surda não entendeu a sinalização. Falando daqui do meu lugar de ouvinte, isso pode vir da insegurança com a língua de sinais. E Deisi levanta essa bola quando ela diz que pode se tratar de falta de fluência. Mas se jogamos nossa insegurança para o outro, pode acontecer como Deisi disse: agimos – por vezes sem perceber – como se o outro não fosse capaz de nos entender, e não como se nós não estivéssemos tendo condições de nos fazer entender. Mas muitas vezes não é a falta de fluência, e sim o capacitismo operando ali naquela relação, que faz com que a pessoa ouvinte que está sinalizando parta do princípio que a pessoa surda não tem conhecimento de mundo, ou conhecimentos específicos mesmo, para compreender o assunto do qual está sendo falado. Como Giovana aponta, subestimando assim a pessoa surda. Sua inteligência, seu conhecimento e sua capacidade.

E uma terceira pista que destaco, sem pretensão de falar de tudo que Deisi nos aponta, é a importância de tentar se comunicar. A importância de insistir e construir no encontro as estratégias possíveis. Sempre no encontro, a partir do que surge ali, entre nós. Essa estratégia vai ser o português escrito? Gestos? Português oral? Libras? Desenhos? Chamar intérprete? Não temos como definir de antemão. Mas podemos tê-las em mente, como repertórios de possibilidades de se comunicar, para que ativemos uma ou outra maneira a partir do encontro concreto entre pessoas surdas e ouvintes.

**[Ronaldo, 01/12/2020, trecho de sua tese de doutorado (OLIVEIRA, 2017, p. 72-73)]**

Em resposta ao pedido “Me conta uma história?”, Ronaldo nos enviou um trecho de sua tese, onde conta de uma experiência que viveu em uma viagem de estudos à Portugal. Ele estava tendo momentos de hipoglicemia e precisava comprar balas para manter o nível de açúcar no sangue durante suas aulas.

*Após o café, ao efetuar o pagamento, pedi ao senhor que me atendia que me vendesse balas. Ele me olhou sem entender o que eu queria. Eu, sem outra maneira que me viesse à mente, insisti em pedir balas. Ele, já visivelmente aflito pela impossibilidade comunicativa, olhou, em busca de socorro, um rapaz português que estava um pouco afastado. O rapaz disse-lhe que o que eu queria eram ‘pastilhas’. Ele, então, abriu um sorriso de conforto linguístico e me disse: São pastilhas! Eu aceitei de pronto e me convenci de que o que no Brasil chamamos de bala, os portugueses dizem pastilhas. Quando o senhor voltou com as tais pastilhas, notei que não eram balas; eram chicletes. Ia contestar, mas resolvi levar os chicletes, posto que resolveriam o meu problema da hipoglicemia e me dariam menos trabalho do que se eu quisesse reacender a busca pelo significante do docinho inocente. Depois procurei saber e descobri que, em Portugal, aquilo que no Brasil chamamos de bala é o rebuçado. Para mim, soava tão estranha a palavra “rebuçado”, que duvidei que o mesmo idioma tivesse um distanciamento lexical tão grande para aquele significado tão comum. O Priberam da Língua Portuguesa me deu o golpe fatal para a aceitação: entre as acepções possíveis, o vocábulo rebuçado tem a seguinte descrição:*

*Guloseima feita de açúcar em ponto coagulado que se vende geralmente em pequenos pedaços embrulhados em papel ou plástico.*

*Convenci-me do nome da bala em Portugal, entretanto, não foi um processo sem dor, sem tensão. Para admitir que bala é rebuçado, precisei sofrer, duvidar, questionar, reagir, conformar-me, enfim (...)*

*Li um artigo jornalístico que tratava das diferenças da língua portuguesa entre países lusófonos e concluía, dizendo que isso era motivo para muitas risadas. Discordo do jornalista que produziu esse texto, porque não vejo motivo para rir de tensões e medos relacionados à comunicação, considerando que a língua no processo comunicativo não é um elemento meramente linguístico, mas acima de tudo sociointeracionista, ou seja, é a língua, no processo comunicativo, um dos elementos que vão determinar o lugar do sujeito. É ela um elemento social de distinção: exclusão ou inclusão social. Então, não consigo rir de algo que me exclui.*

*Tudo isso me fez voltar a 2009, quando ingressei no INES, e relembrar as vezes em que meus alunos tentavam se comunicar comigo por língua de sinais, e eu, aprendiz da Libras (Língua brasileira de sinais), frequentando recentemente as aulas oferecidas pelo Instituto, não conseguia compreendê-los e acabava por exauri-los nas solicitações para que repetissem o que queriam comunicar. Alguns desistiam e se retiravam sem efetivar a comunicação. Certamente, a sensação que lhes tomava não era a mais confortável; pelo menos eu ficava bastante frustrado por não conseguir entendê-los e acabava por recorrer aos intérpretes ou aos professores mais experientes.*

*Lembro-me, no início de minha docência no INES, de dois alunos se confrontando, em língua de sinais, por algum motivo que não me recordo mais. Eles solicitaram a minha intervenção, como professor e autoridade naquele espaço. Eu, inseguro por não entender bem o que me diziam em língua de sinais, pedi que um deles escrevesse o que estava tentando me dizer. O primeiro aluno a quem solicitei a escrita grafou algumas palavras ‘desconexas’ sintaticamente, o que me frustrou bastante, pois continuava sem compreender o que estava acontecendo. O segundo aluno, participante da desavença, me pediu o pilot e foi ao quadro. Com uma destreza linguística, na língua escrita, que me impressionou, escreveu: ‘Ele está implicando comigo, você não vai fazer nada?’. Naquele momento, aquela afirmação pode nem ter sido verdadeira, do ponto de vista da verdade dos fatos, mas ela produziu em mim um imenso conforto e pude intervir no processo, mesmo sem ter certeza de que minha intervenção estava sendo justa. [...]*



*Naquele contexto sociointeracionista eu era o elemento exógeno, eu era um estrangeiro dentro do meu próprio país. Somente o deixei de ser, quando a minha língua veio socorrer-me a me promover a possibilidade da comunicação.*

*Enfim, a não comunicação não é motivo para risos, porque é o lugar do desconforto. É o lugar das tensões, dos medos, das frustrações, das revoltas. Tudo isso sem considerar os desdobramentos vários que dela advêm.*

Ronaldo nos conta dos encontros e desencontros com a língua portuguesa em outro país – outra língua, portanto? Fala, especialmente, do processo de aceitar essa nova língua portuguesa, que veio com tensão, dúvidas, desconfianças, pesquisas. Assim como aprender Libras não é sem tensão. Não que seja difícil – esse discurso de que Libras é difícil só afasta as pessoas, cria bloqueios. Como qualquer outra língua, há a necessidade de estudo e prática para aprendê-la. Mas não é confortável. É o desconforto de um aprendiz que pede que a gente, ouvinte, se desloque da centralidade que sempre estivemos habituados – o som, a voz e o ouvido – e passe a ter uma perspectiva mais visual do mundo, e aprenda a ativar o corpo para efetivar a comunicação. E é com esses sentimentos que – principalmente no início do aprendiz – a gente vai ao encontro do outro: com as tensões, medos, frustrações, revoltas, mal entendidos. E tá tudo bem. Que a gente possa acolher esses sentimentos e seguir até que eles se diluam ou que a gente consiga elaborá-los. Que eles não nos impeçam de tentar.

Seguir com esses sentimentos também diz de um processo de reconhecer e tentar nos deslocar de nosso privilégio ouvinte. Ronaldo conta a história de seu encontro com seus alunos, e o desconforto também ali naquela situação. O desconforto de uma pessoa ouvinte dentro de um espaço em que a prioridade é a comunicação pela Libras é um desconforto ao qual raramente nós, ouvintes, somos submetidos, e do qual muitas vezes preferimos nos retirar. Quando o português vem salvar Ronaldo da confusão em que estava metido, o conforto vem junto. E esse é também um processo de composição. No encontro com um dos alunos, que sabia português, a comunicação foi possível. Porém, Ronaldo diz que não sabia nem se estava sendo justo com o outro aluno, pois o português dele não era o mesmo que o de Ronaldo. Era um português que lhe parecia desconexo, e o jogava de volta ao desconforto. O exercício talvez seja fazer composição também com o português desconfortável. Desmanchar-se em si do português habitual para encontrar

com os diversos portugueses que aparecem ali no encontro. O exercício é também de fazer composição entre todas as formas de operar as línguas que estão presentes naquele encontro, naquele momento. Sustentar o desconforto junto com o aluno, e juntos tentar pensar possíveis saídas dele.

### **Giovana, Mairla e Lucila, 07/03/2022**

*Giovana: Eu também já tive a experiência de namorar uma pessoa ouvinte. Eu ensinei Libras pra ele também. Só que a nossa cultura é diferente. Como assim, cultura diferente? Porque o grupo dele de ouvintes ficava batendo papo em português oral e eu ficava um pouco perdida. Não era todo mundo sinalizando. Imagina que bom seria se fosse todo mundo sinalizando, em respeito a mim, que sou surda. É difícil... Então todo mundo ficava conversando em português oral e eu cutucava ele e perguntava: o que estão falando? Incomoda, ficar chamando assim. E o contrário também. Quando era meu grupo de surdos, e a gente conversava sinalizando, ele, ouvinte, que me cutucava, perguntando: o que estão falando? Para ele era mais fácil. A Libras, sendo visual. Dava pra ele perceber as mãos. Agora, quando era o contrário, eu tendo que ler os lábios, era... parece que mais pesado, um pouco. Com a Libras, dá [para perceber]. A oralização fica meio... [expressão de sem sentido]. O surdo não ouve, parece que a audição falha. Já o ouvinte, vê, e consegue enxergar a Libras. Lógico, ele precisa se esforçar.*

Um desafio constante em espaços bilíngues é que a prioridade seja a Libras quando houver um surdo presente. Vemos na fala da Giovana que ela entende que a comunicação em Libras seria um sinal de respeito a ela, em sua diferença linguística. Um sinal também, eu acrescentaria, de vontade de incluí-la.

Me chama a atenção quando Giovana diz que para o namorado ouvinte seria mais fácil participar da conversa em Libras do que para ela, surda, participar da conversa em português oral. O quanto de esforço uma pessoa surda precisa fazer para estar incluída em uma conversa em português? E o quanto de esforço uma pessoa ouvinte precisa e está disposta a fazer para ir ao encontro da pessoa surda em sua língua de conforto, quando essa é a Libras?

## **O esforço da pessoa ouvinte com a Libras**

O que leva uma pessoa ouvinte a aprender Libras? Essa é uma pergunta que mobiliza Ana Carla, e ela trouxe para a equipa.

### **Reunião de 20/12/2022**

Ana Carla: *É interessante que a Mairla não tem nenhum surdo na família, certo? Nenhum, né?*

Mairla: *Não.*

Ana Carla: *Então é interessante que você mesma procurou [a Libras] por conta própria, certo?*

Mairla: *Sim.*

Ana Carla: *Aí eu fico pensando: por que algumas pessoas se interessam, buscam se apropriar, têm esse foco, e algumas parecem que só veem limites e dificuldades? Quando na verdade me parece que seria igual para todos? A Libras é a mesma para todos! Uma pessoa é mais inteligente que outra por ser capaz de aprender Libras? Não é. Entendeu? Por que então? É por causa do interesse, talvez?*

Giovana: *Sim, sim, é questão de interesse, sim.*

Ana Carla: *A maioria dos ouvintes vê limites e fica falando que é difícil.*

Giovana: *É questão de interesse, sim. De fato.*

### **Mairla, Beatriz e Lucila, 09/03/2022**



**Imagem 64: Da esquerda para a direita, Mairla, Beatriz e Lucila**

Mairla: *Eu sou uma pessoa ouvinte que usa... tenho a Libras como segunda língua. É... Só pra dar um contexto rapidinho, antes de contar a história. Eu comecei a aprender Libras não faz muito tempo. Eu tenho 38 anos e eu comecei em 2012. Ou seja,*

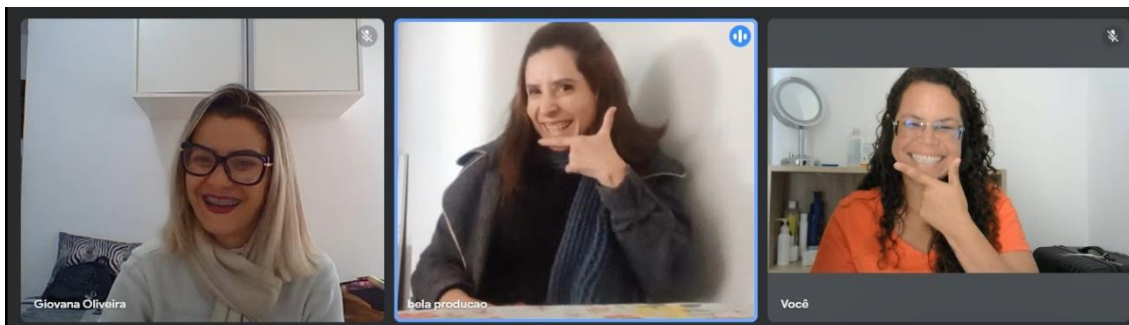
*vai fazer 10 anos agora. Então eu tinha perto dos 30 anos, assim. E... eu comecei a aprender porque eu tava trabalhando numa biblioteca, eu sou bibliotecária, e aí chegou um homem surdo pra usar a biblioteca que eu trabalhava, ler jornal e tal, e eu não conseguia recebê-lo dentro daquele espaço. E aquilo me deu uma angústia tão grande, né, porque eu não conseguia me comunicar com ele. Aí eu fui buscar um curso, fui começar a aprender, comecei o básico, e aí 4 meses depois eu já tava sinalizando, assim, foi muito rápido, a minha aprendizagem. E aí no ano seguinte, que foi 2013, eu já fui pra UFSC fazer o Letras-Libras, né, o bacharelado. Aí eu ficava, assim, o tempo todo com os surdos. Na hora do intervalo, do cafezinho, porque daí eu queria, eu tinha aquela ansiedade de aprender a falar, a sinalizar e tal. E eu ficava angustiada de não entender. Então eu ficava o tempo todo com eles pra poder tipo imergir na língua, né. Como se fosse quase um mergulho de cabeça. E eu não tinha outros surdos na minha volt...perto de casa ou em outros lugares que eu pudesse conviver. Então eu vivia inventando festa de... festa de... festa, assim, tipo festa junina, festa japonesa, fest... Só pra poder ter espaço de socialização em Libras, né.*

De fato, o interesse que Ana Carla e Giovana apontam é essencial para conseguir ir atrás e sustentar o aprendizado de uma nova língua. Em especial quando aprender essa língua não é uma exigência externa. Mas parece que há algum acontecimento, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 1969/2008), que mobiliza esse interesse. No caso de Mairla, houve um encontro com uma pessoa surda que produziu afetos. Produziu angústia pela impossibilidade de comunicar-se. Os encontros produzem afetos. Afetos no sentido que Spinoza (1677/2009) nos ensina: afecções do corpo que podem aumentar (como os afetos alegres) ou diminuir (como os afetos tristes) nossa potência de ação. Estamos atentos aos afetos que os encontros produzem em nós? E o que fazemos desses afetos?

O encontro com um surdo produziu angústia em Mairla, e essa angústia, ela transformou em interesse, curiosidade, vontade de se comunicar e estar junto. Mas não basta que ela tenha sido afetada, que esse afeto tenha produzido sensações, sentimentos e desejos. O que ela fez deles? É necessário uma ação, e ela agiu na direção de matricular-se em cursos e produzir oportunidades de estar junto com a comunidade surda.

Ela observou seus afetos e seguiu a linha desses afetos produzido no encontro, na direção de deslocar-se do lugar que ocupava antes, deslocar-se de si mesma para ir ao encontro do outro.

### Isabela, Giovana e Lucila, 24/08/2022



**Imagem 65:** Da esquerda para a direita, Giovana, Isabela e Lucila

Bela: *Eu mudei aqui pra Curitiba e vi um grupo de surdos conversando em Libras. Eu fiquei admirada! Babando! 'Que lindo, os sinais!' Aí eu entrei em um curso, mas não era de Libras. Um curso de outro tema. Lá eu vi um intérprete trabalhando. O professor oralizava, o tradutor-intérprete sinalizava. Eu fiquei muito interessada! Fiquei babando! Meu coração disparou! 'Que linda, essa profissão!' E o coração acelerado. Aí quando entrou no curso um grupo de alunos surdos, o intérprete me chamou para apoiá-lo. Eu não sei como, mas eu senti que consegui dar esse apoio, nesse curso. Aí esse grupo de alunos surdos disse: 'por favor, vai estudar Libras, vai! Você tem um jeito de quem conseguirá aprender, Libras! Vai!' E acho interessante que eu entrei no curso. Hoje eu tenho contato com surdos de diferentes formas: em empresas, ou contatos informais, ou no trabalho... Em várias áreas. Tenho amigos surdos!... Estou tentando aprender mais e mais e mais. Ainda falta, ainda me sinto insegura, com pouca fluência. Por causa da variação linguística, ou de repente não entendo um classificador... enfim, é isso. Tô tentando ganhar fluência e melhorar, mas é difícil, é uma outra língua, né, e tem que entender o contexto.*

[...]

Giovana: *Qual foi o ano que você aprendeu Libras?*

Bela: *Então. Foi demorado, porque eu não tinha contrato de trabalho fixo. Eu entrei no curso básico em 2014. Estudei o básico, concluí e parei. Voltei em 2016 para o*

*intermediário. Estudei, concluí e parei. Aí voltei em 2018 para o avançado. Estudei... aí quando acabou, parei! Aí depois eu precisei voltar para lembrar dos conteúdos. Porque se a gente para ou não pratica, a gente esquece. Ai, Deus, porque que a gente esquece?! Precisa estudar todo dia. E nós aprendemos sinais novos todo dia. Aí em 2019 eu voltei. Aí fiz um preparatório prático para uma banca. Aí eu fiz a banca da FENEIS daqui do Paraná e reprovei. [Expressão exacerbada de tristeza e choro.] Reprovei. [Risos.] Aí estudei muito, muito, e aí passei. Em 2021, 2020... Ah, eu esqueci o ano, sou meio perdida com ano. Com datas, sou meio perdida. Aí consegui passar na FENEIS, no nível 1, e agora eu tô tentando trabalhar mais na área de interpretação e tradução.*

Seguindo o fio, aprender uma nova língua nem sempre é rápido, como no caso de Mairla que diz que em 4 meses já estava sinalizando. Isabela conta de seu percurso de idas e vindas com a língua, de anos e anos para aprender. O interesse também foi importante no caso de Bela, para sustentar que ela continuasse voltando para a língua, voltando para o aprendizado e insistindo na prática. Houve também, nesse caso, o incentivo da comunidade surda, validando-a, estimulando-a para que seguisse no aprendizado da língua.

Bela traz também o aspecto da insegurança. É muito comum que em espaços bilíngues onde haja a presença de intérpretes as pessoas ouvintes que sabem Libras optem por comunicar-se em português oral, deixando para o intérprete a função de transmitir a mensagem na outra língua. Assim, acabam por ter uma comunicação com a pessoa surda mediada por uma terceira pessoa. O que isso pode produzir? No início dessa bolsa, Deisi nos conta que quando uma pessoa ouvinte desiste de comunicar-se diretamente com ela, e chama o intérprete, isso lhe traz desconforto, e também tristeza. Na minha experiência, ao tentar me comunicar diretamente com uma pessoa surda, mesmo sem uma Libras fluente, em geral encontrei disponibilidade e paciência. Mas eu fiquei muito desconfortável. Muitas vezes fiquei, como Mairla, angustiada por não estar conseguindo transmitir plenamente o meu pensamento. Acontece que me parece, hoje em dia, que é como uma equação em que dividi esse desconforto com meu interlocutor. Pois que sustentei o desconforto em mim para tentar ir ao encontro da pessoa surda, em vez de recorrer imediatamente ao intérprete, me livrar da minha angústia e do meu desconforto,

e assim – como tomo conhecimento com a história de Deisi e através de diversos outros relatos que já vi – deixar o desconforto apenas com a pessoa surda.

Mas sim, como disse Giovana, é lógico que exige esforço. Porém, não seria justo ou válido que nós, ouvintes, nos esforçássemos um pouco também, para ir na direção da pessoa surda? Afinal, a maior parte do tempo estamos imersos na nossa própria língua, no português. A língua pode parecer algo banal e cotidiano para um grupo hegemônico, mas é um privilégio ouvinte poder habitar um país em que a língua falada majoritariamente é o português e que muitas informações chegam até nós dessa maneira. Esforçar-se para aprender Libras e ir na direção da pessoa surda sinalizante é, de certa maneira, deslocar-nos um pouco do privilégio ouvinte.

### **O esforço da pessoa surda com o português**

Como é, da perspectiva da pessoa surda, lidar com a comunicação dentro da hegemonia do português? Que esforço será o que a pessoa surda precisa fazer para habitar os espaços e as relações onde a língua é o português?

Beatriz, mulher surda oralizada, nos conta, na Bolsa das identidades e pertencimentos, que quando queria água, a mãe só dava água se ela pedisse oralmente. *“Então eu tive uma educação que eu fui obrigada a falar. E isso me favoreceu muito.”* (Beatriz, 07/03/2022). Ainda que Bia avalie que ter sido obrigada a falar a tenha favorecido, aprender português foi uma obrigação, e não uma opção, por interesse. Pelo menos a princípio. Depois, Bia nos conta (na mesma história, na mesma Bolsa) que teve contato com a Libras e em algum momento percebeu que o aprendizado da Libras estava influenciando no seu modo de falar português, e aí nesse momento optou em seguir com o português e parar de desenvolver a Libras. Mas essa opção também foi permeada de afetos, como o afeto de não ter se sentido bem recebida pela comunidade surda.

*E quando eu cheguei lá e conheci aquele grupo eu fiquei encantada e ao mesmo tempo eu senti o preconceito também. Entendeu? [...] e eu escolhi, assim, me afastar. Porque eu me empolguei muito com a... com a... com Libras, né. Mas aí o próprio... a linguagem, eu tava misturando, eu não soube separar, eu tava falando igual surdo. Então eu tive umas, umas... umas quebras de... Assim, eu me decepcionei um pouco com como eu fui recebida, né.* (Beatriz, 07/03/2022).

Muitas vezes o português pode vir como uma obrigação para a pessoa surda. Mas pode vir também por opção e interesse. Por vezes a pessoa surda é bilíngue e opta por usar uma língua ou outra, por diversos motivos. De qualquer modo, a pressão e a demanda que a pessoa surda sofre para aprender português definitivamente não é equivalente à pressão e demanda que nós, ouvintes, sofreremos para aprender Libras. Nas histórias que vemos a seguir, o interesse, a vontade de aprender, é o que mobiliza em direção ao português. Mas como surgiu esse interesse?

### Deisi, Giovana e Lucila, 25/07/2022

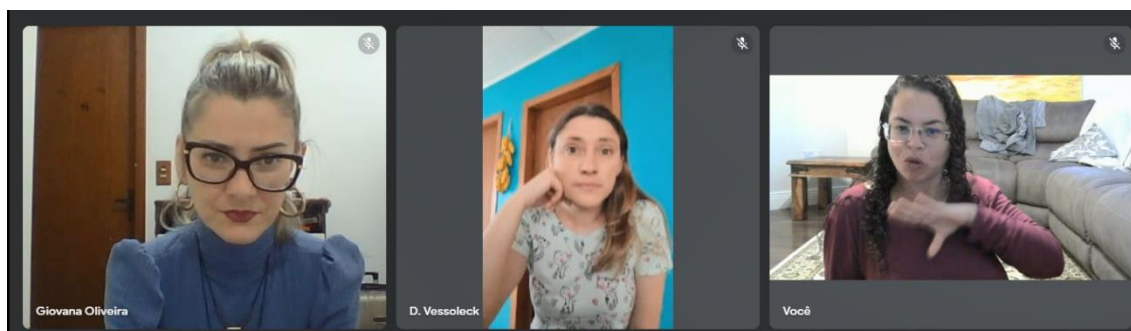


Imagem 66: Da esquerda para a direita, Giovana, Deisi e Lucila

Giovana: *Teve alguma história que marcou a sua vida, quando você estava crescendo? Algum momento importante, que te marcou?*

Deisi: *Uma coisa que marcou a minha vida, que foi importante para mim, foi uma professora que conseguiu fazer com que eu aprendesse e desenvolvesse a escrita do português. Só uma. A única, foi ela.*

[...]

Lucila: [...] *Por que essa professora específica te marcou?*

Deisi: *Boa pergunta. É que eu sou grata a essa professora por ter me ensinado português. Eu agradeço a ela. Porque parece que algumas pessoas ficam admiradas de eu saber português. Eu penso que eu estudei, eu refleti, eu busquei outras escritas para aprender mais palavras. Por isso eu não reclamo, eu agradeço. Também no momento que eu troco de lugar, e me vejo no lugar de ensinar pessoas surdas, eu lembro dela, que conseguiu pensar em estratégias para me ensinar, e eu uso essas estratégias. Eu era uma criança, acho que tinha 8 anos, mais ou menos 8 anos só. Por isso que eu percebo que ela me marcou enquanto professora. É uma boa pergunta. Em resumo, é isso.*



Lucila: *Entendi. Essa professora tinha estratégias boas.*

Giovana: *Parece que ela também te deu atenção, carinho...*

Deisi: *É! Carinho, isso mesmo. Porque a professora amava... Nessa escola inclusiva, eu era a única surda. E essa professora sempre se preocupava comigo. Sempre se aproximava de mim. A chefia dela brigou com ela porque ela só dava atenção pra mim. A professora chegava em casa e chorava – ela contou pra minha mãe. Mas a professora era maravilhosa, dava atenção pra turma sim. Só que me colocava para sentar perto dela, se eu errasse ela ficava braba, insistia, mandava eu fazer de novo. Em casa eu sofria, fazendo os deveres que a professora passava. Tenho guardado ainda hoje um velho caderno de histórias.*

Em suas histórias, Deisi traz com muita força a importância do português na sua vida. Ela conta sobre o incômodo no encontro com pessoas ouvintes, inclusive intérpretes, que acham que só por ser surda não sabe o português. Conta sobre o esforço que fez aos 8 anos de idade para aprender essa língua, sobre como estudava em casa, pesquisava, perguntava sobre as palavras para a mãe, que era professora mas não sabia Libras – então elas se comunicavam por gestos. E aí, quando as respostas da mãe não a satisfaziam, guardava as palavras e levava para a escola para perguntar para professora e intérpretes. Conta de se sentir orgulhosa de ser surda e saber o português, e isso, em algum momento, lhe deu sentido de vida.

Queremos destacar aqui, no encontro entre a pessoa surda e a pessoa ouvinte, a relação de Deisi com a professora que lhe ensinou português. Ela era apenas uma menina de 8 anos, mas a história lhe marcou a ponto de nos trazer como destaque. E ela carrega essa marca até hoje quando, por exemplo, toma essa professora como referência para ensinar seus próprios alunos surdos. E por que? Eu pensei que talvez fossem as boas estratégias que a professora ouvinte foi capaz de inventar no encontro com a aluna surda. Mas Giovana parece acertar na mosca quando diz do afeto. E Deisi corrobora: a professora se deixou afetar (SPINOZA, 1677/2009), se preocupava com ela, a ponto de ir pra casa e continuar pensando nela, e a professora tinha amor. Mia Mingus nos ensina que acesso é amor (MINGUS, 2019). Nesse site, Mingus apresenta, ainda, uma lista de dicas concretas de acesso básico para se começar a praticar, além de alguns pontos e textos para ajudar-nos a refletir sobre acesso e acessibilidade.

**Elaine, Mairla e Lucila, 19/08/2022**



**Imagem 67: Da esquerda para a direita, Mairla, Elaine e Lucila**

Lucila: *No começo, você estava contando sobre seu pai e sua mãe, que são surdos, e como, a partir deles, você teve o processo de aquisição da Libras como L1. E depois você se deparou com o mundo [ouvinte] e falou: ‘Uhm, preciso de estratégias para entrar no mundo [ouvinte]’. Você falou né. Ai eu fiquei pensando... Quais estratégias você sentiu que precisou inventar para entrar no mundo [ouvinte]?*

Elaine: *Então. É porque o meu contato era direto com a Libras. Em casa não tinha nada, nada de português. Só havia a Libras, fluindo naturalmente. Na escola, me deparei com o português escrito [expressão de interrogação e estranhamento]. Ok, português escrito, então. Tinha intérprete de Libras, né. Eu cheguei em casa, e chamei minha mãe para mostrar meus trabalhos em português escrito para ela. Minha mãe não sabia ler. [Expressão de espanto, mostrando a reação da mãe:] Ohh, ihh, Uhm!... Que estranho... Não tô entendendo...’ E chamou meu pai. Meu pai conhecia as palavras. Ele ia lendo e dizendo: ‘Essa palavra eu conheço, ihh... essa eu não conheço, ah, essa eu conheço.’ Eu pensei: ‘que complicado! Na escola... em casa... não encaixa!’ Então eu chamei o/a intérprete e disse: ‘mamãe não sabe ler. Meu pai sabe mais ou menos algumas palavras.’ O intérprete falou: ‘ok, posso fazer os sinais para você, Elaine, ir apreendendo o português?’ Eu respondi: ‘ok’ e apontei para ele as palavras que estavam escritas. ‘é o nome desse sinal? Ahh!... Entendi!... Essa palavra é esse sinal em português! Certo...’ O tempo foi passando. Eu construía frases na minha L2, o português, com as palavras fora de ordem. Muito fora de ordem, porque eu não pensava na ordem exata do português, não. Só mais ou menos. O que vinha naturalmente para mim era a Libras. Depois eu comecei a olhar para mim mesma e me perceber. Minha mãe e meu pai não*

*sabem português, usam a Libras naturalmente. Uma Libras firme, forte, consolidada. O português não é uma preocupação para eles. EU é quem estava carregando essa preocupação com o português. EU é que pensava nessa estratégia. EU que queria no futuro ter uma profissão, queria no futuro ser professora, um trabalho. EU, EU, EU, e isso ia martelando na minha mente e no meu corpo. 'Ah, então eu é que preciso...?' 'É! Você que pega e faz.' E vai fazendo, fazendo, fazendo... E eu olho para trás e vejo que minha mãe e meu pai têm a Libras deles. Já eu sou bilíngue. Parece que foi minha estratégia. De um lado [ouvinte], a possibilidade de entender. Do outro [surdo], a sinalização. Eu própria precisei administrar, agir e ir buscar o básico, naquele momento era o básico, e ir compreendendo, e voltando, e buscando, e voltando. Mas quando eu comecei a trabalhar como professora, foi um primeiro impacto. 'Eu que sou a professora?' 'Sim, você mesma é a professora. Agora é contigo!' E eu tinha aquele básico, meio defeituoso, que eu fui ajustando, e observando, e ajustando, até ficar fluente e entender o português. E parece que o português serve para mostrar para a sociedade ouvinte a educação de surdos, e também o AEE [atendimento educacional especializado] é em português, e também se usa para a datilologia em Libras, e também serve para os cursos de Libras, e nessa comunidade [ouvinte] eu aprendo português. E nessa outra comunidade [surda] eu aprendo Libras. E assim as duas línguas seguem paralelamente. Até hoje eu trabalho junto com os ouvintes, que me desafiam. Eu desafio um pouco eles com a Libras, e eles me desafiam com o português.*

Elaine nos conta do seu processo de aprendizagem do português. Primeiro, vem o estranhamento no encontro com a nova língua – diferente da maioria das pessoas surdas, que nascem em uma família ouvinte, Elaine tem pais surdos e a Libras como língua materna. Depois vem a curiosidade e interesse. Em seguida, as barreiras em casa: como aprender português com os pais que não têm fluência nessa língua?

Esse é um fio interessante, ainda que não dê para aprofundar nesse momento. Essa é uma questão que aparece também na relação de estudantes do INES com familiares ouvintes, de um outro lugar: como ensinar as matérias da escola, sentar para estudar com suas crianças, quando não têm bagagem escolar e/ou linguística (no caso, da Libras) o suficiente para ensiná-las em casa? Uma orientação para começar a pensar essa questão é a importância da presença para sustentar um espaço de aprendizado. Mesmo que as

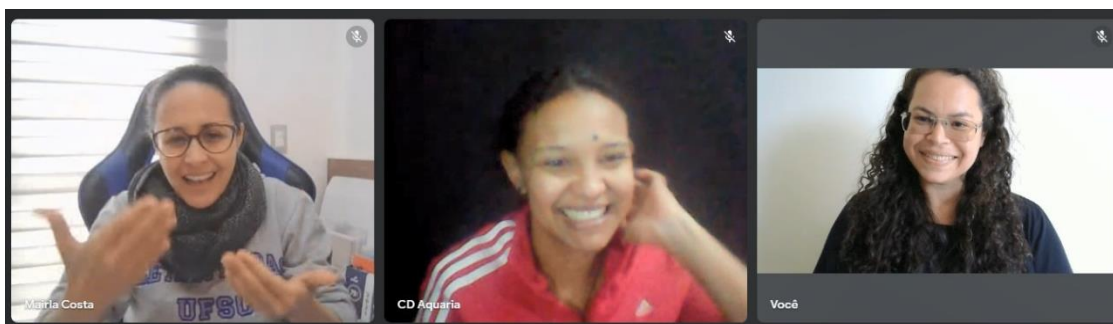
famílias não saibam as disciplinas escolares (pois por vezes não têm formação formal o suficiente para tal), costumo orientar que criem um momento de sentar junto com as crianças/adolescentes, um horário marcado para o estudo, que fiquem ali ao lado, ajudando e orientando na direção de que as crianças ou adolescentes criem o hábito de estudar e tenham autonomia para buscar as respostas, seja pesquisando por conta própria, seja guardando as dúvidas para levar para a sala de aula (como Deisi nos contou que fazia para aprender o português).

Elaine nos traz também sobre o encontro com a pessoa ouvinte: ela nos desafia com a Libras, nós a desafiamos com o português. E nesse movimento de desafio mútuo, há a possibilidade de encontro, troca, aprendizagem, desenvolvimento de língua e crescimento. Mas sim, é um desafio. Não vem fácil. E mesmo conforme vamos ficando fluentes – ela, no português, nós na Libras – há os momentos de engasgos e de novos aprendizados. Os desafios estão postos, a todo momento. E também cotidianamente vamos tendo oportunidade de transformá-los, superá-los e nos deslocarmos frente a eles.

Agora, uma coisa que queremos destacar na fala dela é o processo de se apropriar do português como uma produção de subjetividade. Aprender o português parece vir como um processo de diferenciação dos pais na direção de uma inclusão no que ela chama de “mundo junto com os ouvintes”. É um processo de construção de subjetividade, na medida em que se diferencia dos pais e vai se dizendo EU, se constituindo como uma pessoa surda bilíngue.

Outro ponto é que a partir do desejo de se tornar professora, o português ganha ainda mais relevância em sua vida. Quando se vê ocupando esse lugar, entende o quanto mais precisa se apropriar da língua para exercer seu papel profissional. Assim como Elaine, Camila também entende que o português é necessário para se desenvolver profissionalmente, e é o argumento que ela utiliza com Pantera, o menino que ela acompanha (de quem ela nos contou na Bolsa das identidades e pertencimento), para incentivá-lo a aprender português.

## Camila, Mairla e Lucila, 19/08/2022



**Imagem 68:** Da esquerda para a direita, Mairla, Camila e Lucila

Mairla: *Eu fiquei curiosa também... Parece que sua presença dentro da experiência desse menino, na conversa, no contato, nos estímulos, na influência [tudo isso com expressão de intensificação]... Você percebeu também um desenvolvimento cognitivo, mental, da inteligência dele?*

Camila: *Esse desenvolvimento, ainda falta, por causa do português, das palavras. A Libras dele está ok. Mas as palavras... Por exemplo, o sinal 'bom', ele sabe o que significa o sinal, mas o nome do sinal [em português], ele não sabe. A Libras dele tá ótima, beleza. Mas se eu falo pra ele: 'você sabe qual o nome desse sinal [sinal de telefone]?' [faz expressão de não saber]' [faz sinal de datilologia, para dizer que soletra em português a palavra telefone]'. Por exemplo, com os livros. Eu estimulo ele a ler livros. Eu estimulo, falo: 'Olha, tenta ler. Se não entender uma frase, só uma frase que seja, me avisa.' Aí ele lê e não entende, aí eu – não é trabalho nenhum – eu interpreto para ele: 'tenta imaginar, olha' E explico. 'É? Certo, certo...' E ele vai fazendo as conexões. E fala: 'nossa, é importante ler!' 'Sim, é importante para seu futuro, porque no futuro, por exemplo...' Ele me falou que quer ser, no futuro, policial, da academia de polícia. É o que ele quer. 'Então, precisa ler, precisa estudar, porque é um trabalho e um estudo profundo.' Ele acha que é só ir lá trabalhar e pronto. Não é isso! [Risos] Precisa estudar, precisa do alfabeto, precisa disso para poder trabalhar.*

Algo importante de se pensar nesse tópico é que o movimento da pessoa surda de aprender o português é na direção de uma inclusão via entrada na norma – no hegemônico. Tem um efeito de normalização – e o perigo do ouvintismo (SKLIAR, 1999; 2005; MARTINS; KLEIN, 2012) rondando. Mas também aprender português significa maiores possibilidades de acesso: à informações, à conhecimentos, e em última instância, acesso

à direitos. Como o direito à educação (na busca de uma profissão). Ainda que o ideal seja que esses acessos pudessem ser proporcionados a partir da língua de cada pessoa surda – a Libras, o português oral ou o português escrito. Não temos esse ideal. Mas a aposta é que podemos construir, entre as pessoas surdas e ouvintes, o pluriverso surdo em que possamos coexistir em nossas diferenças, e criando composições e estratégias para seguirmos adiante. Esse pluriverso não está dado e uma vez construído não é permanente. Mas se faz no encontro, com ações e disposição e esforço para estarmos juntos. Um esforço que traz o desconforto – tira do lugar de conforto – mas também traz a alegria das parcerias, dos novos aprendizados e a beleza de podermos apenas ser quem somos e nos deixarmos afetar pelo contato com a outra pessoa.

## **BOLSA SOBRE O DIREITO DE SER PROFESSORA E O DIREITO DE SER ALUNA**

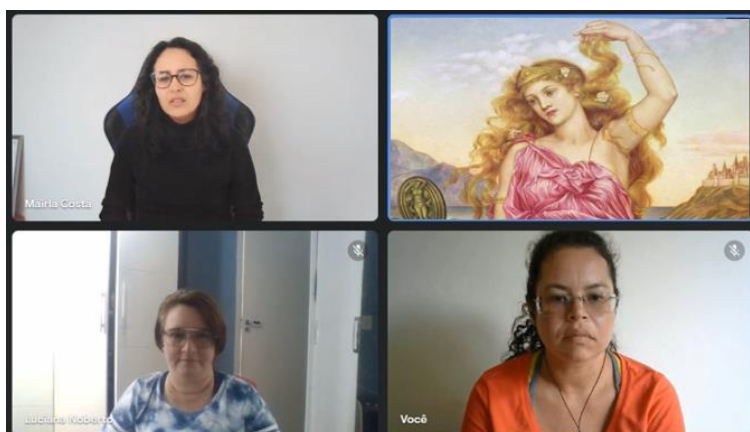
**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/8Yxl9vOuVdU>

**Resumo em português:** Essa bolsa fala sobre o direito de ser professora e o direito de ser aluna. Tem como pano de fundo a escola e a educação, mas não tem como foco os temas da educação bilíngue e da educação inclusiva. Conta histórias de relações entre pessoas surdas e ouvintes na área da educação e estratégias para se relacionar melhor.

Quando falamos sobre a comunicação como um tema de extrema importância, que atravessa as relações entre pessoas surdas e ouvintes, nós da equipa lembramos de tantas histórias que acolhemos que tinham como pano de fundo a escola. Pegando ainda o fio que a equipa destacou, pensar em escola no contexto do pluriverso surdo é pensar na discussão sobre educação inclusiva e educação bilíngue. Essa é uma discussão extensa e importante, mas não é exatamente o foco dessa tese. Quem sabe em um trabalho futuro possamos retomar essa bolsa e nos aprofundar nessa discussão? Por ora, aqui, nessa bolsa trazemos histórias que são no cenário da escola, e que falam do capacitismo, da luta contra o capacitismo, de posicionamentos e articulações possíveis, da importância da legislação e da invenção de estratégias e composições para pessoas surdas e ouvintes estarem juntas.

### **Sobre o direito de ser professora**

**Helena, Beatriz, Mairla e Lucila, 03/09/2022**



**Imagem 69:** Da esquerda para a direita. Em cima: Mairla e Helena. Embaixo: Beatriz e Lucila

Helena: *E então, depois, com 18 anos, quando eu quis ser professora, onde eu poderia trabalhar? O INES só teve concurso em 1994. E isso foi depois de eu me formar, eu me formei antes, e eu precisava trabalhar, precisava ganhar dinheiro, precisava de salário. Então eu procurei e vários lugares não me aceitaram como professora. Só tinha trabalho, por exemplo, na FENEIS [Federação Nacional de Integração e Educação dos Surdos], para trabalhar com arquivo, informática, laboratório, arquitetura, administração. As vagas que encontrava na FENEIS do Rio eram essas, e eu não queria. Eu queria trabalhar como professora. E não havia essa oferta de vagas lá, nunca houve, antes. Depois, em 1995, eu tentei o concurso da prefeitura. Foi um desafio pra mim, mas eu tive coragem e fiz o concurso. Eu precisava trabalhar! Estava preocupada com o futuro. Fiz a prova e passei. Mas não tinha leis, e houve o problema com a perícia médica, pois o médico falou que o cargo de professora era incompatível com uma pessoa com deficiência. [...] Porque antigamente não havia professores [surdos]. Em 94/95, não havia professores [surdos]. Mais ou menos em 98, 1998, começou a ter. A primeira surda foi a Ana Regina [Campello], pedagoga. Ela era da FENEIS, se formou em pedagogia. Eu me formei como professora. Tinha pouquíssimos, eram raros os professores surdos. Depois que começou o Letras-Libras, ah!! Aí se disseminou! Os surdos começaram a entrar em vários lugares, e começou-se a ampliar a quantidade de surdos que são professores. Mas antes, não tinha ninguém.*

[...]

Helena: [Então, com 18 anos eu fiz o concurso para ser professora na prefeitura.] *Não tinha cota, não tinha. Eu concorri com ouvintes. Eu fiz a prova e passei, consegui passar, tive uma boa nota. Mas teve um problema com a perícia médica. Eles não queriam pessoas surdas. Diziam que surdas não poderiam trabalhar como professoras. 'E por que não pode??' 'Ah, porque surdo não ouve, como você vai conseguir atender ao telefone? Se alguma criança, algum aluno cair, chorar, gritar, você não vai ouvir.' Essas coisas. 'Espera um pouco. Desculpa, mas não é minha função, não é a minha responsabilidade, tomar conta das crianças. Não é. Assim como atender o telefone é uma responsabilidade da secretaria ou da direção. A direção, ou a secretaria, ou... um inspetor, que vai ficar tomando conta das crianças. Esse é o trabalho dele. Eu, como professora, eu tenho as minhas próprias estratégias. Eu escrevo no quadro, eu falo*



*oralmente, eu faço e distribuo cópias dos materiais. São minhas estratégias. Minha responsabilidade enquanto professora é ensinar o conteúdo e as disciplinas em sala de aula.* 'Aí o médico falou assim: 'Ah, mas você é surda profunda! Com quantos anos você perdeu a audição?' 'Me desculpa, mas eu nasci surda, eu descobri que era surda com um ano e meio de idade.' [E então Helena passa a nos contar sobre a gravidez de sua mãe, seu nascimento prematuro, os tratamentos que passou, a causa da sua surdez, a descoberta da surdez e seu desenvolvimento.]

[...]

Lucila: *Obrigada por contar a sua história de vida.*

Helena: *Na luta! Na luta e na quebra [de paradigmas]. Muitas quebras e muita luta.*

Lucila: *Também a quebra de paradigmas nas mentes das pessoas. Não é necessário só quebrar paradigmas da sociedade, mas também quebrar paradigmas para as pessoas abrirem suas mentes.*

Helena: *Também. Abrir as mentes. Mas é difícil! Por causa do sistema. Não são as pessoas, é o sistema. O sistema é o mais difícil de quebrar.*

Lucila: *Por causa da estrutura social.*

Helena: *As pessoas, a gente pode processar. Podemos reclamar contra as pessoas. As pessoas podem ser substituídas. Mas o sistema continua o mesmo. É preciso quebra-lo. Por isso são necessários os movimentos [sociais], as legislações, os respaldos legais. É necessário que os surdos se posicionem, é necessário o protagonismo surdo. São mudanças lentas. Demoooooraaaa pras coisas irem se quebrando.*

Lucila: *Eu concordo com você. Parece que... Hoje a gente fala que a sociedade é estruturalmente capacitista.*

[Helena me mostra dois sinais possíveis para capacitismo: 1) a mão em configuração de D e o sinal de pena com a outra mão. 2) A mão em classificador de pessoa, e o sinal de pena com a outra mão]

Helena: *Eu não gosto do primeiro, com a letra D. D de deficiente? E o surdo...? Eu prefiro o classificador de pessoa. E o sinal de pena, que indica esse sentimento de piedade, esse olhar de que a pessoa é incapaz, não pode, é proibida, tem dificuldades. É um preconceito, uma opressão.*

## CAPACITISMO

Discriminação, preconceito e opressão  
contra pessoas com deficiência.

### Imagem 70: Capacitismo

Helena: *E isso tem dentro de cada pessoa. Depende de cada um. Tem dentro da família, dentro do trabalho, dentro de vários lugares. E precisamos quebra-lo.*

Lucila: *Então. Você contou a sua história e parece que há vários temas que se conectam com a minha pesquisa...*

Helena: *É porque é na área da Psicologia. Trata-se da relação com a Psicologia. Na visão biomédica, é diferente. Por causa do poder médico, que faz com que o médico se coloque como superior. Então eu, que sou colocada num lugar de inferioridade nessa relação, preciso da lei, preciso de argumentos, para debater e contrapor o médico. Como, por exemplo: Eu não posso ser professora porque eu não ouço? Desculpa, mas o inspetor pode fazer o trabalho dele, a secretaria pode atender o telefone, há tecnologias, como o uso do WhatsApp, o uso das legendas, mensagens de texto, chamadas de vídeo. A tecnologia mudou! Antes havia o fax, para enviar mensagens por escrito. Eu usava muito o bip. As pessoas ligavam para o meu bip – muito velho, isso! – eu usava muito! O problema era responder. Mas aí, chama o intérprete! Na rua havia os orelhões, aí tinha uma fila enorme de surdos, pedindo para o intérprete ligar para responder as mensagens dos bips!*

Essa história de Helena traz vários fios para refletirmos. Elencamos aqui alguns, para tecer essa bolsa.

Um fio é o da pouca oferta/oportunidade de formação e trabalho para pessoas surdas. Isso acontecia em 1995 e acontece ainda hoje. Helena aponta uma virada nisso a partir da abertura dos cursos de graduação em Letras-Libras, que parece ser um marco para formação e oportunidade de trabalho para pessoas surdas. Ainda assim, nos perguntamos: e quem não deseja seguir carreira no magistério ou especificamente como profissional de Libras, como fica? *Uma vez, no INES, um aluno que estava no 3º ano do Ensino Médio me disse que queria fazer faculdade de Educação Física. ‘Que legal! E você está pensando em fazer onde? Na UFRJ, na UERJ...?’ ‘Ah, não, aqui no INES*

*mesmo.* 'Ué, mas o INES só tem faculdade de Pedagogia!' 'Sim, mas eu vou esperar abrir a de Educação Física para fazer aqui.' A fala desse aluno me marcou. No fim, ele acabou entrando para a faculdade de Pedagogia do INES mesmo. Mas me faz pensar: que droga que ele não foi buscar a faculdade de Educação Física, que era o que ele queria! E podemos imaginar vários motivos para ele não o fazer, como falta de acessibilidade, falta de referências de pessoas surdas com essa formação, falta de perspectiva de que ele poderia fazê-lo, se assim quisesse. Mas no cotidiano o que vemos é que a falta de oportunidade e as barreiras – tanto no processo de formação como no mercado de trabalho – acabam fazendo com que pessoas surdas sigam a carreira de professores. Que é ótima! Mas que não necessariamente seria sua primeira escolha.

Mais um fio que queremos mostrar é o dos modelos da deficiência. Na fala de Helena, ela traz com muita força a problemática do modelo biomédico, que individualiza a deficiência na pessoa que tem o corpo com lesão, e assim tem o discurso da deficiência enquanto falta à qual é necessária a reabilitação. Nos Estudos da Deficiência, temos o modelo social como um contraponto ao modelo biomédico. O modelo social busca separar a ideia de deficiência e do corpo com lesão, afirmando que ter um corpo com lesão não implica necessariamente ter uma deficiência. A deficiência se daria no encontro deste corpo com lesão com uma sociedade que não está preparada ou disponível para lidar com este que foge à corponormatividade. E nos Estudos Surdos encontramos o modelo socioantropológico como um contraponto ao modelo biomédico, e assim rejeitam a surdez como deficiência e afirmam o ser surdo como ter uma diferença linguística. Tendo a língua como um pilar forte, propõem a identidade e a cultura surda. Podemos perceber que esse último é o modelo no qual Helena se pauta, quando ela aponta que o sinal de D, representando pessoa com deficiência dentro do sinal de capacitismo, não contempla as pessoas surdas.

Outro fio que podemos puxar é o do capacitismo. Esse fio atravessa a bolsa inteira. Falamos, nessa conversa do capacitismo estrutural, do capacitismo internalizado (CAMPBELL, 2008), e do capacitismo que acontece diretamente na relação interpessoal Helena aponta que o sistema, a estrutura, é que precisa ser mudada. Concordamos, mas complementamos que as estruturas sociais são feitas de pessoas. A mudança de atitude das pessoas possibilita também a mudança das estruturas – ainda que de forma lenta. E a

mudança das estruturas (como a legislação) possibilita também a mudança das atitudes das pessoas. É um movimento que se retroalimenta, do macro para o micro, do global para o local, e vice-versa.

A partir dos fios acima, podemos costurar a luta de Helena pelo direito de ser professora. Uma história de vida de luta contra a estrutura capacitista. Luta para ser quem se deseja ser. Para ser professora, para ser reconhecida como capaz de exercer essa profissão. É preciso coragem, como ela diz, para fazer o concurso, concorrendo com ouvintes, sem o reconhecimento das suas diferenças. Coragem também para enfrentar as barreiras do capacitismo estrutural, que fazia com que não houvessem legislações que amparassem a possibilidade de Helena ser aceita no concurso público que passou. São necessários argumentos e posicionamentos no encontro com o capacitismo na relação interpessoal, como foi com o médico. É importante que se tenha companhia para angariar forças para essa luta – daí uma das preciosidades que os movimentos sociais podem trazer. É fundamental o protagonismo surdo, inclusive através dos movimentos sociais, para que se possa pleitear os direitos e os direcionamentos com coerência com as necessidades da população surda. É indispensável que se modifiquem os discursos e as atitudes em relação à pessoa surda.

### **Sobre o direito de estar na escola**

**Beatriz e Lucila, 07/03/2022**



**Imagem 71: Da esquerda para a direita, Beatriz e Lucila**

*Beatriz: Antigamente eu tinha vergonha de contar que eu era surda, eu tinha vergonha de mostrar meu aparelho auditivo... Entendeu? O meu sinal é o B [fazendo o movimento de um franjão no cabelo] ó, B [mostra o sinal] e... a minha mecha era pra tampar o aparelho. Então eu sempre dividia o cabelo pra esconder [o aparelho auditivo].*

*E aí quando eu fui trabalhar com deficiente, quando eu fui trabalhar com autista, uma pessoa do trabalho chegou: ‘ah, eu não sei porque que essa criança tem que estar na escola’. Eu me revoltei e raspei a cabeça toda e botei o aparelho pra fora e falei: ‘Não! Eu sou deficiente e vou mostrar’ que... se eu não tivesse uma mãe que batesse o pé, eu [não teria estudado] numa escola normal, porque na minha época não tinha lei que me protegesse, assim, dentro de uma escola. E quando eu fui [para a escola], a minha mãe foi indicada para procurar uma instituição [especializada], porque eu era deficiente. [Mas] a fono que me atendeu na época falou que não era para me colocar numa escola de surdos. Então foi por isso que eu não tive contato com surdos até os meus 18 anos.*

Beatriz começa a história contando da sua dificuldade de assumir-se surda. Ao longo da história, fala da importância que foi estudar em uma escola regular. Mas ao mesmo tempo, finaliza com a informação do tempo que demorou a encontrar-se com outras pessoas surdas. Falamos sobre essas questões na Bolsa das identidades e pertencimentos.

Há na fala de Beatriz algumas terminologias que não estão mais em uso, como a palavra deficiente e a expressão escola normal. Atualmente, utilizamos o termo pessoa com deficiência e escola regular (em contraposição à escola especial). A discussão sobre terminologias é um fio a se puxar, porém não entraremos nesse debate aqui.

Queremos destacar, na história de Bia, algo que nos impactou muito. Que retornou em reuniões da equipe nos momentos de reflexão sobre as histórias: o ato de Bia de raspar a cabeça e assumir-se surda, em defesa de uma criança com a qual se identificou pela via da marca da deficiência. Bia usou sua história e seu próprio corpo para se posicionar a favor da inclusão de seu aluno autista. Essa é a força sobre a qual fala a afirmação “o pessoal é político” (DESPRET; STENGERS, 2011). Beatriz afirma, assim, a importância e necessidade da escola e dessa colega específica pensarem seus capacitismos.

Luta, também, com esse ato, pelo direito de estar na escola: tanto ela, professora com deficiência, quanto seu aluno, uma criança com deficiência. Ela luta, assim como lutou sua mãe em uma época que não havia legislações que garantissem direitos relativos à educação para as pessoas com deficiência. Esse é um ponto que aparece em outras histórias, quando as pessoas remetem ao seu passado escolar.

## **Sobre o direito de ser aluna**

**Helena, Beatriz, Mairla e Lucila, 03/09/2022**

Helena: [Até o primeiro ano do ensino fundamental, eu estudei no INES.] *No primeiro ano eu mudei para a escola de ouvintes. Mas a avaliação era muito diferente. Porque na escola de ouvintes eu era muito reprovada, era chamada de burra, as pessoas me xingavam: ‘você é burra!’, ‘você é muda!’, ‘você não fala!’, ‘você não lê!’.* Vários xingamentos e preconceitos. Já no INES eu era considerada muito inteligente, e sempre em desenvolvimento pleno, sempre com nota 10. ‘10!’, ‘10!’, ‘10!’.

*Enquanto na escola de ouvintes, a minha nota era zero. Nota 3, nota 4... Ia mal na escola de integração e ia bem no INES. Porque as avaliações eram diferentes. Nas provas do INES eu sempre passava, e nas provas da escola de ouvintes, eu sempre encontrava barreiras.* [Helena conta que, devido aos professores na escola de integração usarem metodologias de ensino que não eram apropriadas para crianças surdas – como o ditado oral, por exemplo – ela repetiu o segundo ano 3 vezes]. *Então a professora Ivete Vasconcelos<sup>37</sup> resolveu visitar... ela era do INES, né, e resolveu visitar a escola de integração para observar e avaliar, e fazer uma reunião com os professores. Era como se fosse uma palestra de orientação e conscientização para os professores, onde ela orientou: ‘ela não é burra, ela tem dificuldades porque o português é diferente. É necessário mudar a metodologia, escrever no quadro...’* Várias orientações. Os professores não aceitaram. *‘Ah, ela é surda! Não combina [com nossa escola]! Combina com uma escola especial. Vai pra uma escola especial! Aqui, não!!’* Minha mãe ficou revoltada, brigou muito, discutiu muito. *‘Peraí! Desculpa mas vocês precisam aceitar a minha filha, porque é lei! Tá na lei! É um direito! Filha de professora tem direito!’* Não tinha lei em relação aos surdos. Não tinha LDB, digo, LBI, a lei 13.146, a Lei Brasileira de Inclusão. Não tinha. Também não tinha a lei da Convenção Internacional. A Lei de Libras foi só em 2002. Bem depois. Antes, não tinha nada. Por isso, minha mãe discutiu, brigou, e conseguiu que eu permanecesse na escola. Mas mudou de professora. Os professores lá eram antigos, tradicionais, rígidos.

---

<sup>37</sup> Ivete Vasconcelos foi diretora da Escola Santa Cecília, especializada em alunos surdos, e precursora do modelo da Comunicação Total na educação de surdos do Brasil. Nos anos 70, implementou no INES a Estimulação Precoce para bebês surdos (ROCHA, 2008; BENTES; HAYASHI, 2016).

*Essa outra professora era jovem, nova, que tinha paciência, tinha mais manejo na troca, na relação.*

Muitas histórias trouxeram a questão da falta de legislação como uma barreira para estar na escola. Aqui na história de Helena, ela destaca isso. Mas também Beatriz fala da luta de sua mãe por não haver à época legislação que a amparasse enquanto surda. Em outras conversas, Ana Carla e Giovana, quando falam sobre sua escolarização, também olham para o passado e remetem à falta de legislação que reconhecesse a Libras como língua e garantisse a presença de intérprete em sala de aula.

No Brasil, a Libras foi oficialmente reconhecida como língua através da Lei 10.346/02 (BRASIL, 2002). Há 21 anos atrás. A partir da legislação, é possível acompanhar processos de mudança importantes, como o reconhecimento da necessidade de intérpretes de Libras/português em todos espaços, mas a obrigatoriedade de pessoa falante de Libras em espaços públicos; a abertura e ampliação dos cursos de graduação em Letras-Libras para a formação de bacharéis e licenciados, professores e intérpretes; o respaldo para a luta pela melhoria das condições de acesso e para a garantia do direito linguístico; entre outras.

A história de Helena fala de coisas que se repetem em outras histórias também, como a falta de informação, de disponibilidade e acolhimento. Na escola de integração, ela não foi bem acolhida, professores não tinham disponibilidade para alterar suas metodologias e adaptá-las ou construir novas metodologias que atendessem à criança surda. Faltava informação. Mas a história fala também de estratégias e possibilidades de composição. A visita da professora especialista do INES foi fundamental para a aceitação de Helena na escola. Talvez essa visita e as informações e orientações tenham proporcionado mudanças de mentalidade. Não em todos, mas em alguns. Helena conta também que a professora nova tinha mais manejo na troca, na relação. Tinha paciência.

Esse é um sinal que aparece bastante nas histórias sobre as relações entre pessoas surdas e ouvintes. As contadoras pontuam que tanto as pessoas surdas quanto as pessoas ouvintes precisam de paciência para construir as relações e estarem juntas. É preciso de paciência e tempo.

As histórias acima, de Helena e de Beatriz, falam da necessidade de lutar para estar na escola – como professora ou como aluna.

## Aline, Ana Carla e Lucila, 30/08/2022



**Imagem 72: Da esquerda para a direita, Ana Carla, Aline e Lucila**

Aline: *Eu vejo que na relação entre pessoas surdas e ouvintes, atualmente, eu percebo que falta vontade. Falta boa vontade. Porque os surdos já estão cansados de tanta luta. Historicamente vêm lutando há tanto tempo: ‘olhem pra mim! olhem pra mim! olhem pra mim!’ e parece que o ouvinte tá sempre desprezando e ignorando os surdos. (...) O que nós temos hoje, a Lei, o Decreto, intérpretes nos espaços, surdos ocupando várias áreas, não só a área da educação, é por causa do movimento surdo, de uma luta antiga, já. A gente vai ficar velha e não vai ver isso pronto. A gente vai morrer e no futuro outras pessoas virão e vai continuar a luta, não vai parar não. Eu acredito que vá mudar. Mas a gente não vai estar presente pra ver tudo. O surdo não pode parar. Assim como o ouvinte.*

Francielle Cantarelli Martins e Madalena Klein também nos falam sobre essa questão.

*Desde então, muitas coisas mudaram na educação dos surdos em função das lutas do povo surdo. Empunharam-se lutas e movimentos intensos em favor de seus direitos, do uso de sua língua, das escolas bilíngues para surdos, da oficialização da Libras, da conquista do Dia do Surdo, da importância da acessibilidade, entre outros. Em um curto espaço de tempo encontramos professores surdos trabalhando nas universidades públicas e privadas, o trabalho dos surdos em empresas em geral, as pessoas surdas participando de seminários com intérpretes, bem como a abertura das instituições para a presença do profissional intérprete de Libras. Não podemos deixar de citar a oficialização da Libras, por muitos anos a principal bandeira de reivindicação da comunidade surda, e com certeza, a propulsora de tantos desses avanços aqui*



*anunciados. Como se percebe, muitas coisas aconteceram em pouco tempo, porém, até agora, continuam acontecendo situações conflitantes em função da visão dos ouvintes em relação aos surdos.* (MARTINS; KLEIN, 2012, p. 2-3)

As conquistas que temos hoje são resultados de lutas. Lutas e movimentos que se desdobram em legislação, em ocupação de espaços, em visibilidade na sociedade, em mudança de olhar sobre e para a pessoa surda. Mas como Aline diz, os surdos estão cansados. É necessário que nós, ouvintes, mudemos nossa visão e também nos engajemos nessa luta, sejamos aliados para a construção de um mundo mais inclusivo. Para que o pluriverso surdo possa acontecer cada vez mais. E é imprescindível que pessoas surdas e ouvintes se disponibilizem para estar juntas, para criar estratégias e maneiras de se relacionar. Estejam abertas para as trocas e estejam dispostas a se esforçar, quando assim for necessário. Mas que também saibamos do prazer que é estar juntos. Não é só esforço, é também possibilidade de encontro, troca, aprendizados. Novas formas de sentir e viver o mundo.

A seguir, apresentamos 4 histórias que trazem alguns aspectos da relação entre pessoas surdas e ouvintes no contexto educacional. Quem nos conta a primeira história é uma professora ouvinte, e as 3 seguintes são contadas por pessoas surdas, sobre seus processos de formação. Cada história traz nuances, sentimentos, invenções, perspectivas e modos de agir diferentes, com possibilidades e impossibilidades de estar juntos.

#### **Verônica, 24/11/2020**



**Imagem 73: Verônica**

*Gostaria de contar uma história de uma aluna surda que eu tive em uma escola da prefeitura do Rio de Janeiro, onde eu trabalhava. Essa criança chegou na escola com 6 anos de idade. Uma fofa! Era uma menina. Ela chegou usando aparelhos auditivos. A mãe tinha mais 6 filhos, com ela, 7, um total de 7 filhos. Ela era a caçula da família. Era a única surda, a família toda era ouvinte. Mas eu percebi que a mãe tinha interesse em aprender Libras. Eu trabalhava, na escola, em uma sala de recursos. Ela, a menina, a aluna, estudava em outra escola pela manhã, e à tarde, na minha escola, na minha sala, junto com outros alunos surdos, de várias idades – um desafio para nós, professores! Ela chegou e eu percebi que ela, ela... só se comunicava cuspiendo na mesa. Cuspia, e só. Ela não mostrava nada, ficava quieta, olhando e observando, só. E cuspiendo, cuspiendo na mesa, sempre. Para chamar minha atenção, porque a família... ela tinha muitos irmãos, ela era a última! A caçula... E a mãe muito preocupada. No meu entendimento, essa menina não gostava da sala, não queria ficar na sala. Mas tudo bem. Eu fui interagindo, convidando ela para participar das diversas atividades, brincadeiras, jogos... e ela nunca participava. Sempre sentada na mesa, e cuspiendo, cuspiendo, cuspiendo... E aí eu vi e... como resolver? O tempo ia passando e ela sempre com o mesmo comportamento. Eu precisei botar um plástico na mesa, separar um pedaço de pano, e aí quando ela chegou, ela olhou para a mesa e se espantou, estranhou aquele plástico. Eu com gestos, falei para ela: se cuspir, vai limpar, você mesma. A menina me olhou e nunca mais cuspiu. Começou a se desenvolver de forma diferente. Eu comecei a tentar interagir. Mostrava desenhos e sinais. Por exemplo: eu desenhava uma bola, mostrava para ela o desenho e fazia o sinal. ‘Bola. vem brincar, vem?’ E usava outros sinais dentro do contexto infantil. Ela começou a copiar os sinais. Bola: ela chegava, me perguntava, me chamava – me puxava pela camisa! Eu falava: não, não me puxa não. Me chama. Com um toque. Aí ela: ‘ah, ok!’ e me tocava e eu falava: o que é? E ela ‘bola, bola, bola’. Aahhh, então começou um processo... de letramento em Libras... Se é que eu posso usar esse conceito, não sei! O tempo foi passando... Em paralelo, eu trabalhava junto com a fono, que também usava a Libras, trabalhava também outras coisas específicas de fonoaudiologia, mas valorizava a língua de sinais e usava sempre. Nós duas, como profissionais, criamos um projeto dentro da área da saúde e da área da educação articuladas. As crianças e os jovens da minha sala na escola participavam desse projeto para se desenvolver melhor, envolvendo*

a família, envolvendo a direção da escola, e outras pessoas. Um trabalho maravilhoso. E essa menina foi crescendo. Foi para outra escola, saiu da sala de recursos, e continuou se desenvolvendo em outra escola. Passou um tempo, a fono me contactou: ‘sabe uma experiência muito maravilhosa que aconteceu na escola daquela aluna?’ ‘O que?’ ‘Ela escreveu um texto, um textão, e a professora, quando pegou, olhou, se espantou’ – a menina, com 13 anos. A professora olhou e se admirou: ‘nossa! ela é melhor do que outros alunos ouvintes!!’ Engraçado, né? Ela interiorizou a Libras, com fluência, e se desenvolveu. E depois eu, junto com a fono, desenvolvemos o português escrito junto com ela.

### Lucas, Giovana e Lucila, 25/07/2022

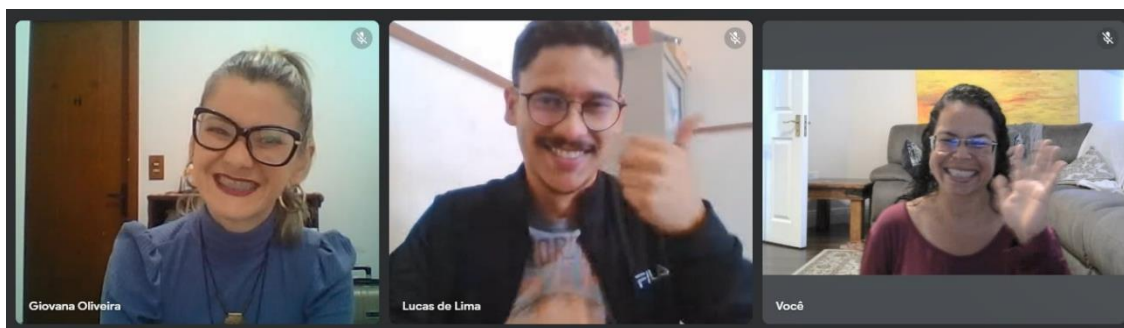


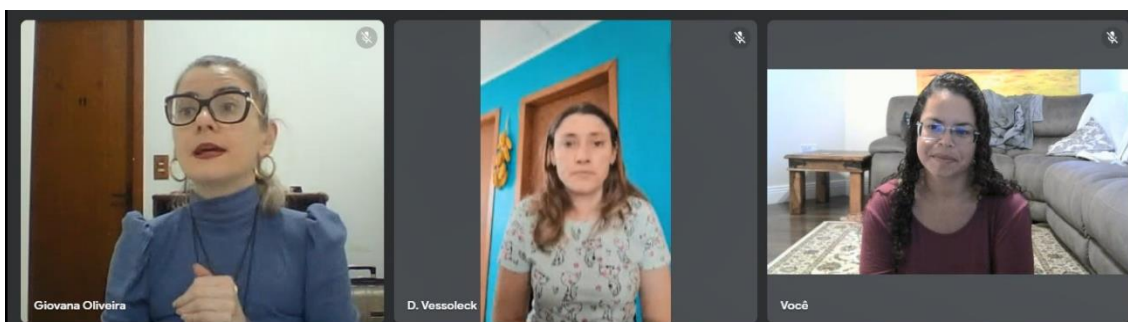
Imagem 74: Da esquerda para a direita, Giovana, Lucas e Lucila

Lucas: *Eu estudei em escola inclusiva, em uma cidade bem pequena. Minha família não sabia Libras. Eu era o único surdo. Eu não conhecia sobre identidade, não conhecia sobre um monte de coisas, não conhecia nada. Parecia que eu era uma semente embaixo da terra que não conseguia brotar. E então, quando eu entrei na escola, do primeiro ao quinto ano não tinha intérprete. Era só oralização. E eu não ouvia. Os colegas não me ajudavam. Apenas um pouco. E eu apenas copiava as outras pessoas. Era como se eu identificasse o que era humano como eu e copiava. Mas eu não me sentia uma pessoa completa. Dentro de mim havia estranhamento, agitação, nervoso, angústia. Eu não entendia nada. E só contava com o olhar. Com a visualidade. Um único sentido. Então tudo que era falado, oralizado, à minha volta, eu não conseguia captar ou absorver nada. Então na escola inclusiva, do 1º ao 5º ano, era difícil. Eu agradeço ao suporte da minha família, a preocupação deles com meu desenvolvimento. Eles me mudaram para uma sala que tinha uma professora que sabia Libras. Ela começou a me ensinar, eu tinha*

12 anos. Parece que não era tão confuso. Então eu fui aprendendo e em 6 meses eu estava com uma Libras de nível intermediário. Não era fluente, ainda. Mas faltava contato com surdos. Por causa disso, faltava... Eu não tinha contato nenhum nem com surdos nem com ouvintes. Contato de estar próximo, juntos, cotidianamente, eu não tinha. Só com a família, o tempo todo. E com isso, com a oralização. O tempo todo, junto com a família, porque eles cuidavam de mim, eu era criança, eles se preocupavam com a minha segurança, e com isso eu ficava dependente. Isso quando eu tinha menos que 12 anos. A partir dos 12 anos, no 5º ano até o final do Ensino Médio, tinha intérpretes. Mas quando eu entrei no 5º ano, o/a intérprete sinalizava muito rápido. E eu não conseguia entender claramente o que o/a intérprete estava sinalizando: as palavras, a história, a disciplina, e outras coisas. A matemática. Tudo. Não era claro para mim qual o significado, os detalhes. E eu ficava sempre quieto. Não convocava a ninguém. Eu não tinha contato com os ouvintes. Se eu tivesse contato, eu teria tido coragem de convoca-los. Mas como eu não tinha nenhum contato, eu seguia quieto. Eles ficavam conversando oralmente, e eu ficava quieto, observando. Eu estava incluído? Não. Eu estava excluído e isolado. (...) A minha primeira faculdade era administração. E eu sentia que era a mesma coisa de antes, do passado, o mesmo que eu sofri com os ouvintes, de novo. Eu tentei sair e mudar para o curso Letras-Libras, na UFPR. Foi em 2016 que eu tentei o vestibular. Tentei a prova, e fui reprovado. Então eu tentei novamente a prova para o Letras-Libras, mas de outra faculdade, em Marília. (...) E então eu passei. Graças! Eu estudei e passei. E quando eu entrei, parecia tudo diferente. Todo mundo sinalizando. O ouvinte, parece que havia ali uma maturidade. Eu cresci na inclusão, com todos oralizando. E na primeira vez que eu entrei na faculdade, minha cabeça mudou completamente. Eu tinha muitos contatos, amigos, interação. Porque eles me ajudavam, ao usar a Libras, que é visual. Isso era muito forte. Eram bilíngues. Eu me senti confortável, me senti muito bem. Antes, crescendo, eu sofri, não tinha conforto. E quando eu entrei na faculdade, eu recebi informações, com detalhes, de forma clara, eu compreendia o significado, a Libras. Eu tinha perguntas, e eles aceitavam minhas perguntas, a gente conversava, interagia. Tinha muita troca e desenvolvimento. Em dois anos eu absorvi e me apropriei de tudo e fiquei fluente em Libras, com conhecimentos profundos. Em paralelo, eu fazia um curso na FENEIS, que também me ajudou muito a me desenvolver. Era bilíngue, assim como a

*faculdade. Então eram dois espaços bilíngues onde eu conseguia interagir com surdos e ouvintes. Ouvintes que sabiam Libras, então era ótimo. Antes, na inclusão, os ouvintes não sabiam Libras. Não sabiam! Então a comunicação era truncada. Já na faculdade e no curso da FENEIS, eu sou grato a toda a ajuda que tive. Ouvintes e surdos sabiam Libras com fluência, era ótimo. Se fosse em outra faculdade, onde os ouvintes não soubessem Libras, não seria confortável, não. Porque o problema era esse. Sorte que eu tive essa segurança, e pude então me desenvolver. Até hoje.*

### **Deisi, Giovana e Lucila, 25/07/2022**



**Imagem 75: Da esquerda para a direita, Giovana, Deisi e Lucila**

*Deisi: O tempo foi passando, parece que eu ia sempre encontrando barreiras, e com mais ou menos 9 ou 10 anos de idade, eu estourei. Porque as crianças estavam me chamando de muda. Eu acho que eu estava sofrendo bullying. Elas ficavam me provocando. Eu já tinha batido em algumas, sacudido elas, puxado o cabelo, e então fui correndo, chorando, para minha mãe. 'Ah, porque eles me chamaram de muda...'. Minha mãe foi e deu bronca nas outras crianças. Porque minha mãe era professora [naquela escola]. Então eu sofri com as crianças me chamando de muda, me provocando, caçoando da Libras, me imitando com gestos, dentro da escola inclusiva. Aí isso foi sumindo... até eu chegar no magistério, onde tinha professora intérprete. E aí eu tinha um conforto mental. Eu aprendia no magistério sobre as disciplinas, aprendia como ter uma atitude profissional enquanto professora dentro da escola... E o tempo foi passando até a faculdade. Antes, eu já tinha aprendido a escrever português, porque eu batalhei muito pra isso. [...] Eu lembro de uma disciplina [na faculdade], que se chamava 'teoria da personalidade'. Nossa! Era muito difícil! Porque o professor falava muito! Isso limitava a interpretação, que ficava em vários resumos. Porque eu ficava dividida no que*

*prestar atenção: no professor ou no intérprete? E isso, eu ainda tentando anotar. Depois, na prova – eu lembro que também tirei nota baixa nessa prova, menos que 6. Eu fiquei nervosa e chamei o professor – mandei um e-mail, naquela época não tinha WhatsApp, né. “Professor, por favor, eu quero conversar com você. Eu não aceito essa nota baixa na prova, não aceito.” Então eu trouxe o intérprete para essa conversa – o professor aceitou a conversa, em uma sala, em particular. E aí começamos a conversar. E o intérprete, que conhece a pessoa surda, explicou coisas também. O professor entendeu e aceitou que eu repetisse a prova. Ele me avisou o dia e eu estudei bastante. Depois eu fiz a prova e acho que minha nota subiu um pouquinho. E isso foi ótimo. Porque eu tava quase reprovando nessa disciplina. E eu não ia aceitar isso. Por isso que chamei o professor para conversar. E aí eu consegui passar. Na sala de aula, na faculdade, eu não tinha muito contato com ouvintes. Só com a Fulana, Sicrana, Beltrana... [mostra os sinais de 3 pessoas, ao mesmo tempo que conta nos dedos de uma mão quem eram, e adiciona mais dois dedos]. Eram essas 5 pessoas que estávamos sempre juntas, fazendo trabalhos em grupo, trabalhando juntas, se tínhamos dúvidas, resolvíamos juntas.*

### **Helena, Beatriz, Mairla e Lucila, 03/09/2022**

*Helena: [Após o meu diagnóstico como surda] Minha mãe procurou uma escola, ficou desesperada procurando escola, muito preocupada. E encontrou o INES, porque é uma instituição de referência. Então eu entrei lá com 2 anos de idade, na primeira turma de estimulação precoce de bebês. Eu tive muita sorte, porque a professora Ivete Vasconcelos – esse é o sinal dela, ela é famosa – criou essa turma, a primeira turma para crianças de 2, 3, 4 anos, para ensinar Libras. Ela já tinha viajado para Gallaudet, e era a favor da sinalização e da oralização, era a favor da Comunicação Total. Antigamente, né. Antes do bilinguismo. Então ela me ensinou, me estimulou, e eu me desenvolvi, aprendi a ler, através de metodologia visual, com desenhos, brincadeiras, trocas, eu me desenvolvi. Em paralelo, havia uma tentativa de adaptação na escola de ouvintes. Por exemplo, de tarde eu ia pra escola de ouvintes, de manhã eu ia pro INES. Então eram essas duas escolas, com duas direções diferentes. Quando acabava o turno de estudos no INES, eu ia pra outra escola para fazer um processo de tentativa de adaptação, para ver se era possível.*

[...]

Helena: *Com 6, 7 anos eu já sabia ler e escrever. Minha alfabetização foi muito rápida. E isso não combinava com o INES. Porque eu perdia muito. Tinham alunos grandes, de 9, 10 anos. E eu era pequena. Não combinava. Também, a minha mãe é professora. Ela me ensinava muito e isso ajudou o meu rápido desenvolvimento. Por isso. Então eu saí do INES. Eu mudei para uma escola com ouvintes, porque a idade das crianças era igual à minha. Eu tinha 7 e elas também. No INES, não, lá eram crianças maiores enquanto eu era ainda pequena. Havia uma discrepância de série e idade. Eu era a menor. E ia percebendo as coisas em volta. Sabia Libras e também escrever. Mas eu mudei para a escola de ouvintes e minha sinalização começou a declinar, diminuir. Era mais fono, oralização, aprender a falar, a fazer leitura labial... De 7 a 11 anos, meu desenvolvimento foi pautado em falar, oralizar, por causa do contato com os ouvintes. Mas parece que a Libras ficou guardada, deixei ela de lado, guardada. Com 11, 12 anos, eu voltei a ter contato com a Libras, contato com os surdos. Com 11 ou 12 anos... era o 5º ou 6º ano, mais ou menos. Porque a escola de ouvintes era boa, havia uma boa interação, uma boa relação social. Não tinha preconceito. Crianças não têm preconceito. O problema eram os professores, que não aceitavam [surdos]. O problema eram os professores, adultos é que têm preconceito. Não têm paciência com surdos, não. Porque os professores do lugar, da instituição que eu estudei eram muito tradicionais, rígidos.*

[...]

Helena: *Antigamente não tinha metodologia de [ensino de português como] L2. Os professores não se preocupavam com os surdos. Não tinha pesquisas na área de Linguística, pesquisas sobre L1 e L2. Antigamente não tinha. Então eu sofri. Por isso eu repeti o 2º ano três vezes. Depois eu passei pro 3º ano, e segui para o 4º. E aí acompanhei a mesma turma, do 3º ano até o final dos estudos. Como era a mesma turma, já me conheciam, já estavam acostumados comigo, e a comunicação fluía muito bem. Mas eu sentia falta... Eu me senti sozinha. Eu era a única surda, me sentia a única surda do mundo. Mas eu sabia que não era a única surda do mundo, eu já conhecia surdos do INES. Então eu comecei a pedir para voltar para lá. Eu queria voltar pro INES. Minha mãe falou que não. 'Não, não vai voltar, não, porque lá o ensino é fraco. Melhor você continuar na escola de ouvintes, se desenvolvendo, e fora da escola ter contato com*

*associações [de surdos]: Alvorada, teatro...’ Para ter contato com surdos jovens, ter trocas com eles. Então eu tinha as duas coisas em paralelo. De forma bilíngue, eu tinha os dois mundos, o mundo surdo e o mundo ouvinte.*



## BOLSA DOS DOIS MUNDOS? DE UM MUNDO JUNTO COM?

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/b3b9PpU8QWU>

**Resumo em português:** Essa bolsa tem como título “dois mundos? Ou um mundo junto com?”. Fala do problema de pesquisa, o incômodo do discurso de dois mundos – mundo surdo e mundo ouvinte – separados. Como fazer para aproximar as pessoas surdas e ouvintes? É possível construir um único mundo? Por fim, fala sobre como desenvolver o pluriverso surdo.

### Dois mundos

Lucila e Ana Carla, 16/03/2022

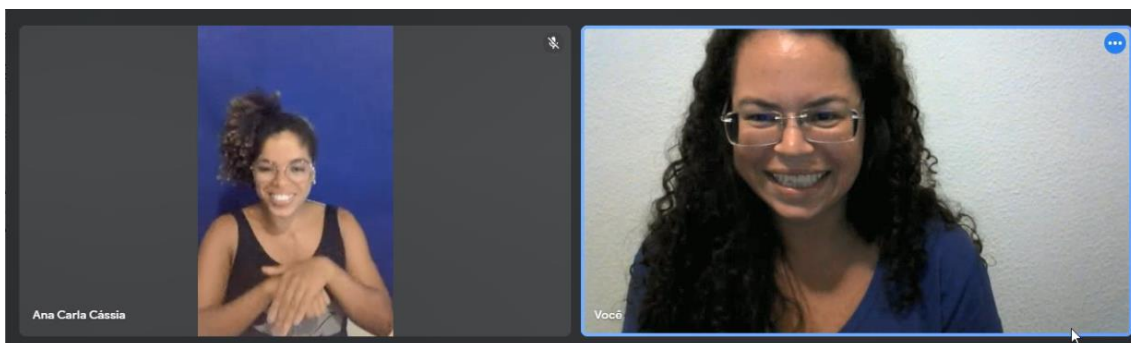


Imagem 76: Da esquerda para a direita, Ana Carla e Lucila

Lucila: *Também tinha outro discurso que era: o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. Parece que eram mundo diferentes, separados. E aí eu, ouvinte, pensava: dá pra eu entrar nesse mundo de surdos? Porque se eu trabalho atendendo os alunos, eu, psicóloga, preciso entender: como que é esse mundo de surdos? Como que funciona? Como que são as relações dos surdos? Como que é o funcionamento psicológico das pessoas desse mundo surdo? E também, quando falamos mundo ouvinte e mundo surdo, significa que é eternamente assim, separado? Eternamente? Sempre vai ter um mundo e outro mundo separados? E eu achava isso estranho, porque às vezes as pessoas falavam o que? ‘Ah, precisa unir, precisa inclusão, precisa que a sociedade aceite o surdo.’ Mas se era separado, eternamente separado, como que isso ia acontecer? Então parece que eu tomei um choque com isso.*

Ana Carla: [...] *Mas na verdade, a gente tá todo mundo num mundo só! Porque separar desse jeito?? Porque? É só unir! Tudo bem, é... não é só unir, parece fácil! Mas não é. Mas, por exemplo: falta conhecimento, né, das pessoas, sobre o que é essa união. E aí aproximar os mundos, e não deixar eles separados, segregados.*

### **Aline, Ana Carla e Lucila, 30/08/2022**



**Imagem 77: Aline, Ana Carla e Lucila**

Aline: [Vejo que] *os ouvintes não têm boa vontade de aprender a se comunicar. Eles sempre têm dificuldade na comunicação e pensam: 'Ah, o problema é do surdo, o surdo que tem que se esforçar. Ele que tem que tentar entender.'* É lógico, tem alguns ouvintes, raros [que tentam]. *Mas a maioria não se esforça. E aí, se o surdo não entendeu, o problema é dele. E ignora. Não se preocupa que o surdo pode estar tendo algum prejuízo, por exemplo na área da saúde, do conhecimento, conhecimento geral do mundo, visão de mundo. E também, por outro lado, os surdos já lutaram tanto, falaram, falaram, falaram, estão cansados, de saco cheio de tentar ensinar. 'Ah, então o ouvinte não quer aprender, eles que se virem.'* Parece, assim, *uma vingança, sabe? Porque o que o ouvinte já fez por anos e anos, o surdo agora tá fazendo igual com o ouvinte. Como uma vingança desse desprezo. Mas isso não é bom. O bom é que os dois tentem entender e se esforçar. Eu sei que o surdo já tá cansado de se esforçar tanto e o ouvinte não fazer nada. Eu entendo isso. Mas parece que tem que tentar e continuar insistindo e se esforçando para a comunicação fluir. E o ouvinte também precisa abrir os olhos e perceber que precisa estar ali dando suporte pro surdo. Porque na verdade, a nossa sociedade é geral. Ela não é separada, uma sociedade de surdos e uma sociedade de ouvintes. Um Brasil! Então se o surdo está sofrendo prejuízo e eu tô bem... Mas no futuro pode acontecer de eu ter um filho ou um familiar surdo ou qualquer coisa acontecer. E aí eu vou começar a fazer*

*alguma coisa depois? Porque eu não fiz nada antes? Porque eu não agi antes pro acesso das pessoas surdas? Em qualquer lugar. Por exemplo, como psicóloga, ou dentro da escola. Tem o INES. Mas só 1 INES? Falta outros espaços, entende?*

Essa pesquisa começa com um incômodo de encontrar o discurso da existência de dois mundos separados. Na verdade, pela fala que trago no início dessa bolsa, parece que o incômodo estava em eu não conseguir acessar o mundo dos surdos e chegar até as pessoas surdas com as quais eu tinha que trabalhar. E um segundo incômodo veio a medida em que eu pensava que a ideia de mundos separados parecia afastar a possibilidade de efetivar uma inclusão social.

Aline também traz na sua fala a percepção de mundos separados. Ela fala a partir do lugar de CODA, que cresceu na comunidade surda, então ela traz uma perspectiva de quem transita entre surdos e ouvintes. Ela vê, com as pessoas surdas, um esforço que historicamente fizeram para serem vistos pela sociedade geral. Fala também de um cansaço dessa luta cotidiana.

Annika Konrad traz a questão do cansaço que as pessoas com deficiência sentem no trabalho em busca do acesso com o conceito “*access fatigue*” (KONRAD, 2021), livremente traduzido pelo Núcleo de Estudos da Deficiência (NED) da UFSC como “fadiga de acesso”.

*(...) o conceito de fadiga de acesso chama atenção ao trabalho específico de envolver outros na acessibilidade (...) [Ele] revela como a falta de familiaridade com a deficiência e as práticas de acessibilidade coloca nas pessoas com deficiência a pressão de ensinar outros a como participar do acesso. (KONRAD, 2021, p. 183, tradução livre)*

Ainda nesse texto, Konrad apresenta, a partir de uma pesquisa com 22 participantes, narrativas de vida que ela ordenou em *quatro categorias que descrevem parte do que faz a retórica do trabalho de acesso fatigante: o acesso requer (1) um desempenho de si próprio, (2) confrontar as reações do público, (3) uma troca de valores, e (4) uma pedagogia retórica. (KONRAD, 2021, p. 186, tradução livre)*

Aline também fala sobre o que ela percebe entre os ouvintes: raros momentos de esforço e rápida desistência, isso quando não há indiferença em relação à pessoa surda. Ela traz o quanto o discurso biomédico permeia a sociedade quando diz que o ouvinte fala que o surdo tem que se esforçar para a comunicação. É um discurso que individualiza

a questão na pessoa surda entendida pelo discurso biomédico como uma pessoa com lesão, logo, com deficiência.

As duas palavras que queremos destacar no discurso da Aline são cansaço e esforço. Novamente vemos aqui a importância de que nós, ouvintes, nos desloquemos no nosso privilégio para ir em direção às pessoas surdas. Na medida em que nós nos esforcemos um pouco mais, talvez possamos tirar um pouco da carga da inclusão dos ombros da pessoa surda, compartilhar a responsabilidade da construção do pluriverso surdo em que seja possível as mais diversas relações entre pessoas surdas e ouvintes.

Aline também questiona: os surdos precisam depender só de um INES? O INES ser um instituto de referência não deveria significar ser o único lugar em que os surdos encontram acolhimento e atendimento. Aline afirma: faltam outros espaços. Não sei se a solução seria abrir outros “INES”, outras instituições especializadas. Talvez elas sejam necessárias, como polos, como outros centros de referência. Mas de certa maneira, também é papel nosso, dos ouvintes, nos capacitarmos e nos abirmos, nos disponibilizarmos, para receber as pessoas surdas em quaisquer espaços que habitamos.

### **Como aproximar as pessoas surdas e ouvintes?**

Nas conversas acima tanto Ana Carla como Aline dizem que é necessário a união. Ana Carla fala “é só unir”, porém logo em seguida reconhece: “mas não é fácil.” E afirma “falta conhecimento sobre o que é essa união”. Ana Carla fica com o problema (HARAWAY, 2016) quando leva adiante a discussão com a pergunta “Como aproximar as pessoas surdas e ouvintes?” O que é essa união? Como operar essa união?

### **Lucila e Ana Carla, 16/03/2022**

Ana Carla: *Na sua opinião, o que fazer para poder aproximar mais esses grupos de surdo e de ouvinte? O que precisa acontecer para melhorar essas relações?*

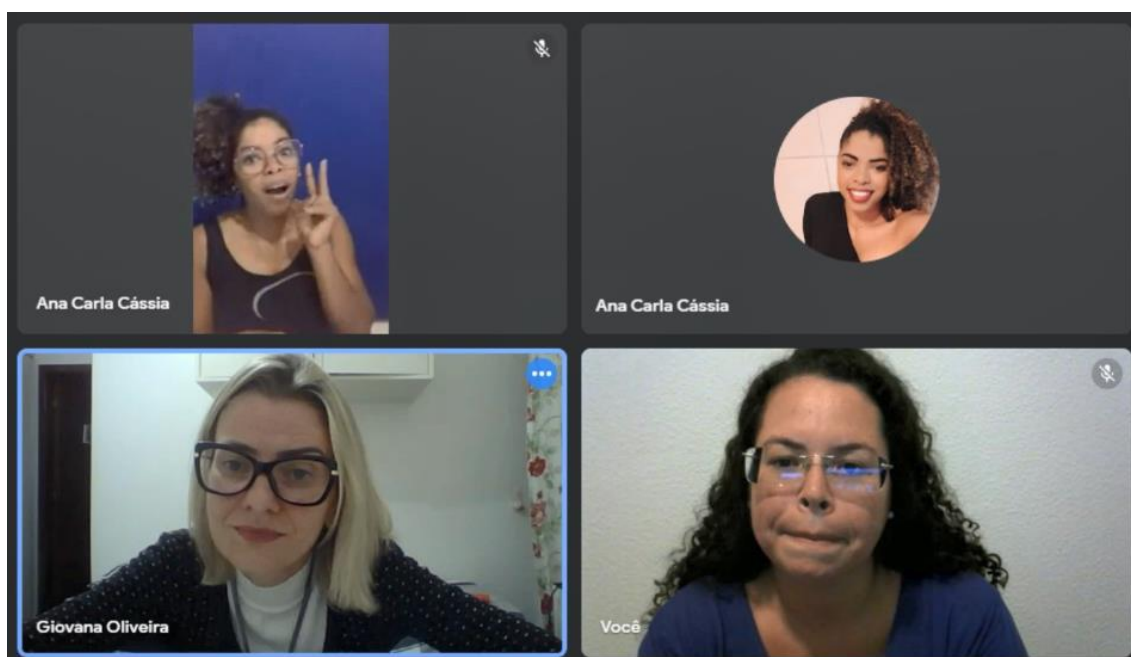
Lucila: *Nossa, essa pergunta é ótima. (...) Precisa que as pessoas, surdas e também ouvintes, comecem a aprender como respeitar as diferenças. Porque às vezes eu sinto que parece que as pessoas falam: ‘precisamos de igualdade’. Sim! Precisamos de igualdade. Mas igualdade não significa sermos todos iguais, entende? Não somos todos iguais, cada um é diferente. Mas é necessário estar em pé de igualdade. Precisa do*

*respeito, precisa da troca de verdade. Precisa também de disponibilidade. Eu me sentir livre pra conseguir trocar e me relacionar. Parece... como se fosse... limpar a opressão, limpar o preconceito. Aprender a se abrir para conhecer. (...) Tirar um pouco de algumas mentalidades, algumas ideias antigas.*

*Ana Carla: Certo, perfeito. Tirar o capacitismo. Você conhece esse sinal, de capacitismo? É se livrar do capacitismo. Nós crescemos introjetando o pensamento capacitista. E às vezes a gente não percebe, mas temos sim, dentro de nós, o capacitismo. Então precisamos pegar esse capacitismo e tirar ele de cena, jogar ele pro canto, e agir naturalmente com respeito e igualdade.*

Em uma conversa anterior, Ana Carla nos conta que quando passou a ocupar o lugar de professora, teve um choque com relação a como ouvintes percebem a pessoa surda.

#### **Ana Carla, Giovana e Lucila, 16/03/2022**



**Imagem 78: Da esquerda para a direita. Em cima: Ana Carla e Ana Carla. Embaixo: Giovana e Lucila**

*Ana Carla: Quando eu comecei a trabalhar... eu senti a relação entre ouvintes e surdes... Nossa! Mais porque eu mudei de papel. Ser professora é diferente. Antes era natural, era um bate papo, eu falava, oralizava, dava um jeito, tinha estratégias de*

*comunicação. Mas no momento que eu ocupei esse lugar de professora, foi completamente diferente! Eu comecei a me perceber diferente. Percebi também que eu precisava me aprofundar, me apropriar mais da língua, fiz cursos... pensando também em como ensinar. E aí eu comecei a ver – e foi um choque – como ouvintes olham para a comunidade surda. Elus, ouvintes, parecem que têm limitações no pensamento sobre quem é a pessoa surda. Pensam que nós, surdos, somos coitados, ou que não somos capazes... Eu fui observando isso... E eu explicando: ‘Não, ó, a pessoa surda é capaz de várias coisas, e tem a cultura, e...’ Fui explicando vários pontos. Os ouvintes: ‘Ok.’ Algumas pessoas entram no curso e ficam com cara de paisagem. (...) Eu penso que as pessoas entram só para aprender sinal, sinal, sinal e ponto. E não é isso! Precisam aprender como o surdo vive, como se insere na sociedade, como são as estratégias de vida de cada pessoa surda. Porque os surdos são todos iguais?! Isso é impossível! As pessoas têm suas diferenças.*

E então nos conta da militância diária que exerce em seu papel de professora de Libras, especialmente para ouvintes, em prol de uma sociedade mais inclusiva e mais aberta à pessoa surda. Ela pondera sobre a importância de um equilíbrio que permita a abertura tanto da comunidade ouvinte para a pessoa surda como da comunidade surda para a pessoa ouvinte – um equilíbrio que demanda “abrir a mente”, demanda quebrar preconceitos, ter disponibilidade, ter paciência e buscar relações verdadeiras, com trocas efetivas. E compreensão de ambos os lados.

### **Ana Carla, Giovana e Lucila, 16/03/2022**

*Ana Carla: Então, olhando para essa relação, foi a parte mais difícil. Porque? Por dois motivos. 1 é porque falta à comunidade ouvinte abrir a cabeça para entender a comunidade surda. E também porque falta à comunidade surda, à algumas pessoas, abrir a cabeça para entender a comunidade ouvinte. No começo eu percebia que pessoas surdas falavam: ‘ah, eu quero meus direitos, eu quero que a gente lute’, mas parece que a comunidade surda não tem paciência com ouvintes. Também têm certa indiferença com relação a ouvintes. Então, são necessárias duas coisas: equilíbrio e abrir a mente. Não adianta a gente ficar lutando, mas ignorar a comunidade ouvinte. Elus precisam que a gente passe os conhecimentos e explique as coisas para elus. Se a gente não explica nada,*

*se a gente não tem paciência, como que elus vão se desenvolver? E como vai acontecer a inclusão do surdo na sociedade, sabe? É falando: 'se vira aí'? Aí não tem como. Por isso eu sinto que eu gosto mesmo é de continuar como professora, porque eu vou ensinando e transmitindo conhecimentos para melhorar essa relação, para estimular essa melhora. Nós precisamos ampliar [a comunidade surda] e conseguir se relacionar. Não é só: 'ah, que fofo, a Libras é fofo!' e ponto. Não! É para termos trocas mesmo. Empatia, compreensão de cada comunidade [a surda e a ouvinte]. Isso é muito importante. E falta muita coisa.*

Desde 2013, quando entrei para a comunidade surda, carrego esse incômodo, essa questão, sobre o discurso de dois mundos. O quanto essa concepção segrega, em vez de possibilitar relações? Será que, então, o melhor não seria acabar com essa ideia? Mas, seguindo a conversa que eu, Ana Carla e Aline estávamos tendo (pensando em dois mundos, em lutas, nas relações entre pessoas surdas e ouvintes) houve uma fala da Aline que me deslocou.

*Lucila: Mas você acha que dá pra, no futuro, quebrar essa ideia de dois mundos separados? Você acha que dá? Ou não?*

*Aline: Eu acho importante ter essa separação em alguns momentos. Porque... é como... Por exemplo, um casamento. Os dois tão ali juntos, e tal, estão conversando e tudo bem. Mas tem um momento que precisa ser da sua individualidade. Isso é como o mundo surdo e o mundo ouvinte. O surdo precisa voltar pra se olhar. Pra estar com os seus. Porque o mundo, na verdade, a maioria é ouvinte. O Brasil, e também em outros países, a maioria é ouvinte. Então o surdo também fica perdido. Quando se convive muito com o ouvinte, e eu sou a única surda, parece que eu perco um pouco a identidade. Por isso que é importante separar um pouquinho, voltar pro convívio com os que são os meus pares. Parece que fortalece, voltar me preenche, eu me sinto completa. Então ok, agora eu posso voltar pro mundo ouvinte, que é importante. Mas não é uma guerra. Esse é melhor, ou o outro é melhor. Não é uma briga, por exemplo, como time de futebol. Não é isso. É só identidade diferente. É como pessoas que são de países diferentes, comparando. Parece que o surdo, ele não nasceu no Brasil, parece que ele nasceu no Brasil dos surdos, por exemplo. Então são dois países diferentes. É importante... por*

*exemplo, quando a gente viaja, conhece outras culturas, é legal, mas voltar pra casa é delicioso! É a mesma coisa! Então eu acho importante essa separação, sim, mas sem discussão, sem guerra. Somos todos iguais. Eu acredito que nós somos irmãos. Então não precisa brigar por ser ouvinte ou por ser surdo. Por causa de uma orelha, só? Não precisa.*

Ana Carla: *É, são duas culturas, né. É cada grupo respeitar a cultura do outro.*

Aline: *Isso, respeito sempre.*

A partir de um processo histórico de exclusão das pessoas surdas, há um movimento de construção de uma comunidade. Como uma reação à exclusão, há o acolhimento dos pares, que entre si se fortalecem e tomam fôlego para voltar para o espaço corponormativo que exige deles esforço para existir.

*Os surdos têm a experiência de viver em dois mundos, ou seja, o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes (famílias, sociedade em geral). Os encontros naquele que nomeamos de mundo dos surdos são importantes, porque é como eles renascem com as informações, nos encontros com surdos. Nesses encontros os surdos se sentem semelhantes no jeito de ser, nos problemas, nas frustrações, nas angústias, entre outros sentimentos. (MARTINS; KLEIN, 2012, p.1)*

Essa perspectiva nos ajuda a retomar o sinal “vingança” que Aline usa. Que, como ela mesma coloca, é um processo de devolver à comunidade ouvinte o desprezo e a opressão que por muito tempo a comunidade surda sentiu. Concordo com Aline, quando diz que não é uma guerra. Se for para guerrear, que não seja entre pessoas surdas e ouvintes, mas que seja uma guerra contra a opressão, contra as injustiças sociais.

Em sua primeira fala nessa Bolsa, Aline diz que somos “Um Brasil!”. Aqui, ela já traz a ideia de dois países, sendo um deles o Brasil dos surdos. Mas será que, diante das histórias que viemos acompanhando, e também seguindo com a fala de Ana Carla sobre ser impossível todos os surdos serem iguais (assim como os ouvintes), podemos mesmo pensar que há um Brasil dos surdos? Ou seriam vários Brasis dentro desse Brasil? E como pensar a interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2020; AKOTIRENE, 2019)? Se temos também um Brasil das pessoas negras, onde fica o Brasil da pessoa que é surda e negra? “O universo é um pluriverso (James)” (LATOURE, 2011, s/p).



Como pensar a existência desses vários Brasis, ao mesmo tempo de um Brasil só? Conciliar a existência de um mundo surdo para onde a pessoa surda possa voltar para respirar e descansar, mas que possamos habitar um pluriverso surdo em que existimos juntos? A ideia de coalizão nos ajuda a pensar. Bernice Reagon fala sobre ela no texto “*Coalition Politics*” (1983) e Gloria Anzaldúa fala sobre coligar-nos no texto “*La Prieta*” (1981/2021).

Coalizão são as alianças que precisamos, dentro de grupos socialmente oprimidos, fazer para sobreviver em um mundo opressor e normativo – tomando como norma o homem branco europeu cis hétero sem deficiência.

*Combinando-nos, nós cobrimos tantas opressões. Mas a opressão mais sufocante é o fato coletivo de que nós não nos enquadrados, e porque não nos enquadrados, nós somos uma ameaça. Nem todos de nós vivemos as mesmas opressões, mas nós temos empatia e nos identificamos com as opressões enfrentadas pelos outros. Nós não temos a mesma ideologia, nem deduzimos soluções similares. (...) Mas essas afinidades diferentes não se opõem umas às outras. Em *El Mundo Zurdo* [o mundo canhoto] eu, com minhas próprias afinidades, e as pessoas com as delas, podemos viver juntas e transformar o planeta. (ANZALDÚA, 2021, p. 87)*

A coalizão é um trabalho que precisamos fazer para ir em direção ao outro. Entendendo que falamos de lugares diferentes, com quem nos identificamos, conectamos, e quando, e para quê? E como se conectar com o que e com quem difere de nós? Talvez seja mais fácil e confortável pensar em estar com os nossos semelhantes, mas fazemos coalizão para tecer laços com e entre as nossas diferenças. Para isso, precisamos nos deslocar. E esse é o desafio da coalizão.

*Deve ser necessário para todos nós sentir que este é o nosso mundo. E que estamos aqui para ficar e que tudo o que está aqui é nosso para levar e usar à nossa imagem. E veja esse ‘nosso’ – tome-o por tão grande quanto puder – (...) deve incluir todos os que você precisa incluir para que você possa sobreviver. Você deve estar certo de que você entende que não poderá ter um ‘nosso’ que não inclua Bernice Johnson Reagon, porque eu não planejo ir a lugar nenhum! É por isso que temos que ter coalizões. Porque eu não vou deixar você viver, a menos que você me deixe viver. Agora, há perigo*

*nisso, mas também existe a possibilidade de que ambas possamos viver – se você puder suportar isso. (REAGON, 1983, p.365)*

### **Aline, Ana Carla e Lucila, 30/08/2022**

Ana Carla: *Você acha que dá pra resolver isso? Como? Você acha que é possível resolver essa situação ou não? Ou a gente vai precisar continuar lutando e lutando por um bom tempo?*

Aline: [...] *Eu sei que tem má vontade, mas... tá aumentando o olhar do ouvinte pro surdo. Porque, por exemplo, antigamente a janela de intérprete, seja na propaganda política ou qualquer outro espaço na televisão, o ouvinte falava: ‘pra quê isso? pra quê isso?’ E agora ele já fala: ‘ah, legal!’. Mudou a visão porque já acostumou. Tá vendo acontecer mais e mais. (...) Eu acredito que o surdo vá continuar lutando. A luta não vai parar. Mas já conseguiu visibilidade. E aí o ouvinte vai acostumar e no futuro, vai, sim, apoiar o surdo. Eu acredito nisso. Mas precisa de paciência porque nada muda do dia pra noite. Demora... É devagarzinho, igual uma lesma. Precisa de paciência. Mas eu acredito que a gente vá conseguir sim.*

Ana Carla: *É, eu concordo com você. É uma luta que precisa ser contínua. Até não sei quando, até o fim. E parece que não tem fim, né.*

Aline: *Não tem fim.*

Nós, Ana Carla, Aline e eu, apontamos alguns pontos importantes para poder estarmos, pessoas ouvintes e surdas, juntas: respeito à diferença, troca, disponibilidade, se abrir para o encontro com o outro, limpar ideias pré concebidas, reconhecer e desconstruir os capacitismos, paciência, esforço e insistência.

Para as relações humanas, não há receita de bolo. Mas talvez alguns conceitos e ideias possam nos ajudar a ter parâmetros, ter balizas para melhorar a relação e a comunicação.

## alteridade

Caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro.

Circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença.

## escuta

Estar presente e atenta ao que a outra pessoa está falando e expressando.

## acolhimento

Modo de receber ou maneira de ser recebido; consideração.

Lugar em que há segurança; abrigo.

## disponibilidade

Abertura para acolher o que a outra pessoa traz. Se colocar à disposição. Estar dispostos a ficar na relação.

**Imagem 79: Alteridade.** Adaptado de <https://www.dicio.com.br/>

**Imagem 80: Escuta.** Autoral.

**Imagem 81: Acolhimento.** Adaptado de <https://www.dicio.com.br/>

**Imagem 82: Disponibilidade.** Autoral.

## afeto

Mudança ou modificação que ocorre ao mesmo tempo no corpo e na mente.

Afecções do corpo que podem aumentar (alegria) ou diminuir (tristeza) nossa potência de ação.

Em: Spinoza (1677/2009)

Dizer respeito a; interessar.

Em: Dicionário Michaelis  
(michaelis.uol.com.br/)

## composição

Deixar-se desmanchar um pouco de si, de suas certezas, para misturar-se um pouco com o outro, nos encontros e nas trocas.

**Imagem 83: Afeto.** Autoral.

**Imagem 84: Composição.** Autoral.

### Um mundo junto com

Elaine nos conta de seu processo de aprendizagem de português como uma estratégia que sentiu necessidade de desenvolver para que pudesse “entrar no mundo junto com os ouvintes”. Esse aprendizado também foi um processo de diferenciar-se de sua família – seu pai e sua mãe – e de produção de subjetividade. Trouxemos essa história da Bolsa da comunicação e das línguas. Achei curioso que Elaine não sinaliza “mundo ouvinte” e “mundo surdo”, como comumente vemos na comunidade surda. Ela sinaliza “mundo junto com os ouvintes” e “mundo junto com os surdos”. Isso talvez nos ajude a pensar um deslocamento – em vez de surdo e ouvinte adjetivarem certo tipo de mundo, o “junto com os” nos mostra que o mundo em si não é adjetivado, mas sim há pessoas que habitam aqueles mundos, e é para elas que a gente tem que olhar, é junto delas que a gente tem que estar. Quando fala da aprendizagem do português, Elaine nos dá uma pista de

que a língua é a ponte que possibilita a entrada em um mundo ou em outro. Mas a língua, apenas, não basta.

### Elaine, Mairla e Lucila, 19/08/2022



**Imagem 85: Da esquerda para a direita, Mairla, Elaine e Lucila**

Elaine: *Depois, no momento em que eu entrei no mundo junto com os ouvintes, fui percebendo que era um pouco diferente. Não havia um encaixe perfeito, a gente estava desencaixado e precisava administrar para encaixar. Porque o mundo [ouvinte] não conhece os surdos. Então eu precisei de estratégias para me posicionar e me conectar com os ouvintes, para que eles entendessem os detalhes da história da Libras, da história dos surdos, das histórias das famílias, da cultura surda, da identidade surda. Qual é? Precisam me perguntar. Mas parece que o ouvinte só olha para o surdo como problemas. Nos dão essa marca de problemas. Não! Eles precisam nos perguntar, para que possamos responder com nossas histórias. Isso é muito importante. Não é só diretamente [assumir as coisas].*

[...]

Lucila: *Você falou que você mesma, como surda, precisa de estratégias para entrar no mundo ao encontro de ouvintes. Se fosse ao contrário, na sua opinião, quais estratégias os ouvintes precisam para entrar no mundo ao encontro de surdos?*

Elaine: *Por exemplo, eu tenho 2 ex-alunos da UFMS, e eu falei para elus: ‘vocês estão com a Libras boa! Vocês precisam entrar no mundo [surdo].’ ‘Ah, não, eu tenho medo!’ ‘Medo?’ ‘Sim, é difícil, o surdo’ ‘Surdo é difícil??’ Parece que atribuíram uma carga negativa para mim/para os surdos. Eu refleti e segui: ‘Não, vai lá! Vai!’ (...) Ok. Sumiram. A vida seguiu. Concluíram seus estudos na UFMS e foram embora. Entraram em outro curso de Libras e tal, e com o tempo, sumiram. Mais para frente, me procuraram*

no Facebook (...) e fizemos uma chamada de vídeo. ‘Oi!! Tudo bem?! Desculpa...’ Pá, pá, pá... Parece que no início estávamos matando as saudades. Então elus seguiram expondo... blá, blá, blá... E eu: ‘Ahá!... Uhm... E o medo??’ ‘Ah, não! Acabou o medo! Agora é diferente! Entendemos a cultura surda, a identidade surda...’ ‘Legal! É necessário respeitar a identidade surda, entender que é diferente do ouvinte.’ ‘Sim, tem razão, professora! Você tem razão!’ Elus me disseram: ‘Parece que você nos deu um presente, e a gente ignorou, mas conforme fomos abrindo aos poucos, o presente e a mente, e entendendo, ah!... [Expressão de encantamento]’ ‘Viu?! É fácil! É simples! Você só precisa compreender um pouco. Não precisa conhecer tudo, mas também, não conhecer nada e já dizer que é difícil? É necessário conhecer, abrir esse mundo, adentrá-lo e ver as diversas coisas que o compõem, e assim incorporá-lo.’ ‘E hoje?’ ‘Hoje eu trabalho como intérprete. (...) Você me deu uma base que me impactou. Os mundos ouvinte e surdo precisam se unir. Não é um problema grande! Não é! Só é necessário compreender.’ ‘Viu?! (...) ‘E você achou difícil?’ ‘Não! Desculpa, eu estava errado.’ ‘Que isso!... Você não estava errado! Só te faltava aprender, faltava conhecimento e aceitação. Você estava resistente a aceitar, e quando aceitou, quebrou paradigmas, sua mente se abriu e você passou a ver e conhecer mais coisas.’

Para o ouvinte entrar no “mundo junto com os surdos”, além do aprendizado de Libras – a língua como a ponte de entrada – Elaine nos indica que é necessário aceitação. É um sinal que ela usa muito durante suas histórias.

[Elaine continua:]  *você, Lucila, no passado, como entrou na comunidade surda? Talvez tenha dito não, a princípio, e depois aceitou. E você, Mairla? Pode ter pensado: ‘nunca que vou entrar!’ e aí depois começou a se deliciar com a Libras. A Libras passou a fazer seus olhos brilharem e aí você incorporou isso em si. Incorporou o mundo junto com os surdos. As pessoas passam a aceitar. Porque antes nunca tinham visto o surdo, o surdo era invisível. Quando passam a ver, se abrem para ele. E aí passa a existir essa entrada nesse mundo junto. Há a aceitação e trocas. Eu te aceito, como ouvinte, e você me aceita, como surda também.*

## **Construindo pluriversos surdos**

Dentro do contexto apresentado no tópico anterior, Elaine nos conta uma história muito interessante.

### **Elaine, Mairla e Lucila, 19/08/2022**

Elaine: *A minha mãe odeia ouvintes. Traumas antigos de opressões. Eu não tenho esses traumas. Eu consigo abrir minha mente para o mundo. Um impacto para mim foi que minhas 3 filhas são ouvintes. Aprendo com elas a conviver com a diferença. Aprendo com a escola. Aprendo com a universidade. Aprendo com amigos. Aprendo no mestrado. Onde as pessoas vão aprender?! Eu também [vou]. Eu falo com minha mãe: 'não pode odiar os ouvintes!' 'Ouvintes são falsos! São falsos.' 'Ok, alguns são falsos, mas há também os honestos. Uns ruins e outros bons.' Ela pensa que todo mundo é... Não! Minha mãe me olha, desconfiada. 'Eu pergunto a você: você vai ao médico sozinha, sem intérprete?' 'Ahh, o intérprete...' 'Então ouvinte é falso ou honesto?' A minha mãe: 'Th...' 'Oh. Você precisa ter cuidado. Observar, conhecer a pessoa, ter intimidade, ver se combina com você. Se é um intérprete confiável, que guarda segredos, para estar com você dentro da consulta médica, que é privada. E aí, é ok ter junto o intérprete. Sim, tem alguns intérpretes que são falsos, mas tem outros honestos!' E minha mãe: 'ok, ok' 'Você vai sozinha, vai?' Ela ficou calada. (...) Então eu vi um dia, combinei com um amigo intérprete de fora – não a filha ou neta, nada disso – para que ela e ele se encontrassem e ela pudesse aprender. Pra ver. Aí no dia do médico (...) encontramos o intérprete, 'Oi!!' 'Olá!!', nos cumprimentamos efusivamente – a gente já se conhecia. 'Essa é sua mãe? Tudo bem?' Minha mãe cumprimentou mais seca. Eu os apresentei. E expliquei pro intérprete: 'Olha, a Libras dela é um pouquinho diferente.' O intérprete: 'tudo bem, então vamos nós 3 juntos.' 'Uhm... nós 3? Não! Vai vocês dois!' Porque sempre tem que ir comigo? Eu queria que ela experimentasse ir apenas eles dois. Mas aí, de qualquer modo, o médico chamou e disse que só poderiam entrar duas pessoas. Minha mãe ficou meio incomodada, e pediu para me chamar. Então o intérprete explicou para o médico: 'desculpa, mas a Libras dela é um pouquinho diferente. Vai ser melhor atender a mãe junto com a filha que é fluente em Libras.' O médico: 'ah, é muita gente entrando no consultório! Não pode!' 'Não! Eu sou intérprete, ela é a paciente, e a gente precisa de*

*mais uma, que sabe Libras. Apenas mais uma, a filha dela, para acompanhar.’ O médico fez cara de interrogação. E minha mãe perguntando: ‘Você está falando o que? está fazendo fofoca?’ O intérprete explicou: ‘eu sinalizo rápido, e ela não. Quer que chame a Elaine para sinalizar?’ Minha mãe: ‘sim! chama a Elaine, chama a Elaine.’ O intérprete saiu do consultório e me chamou. Eu fui. Ao entrar no consultório, o médico olhou pra mim, olhou pra ela, olhou pro intérprete: ‘3 pessoas? Qual é a língua, afinal? Ela sinaliza, ela traduz e ele traduz pro português?’ A minha mãe me sinalizava ‘[...] [faz alguns gestos e apontações]’, eu sinalizava ‘[...] [fala a frase completa na estrutura da Libras]’ O intérprete traduzia para a voz. O médico falava, o intérprete traduzia para Libras [sinaliza a fala do intérprete em Libras], eu compreendia e adaptava para uma versão reduzida para explicar de forma informal para minha mãe. E o médico observando. Ok, fim da consulta, minha mãe levanta. Aí o médico: ‘espera um pouco, posso fazer uma pergunta? A Libras não é igual?’ ‘Não, é diferente, há uma história dela com a Libras, uma língua desenvolvida em casa, com o jeito dela. Ela sabe os sinais, mas com um contexto diferente. Com o uso de mais classificadores, mais exemplos.’ O médico ficou curioso. ‘E ela [Elaine], sabe Libras?’ ‘Sim, a Elaine sabe Libras e sinaliza naturalmente, assim como sabe português e usa os dois de forma articulada. A mãe dela, não.’ O médico, observando. ‘E se ela é sua mãe, como você aprendeu?’ ‘Eu aprendi naturalmente, ao longo do meu desenvolvimento, fui me apropriando da Libras, fora da minha família, no mundo. Ela não sai muito, fica mais restrita à nossa comunidade familiar, como que presa a esse contexto, sem muito contato com pessoas de fora.’ O médico: ‘Ah... Legal... Estranho... Eu não sabia que precisava disso, na verdade...’ O intérprete respondeu: ‘sim, precisa. A minha tradução é diferente. A tradução para ela é um pouco mais profunda [...]’ Aí o médico fez a prescrição e conforme a gente estava saindo minha mãe me disse: ‘ele é bom, o intérprete, sabe um pouquinho de Libras, é bom.’ Eu não falei nada, fiquei quieta, observando. Minha mãe disse, se dirigindo ao intérprete: ‘obrigada, intérprete, você é bom na Libras, interpretou bem, explicou direitinho.’ Aprendeu a ser educada! No passado, ficava falando mal e agora agradeceu. Eu vi a cena e sorri. Minha mãe, sorridente para o intérprete. Porque eu ensinei para ela: o corpo, as expressões, a relação com as pessoas. Depois, no final, a gente se despedindo e tals, eu e o intérprete começamos a conversar, ele me explicando os*



procedimentos. Minha mãe com um olho em cada um, atenta. Ele usou o sinal de 15 mas minha mãe não sabe esse sinal. Eu traduzi para ela, com o sinal de 15 que ela conhece. (10 + 5) e ela foi entendendo que aquele sinal de 15 de Libras significava o número 15. Porque com ela a gente se comunica com gestos e mímicas. E o intérprete usando o sinal de 15, ela não tava entendendo. Aí eu usei um calendário para mostrar pra ela, também sobre os dias que precisava coletar a urina. Porque isso era algo que ela ia fazer sozinha, na casa dela. E ela conseguiu fazer e ela própria me avisou: 'amanhã é o dia de ir ao médico, certo?' E fomos coletar o sangue, e pegamos o papel para novamente organizar o calendário. Ao final de tudo, marcamos o retorno com esse mesmo intérprete, mas em cima da hora precisou trocar. Ih!... Que difícil pra minha mãe. Mas eu fiquei quieta. Quando chegamos ela perguntou: 'e o outro intérprete??' Eu respondi 'estava ocupado, não pode vir. Mas fique tranquila, vamos ver como vai ser.' Porque tem a questão da confiança, por já ter vivido uma história com ele. Outra pessoa, ainda não desenvolveu essa confiança. Mas aí chegou a interprete. Uma mulher. Já me conhecia. Era minha ex intérprete. A gente se abraçou, se cumprimentou, e eu resumi rapidamente a história para ela. Avisei pra minha mãe que já tinha passado o resumo. 'Certo.' Minha mãe, quieta. Não puxou assunto, não. Na hora de entrar no consultório, eu perguntei se dava para ser só elas duas. A intérprete disse que dava sim. E perguntou pra minha mãe: 'é mais fácil nós duas, né? dá pra ser?' Elas foram, e eu fiquei do lado de fora. Quando elas entraram, o médico lembrou da história, ficou marcado. E perguntou: 'cadê a filha dela, a Elaine?' A intérprete respondeu: 'dá pra ser só nós duas!' E ele: 'não! chama a filha dela, chama!' Ela estranhou, mas pediu para avisar a enfermeira e me chamar. Quando o médico me viu, me reconheceu. A intérprete, estranhando, perguntou porque não ser a comunicação direto com ela. Eu respondi que anteriormente a gente já tinha vindo nesse médico e ele sabia que a Libras da minha mãe era diferente. E resumi. A intérprete começou a interpretar o médico, mas adaptando suas falas para a Libras da minha mãe. Eu estava quieta. Minha mãe me olhando de rabo de olho. A intérprete seguia interpretando, e elas duas conseguiam se comunicar e sustentar o olhar. Eu me mantive de fora. O primeiro intérprete era mais ou menos. A segunda era uma profissional maravilhosa. O médico ficou em dúvida: 'na consulta anterior precisou de mediação, hoje não?' (...) Elas duas seguiram na relação, se comunicando, e eu de fora. No final, o médico falou: 'posso

*perguntar uma coisa?’ A intérprete: ‘pode.’ ‘Porque no outro dia era um intérprete diferente e precisou de 3 pessoas? E hoje a Elaine está quieta?’ Ai eu respondi: ‘é que eu não precisei adaptar. Essa profissional de qualidade entende os gestos e o jeito da minha mãe de sinalizar e consegue adaptar. Sabe que não pode sinalizar com uma Libras pesada, se não fica impossível.’ O médico: ‘Ahhh!...’ Eu disse: ‘Desculpa, você ficou confuso? O outro intérprete era um bom profissional, mas não entendia a identidade surda da minha mãe, a subjetividade dela. E essa intérprete tem experiência no convívio com pessoas surdas, entende as identidades. E com isso tem habilidade de adaptar a língua para a situação, naturalmente.’ O médico: ‘Ahhh... precisa disso?’ ‘Precisa. São duas línguas, a Libras formal e a Libras da minha mãe. Então pode ter estratégias para melhor comunicação.’ E o médico ficou admirado. E eu não precisei traduzir nada. Então às vezes tem uma dificuldade dos intérpretes de entender qual é o modo de sinalizar daquela pessoa surda, e então se adaptar para esse modo. Às vezes usa um português sinalizado, ou uma Libras mais formal. Não! É necessário ajustar, flexibilizar. Em resumo, essa é a história. Desculpa falar muito.*

Há um tanto de fios interessantes para puxarmos dessa história, que se entrelaçam com essa Bolsa, em específico, e essa tese em geral. Seguem aqui alguns.

Há o deslocamento do médico durante o processo de atendimento. Em um primeiro momento, não entende que Elaine é acompanhante da mãe. Lembrando que intérprete não é acompanhante. Em um primeiro momento, nega a entrada de Elaine, e se mostra indisponível para fazer uma composição naquela situação. O médico demonstra, da forma como narrada por Elaine, ter pouco ou nenhum conhecimento sobre a pessoa surda. Mas em um segundo momento, se abre e aceita desmanchar um pouco de si, de seus saberes, para se colocar ao lado do outro. Está curioso e interessado em aprender. Ele pergunta – como Elaine nos contou anteriormente ser interessante. Mas não pergunta por um viés biomédico ou ouvintista – coisas como: porque você não usa aparelho? Porque você não oraliza? Ele quer saber como funciona a língua e a comunicação, e percebe as diferenças entre as duas mulheres surdas, e tenta entender – perguntando – como essas diferenças se dão.

Há também o deslocamento da mãe de Elaine com relação à intérpretes ouvintes. No início, se posiciona como odiando ouvintes. Elaine conta: devido à traumas de

opressão. Como Aline diz, quando fala de um movimento que lhe parece vingança dos surdos com relação aos ouvintes. Elaine tem uma história ancestral similar, porém uma história pessoal singular. O que a faz se conectar com pessoas ouvintes de maneira diferente, e a leva a provocar a mãe para que reflita também sobre as conexões possíveis e interessantes de fazer com ouvintes. E vai além quando mostra para a mãe alguns passo-a-passo, detalhes sobre o que prestar atenção dentro de uma relação – como a questão da importância de confiar em quem vai com você mediar uma consulta médica, que é privada. E, na companhia da filha, a mãe vai podendo aos poucos também se deslocar, abrir-se um pouco mais para a troca na relação com pessoas ouvintes.

Outro fio é o da diferença entre a Libras da mãe e a Libras da filha. Muitas pessoas que não têm contato com a comunidade surda imaginam ainda hoje que a Libras (ou qualquer língua de sinais) é ou deveria ser universal. Mas bem sabemos que as línguas de sinais são locais, apresentando inclusive variações linguísticas regionais. Como aparece lá na Bolsa de identidades e pertencimentos em uma conversa entre Ana Carla e Giovana que envolveu o número 16. Aqui, Elaine traz nuances da língua que não são apenas variações linguísticas, e sim profundas diferenças entre a língua que a mãe opera e a língua que ela e o primeiro intérprete operam. Mostra também a importância de se inventar estratégias para efetivar a comunicação – como a segunda intérprete o fez, adaptando a língua – ou melhorar a comunicação – como Elaine fez com a mãe, usando o calendário para trazer a marca visual para a contagem do tempo.

Diante das diferenças entre mãe e filha, retomamos a fala de Aline. Trata-se de quantos Brasis dentro de um Brasil? E aqui temos o pluriverso surdo no sentido do pluralismo de identidades (como Elaine nomeia).

Mas quero destacar também, como o título desse tópico apoia, a construção de um pluriverso surdo. O pluriverso surdo não está dado. Ele acontece ou não a partir de encontros. Por vezes, junto a institucionalizações que facilitam ele, sim – como a institucionalização da língua: duas pessoas que falam a mesma língua, Libras, talvez tenham mais facilidade de construir um pluriverso surdo juntas, do que duas pessoas que não falam a mesma língua. Mas de qualquer forma, depende dos encontros. Nessa história, foram ativados diversos atores em uma rede para fazer acontecer as duas consultas médicas. E com a disposição e disponibilidade dos envolvidos, foi possível criar

um pluriverso surdo ali, em que a mãe de Elaine pode ser acolhida e receber os cuidados que necessitava – bem como ter a autonomia de também se cuidar.

## **BOLSA DA INTIMIDADE DE ACESSO**

**Resumo em Libras:** [https://youtu.be/-GDqRi8\\_-WY](https://youtu.be/-GDqRi8_-WY)

**Resumo em português:** Essa é bolsa da intimidade de acesso, que é um conceito da autora Mia Mingus. Ela fala sobre como na relação entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, as segundas podem apoiar as primeiras ao perceber rapidamente as necessidades de acesso, e buscar desenvolver um mundo mais acessível, e também refletir sobre como construir um conforto para a pessoa com deficiência.

### **Intimidade de acesso**

No contato mais próximo com pessoas com deficiência, em especial pessoas surdas, vou aos poucos entendendo meu lugar, fazendo auto análises e percebendo minhas ações. O contato com os escritos da Mia Mingus, em 2019, fez com que eu passasse a estar mais atenta para os movimentos que eu e outras pessoas sem deficiência fazemos, os que deveríamos fazer ou deixar de fazer. A autora, que é uma pessoa com deficiência, ativista dos campos da deficiência e da justiça restaurativa, traz com muita potência o conceito de *access intimacy* (MINGUS, 2011, 2017a), aqui traduzido como intimidade de acesso, a partir de escolhas tradutórias elegidas pelo Núcleo de Estudos da Deficiência (NED) da UFSC.

*É aquela sensação elusiva, difícil de descrever, quando alguém ‘saca’ suas necessidades de acesso. O tipo de misterioso conforto que seu eu deficiente sente com alguém a um nível puramente de acesso.* (MINGUS, 2011, s/p, tradução livre).

A intimidade de acesso pode ser entendida como um tipo de intimidade que produz acessibilidade. Mas, principalmente, como um tipo de intimidade que

*aproxima as pessoas que fazem parte dela; constrói e aprofunda conexões.* (MINGUS, 2011, s/p, tradução livre).

Tal noção aponta para a importância de se estar juntos, a força das conexões, ainda que isso não garanta todos os recursos e acessos.

*Em alguns momentos, intimidade de acesso nem mesmo significa que tudo está 100% acessível. Em alguns momentos, parece como vocês duas/dois tentando com todas suas forças criar acesso, sem sucesso, em um mundo capacitista. Em alguns momentos,*

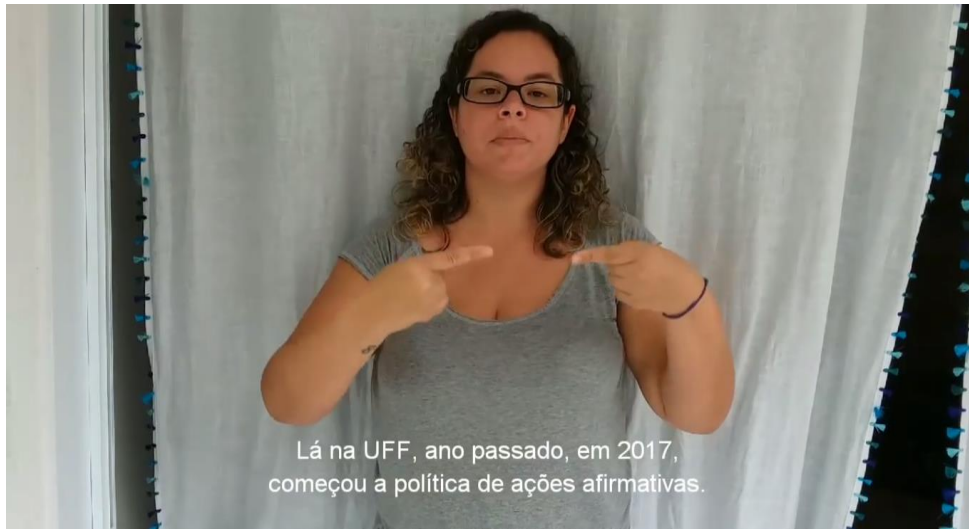
*é alguém apenas sentar e segurar a sua mão enquanto vocês encaram um mundo inacessível.* (MINGUS, 2011, s/p, tradução livre).

Em 2018, algumas e alguns de nós, estudantes do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF, iniciamos um curso preparatório de apoio para pessoas candidatas ao ingresso no Mestrado desse Programa através dos 50% de vagas reservadas a pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas trans e pessoas com deficiência, parte da política de ação afirmativa. As ações afirmativas foram implementadas no Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF no segundo semestre de 2016, semestre esse que se iniciou com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e no qual ocorreram as ocupações de escolas e universidades, em protesto contra a PEC 55, conhecida como PEC do Fim do Mundo, que propôs o congelamento do investimento público na Saúde e na Educação por 20 anos. Em 2017 apenas 4 pessoas ocuparam as vagas reservadas para cotas pela política de ações afirmativas, mobilizando assim estudantes e egressos do Programa a criarem o grupo de apoio citado. Nesse curso, ministramos aulas sobre os textos indicados nas referências para a prova, bem como acompanhamos a construção do projeto de pesquisa de cada candidata, candidato e candidate.

Por conhecerem minha inserção na comunidade surda e que eu sei Libras, fui convidada a fazer um vídeo divulgando o curso para pessoas surdas. Não foi fácil, à época me sentia bastante insegura na fluência da língua. Mas tomei coragem e fizemos o vídeo, que teve até um bom alcance, com muitas visualizações. Colocamos legendas e um fundo musical, que fez toda diferença: ficou confortável para ouvintes acompanharem, e assim, vendo o vídeo até o fim, compartilharem<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> O vídeo pode ser encontrado no link: <https://youtu.be/aWQI0uV1gEc> Acesso em 20/12/2020. Ele foi produzido inicialmente por mim e pela minha amiga Fernanda Fagim, a quem agradeço a colaboração. Fernanda é ouvinte e não sabe nada de Libras. Ela que teve a ideia de colocar legendas e uma música de fundo para esse conforto (e também acessibilidade) para ouvintes – eu mesma não tinha percebido que isso fazia falta.



**Imagem 86: vídeo de divulgação do curso preparatório.**

Deste modo, o vídeo chegou à Hil.

*Até que no ano de 2018, num final de semana, interagindo nas redes sociais, chega aos meus olhos, enviado por uma amiga também surda, um vídeo bem simples, feito por uma mestranda, com uma Libras muito básica apresentando o mestrado de psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense em Niterói – RJ). Carrraammmbbaaa, mestrado em psicologia, disse internamente! E vejo, revejo e revejo algumas vezes, não por falta de compreensão da mensagem [...] Revejo o vídeo pela conexão do meu corpo estabelecida com aquele corpo que nunca tinha visto, pelo simples fato dela usar uma comunicação acessível a mim. Uma conexão que me permitiu pensar em compor, em potencializar, em habitar e assim, somar. Nosssssaaa quantos pensamentos... Após rever o vídeo, uma certeza, eu não era mais a mesma!*

*Entro em contato com esta mestranda, que hoje carinhosamente a chamo de Lu (Lucila Lima da Silva), recebo diversas orientações, participo de todas as etapas do preparatório, faço todas as etapas do processo de ingresso no mestrado como candidata de ações afirmativas (pessoa com deficiência) e hoje estou aqui neste relato, (re)lembrando e compartilhando, onde tudo começou! (SOARES, 2020, p. 53-54).*

Ildete contou em diversas ocasiões que aquele vídeo, mesmo tendo sido feito com uma Libras torta e defeituosa [ela usa o sinal de defeito em Libras] foi o que deu a ela o impulso que precisava para participar do processo seletivo para o mestrado.

Porém, a partir do momento em que Ildete começou seus estudos no mestrado (em 2018.2), a menina no vídeo (lê-se: eu mesma), que tinha sido seu ponta pé inicial, não estava chegando junto como ela esperava. Em pouco tempo Ildete me cobrou presença. Cobrou que eu não me ausentasse. Cobrou que eu superasse minha timidez, e minhas possibilidades de invisibilidade.

Reflito sobre como a timidez e a possibilidade de não me expor eram, ali naquele contexto, um Privilégio Ouvinte. Eu poderia sentar no fundo da sala, pois como ouvinte, acompanharia a aula sem prejuízo. Eu poderia ficar a aula inteira sem me manifestar, sem precisar enfrentar o frio na barriga e suor que me dava toda vez que eu pensava em algo que gostaria de falar, mas engolia, e ninguém nem notaria a minha presença ou ausência ali. Meu não enfrentamento à timidez estava confortavelmente garantido. Minhas inseguranças de não me sentir à vontade de perguntar ou fazer pontuações sobre as aulas, de não me sentir pertencente à academia, de me sentir menos inteligente que os outros estavam devidamente protegidas. Quando eu chego à sala de aula, é só um corpo a mais ali. Um corpo branco, ainda por cima – que tem o privilégio de caber na academia, no nosso contexto racista. Um corpo marcado, ok, mas com marcas que possibilitam transitar pelo mundo acadêmico sem causar nenhum estranhamento. Ao passo que Ildete, como surda, não teria a possibilidade de não se expor. Só de chegar à sala de aula, chegava com três corpos – o dela e o de mais dois ou duas intérpretes. E ela não teria a possibilidade de abrir mão das intérpretes ou de não sentar de frente para as professoras. Sua presença ou ausência fica gritante e estampada, e ela não pode nem matar aula sem ser notada.

Porém, eu não conseguia entender aquela cobrança de Hil. Enquanto ela me convocava para chegar junto, eu perguntava “mas o que eu posso fazer para melhorar?”, e as respostas não eram sobre “o quê”, porque se tratavam de situações que apareciam de acordo com a vivência. Meu trabalho, para ser aliada daquela luta, era exatamente não perguntar esse tipo de coisa, mas me adiantar a esse tipo de coisa, ou não me silenciar diante das possíveis perdas ou necessidades que se apresentavam para Ildete naquele contexto. É o caso de quando nos referimos, no português oral, ao nome de um/a autor/a. Eu, como ouvinte, percebo que está se repetindo o nome e sobrenome daquela pessoa. E como usuária de Libras, percebo que não foi possível fazer a datilologia daquele nome. Então, a pessoa vira “mulher+escrever” ou “homem+escrever” ou ainda autor/a (sinal



sem gênero na Libras). Nós, ouvintes, mesmo sem notar, estamos expostas àquela informação. Da próxima vez que ouvirmos esse nome, algum sininho vai soar na nossa mente. Alguma referência já teremos. E eu, dentro da minha timidez e insegurança, antes dessa convocação de Ildete, me omitia de parar a aula para pontuar: “gente, repete o nome da autora para a intérprete”.

Toda a discussão com Ildete era a respeito de estar ali, de estar presente, de ser uma presença qualificada, de entender a perspectiva a partir da exclusão e de poder intervir a partir de um lugar de privilégio, era sobre o corpo que entende, mesmo sem viver na pele, o que a pessoa está passando – porque também é afetada.

*O poder da intimidade de acesso é que ela reorienta nossa abordagem, deslocando de uma perspectiva onde é esperado que pessoas com deficiência se espremam em um mundo de pessoas corponormativas, e em vez disso **convoca pessoas corponormativas a habitar nosso mundo.** [...] Intimidade de acesso é trabalho compartilhado por todas as pessoas envolvidas, é não mais a familiar história de pessoas com deficiência tendo que fazer **todo o trabalho** para construir as conversas e montar a relação e confiança que nós sabemos que precisamos para o acesso – que nós sabemos que nós precisamos para sobreviver.* (MINGUS, 2017a, s/p, tradução livre, grifos da autora)

Foi possível iniciar um processo de mudança à medida que a Hil me convocava, muito pela via do afeto também, e eu compreendia que era preciso disponibilidade para estar ali – a tal disponibilidade que trabalhamos na dissertação de mestrado (SILVA, 2018), e ali mais uma camada dessa disponibilidade aparecia. Assim, fui me apropriando da luta também como minha, e não conseguia não mais ocupar aquele lugar. Como disse Marcia Moraes,

*pesquisarCOM envolve, necessariamente, LutarCOM (não tem outra saída, acho eu).* (comunicação pessoal, 29 de dezembro de 2020).

Então no início de 2020, tomo outra chamada. Dentro do movimento espírita atuo como intérprete voluntária desde 2018. Desde 2015, participo do Grupo Espírita Mãos Iluminadas (GESMIL) voltado para o acolhimento e a acessibilidade do surdo no movimento e na casa espírita. No início de 2020 fizemos uma reunião de avaliação do trabalho, e para iniciar, cada um foi convidado a refletir e expor qual achava que era seu

papel e seu valor no grupo. Ao parar para refletir, percebi que tinha potencial para atuar em várias frentes, mas sempre me esquivava de ocupar algum lugar de mais responsabilidade. Ali, tive um insight importante inclusive para minha vida em geral: eu tinha muito medo de assumir alguma responsabilidade e depois não dar conta, vinha com muito peso para mim. Ao falar isso para meus companheiros e companheiras de trabalho, senti a importância da rede, de assegurar-me que o trabalho não é só meu, e como eu poderia contar com o grupo para me apoiar, bem como o grupo precisava de mim para o trabalho se expandir. Não só o grupo, como a comunidade surda também. Pois havia uma demanda de que alguma casa espírita na Tijuca (Rio de Janeiro/RJ) oferecesse acessibilidade, desde 2018 eu vinha sendo convidada pelos surdos a interpretar palestras públicas de forma sistemática em alguma casa espírita, mas eu nunca aceitava. Uma casa espírita inclusive abriu suas portas para mim, enquanto intérprete, mas não foi possível eu assumir aquele compromisso naquele momento. Um dos motivos era porque eu já estava vinculada como trabalhadora voluntária à outra casa espírita. Mas então, a partir daquela reunião, no início de 2020 – de onde surgiu novamente a demanda concreta de uma mulher surda para que eu interpretasse em algum centro espírita da região da Tijuca – eu passei a aceitar.

Enquanto escrevia esse texto, em 2020, foi difícil acessar esses afetos (SPINOZA, 1677/2009). Os acontecimentos que se seguiram, na época há poucos meses, me geraram muita raiva e frustração. Porém me ajudaram a perceber como os afetos convocados por Hil e produzidos na intimidade de acesso se assentaram no meu corpo. Nesse outro grupo espírita ao qual era vinculada há palestras semanais. Resolvi, então, me voluntariar para dar acessibilidade para a comunidade surda, através da interpretação de palestras ali.

Após algumas reuniões, que ora fui convidada a participar, ora não, recebo a resposta que a comissão diretora decidiu que eu poderia interpretar as palestras, contanto que fosse em uma sala à parte, em que a palestra seria transmitida pela televisão e eu e as pessoas surdas poderíamos ficar ali – separadas. Outro critério estabelecido é que a interpretação não seria transmitida via internet (sendo que as palestras regulares da casa sempre são transmitidas via internet).

*As pessoas pressupõem que eu irei aceitar qualquer acesso – novamente, quaisquer migalhas – jogados para mim e que eu obviamente deveria me sentir*

*eternamente grata por isso. Elas não percebem que consentimento existe em ambos os lados* [da relação: é uma via de mão dupla]. (MINGUS, 2017b, s/p, tradução livre, grifos da autora).

Um dos medos que a diretoria tinha era o fato de que eu não poderia interpretar todas as reuniões daquela casa espírita, e vai que um dia eu não esteja e chega uma pessoa surda, como eles iriam fazer? Então era melhor que eu e meus convidados (como se referiram às pessoas surdas) ficássemos à parte para que não fosse gerada uma demanda ou uma expectativa com a qual a casa não poderia (lê-se: não estava disposta a) lidar.

Me senti extremamente violentada e furiosa. Como assim eu e os surdos teríamos que ficar relegados à uma sala à parte, vendo a palestra por uma televisão, quando poderíamos estar tendo contato diretamente com a pessoa palestrante? E como assim uma pessoa surda só seria bem-vinda à casa espírita se eu estivesse presente, como se precisassem da minha tutela para ocupar aquele espaço? E refleti: quantas inúmeras vezes as pessoas surdas devem encarar isso, a cada dia! E me afeto porque me pus ao lado, e a exclusão que se operava neles se operava em mim, também. Parcialmente, de outro lugar, mas conectadas.

Após negociações, a casa espírita aceitou que nós ocupássemos o salão principal, onde a palestra estaria sendo proferida. Ainda assim, insistiram que eu deveria me posicionar em local fora do alcance da câmera de transmissão da palestra via internet. Aceitei, fazer o quê?! E me senti de novo em um lugar incômodo, o de ter que aceitar menos do que outros (leia-se: ouvintes) tinham direito e acesso.

*Certamente, eu sei como sobreviver e me virar com a acessibilidade capacitista, essa é uma habilidade que eu nunca perderei enquanto estiver vivendo em um mundo capacitista; mas eu também estou trabalhando em prol de um mundo onde pessoas com deficiência possam ser humanas e consentir sobre nossos corpos, mentes e intimidade. A contradição de ter que sobreviver no mundo opressor que você está tentando mudar é sempre complicada e desumanizante.* (MINGUS, 2017b, s/p, tradução livre).

No fim das contas, a interpretação das palestras naquela casa durou pouco tempo – apenas um sábado, em março. Compareceram 4 pessoas surdas e 1 surdo-cega, o que indica um relativo sucesso! Mas veio a pandemia e as palestras foram suspensas. Quando retornou a transmissão das palestras em formato apenas virtual, me ofereci para

interpretar com antecedência ou simultaneamente, para que fosse inserido uma janela de Libras – trabalho que eu já estava prestando para outras casas espíritas através do GESMIL. A casa espírita basicamente respondeu um “não, obrigado”, pois

*o grupo precisa preparar-se para oferecer esse serviço ao público em todos os eventos, presenciais e virtuais e sem interrupções. Para tanto necessita montar infraestrutura apropriada. Muito obrigado pelo interesse demonstrado pelo assunto, que não descartamos, por ser um fator de inclusão social.* (resposta da instituição, comunicação pessoal, 29 de maio de 2020).

Essa situação fez ficar gritante o quanto a presença de intérpretes, por si só, não resolve toda a questão da acessibilidade, mesmo para as pessoas surdas falantes de língua de sinais.

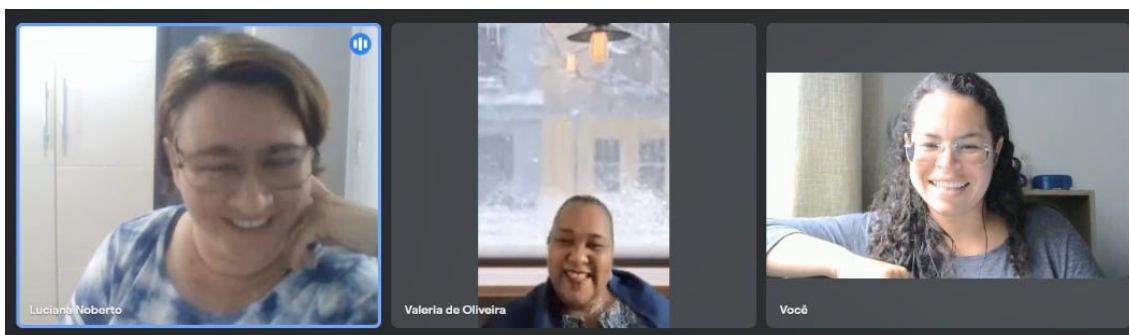
*Pessoas corpronormativas [sem deficiência] tratam a acessibilidade como uma interação logística, ao invés de uma interação humana.* (MINGUS, 2017b, s/p, tradução livre).

O acesso, desta forma, é ofertado burocraticamente (“é só trazer um intérprete”), sem que as pessoas envolvidas se afetem e busquem se conectar com a pessoa para qual o acesso está sendo produzido.

Esse tópico, até aqui, foi escrito no ano de 2020 e podemos perceber que houve mudanças durante o isolamento social em decorrência da pandemia do COVID-19. A Libras ganhou visibilidade com a presença de intérpretes nas lives. A importância do protagonismo surdo ficou em evidência – inclusive no processo de interpretação. Parece-nos que a comunidade surda passou a ser mais vista. Ainda assim, o risco de o acesso ser ofertado burocraticamente segue presente, e deixar-se afetar faz-se urgente na direção de construir a intimidade de acesso.

Dentre as contadoras de história, Valeria nos apresenta sua história de vida, sempre buscando relacionar-se com pessoas com deficiência. Seus estudos, trabalhos e trajetórias profissionais foram seguindo na direção de buscar justiça social e inclusão social para as pessoas com deficiência. Destaco, porém, a história a seguir, pois entendo que mostra práticas de intimidade de acesso.

## Valeria, Beatriz e Lucila, 11/09/2022



**Imagem 87: Da esquerda para a direita: Beatriz, Valeria e Lucila**

Valeria: *O meu envolvimento com surdo começa lá na minha adolescência. Assim, ó, eu falo e me emociono. De tanto que eu sou envolvida com surdo. Demais. Eu não posso ver um surdo que eu já quero ver alguma coisa pra mudar a vida do surdo pra melhor.*

Beatriz: *Me ajudou muito! Ela, ela... Eu conheci a Valeria no INES, e ela que me orientou também. Me ajudou muito. Por isso que eu quis convidar, tanto a Helena que me ensinou e a Valeria que me... [faz um gesto de elevar].*

Valeria: *Então. A minha vida, ela é permeada por vida de surdos. Eu falo, eu me emociono. Porque é algo que vem de dentro de mim, do coração.*

Beatriz: *Vai chorar eu também, tá?*

[Risos]

Valeria: *Eu comecei a fazer um curso de corte e costura com 15 anos. No SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial]. Eu sou modelista também. Aliás, eu sou uma mulher prendada. Prendada pro casamento e... sou acadêmica. Mas assim, tudo que eu aprendi na vida, pra me tornar uma dona de casa, eu trago comigo, né. Faz parte de mim. Então eu fiz esse curso de modelagem. Sou modelista. E nesse curso tinha duas meninas surdas. A Esther e uma outra que eu esqueci o nome dela, que era... recentemente ela era da FENEIS. Depois eu vim reencontrá-la anos depois. E eu vi aquelas meninas junto comigo, fazendo curso... Minto, gente! Eu pulei a parte mais importante da história. Peraí só um instantinho que eu já chego na adolescência. Na infância, quando eu entrei na escola, era eu e uma amiguinha surda. Aí... Com 6 anos. E naquela época ainda não tinha tido a reforma educacional, ainda não tinha nem série, que agora já é ano escolar. Ainda não tinha série, foi antes da reforma de 1971. Aí pra*

gente trocar de nível – antigamente era nível 1, nível 2, nível 3... antes de nomear como série. Aí pra você passar pro nível 2 você precisava ler. Saber ler. Se não soubesse ler, não trocava de nível. Ficava retido no nível 1. E aí naquele ano é... mimeógrafo a álcool, aquele cheiro de álcool no papel... As professoras não botavam nem um desenho, não tinha florzinha, não tinha nada. Era um texto cru, somente um texto, pruma criança de 7 anos, 7, 8 anos, e a gente precisava ler o que estava escrito. Se não lesse, não passava pro nível 2. Aí eu, como eu já cheguei na escola já lendo, porque eu sempre fui muito adiantada – a minha mãe me colocava lá numa escolinha de fundo de quintal pra brincar e eu brincava era com os cadernos, então aprendi à vera – então eu já lia, já fazia conta, com 7 anos já fazia tudo. E eu tinha essa minha amiguinha que era surda. A gente brincava, ela sentava do meu lado, eu ajudava ela... Aí na hora de ler, ela não leu. Só eu. Ela não sabia. Aí eu virei pra minha professora e falei assim – eu lembro como se fosse hoje, eu tinha 7 anos – ‘dá a minha leitura pra ela, ano que vem eu leio de novo’. Tipo assim, me deixe retida no nível 1, porque eu sabia que depois eu ia passar pro nível 2 mesmo, mas ela, eu sabia que ia ficar pra trás. E ela ficou pra trás e eu nunca mais vi minha amiga. Não lembro mais nem... não lembro do rosto, não lembro quem é, não lembro do nome, só lembro que ela existiu na minha vida. Porque eu era muito pequena. E isso me marcou. Aí eu falei assim: ‘quando eu crescer, eu vou ser professora e vou ensinar todos os surdos’. Então essa é a minha ligação com os surdos. Então a principal ligação com os surdos foi na minha infância, com 7 anos. Em que eu achei uma injustiça a minha amiga não vir junto comigo. Eu queria que ela tivesse seguido comigo pra eu poder ajuda-la. Porque eu tenho certeza que ajudaria. Eu ia aprender a ajuda-la. (...) Aí ela ficou pra trás e isso ficou guardado comigo, eu nunca mais esqueci. Aí na adolescência eu encontrei essas duas surdas no curso de modelagem. Passou a minha vida escolar inteira, nunca mais eu tive ninguém com deficiência perto de mim. Nunca mais vi na escola ninguém que fosse surdo, que fosse cego. Eu acho até que ela entrou na escola enganada. Só deixaram ela entrar porque não sabiam que ela era surda. Porque a surdez não é visível. Porque eu nunca vi. Nunca tive colega cego, nunca tive colega cadeirante. Nada, nenhuma deficiência. Era todo mundo igual a mim. Teoricamente normal. Até os mais agitados eles expulsavam da escola antigamente. E expulsavam pra lugar nenhum. Tiravam da escola e não ia pra lugar nenhum. Isso é

*muito triste. (...) Eu sempre me destaquei na escola. E isso me chamava atenção, que nunca tinha ninguém com deficiência. Aí eu ficava: ‘nossa, esse lugar é só pra quem é igual a mim?’ Mas mesmo assim, ainda assim, eu era discriminada na escola, porque era negra, era a ‘neguinha’ que se destacava, e eu era magra e alta, eu sempre ficava no final da fila porque eu era uma das mais altas. (...) E sempre lutando com muita dificuldade, então meus pais me davam uniforme de... por exemplo, eu tinha um sapato maior que meu pé pra durar dois anos, aí me chamavam de Sasquatch [nome em inglês da criatura Pé Grande, que supostamente habita áreas remotas dos Estados Unidos e Canadá]. Então, assim, CDF, Sasquatch, vários apelidos porque eu me destacava. Porque era estudiosa. E eu sempre me indagava, perguntava à professora, perguntava pela minha amiga, perguntava: ‘cadê as outras crianças que não são iguais a mim?’, e ninguém nunca me respondia. Então essa questão da inclusão cresceu comigo. Fez parte de mim. Faz parte da minha vida. Aliás, eu respiro isso. Tudo na minha vida tem a ver com quem tem deficiência. (...) Aí eu fui fazer esse curso que eu iniciei falando, do SESI [Serviço Social da Indústria], e encontrei as duas meninas surdas. Aí aquilo pra mim foi uma felicidade! Encontrar duas meninas surdas num curso de modelista. Eu tinha 15 anos. Então passaram-se 8 anos pra eu conseguir encontrar alguém com deficiência. E nesse curso, coleí com as duas e nós 3 terminamos o curso de modelistas. Então tudo que a professora passava pra mim, eu ia lá e conversava com elas e explicava. Dava um jeito, ainda não sabia sinais – elas usavam sinais, eu não sabia.*

[...]

Valeria: [conta do processo seletivo para o curso de pós graduação no INES]. *Aí eu passei, tirei 10, entrei no curso e conheci a Beatriz. Colei na Beatriz igual eu fiz com as duas meninas lá no curso de corte e costura. E aí a gente seguiu juntas até o final do curso, quando a gente apresentou nosso trabalho final, que foi em dupla, eu e ela. Então a gente... Aí eu conheci a Beatriz, a gente se tornou amiga, ela passou a frequentar a minha casa, e todos os trabalhos a gente fazia juntas. Eu segurei a mão da Beatriz e disse: ‘ela vai terminar essa pós-graduação. Não vou deixar a Beatriz desistir’. E a Beatriz terminou a pós-graduação dela, que tá sendo útil pra vida profissional dela até hoje, né Bia?*

Beatriz: *Verdade.*

[...]

Valeria: *Então, é... em casa, todo mundo que convive comigo acabou, assim, se contaminando com esse meu jeito, essa minha forma de ver... [a deficiência]. Eu acho que é muito o exemplo, né. Por isso é que é importante a gente ter pessoas incluídas nos bancos escolares desde os anos iniciais. Porque você... a convivência mostra que o mais importante é você destacar que é uma pessoa. Você tá convivendo com uma pessoa. E não fazer o destaque da deficiência dessa pessoa. O mais importante não é o que ela tem de limite ou o que lhe falta. Mas sim quem ela é e o que ela pode produzir. Você vê... A Bia pra mim é um exemplo. Eu convidei a Bia pra ela vir trabalhar comigo no CAP [Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ], ela ficou um tempo conosco aqui no CAP. Ficou quanto tempo, Bia? 1 ano e quanto tempo?*

Beatriz: *La fazer 2 anos em agosto, eu saí foi em janeiro. Fiquei um ano e seis meses.*

Valeria: *Então. Ficou um ano e meio convivendo conosco aqui, eu tenho certeza que...*

Beatriz: *Não! Dois anos! Porque eu fiz um ano no CAP, aí veio a pandemia, eu fiquei um ano... eu entrei em agosto de dois mil e...*

Valeria: *Ah, você ficou no remoto.*

Beatriz: *É, o problema foi o remoto que me...*

Valeria: *Você ficou quase três anos, foi dois anos e meio. Então eu tenho certeza que essa convivência aqui no CAP também foi algo, é... produtivo pra Bia, foi algo que a fez crescer como profissional, e acabou dando oportunidade de ela hoje estar onde está, na prefeitura de... É prefeitura ou Estado aí? Estado, né?*

Beatriz: *Estado.*

Valeria: *No Estado de São Paulo.*

Beatriz: *Eu tenho hoje 13 alunos com deficiência, 13. Dentro das minhas aulas normais de Educação Física. E eu sempre procuro fazer com que eles participem e mostro pra eles que eu sou professora com deficiência e eu tô dando aula de Educação Física inclusiva. Então eu tô fazendo eles pensarem. Foi o que eu aprendi muito no CAP. O CAP me mostrou que as crianças – assim, coisas que eu nunca vi em outra escola – foi tornar uma criança crítica. Pensar. A criança pensar, e expor o pensamento dela, e na*



*aula. Então eu tô obrigando, com esse aprendizado que eu tive no CAp, eu estou obrigando a eles pensarem e ser uma criança crítica na aula de Educação Física. Então, é... se não fosse a Valeria me empurrando – eu achava que não tinha condições de dar aula num CAp, sabe? Que CAp é uma escola que... eu falei: ‘ah, não tenho condições. Não tenho mesmo!’ E a Valeria: ‘não, você vai. Você vai.’ Quando eu entrei...*

*Valeria: Ela fez a prova, eu fiz questão de não corrigir a prova dela, que era também pra não entrar nessa coisa de dizer: ‘ah, foi você que facilitou, você que deu um jeitinho...’ Dei jeitinho nenhum. A única coisa que eu fiz foi fazer o convite e ficar em cima dela pra ela fazer a inscrição. Ela fez a inscrição, fez a prova escrita... O que a gente tinha que conversar sobre prova, sobre texto, sobre adequação textual, o que for, a forma de se colocar... Foi tudo feito antes, ela estudando. Como todo mundo estuda. (...)*

*Beatriz: E aí depois que... Eu fiquei feliz, eu fiquei feliz quando eu entrei, mas eu... eu, se não fosse a Valeria, eu não tava lá não. Eu não via essa capacidade de... E ela era a fiscal! Ela tava lá na minha frente! [Risos] No dia que eu fiz a prova! Eu tirei o aparelho pra fazer a prova, porque eu queria me concentrar melhor, né, aí sentei na frente dela, tirei meu aparelho e fiz a minha prova.*

Valeria e Beatriz nos contam de sua relação, que nasce do encontro na pós graduação e do movimento de Valeria aproximar-se de Bia na intenção de estar ao seu lado para apoiá-la na travessia do curso. Esse é um processo que identifico como intimidade de acesso. Estar ao lado, segurar na mão, e seguir juntas para ultrapassar as barreiras que iam aparecendo no caminho. Além de reconhecer e valorizar a capacidade da amiga como profissional, quando a incentiva tanto na pós como para realizar o concurso para professora do CAp/UERJ. Assim como Valeria o fez com as duas colegas surdas que encontrou no curso de modelista. Mesmo sem saber língua de sinais, se colocou disponível e ao lado, para que seguissem juntas até o final do curso. E é muito tocante que essa disponibilidade e vontade de estar junto nasce, como ela relata, na infância, a partir do encontro com a aluna surda no início da vida escolar, da marca que essa relação de alteridade deixou nela e das reflexões que seguiram com ela, menina negra que também sofria discriminação. Parece-me que a partir de suas marcas e desse encontro,

Valeria começa a cultivar uma perspectiva de justiça social – ainda que não nomeie dessa forma.

Nessas relações de intimidade de acesso, há um risco que nós, pessoas sem deficiência, tratemos a relação como uma relação de caridade. Mas Mia Mingus (2019) nos devolve ao lugar do afeto, quando diz que acesso é amor. O risco de cair na perspectiva caritativa e assistencialista – lugar reservado por muito tempo e ainda hoje para a deficiência – existe. Mas queremos retomar essa palavra, essa ideia: amor. E trazer esse afeto para nossas relações de um outro lugar. Do lugar da alteridade, de quem reconhece as diferenças, e quer estar junto e crescer com o outro.

*Nós incentivamos você a entender acesso não somente como logística, mas como aprofundar nossa humanidade e dignidade compartilhadas, aumentar a intimidade de acesso uns com os outros, e como uma oportunidade de criar mais justiça e amor no nosso mundo.* (MINGUS, 2019, s/p, tradução livre)

Por perceber no discurso da Valeria a repetição de palavras como ajudar e apoiar, e pelo meu medo de o discurso dela soar como caritativo, achei divertido e me deslocou quando ao final da conversa ela trouxe a história a seguir.

### **Valeria, Beatriz e Lucila, 11/09/2022**

Valeria: *Aí o tempo inteiro... aonde eu vou... Até nos momentos de lazer, no carnaval... No carnaval a gente vai... tem um setor no sambódromo, eu gosto de ver o desfile, aí tem um setor no sambódromo que é dedicado às pessoas com deficiência e o ingresso é gratuito. Aí a pessoa com deficiência recebe o ingresso e tem direito a levar um acompanhante. Aí eu conheço uma senhora que é cega, a Ivete, todo ano ela vai, pega o convite e me convida pra ir com ela, a gente vai junto. Aí ela: 'me conta tudo!' que ela é cega, né. 'Me conta tudo! Até os detalhes sórdidos!' Aí eu fico lá no ouvidinho dela falando o que eu tô vendo. [Risos] Aí ela ri, samba a noite inteira... Ela já tem mais de 70 anos, uma senhorinha já. Mas samba a noite inteira, tem mais pique do que eu.*

Lucila: *É muito interessante essa história, porque, assim, a princípio você começou falando muito de... da sua convivência e da sua vontade de ajudar. Mas nesse caso aí, é uma convivência que é mútua né. Não é uma relação de caridade, que você tá*

*ali pra ajudar ela e fazer a audiodescrição. Não. Ela te chamou pra sambar. ‘Vamo lá sambar junto! Toma aqui um ingresso!!’ [Risos]*

Sambar a noite toda, e rir, e se divertir, e incluir na relação a audiodescrição, é amor. É poder apenas ser, viver e sentir juntas.

### **Poemas da recordação e outros movimentos**<sup>39</sup>

Em uma conversa-despedida de sua cidade natal, Jarid Arraes diz que

*estar perto é mais que geografia.* (2019, p.86).

Em tempos de isolamento social, essa frase reverbera. Há que se inventar novas maneiras de estar juntos que ultrapassem territórios geográficos e afirmem territórios afetivos.

Vem-me à memória uma cena de um dezembro passado. Encerramos mais um ano de trabalho, de trocas, de escritas e pesquisas. Tradicionalmente, um amiga-oculta para celebrar. A proposta é que o presente seja feito à mão – de preferência pela própria pessoa que vai entregá-lo. Uma carta também compõe o presente. Porque nada como uma boa escrita só para se divertir. Angela escreve uma carta linda. Ela tirou a Ju. A Ju lê a carta no meio da roda que se formou após o almoço, nós largadas e largados pela sala, relaxando, rindo... sendo. Angela conta sobre como aquele grupo é um ninho, é acolhimento, é potência. Nutre. Um grupo de trabalho acadêmico diferente do que se costuma ter notícias. Se pesquisar e escrever podem ser por vezes processos solitários, ali nos acalentamos. Ninguém solta a mão de ninguém.

Alguns anos depois, algo inimaginável. Estamos no meio de uma pandemia, que pede que, para nos cuidarmos e uns aos outros, fiquemos em casa. O mundo parou. Ou espera-se que ele pare. O vírus se espalha, ceifa vidas, enlutece, mostra facetas que já conhecíamos das injustiças e desigualdades sociais, só que de forma ainda mais gritante. Novas formas de estar juntos vão se operando. O virtual se torna mais presença ainda. A força da internet. Se alguém ainda duvidava disso, agora não mais. Alguns dias são mais pesados que outros. Mas em um grupo de WhatsApp, não um grupo qualquer, mas

---

<sup>39</sup> O texto desse tópico foi escrito em 2020.

daquele grupo específico, vem um sopro de cuidado. A titxer<sup>40</sup> está lendo um livro de Conceição Evaristo, “Poemas da recordação e outros movimentos” (2017). E, em um gesto de segurar as mãos, envia-nos diariamente áudios com um poema lido por ela. Acalanto.

Mas nesta pandemia o isolamento social mostra mais uma faceta da injustiça com relação à deficiência. Muitas pessoas com deficiência vivenciam um “isolamento dentro do isolamento”. Neste período em que a regra é “fique em casa”, a ansiedade, o estresse, o tédio, o medo, as informações desencontradas, a falta dos encontros cotidianos são potencializados no caso de pessoas surdas falantes de língua de sinais que estão em isolamento social dentro de famílias ouvintes que não têm fluência nesta língua. E quando a pessoa surda se comunica através do português oral, fazendo uso da leitura labial, as máscaras – que são sinônimo automático e naturalizado de prevenção e cuidados de saúde – se tornam barreiras de comunicação que muitas vezes inviabilizam relações.

Ildete tem relatado suas vivências violentas no encontro com uma corponormatividade ouvinte que se põe nas máscaras dos atendentes de farmácias e supermercados, na ausência de legendas em meios de comunicação, na ausência de intérpretes em reuniões online.

Então, Marcia faz uma proposta.

*Tive uma ideia maluca. [...] Acabo de falar com ela [Ildete] que tenho gravado os poemas em áudio para tecer redes de amor. Perguntei se ela quer receber também, em fotos. Você acha que seria muito doido se gravássemos esses poemas também em Libras? [...] O desafio é não deixar ninguém para trás.* (comunicação pessoal, 12 de maio de 2020).

*Acesso é resistência concreta para o imenso isolamento que pessoas com deficiência encaram diariamente. Mas eu não quero apenas que nós tornemos as coisas ‘acessíveis’, eu quero que nós construamos um contêiner político no qual acesso pode se dar e se fundamentar. Acesso para fins de acesso não é necessariamente libertador, mas acesso para fins de conexão, justiça, comunidade, amor e libertação, sim. Nós podemos*

---

<sup>40</sup> Um dos apelidos carinhosos de Marcia. Versão escrita do que, falado, soa como a palavra em inglês “teacher” [professora], só que cheia de sotaque carioca.

*usar acesso como uma ferramenta para transformar as mais amplas condições em que vivemos, para transformar as condições que criaram essa inacessibilidade em primeiro lugar. Acesso pode ser uma ferramenta para desafiar capacitismo, supremacia corponormativa, independência e exclusão.* (MINGUS, 2017a, s/p)

Poemas da Conceição Evaristo em língua de sinais? Será que eu conseguiria transmiti-los nessa língua? De fato, um desafio! Mas topei.

A princípio vai como um presente-surpresa. O primeiro poema, “Amigas”, para nos reconhecermos entre nós. Presente aceito e bem recebido, vem o convite para montar o grupo para que, diariamente, Hil recebesse um poema em Libras – assim como nós, ouvintes, vínhamos recebendo-os em áudios.

Por dois meses, que seguiram reverberando, vivemos a experiência da troca dos poemas em áudio, português escrito e Libras. Tecemo-la à 8 mãos: eu, Ildete, Marcia e Ana Claudia Lima Monteiro, professora de Psicologia da UFF e orientadora de mestrado de Ildete. Nós 4, orientadoras e orientandas, surda e ouvintes, uma de nós ouvinte inserida na comunidade surda e atuante no pluriverso surdo, fluente em Libras, cada uma vivendo à sua maneira o período de quarentena, mas no exercício de estar juntas para trazer no mínimo um gesto de afeto para o cotidiano endurecido e esterilizado de isolamento social.

Três poemas depois do primeiro, vou me dando conta cada vez mais de onde fui me enfiar. Traduzir poemas não é nada fácil. Operar metáforas na língua que se dá no corpo e com as expressões, e a partir de referências visuo-espaciais... Complexo.

Um primeiro ponto de virada é quando converso com Hil.

— Como está sendo receber os poemas?

— Caramba, Lu, esse último eu não entendi nada do que você quis dizer. Stop, o nome né?

— Sim... eu também mal consegui traduzir. Que difícil!!!

— Garota, você tem que botar mais emoção nele. Eu sei que você sabe fazer isso.

Cadê sua veia de artista?

E, por incrível que pareça, essa observação foi o suficiente para algo se operar – não sei nem dizer o que – e as imagens começaram a aparecer melhor nos poemas. A emoção começou a transparecer.

Mas eu não sou intérprete. Insisto em dizer. Não sou expert na língua, estou longe de ser intérprete de Libras, sou apenas uma psicóloga bilíngue, usuária de língua de sinais. Ainda assim, insisto em um cronograma apertado que ninguém, senão eu mesma, me impus. Um poema diário, para acompanhar a frequência deles em áudio. Em algum nível, parecia que ali eu esperava que se operasse uma simples tradução. Uma tradução de uma língua para outra. Uma tradução tema, talvez. Quando o que queríamos, o que precisávamos, era uma tradução versão (DESPRET, 2012).

*Tema e versão são modos de pensar a tradução que Vinciane Despret (2012) nos traz. Segundo a autora, a tradução por tema busca uma significação única, objetiva fidelidade ao texto original, uma tentativa de*

passar de um mundo ao outro sem sobressalto, com a condição de fazê-lo em linha reta, sem deformação. (DESPRET, 2012, p. 233).

*A tradução por versões, de outro modo, assume que há escolhas na passagem de uma língua a outra, que irão produzir sentidos a partir de e considerando as diferenças.*

(...) ao contrário do tema, estas escolhas vão repousar sobre o princípio da multiplicidade de sentidos possíveis, na gama dos possíveis que recobrem as ‘homonímias’: um mesmo termo pode abrir uma quantidade de significações e fazer divergir os sentidos. (DESPRET, 2012, p. 233).

[Trecho da dissertação de mestrado (SILVA, 2018, p. 36)]

E então, a partir da certeza da necessidade de colocar emoção na tradução do poema, começa a aparecer esse outro processo de tradução – a produção de uma versão. Para isso, há um tempo. Um tempo de ler e absorver o poema. De entendê-lo em algumas de suas nuances – nem todas são por mim captáveis. De estudá-lo, olhando para o lugar de onde a autora lança essas palavras-imagens. De trazê-lo ao corpo. De fazê-lo assentar no corpo. Não mais entendê-lo, mas vê-lo, ouvi-lo, senti-lo, cheirá-lo. Um processo de incorporação do poema. Definitivamente, o tempo é outro.

E um dia um poema me tocou de forma diferente. Fêmea-fênix. E trouxe com ele alguns problemas. Era mais longo do que os outros que até então eu tinha ousado traduzir. E outra: tinha mais imagens. E já o título anunciava uma imagem intensa e de difícil tradução. O sinal para fêmea é o mesmo que para mulher. E se há sinal para fênix, desconheço. Como mostrar essa força que é a fêmea-fênix da Conceição Evaristo?

Lembro de uma amiga intérprete, a Aline L’Astorina, contando que estava montando algo como se fosse um glossário<sup>41</sup> para traduzir um texto. Imito ela. Pego o poema e reescrevo ele em português, mas na estrutura gramatical da Libras. E já vou trocando uma palavra ou outra para, nos sinais, formar a imagem que entendo que melhor transmite o sentido de cada estrofe. Isso traz certa liberdade. Até então, eu traduzia na minha cabeça, ensaiava e filmava no mesmo dia, para não esquecer a imagem e as escolhas tradutórias. Um áudio de menos de dois minutos se transformava em um trabalho de pelo menos 2 horas. Com a ideia de jogar o poema para o papel, em um português “emlibrasado”, eu podia voltar às escolhas tradutórias diversas vezes. Eu pude então dividir em etapas, e inclusive começar um poema em um dia e terminá-lo em outro.

E foi assim que fiz com a fêmea-fênix. Cuidadosamente descortinei uma gama de significados e elegi as possibilidades que melhor poderiam mostrar o que eu entendi que a autora estava transmitindo com aquele poema. Fui, eu mesma, me fazendo fêmea, me vendo fênix. Ali, no meio daquele processo intenso de isolamento social, remexendo e queimando, ardendo e renascendo. Acho que foi um dos poemas mais bonitos. E Hil me contou que daquela vez, entendeu bem tudo. Sentiu comigo o poema. Sentimos juntas.

Não era mais viável fazer um poema por dia. Meu corpo guardava as marcas que cada poema ia fazendo, não dava para apagar um e sobrepô-lo com outro tão rapidamente. Não para mim, ao menos. E, se eu não sou intérprete, pude construir neste processo junto com a Ildete, meu próprio estilo de interpretação desses poemas.

Aos poucos pudemos nos deslocar de uma tradução que buscava dar acessibilidade, em tempo “real” – equivalente ao tempo em que os ouvintes estavam recebendo os poemas. Para uma tradução encarnada, permeada de vida, marcada pelo

---

<sup>41</sup> Mairla Costa, da equipa de coletoras, me ensinou mais tarde, em fevereiro de 2023, que esse é o processo que os intérpretes chamam de glosa, e não glossário.

encontro de nós quatro (eu, Marcia, Ildete e Ana). Com prazer no processo de construir e partilhar as versões dos poemas. Tomando dimensões e sentidos de afetar e ser afetada. De poder transmitir o prazer e os sentidos com os quais os poemas me tomavam. De poder partilhar, para além da acessibilidade, a emoção que nos tocava<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Os poemas em Libras encontram-se em uma lista de reprodução do Youtube no seguinte link: <https://youtube.com/playlist?list=PLuchf2ULrTZ7CrzZQazzEPA-5V5mjWsFs>



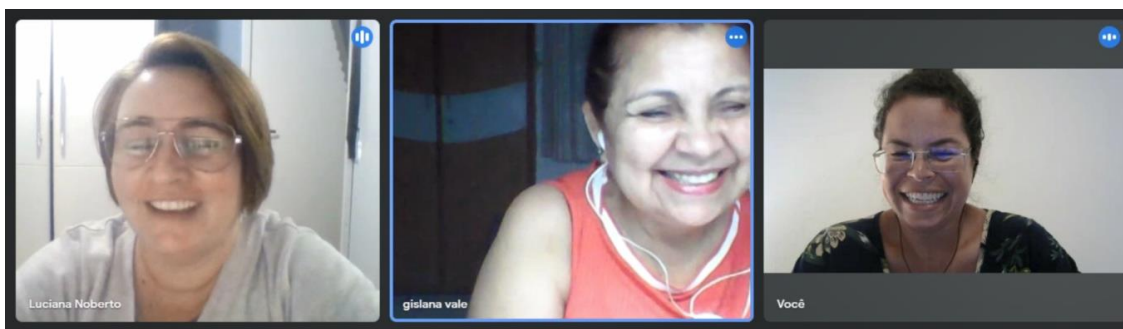
## BOLSA DA CONVIVÊNCIA

**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/Ysvf6PtiLFU>

**Resumo em português:** Essa é a bolsa da convivência. Fala sobre a importância de estar em relações com pessoas diversas e poder inventar algumas estratégias para essa convivência acontecer.

### Apenas duas mulheres

**Gislana, Beatriz e Lucila, 29/08/2022**



**Imagem 88: Da esquerda para a direita, Beatriz, Gislana e Lucila**

*Gislana: Nesse lugar, a Coordenadoria da Pessoa com Deficiência, a gente tem uma mulher que ela é surda, e ela sempre vinha lá pra pedir alguma ajuda, pra resolver algumas questões. E às vezes ela chegava e eu tava sozinha. [Gislana é uma mulher cega que não sabe Libras, e a mulher surda a quem ela se refere é uma mulher sinalizante]. E a porta ficava fechada porque a gente trabalhava numa casa que era numa praça. (...) Aí eu precisava dizer a ela se ela queria entrar. E aí a gente começou a desenvolver uma comunicação. Eu pegava a chave e mostrava e ela dizia que sim, né, assim, se mexia no portão lá. Aí a gente... ela entrava e um dia ela me contou uma história, eu achei muito legal. É como a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, ela é um lugar, eu acho que também da construção da convivência. (...) Nesse dia que a gente tava só nós duas, ela me contou uma história do filho dela, que ela queria muito que ele entrasse nessa escola, que é difícil, e aí ela botava ele pra estudar. E aí ela vinha e me contava que ela sentava o filho na cadeira – e ela mostrava em mim, né [no meu corpo]. Que ela sentava o filho dela, ficava ali com ele. E o filho dela passou na seleção dessa escola, que é uma*

*escola difícil – é pública, mas ela tem uma seleção porque é escola da polícia militar e eles têm muitas ajudas pros alunos. E eu achei, eu fiquei muito encantada com a gente ter podido conversar desse lugar, sabe? Porque eu sou uma mulher com deficiência. E a deficiência, ela traz pra gente essa coisa, durante muito tempo, de ser uma pessoa. Uma pessoa, ela não tem gênero, ela não tem raça, ela não tem classe, ela não tem geracionalidade, ela não tem idade. É só uma pessoa. E naquele dia, quando a gente conversou, aquela era uma conversa entre duas mulheres. Não era a surda e a cega. Eram duas mulheres falando da realidade dos filhos. De criar um filho, de querer um bom lugar pro filho. E não era nem a surda nem a cega. Eram as mães, as mulheres, conversando daquele lugar. E eu acho que a língua e a cultura, elas têm esse lugar na vida da pessoa com deficiência, da mulher com deficiência, do jovem com deficiência, sabe? De... A comunicação, na verdade. De trazer, construir esse lugar de convivência.*

[...]

*Gislana: Eu falo de a gente conviver com as diferenças. Porque quando você diz pessoa com deficiência, parece que todo mundo é a mesma, tem a mesma coisa, a mesma condição. Mas você [Bia] colocou isso, de que o surdo, ele precisa da imagem, e o cego, ele precisa da fala. Então, assim, quando a gente convive mais próximo dessas diferenças, a gente vai achando os caminhos. Eu penso que mesmo entre nós, com deficiências diferentes, eu acho que a gente tem dificuldade, que é a dificuldade da normatividade de quem tem um corpo sem deficiência, de aceitar a diferença e a diversidade de outros corpos. [...] Precisa a gente trazer essa convivência. Eu fico muito aflita quando eu vejo a gente convivendo só com os nossos iguais.*

[...]

*Beatriz: E aí, essa relação que você conversou com sua amiga surda, como é essa comunicação? Eu fiquei curiosa.*

[...]

*Gislana: Pronto. Pronto. A mulher surda, ela vai muito lá nessa coordenadoria. E eu escuto muito a vida dela porque os intérpretes atendem, e ela vai me contar... Ela adora contar a vida. Ela vai contar. E aí nesse dia que a gente se encontrou as duas, ficou lá conversando, aí ela veio e me falou de filho e me disse o tamanho do filho. Foi fazendo aqui com minha mão, filho, aí falou, assim, sempre tocando em mim, aí eu falava*

*com ela algumas coisas, e tocava nela, e a gente foi construindo essa conversa assim, nessa condição. Porque eu já conheço um pouco a vida dela, de tanto que ela vai lá. (...) E essa conversa se construiu muito desse lugar do toque, mesmo, sabe? De tocar, de ela ficar olhando muito as minhas expressões. Porque essa é uma coisa que a gente vai construindo desse lugar [de convivência].*

[...]

Lucila: *É interessante que você trouxe a questão da convivência muito forte, mas também do corpo, né. Que precisou do toque, da expressão... o corpo mediou a comunicação também.*

Gislana: [Sim,] *O corpo.*

Gislana aposta na convivência como uma forma de possibilitar a invenção de uma comunicação entre ela e as pessoas surdas que ela encontra no seu cotidiano, bem como entre pessoas corpronormativas (sem deficiência) e pessoas com deficiência. Ou mesmo entre pessoas com deficiências diferentes. Ela entende que a convivência é o que possibilita que os assuntos ganhem contorno. A convivência foi o que proporcionou que Gislana tivesse um contexto pra inferir os toques da mulher e atribuir significado a eles. E Gislana aponta também a importância das expressões dela própria pra transmitir pra mulher o que desejava expressar

Muitas pessoas que participaram dessa pesquisa falaram sobre a importância do contato com a comunidade surda para que se desenvolva a Libras, para que se entenda a comunidade, para que se construa possibilidades de estar junto. Esse é um discurso muito comum no pluriverso surdo. Essa história da Gislana nos mostra isso se operando de uma forma mais concreta a partir do que ela chama de “o lugar da convivência”.

Mas a convivência não é fácil, demanda insistência e persistência. Demanda composições e transgressões. É conhecendo e convivendo com pessoas diferentes que vamos nos abrindo, e abrindo espaço em nós para aceitar as outras pessoas, com as diferenças e singularidades em que elas se apresentam, e que nos convocam ao aprendizado e também à diferenciação de nós mesmos.

Gislana também destaca a importância de se considerar as marcas, e como é essencial que a marca da deficiência não seja sempre a primeira – e por vezes a única – a ser levada em conta. E ela nos mostra isso ao falar de si e do encontro com a mulher surda,

onde ali eram duas mães conversando, duas mulheres falando de seus filhos e de seus sonhos para seus filhos, de suas estratégias para cria-los e das conquistas que, eles tendo, elas se sentem realizadas também.

Podemos articular essa fala de Gislana com a ideia de interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2020; AKOTIRENE, 2019). A pessoa é muito mais do que só uma das suas marcas pode dizer. E essas marcas se evidenciam mais ou menos, a cada encontro.

### **As boladas**

#### **Gislana, Beatriz e Lucila, 29/08/2022**

Gislana: *Pois eu vou lhe contar a história da minha mãe. (...) Quando eu era pequena... eu tenho muitos irmãos mais velhos, eu sou uma filha mais nova de uma família de gente grande. Meus irmãos... Até 7 anos eu não sabia nem pentear o meu cabelo, porque como eu não enxergava direito, todo mundo achava que tinha que me pentear, vestir minha roupa, calçar meu sapato. E aí minha mãe queria que eu saísse desse canto. Porque ela sabia que isso ia dar errado pra mim, né. E aí na minha casa tinha um campinho de futebol, e meus irmãos, eles faziam os times pra jogar futebol e aí, eu tenho uma irmã mais nova também, e a gente era pequena, ninguém queria a gente no futebol. Porque a gente era pequena, chorava, era mole... Aí minha mãe resolveu de um jeito bastante democrático. Ela botou a gente no gol. De cada time... Os grandes jogavam e a gente ficava no gol. Eu nun... gente, eu nunca levei tanta bolada na minha vida. Eu vivia de cara vermelha... [Risos]. Aí quando a bolada vinha no bucho, puf, a bolada, puf, na cara, que eu não enxergava direito. Aí... eu começava a chorar, porque sempre fui mole. Chorava, me sentava no batente, começava a chorar, e minha mãe dizia: 'porque que tu tá chorando?' Aí eu disse [com voz de choro]: 'porque eles tacaram a bola em mim, tá doendo!' Aí ela: 'volta pro campo. Não queria jogar? Não queria se meter na brincadeira? Pois tem que aguentar. Pode voltar.' Aí eu voltava toda lambuzada de terra, eu chorando, toda acabada, e ia pro jogo. Até terminar. Então isso me fez ficar uma pessoa sem medo de bolada. [Risos]*

Beatriz: *Criou uma pele, né, cascuda.*

Gislana: *Aprendi... É! Porque ela não facilitava, entendeu? E aí quando eu fui pra escola, eu sabia ler. Porque eu fui alfabetizada em casa, eu sempre li muito, minha mãe me ensinou a ler e tinha uma professora particular perto da minha casa e a minha mãe me botou lá pra me ensinar a ler ainda mais, né. Então eu fui pra escola sabendo ler. Aí no primeiro ano eu fui reprovada, porque a professora disse que eu não sabia escrever rápido do quadro. Como é que escreve, se não enxergava o que prestasse? E aí minha mãe falou com ela: 'a minha filha, ela não enxerga porque ela tem um problema na vista.' Ela dizia um problema, não era deficiência, antigamente era um problema, né. 'Mas ela sabe ler, ela lê muito, ela escreve.' A professora não aceitou. Aí minha mãe foi numa outra escola, eu fiz uma seleção pro segundo ano e aí eu saí reprovada do primeiro pro segundo ano. [Risos] Porque a minha mãe, minha mãe não aceitava que eu ficasse reprovada porque eu não escrevia rápido, porque não enxergava direito do quadro. Sabe? E isso foi uma grande coisa na minha vida, porque daí em diante eu ficava sempre com essa coisa de que eu podia – com as dificuldades que eu tinha – eu podia mesmo assim andar pra frente. Então eu fui seguindo a escola nesse ritmo. De ir além da deficiência, ir construindo outras formas, que é os sisteminhas [AMARAL, 2004] que a gente arruma, né. Arranjava o caderno de uma colega, que copiava rápido do quadro, emprestado. Na hora do recreio eu ficava copiando. Pra ter o dever quando trouxesse. Então, assim, eu fui arrumando outros jeitos. Mas a minha mãe, ela fez isso. De me ensinar que tinha outros jeitos, sabe? Que era preciso estar ali, naquele lugar. Não podia estar lá dentro, sentada, chorando.*

Lucila: *Não podia sentar no batente. [Risos]*

Gislana: *Não...*

Lucila: *Levanta e vai catar essa bola, menina!*

Gislana: *Era! Eu me lembro demais que eu vivia toda vermelha de levar bolada. Mas ia. Chorava, limpava os olhos e ia de novo. E chorava de novo. Não era que eu não chorasse mais não! Toda vez que doía, eu chorava. [Risos]*

Essa história das boladas conta – me parece – da necessidade da insistência e da persistência para ocupar lugares, para estar nas relações. Especificamente a pessoa com deficiência parece ter que insistir e persistir mais ainda que a pessoa corponormativa. Não acho que é à toa que Gislana emenda a história das boladas com a história de estar na

escola, da mãe lutando para que ela estivesse na escola, na série adequada para seus conhecimentos. Assim como tantas outras histórias que trouxemos nessa tese – como a Deisi, por exemplo, se posicionando com o professor da faculdade de Psicologia para que pudesse ser reavaliada.

O lugar da convivência por vezes é o lugar da insistência. Estar na convivência em um mundo corponormativo talvez seja, para a pessoa com deficiência, tomar bolada o tempo todo. Talvez seja ter que, com a cara vermelha de tanta bolada, levantar e voltar para o jogo. "Não era que eu não chorasse mais não. Toda vez que doía, eu chorava". Mas chorava, limpava os olhos e ia de novo.

Nós, pessoas ouvintes, pessoas corponormativas, temos o privilégio de poder nos retirar da convivência. Eu posso tomar bolada e dizer que está difícil demais, e não insistir. Ela, Gislana, mulher com deficiência, não pode. Assim como eu podia me esconder no fundo da sala, poderia sair do gol e parar de tomar bolada, e Ildete, surda, não podia – e por isso, pela via da convivência, ela me convoca. Lembro de Hil me dizer que eu convivia com ela e com outras pessoas surdas, eu poderia não sentir na pele, mas eu sabia pelo que elas passavam. E a partir desse lugar de convivência, eu precisava também me posicionar junto com ela, e junto com as pessoas surdas. Eu tomo bolada quando sou jogada para “a salinha ao lado” no centro espírita, junto com as pessoas surdas. E cabe a mim, como aliada da luta pela justiça social e pela inclusão da pessoa surda na sociedade, também ter a coragem de – apesar de chorar – limpar as lágrimas e voltar para a luta.

Aline comentou, na Bolsa dos dois mundos, que as pessoas ouvintes desistem rápido. Não é um comentário sem importância: eu vejo como uma convocação. Para que nós, ouvintes, entremos no jogo, e insistamos nesse jogo, mesmo tomando bolada. Isso é também intimidade de acesso. Para que as pessoas com deficiência não fiquem sozinhas nessa luta, com esse encargo, e com todo o cansaço que a fala da Aline nos mostrou.

Gislana também nos diz não só da importância da insistência na convivência, mas conta no miúdo, nos detalhes, como ela fez para viver essa convivência no cotidiano, e o que ela e suas companhias inventaram espontaneamente, a partir do encontro, para que essa convivência pudesse render frutos de comunicação e entendimento mútuo. Nos mostra que e como seus corpos – o seu e o da pessoa surda – mediam essa comunicação.

Então ainda que ela não saiba Libras, ela não foge à convivência e à busca de invenções de formas de estar junto. E para isso, como podemos ver na primeira história dessa bolsa – e em outras que ela nos contou, que não deu para entrar na tese – o corpo é fundamental. A disponibilidade para botar esse corpo pra jogo, na roda da comunicação, é essencial.

Isso me lembra uma história que uma amiga querida, Bruna Romano, conta junto com seu orientador de mestrado e doutorado. Bruna é terapeuta ocupacional e trabalha no INES e no campo da Saúde Mental. Sua pesquisa de mestrado articulou os dois campos, e falou do acesso e acolhimento da pessoa surda nos dispositivos de Saúde Mental do Rio de Janeiro. Nessa história que segue, ela está falando de Rodolphe, um homem surdo que não tem nem a Libras nem o português como possibilidades de comunicação, e de Janet, profissional do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde Rodolphe fazia tratamento.

*Janet relata a dificuldade que a equipe tem em estar com Rodolphe nos espaços coletivos do CAPS ‘...teve algumas vezes que a gente conseguiu que ele participasse da Oficina do Corpo ou então ele consegue ficar na assembleia porque tem alguém fazendo massagem nas costas, nos pés...fazendo um denço com ele (risos). (...) aquilo pode até ser terapêutico, mas isso... é nosso papel? Assim de ele estar na assembleia discutindo coisas do serviço e a gente estar...fazendo massagem?’.*

*Janet evidencia o quanto é necessário a presença junto a Rodolphe para que ele consiga ocupar os espaços e estabelecer trocas. A presença do profissional junto a ele permite que esteja em espaços onde não se esperaria sua participação, como a assembleia. A exigência que Rodolphe faz para que possa se comunicar é, portanto, uma disponibilidade de presença e de corpo por parte dos profissionais, criando novas formas de habitar espaços que são comumente dominados pela palavra falada. Esse jeito de estar junto com uma presença constante não é algo simples de ser compreendido e executado pela equipe do CAPS, como relata Janet. Na compreensão de alguns profissionais há algo na maneira como Rodolphe se relaciona que faz com que a equipe questione se faz sentido imprimir esforços para ajudá-lo a estar na assembleia. Apesar dessa dificuldade e dos questionamentos, a equipe – mesmo que uma parte dela –, emprega energia para que isso aconteça.*

*[...] O encontro desta equipe com a maneira de Rodolphe estar no mundo gerou uma pergunta que pode fazer as concepções dos serviços se reconfigurarem. Isso é uma*

*forma de comunicar, já que Rodolphe conseguiu provocar e convocar seu interlocutor. Assim, Rodolphe exige da equipe, além de presença, que suas formas de se apresentar e ocupar os espaços possam também ser lidas como uma tentativa de comunicar-se.*

*As reconfigurações e reinvenções não são, no entanto, processos simples. Ao longo da pesquisa ouviu-se inúmeras vezes dos profissionais a importância e inexistência de espaços de formação que discutam questões relacionadas à surdez com profissionais de saúde. (ROMANO, SERPA JR., 2021, p. 15-16)*



## BOLSA DO CORPO

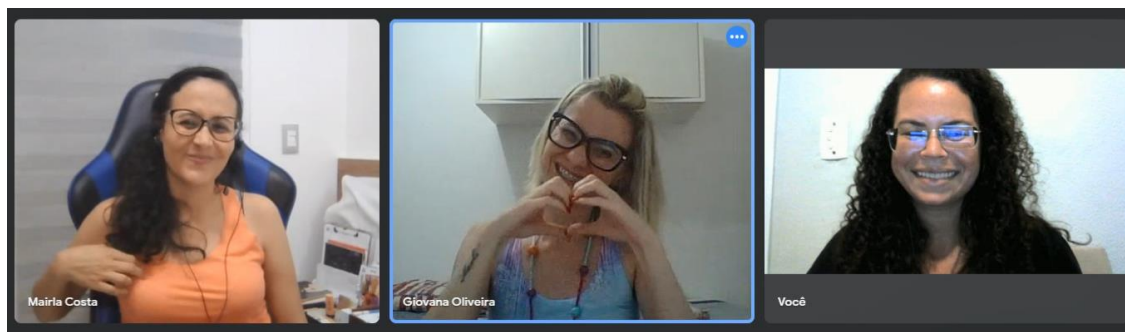
**Resumo em Libras:** <https://youtu.be/5bBjzLRATL0>

**Resumo em português:** Essa é a bolsa do corpo. Fala sobre como adaptar, ajustar, organizar o corpo para conseguir se expressar melhor no contato com a pessoa surda.

Na bolsa anterior, a Bolsa da convivência, trouxemos algumas histórias que falam do corpo como mediação da relação/da comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, mesmo quando uma das (ou as duas) pessoas não sabe Libras. O que mais podemos pensar sobre o corpo na relação entre pessoas surdas e ouvintes? Essa é uma pesquisa que eu gostaria de fazer de forma mais profunda. Por hora, sigo com algumas das histórias que acolhemos para essa tese, que nos dão algumas pistas de por onde ir.

### **Posicionamento e modulações do corpo**

**Giovana, Mairla e Lucila, 07/03/2022**



**Imagem 89: Da esquerda para a direita, Mairla, Giovana e Lucila**

Mairla: *Vou contar o que aconteceu comigo. Eu estava no IFSC. Eu era aluna da pós. Estávamos sentados em roda. Era um intervalo para um café. A gente estava sentados em roda, sempre que tem surdo é em roda né.*

Giovana: *Sim, é próprio da cultura visual, sentar em roda.*

Mairla: *Sim, legal. Tinha na roda alguns alunos da pós graduação, e também alguns da graduação ou do técnico, mais jovens, 22, 23 anos. Nós, da pós, tínhamos 28 anos ou mais. Aí eu, nós, estávamos todos batendo papo sinalizando, direto. Nada de português. [...] Nesse momento, lembrei da pesquisa da Lucila. Porque no momento que*

*estávamos em roda, eu girei um botão [corporal] para 'surda'. Eu, Mairla. Eu tento adaptar meu corpo para 'surda'. Como adaptar meu corpo? É como se eu... sabe, os estímulos sonoros, eu ignoro. Na hora que eu tô junto com o surdo, eu 'fecho' meus ouvidos. É automático. O corpo sabe disso, no momento de sinalizar. Parece que o ouvido se fecha, não tem audição. E isso parece natural. Não é controlado ou ordenado. Porque parece que meu cérebro sabe que precisa diminuir a atenção auditiva para ter mais atenção visual na Libras: o corpo, a postura, as expressões e a sinalização. Eu acho interessante contar para a Lucila a minha experiência, de como o corpo entra em relação com a língua. E os dois, corpo e língua, juntos, na relação com as pessoas. Se não tem ninguém surdo, aí eu volto para 'ouvinte', e oralizo. Se chega alguma pessoa surda, se tem algum surdo presente, aí sinto muito. Posso até tentar comunicação bimodal, em respeito ao surdo e ao ouvinte. Mas a prioridade é Libras. Mais do que português.*

No início dessa história, Mairla e Giovana falam sobre sentar em roda, um movimento próprio da cultura surda. Formar uma roda para podermos ver uns aos outros e assim conversar é um movimento quase que automático quando há um grupo de sinalizantes. Em alguns espaços da Psicologia – como na pós graduação da UFF – sentar em roda também é uma prática comum. Mas esse movimento não é óbvio. Nas salas de aulas com estudantes surdes, a organização também é em roda. Mas outros espaços escolares são, na maioria das vezes, organizados em fileiras. E isso é reproduzido em muitos espaços cotidianos, que deveriam ser de troca, mas que a posição geográfica – o fato de ser em fileira em vez de roda – já modifica a dinâmica. Estar em roda traz para as relações mais horizontalidade, diminui as hierarquias, traz mais olho no olho, maior possibilidade de todos se verem e todos serem vistos, mais oportunidades de trocas. Nada disso é garantido pela roda, mas pode ser facilitado por ela. A maneira em que nos posicionamos no espaço, com que ocupamos o espaço com nossos corpos, também produz efeitos.

Mairla conta também sobre as modulações que opera em seu corpo no encontro com a Libras e com as pessoas surdas. É muito curioso o tal “botão corporal” que gira para “surda” ou “ouvinte”. Mas faz muito sentido quando ela diz que “o corpo sabe disso”. É um conhecimento corporal, não vem do mental. O corpo se modula e se adapta para focar mais em um grupo de estímulos – os visuais – do que em outros – os auditivos. É

lógico que isso não faz dela surda, nem por um instante. Mas diz de uma disponibilidade corporal para ir na direção da pessoa surda, para estar junto.

A Marcia, minha orientadora, sempre observa que o jeito que eu gesticulo é diferente do de outras pessoas. Ela diz também que percebe que meu corpo fica diferente quando eu estou conversando com uma pessoa surda e quando eu estou conversando com uma pessoa ouvinte. Ela diz que mesmo nos momentos que ela me viu conversando com uma pessoa surda oralizada, que não falava Libras, a maneira que eu posicionava meu corpo para estar com aquela pessoa era diferente do que quando eu estava conversando com ouvintes. Eu aceitava, mas não sacava muito bem o que ela estava falando.

E então, durante essa pesquisa, consegui entender esse fenômeno nitidamente. Eu estava usando um gravador de tela para capturar a imagem e o som das reuniões e das conversas entre coletoras e contadoras de histórias. É um aplicativo com o qual eu não tenho muita familiaridade e, por algum motivo, tem vezes que ele desativa a gravação do meu microfone, e o ideal é que eu lembre de ativar manualmente toda vez antes de usá-lo. Deve ter um jeito mais fácil de fazer isso, mas eu não sou muito boa com tecnologias!

A primeira gravação de conversa que eu fiz, que foi entre eu e Beatriz – uma mulher surda oralizada –, eu esqueci de ativar esse recurso. Resultado: gravei a conversa toda apenas com as falas da Bia. Mas quando eu fui legendar o vídeo em português escrito, consegui fazer a leitura labial de grande parte, a maioria, do que eu estava falando. Pensei: “Normal, fui eu que falei, então é mais fácil de ler os próprios lábios, com a lembrança do que foi conversado”. Em uma outra ocasião, quando fui rever a conversa com Camila, houve um momento em que, após Camila sair da sala, ficamos eu e Mairla – era comum as coletoras e eu permanecermos alguns minutos após a conversa com as contadoras, refletindo sobre o que tínhamos vivido e visto ali naquele encontro. Nessa conversa, eu também havia esquecido de acionar a gravação do meu microfone. Resultado: novamente, não captou minha voz. A diferença é que dessa vez, ao rever a conversa com Mairla – uma mulher ouvinte – eu não consegui entender quase absolutamente nada do que eu mesma havia dito naquela gravação.

Entendi o que Marcia me fala. Assim como Mairla conta, meu corpo também automaticamente se modula para estar com a pessoa surda, sem eu nem me dar conta disso.

### **Elaine, Mairla e Lucila, 19/08/2022**

Em algum momento da conversa, Mairla pergunta para Elaine se ela sentiu alguma diferença entre antes e depois do mestrado, em seus conhecimentos e na maneira como atua como professora universitária. Elaine responde que sim, e nos conta um pouco desse processo. Uma das coisas que ela conta é como incorporou os conhecimentos adquiridos em uma pós graduação de educação especial. E digo incorporar quase que literalmente, pois veja o sinal que Elaine usa: é como se ela tivesse guardando algo dentro do corpo.



**Imagem 90: Elaine 1**

Depois ela nos conta que o mestrado foi um marco, que elevou o nível dos conhecimentos em relação ao que aprendeu na graduação – que era um conhecimento mais resumido, mais básico. E ela conta a maneira como ela foi adquirindo e construindo esses conhecimentos no mestrado. Ela faz um sinal das coisas “pipocando” em seu corpo, na altura do tórax, para depois tocar com as duas mãos a cabeça. Eu entendi que ela demonstra, assim, que o conhecimento aconteceu primeiro no corpo para depois se consolidar na cabeça.



**Imagem 91a: Elaine 2a**



**Imagem 91b: Elaine 2b**

É incrível poder usar a língua para subverter a forma que tradicionalmente falamos do pensamento, do raciocínio, do conhecimento – geralmente circunscrito à esfera do mental, da cabeça. Aqui, com a Libras, podemos falar em pensar com o corpo e adquirir conhecimento a partir do corpo. O que me remeteu muito à experiência que vivemos com a dança afro que vivemos, eu e meu colega Hebert, cada um a seu modo. Narrei nosso encontro e a minha experiência no tópico Dança afro, na Bolsa dos percursos e da errância, no início dessa tese. Trago aqui um trecho do relato de experiência de Hebert (SANTOS, 2019), e deixo também o relato completo no anexo 2, para complementar, caso você que nos lê tenha curiosidade de conhecer.

*Me senti entrando num estado diferente de consciência corporal, eu sentia e sabia os movimentos que estava fazendo, mas não guiava esses movimentos, eles aconteciam. Eu não conseguia diferenciar o que era meu corpo, minha mente e o espaço físico que ocupava, era como se tudo fosse uma coisa só. (...) Pude refletir que constantemente vivemos um movimento de desmembrar o corpo. Pensamos corpo, mente e mundo de maneira separada. Durante a dança, senti que não existia essa distinção, tudo era uma unidade. Toda a dor e sofrimento que eu sentia, percorreu minha mente, corpo e espaço e, apesar desta dor estar presente, fluiu pela unidade. (SANTOS, 2019, p. 32-34).*

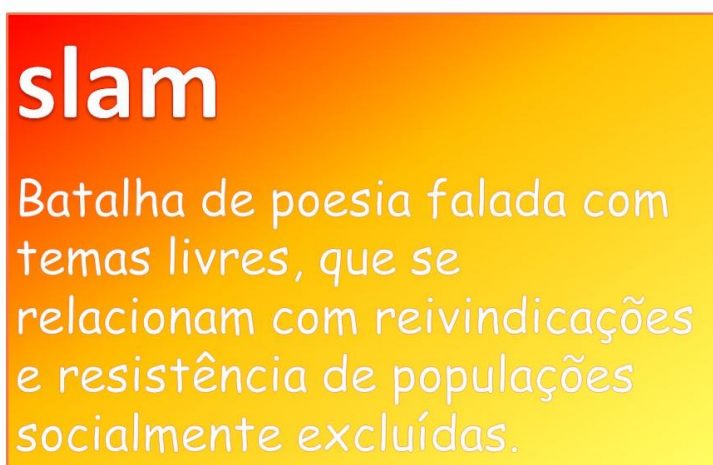
O que quero destacar com essas imagens e histórias é a possibilidade de conhecer, aprender e pensar com o corpo. Tradicionalmente fomos (aqui no ocidente pós colonização) formados para pensar com a cabeça. Mas com o percurso que fiz que me levou ao reencontro do meu corpo – o teatro (dos 18 aos 34 anos), a Libras, a contação de histórias, a dança afro – fui entendendo mente e corpo não mais separados. É uma questão de onde se localiza a cognição: pode ser na cabeça, mas pode ser no corpo também, e a princípio não há uma hierarquização. E a Libras – como com os sinais que Elaine nos mostra – traz essa pista. Quando Elaine se expressa dessa maneira, fica nítido como ela percebe o conhecimento se dando no corpo – inclusive, primeiro no corpo para depois ir para a cabeça. A gente (no ocidente pós colonização) é que aprende a separar e hierarquizar mente e corpo, a ponto de não mais prestar atenção no conhecimento que o corpo também produz.

Trata-se do aprendizado de domesticar o corpo para a primazia do racional, do qual falamos anteriormente. Aprender a controlar o corpo. Como por exemplo no

processo de escolarização: segurar a vontade de fazer xixi, ou de beber água; sentar na cadeira, de frente para o quadro, e com postura correta. Ou nas relações sociais: homem não chora; não pode demonstrar suas emoções, se não você vai parecer mole; não é bonito se expressar de forma muito expansiva e com muita gesticulação; quem faz caras e bocas parece palhaço. E outros tipos de crenças e aprendizados que vamos absorvendo.

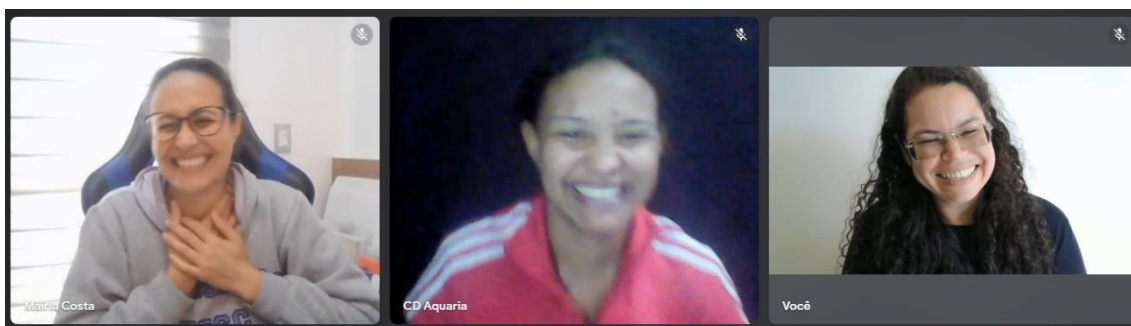
Em mim, a Libras ajudou a mobilizar mais o corpo e prestar mais atenção ao que ele me traz. Outras contadoras também apontaram isso em suas histórias, que podem ser encontradas no drive com o material original das histórias acolhidas para tese. Trazemos a seguir uma experiência específica desse processo que Camila nos conta.

### O slam e o corpo



**Imagem 92:** *Slam*. Autoral.

### **Camila, Mairla e Lucila, 19/08/2022**



**Imagem 93:** Da esquerda para a direita, Mairla, Camila e Lucila

Lucila: *A Mairla me contou que você participa do slam.* [Risos]

Camila: [Risos] *Sim... O slam também ajuda a comunidade surda a se expressar. Porque normalmente o surdo dentro de casa não tem Libras ou a família não sabe Libras, então o slam é uma forma de expressão potente. Às vezes eu ensino um pouco como funciona o slam, porque a maioria das pessoas não conhece. E aí eu ensino com prazer.*

Lucila: *Ah, que legal! E como você começou no slam?*

Camila: *Então. Um amigo meu falou: 'vamos conhecer o slam?' Lá em São Paulo. Aí eu: 'Slam? O que é isso?' Aí eu cheguei lá e tinha um monte de gente circulando! A maioria das pessoas no slam é ouvinte. Eu perguntei: 'o que significa slam?' 'É uma batalha' 'Tá bom.' Antigamente, quando eu tinha 13, 15 anos, mais ou menos, eu escrevia poesia em português. Mas em Libras, nunca! Aí meu amigo: 'Vai lá! [Falar uma poesia].' 'Não! Eu não sei! Eu não sei como fazer uma poesia em Libras!' 'Vai!! É uma oportunidade! Aproveita!' Ok, eu aproveitei. Eu senti... um nervoso [diz, com expressão contente] com aquele público todo me olhando. Foi maravilhoso, porque foi um desafio. Outro desafio! E fez eu me expressar mais. Porque eu sempre me expressei dentro de casa. Sem ninguém olhar, na frente do espelho, eu me expresso. Mas não tem ninguém olhando! E ali estavam as pessoas me olhando, e minha mente brilhando! Aí eu vi: eu sou poeta mesmo! [Risos]*

Lucila: *Que lindo!!!*

Mairla: *Então... Eu fico imaginando como a experiência da pessoa sinalizar... muda como é a relação com o corpo.*

Camila: *Sim!!*

Mairla: *Talvez nós não paremos para pensar e olhar para o nosso corpo. Mas... por exemplo, antes do slam e depois do slam, você percebe a diferença? Como?*

Camila: *Certo!! Sim!! Porque antes eu falava muito português sinalizado. Muito português sinalizado! Antes. O slam me mostrou que eu não preciso usar o português. Não uso nada! Só deixo a Libras fluir naturalmente. Eu penso que é porque tem surdos de diferentes níveis [linguísticos], e aí é certo que eu preciso lembrar deles. Eu pratico todo dia a adaptação dos sinais, o jeito de sinalizar... O jeito de usar as expressões faciais, também! Porque, por exemplo, antes eu quase não usava as expressões faciais. Eu pensava: 'Não combina! Nada a ver!' [Falando para si mesma:] Vamos tentar, espera, calma, respira...' E começava a sinalizar com as expressões. Porque eu tinha*

*vergonha de mostrar expressões faciais. Com mais molejo do corpo. Eu tinha vergonha. O slam ajuda a não ligar, a usar sim as expressões, usar o corpo de forma mais intensa e ampliada. É diferente! É uma provocação que foi importante pra mim. Porque se eu não tivesse o slam eu ia continuar com as expressões pequenas, ia continuar sempre pouco expressiva. E então o slam parece que foi um impacto pra mim, que me fez acordar.*

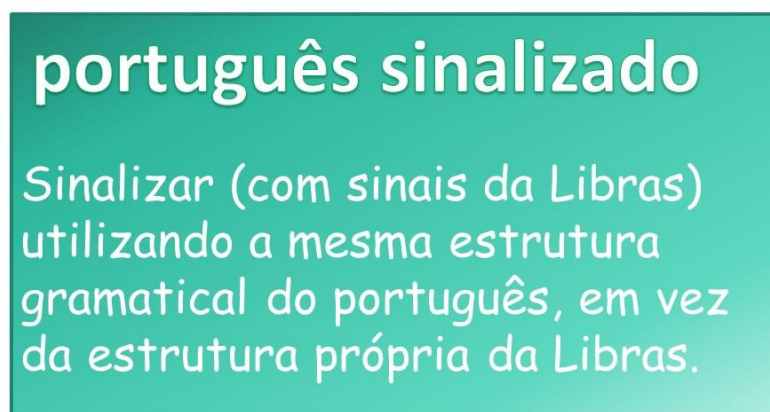
Lucila: *Parece que transformou seu corpo.*

Camila: *Sim...*

Lucila: *Parece que ficou mais mole.*

Camila: *Sim! Exato!*

Camila nos conta como o *slam* mudou ela. Que antes tinha uma Libras mais formal, mais próxima também da estrutura do português.



**Imagem 94: Português sinalizado.** Autoral.

Com o *slam*, ela aprendeu a se expressar mais com o corpo, a usar mais o corpo, a soltar mais o corpo. Como no *slam* ela está falando com um público de diferentes níveis linguísticos, precisou modular seu corpo para estar mais dentro da Libras. Precisou se apropriar mais da língua de sinais para adaptar seu discurso, acessibilizá-lo (como é o caso de Elaine e da intérprete que adaptam o discurso para a mãe da Elaine), e além disso, trazer a estética da poesia para o corpo.



O *slam* em Libras é uma expressão poética de imensa beleza! Temos como referência o *Slam do Corpo*<sup>43</sup>, em São Paulo, primeiro *slam* de pessoas surdas e ouvintes do Brasil.

*A partir da percepção de que a Libras é uma língua performática e de que uma discussão que interessa tanto aos surdos, quanto aos ouvintes, é ‘como o corpo fala’, ‘o que fala’, ‘para quem e para que fala’, fomos adentrando nas conexões entre ‘o corpo e o dizer’, estabelecendo pontes entre a poesia, a palavra falada, os sinais e a performance.*

[...]

*O SLAM DO CORPO é a 1ª batalha de poesias no Brasil com participação de poetas surdos e ouvintes. O projeto nasceu do nosso desejo de experimentar performances poéticas numa composição entre a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais. Partimos de duplas de poetas que criam e apresentam poesias nas duas línguas simultaneamente. Em suas performances, as vezes as línguas se diferenciam, cada uma acontece em sua gramática própria; noutras vezes, se entrecruzam. Este acontecimento chamamos ‘beijo de línguas’.*

*A atividade começa com o corpo aberto, momento no qual pode-se apresentar poemas de forma livre. A batalha acontece no segundo momento, quando valem as regras do Slam (os poemas devem ter até 3 minutos de duração, sua autoria deve ser própria e não é permitido o uso de figurinos ou objetos de cena). O evento é apresentado por uma dupla de apresentadores (um surdo e um ouvinte) e conta sempre com dois tradutores/intérpretes de Libras. Para os poetas vencedores, o prêmio é um conjunto de livros de arte e poesia!*

[...]

*Os jurados – incumbidos de dar notas aos poemas – são escolhidos na hora, pessoas do próprio público. Diferente dos eventos culturais que ‘entram em cartaz’ ou expõem obras determinadas de artistas pré-definidos, o Slam se aproxima de um chamado e se faz com os corpos, com as vozes e urgências que o escutam e o habitam a cada vez. (CORPO, s/d).*

---

<sup>43</sup> Para conhecer mais o *Slam do Corpo*, acesse seu perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/slamdocorpo/> e seu linktr.ree: <https://linktr.ee/slamdocorpo>

Como um gostinho de “quero mais” – inclusive para mim mesma – deixo aqui, sobre o *slam* do corpo, um trecho do resumo da dissertação de Cibele Toledo Lucena, “Beijo de Línguas” (2017).

*Este empenho em produzir uma vizinhança entre os dois mundos nos leva por um caminho que escapa às ideias de ‘deficiência’ e ‘diferença’ pautadas por um olhar normativo e hegemônico, tornando possível pensar o acontecimento de distintos processos de diferenciação. Na mesma direção, nos permite ocupar e desocupar certas palavras que nos espreitam nesta experiência, como ‘acessibilidade’ e ‘inclusão’, levando-nos a criar outras, em conexão com as vibrações da vida. Quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram, nas performances poéticas mestiças realizadas neste Slam, o problema da tradução se opera de forma autônoma e criativa, possibilitando que as línguas se beijem, se tensionem e se alarguem. É assim que o Beijo de Línguas nos arrasta para fora da lógica vigente, que categoriza os corpos e extermina suas potências e saberes, afirmando a força insubordinada e perigosa das alianças. (LUCENA, 2017)*

Mairla: *Talvez, no futuro, a Lucila, que gosta de pesquisar o tema do corpo, possa organizar um evento só com foco no... Porque a Lucila trabalha no INES...*

Camila: *No Rio, né?*

Lucila: *Sim, no Rio.*

Mairla: *Sim, no INES mesmo. A gente pode pensar no futuro – depois que defender a tese, e dar uma relaxada – em organizar um evento, vocês duas, que tem um grupo forte de slam em São Paulo, uau!*

Camila: *É verdade.*

Mairla: *Uma parceria entre Estados. E eu vou! Sou de Santa Catarina, mas eu vou! Tá combinado!*

Termino essa bolsa e essa tese com essa história, porque ela se encerra em uma abertura. Se encerra em um convite para continuarmos juntas, estudando, pesquisando, produzindo espaços onde podemos construir o pluriverso surdo, e habitá-lo. Vamos?! Tá combinado!

## **BOLSA AMNIÓTICA**

**Resumo em Libras:** [https://youtu.be/\\_OskrCmOlho](https://youtu.be/_OskrCmOlho)

**Resumo em português:** Por fim, temos a bolsa amniótica. É a bolsa própria da gravidez, que guarda o bebê antes dele nascer. Ali o bebê fica guardado, protegido, se nutrindo e se desenvolvendo até o momento do nascimento. Essa bolsa substitui a conclusão, pois não falamos do fim da tese, mas sim de ideias para continuar, no futuro, desenvolvendo essa pesquisa. Falamos sobre ideias que estão, no momento, guardadas, protegidas, cuidadas por nós, pesquisadoras da equipa, para se desenvolver e no futuro nascer e assim dar continuidade à pesquisa.

A ideia dessa bolsa surge na felicidade e angústia de que essa tese abre para tantas infinitas possibilidades e projetos. Então, no lugar da tradicional conclusão, pensamos a bolsa amniótica, aquela bolsa própria da gravidez, que acolhe os bebês enquanto estão se formando no útero. Ali o bebê fica guardado, protegido, se nutrindo e se desenvolvendo até o momento do nascimento. A bolsa amniótica cria possibilidades para que uma nova vida possa surgir. Uma vida nova, singular, cheia de incertezas e surpresas, cheia de mistérios. Ninguém sabe como será essa vida que vai nascer, que características terá, que caminhos trilhará.

Essa bolsa substitui a conclusão, pois não falamos do fim da tese, mas sim de ideias para continuar, no futuro, desenvolvendo essa pesquisa. Falamos sobre ideias que estão, no momento, guardadas, protegidas, cuidadas por nós, pesquisadoras da equipa, para se desenvolver e no futuro nascer e assim dar continuidade à pesquisa. Com ela, retomamos alguns fios que ficaram soltos, apontando para desejos de pesquisas futuras. E nos jogamos ao desconhecido, às possibilidades do que poderá surgir.

Essa pesquisa não se encerra na tese de doutorado, está cadastrada na Plataforma Brasil, no Comitê de Ética em Pesquisa, e pode ter seu cronograma estendido. Há o desejo de continuidade dela, mantendo a parceria com as pessoas surdas, quem sabe inclusive ampliando a equipa e vinculando a pesquisa à alguma instituição. De tal modo, seguimos pensando em formas viáveis de torna-la totalmente acessível em Libras para a comunidade surda sinalizante.

Uma direção de trabalho que fica para após a defesa da tese é construir artigos a partir dela, e talvez esses artigos, sim, traduzir para Libras e publicar de forma bilíngue. Acreditamos que esse formato seja mais interessante para difundir conhecimento.

Outra ideia que surgiu no encontro com a professora Simone Gonçalves de Lima da Silva, parceira que estará na banca de defesa da tese, é a publicação das histórias em um formato de livro não acadêmico, como um livro de contos ou crônicas. Estamos pensando em como seria a publicação desse livro e de que forma inserir a Libras nele também.

Nesse trabalho não foi possível abordar ou aprofundar alguns temas importantes para nós. Pretendemos no futuro, dando continuidade à essa pesquisa, escrever mais sobre eles, a partir das histórias acolhidas para essa tese. São os seguintes: interseccionalidades; o modo como as legislações afetam o cotidiano; educação inclusiva e educação bilíngue; a relação entre a pessoa surda e a família ouvinte; o lugar da mãe nas histórias – que aparece lutando pelos direitos e desenvolvimento de suas filhas; o lugar do português para a pessoa surda; uma pergunta que surge comumente na comunidade surda brasileira, que traz consigo algumas questões e implicações: “você é surda ou ouvinte?”.

Não cansa de me surpreender o potencial que as histórias têm de multiplicar histórias. Além dessas recontadas aqui carregarem mundos, elas produzem um efeito em quem lê que é de dizer: “isso me lembra uma história...” Não há uma pessoa que não diga isso ao lê-las. Uma história puxa outra, e assim vamos povoando o mundo (MORAES; TSALLIS, 2016) de histórias únicas (CONTI, 2015), para multiplicar as significações e possibilidades de existência e borrar a única história (ADICHIE, 2009). Por isso considero ter sido um bom manejo trazer as histórias das contadoras não como fragmentos, mas com mais inteireza. Muitas vezes eu puxei apenas poucos fios das histórias, mas elas reverberam e cada pessoa colhe delas algo diferente. Com histórias mais inteiras, parece-me que há uma abertura para mais conexões para quem as lê.

E quem as lê? Com quem estou dialogando com essa tese? Em algum momento pensei que eram com meus pares ouvintes. Fiquei meio atarantada com isso: estou escrevendo para conversar com meus pares ouvintes, mas o público inicial, que é a banca de avaliação, é formado por maioria surda. E agora? Logo fui acalmada pela minha orientadora: essa tese foi produzida com as pessoas surdas, de forma muito intensa, e só

faz sentido que essa etapa da pesquisa seja finalizada também com as pessoas surdas. Mas Marcia trouxe que eu estou dialogando também com a academia. Muitos meios acadêmicos sabem pouco ou nada sobre a pessoa surda. Foi só há menos de 5 anos que o Programa de Pós Graduação em Psicologia recebeu sua primeira estudante surda. E também estou dialogando com pessoas surdas, à medida em que são diversas e essas histórias podem ou não reverberar com as suas histórias, e podem assim provoca-las ao deslocamento – assim com intento que as pessoas ouvintes possam se deslocar também ao encontrar com essas histórias.

Minha mãe, Simone Santos Lima, professora da Educação Básica aposentada, que foi uma parceira essencial na reta final dessa escrita – saindo de sua casa várias vezes por semana para ficar na minha e me dar suporte com afazeres domésticos, cozinhar para mim, sentar e ouvir essas histórias, lendo-as de volta para mim em voz alta (e dando risadas, e chorando, e se emocionando com elas) quando eu já não conseguia entrar tanto em contato com elas (chega uma hora da pesquisa que a gente fica meio saturada e precisa de um olhar novo para refrescar o pensamento e a escrita) – ela me disse assim:

*Nas palavras simples aqui da dona de casa [que não é da academia], essa tua tese sai da academia, sim. A gente se dá conta da dor do outro, e se a gente não consegue mudar essa dor – a gente como humano tem mania de querer resolver tudo – pelo menos que a gente consiga não ficar indiferente, pelo menos me sensibilizar com as vivências do outro. A gente tem a tendência de: ‘se eu não sei lidar, eu não quero tomar conhecimento’. A gente tem tendência a rejeitar o que a gente não entende. Mas a tese tem esse efeito de fazer olhar e reconhecer que sim, a pessoa surda existe e ocupa um lugar. A gente se dá conta de que vive no coletivo, mesmo. Não adianta fingir.*

Esses deslocamentos são necessários para o que chamamos na dissertação (SILVA, 2018) – e aqui nessa tese também – de composição. Para fazer composição, a gente precisa se desmanchar um pouco de si, de nossas certezas, para abrir espaço para o que vem do outro. À medida que nos abrimos para a composição, acredito que estamos também nos empenhando para construir o pluriverso. E ambos, composição e pluriverso, não estão dados. A gente não vai sair por aí andando e esbarrar com um pluriverso pronto. A gente não pode pegar uma composição na prateleira do mercado para usar quando quiser. São exercícios cotidianos, que às vezes dão certo e outras vezes não. É necessário

coragem, curiosidade, vontade para fazê-lo. É necessário não ter vergonha de se expor, de expor suas dificuldades, mas também seus processos de aprendizado. É poder dizer: eu não sei tudo, mas estou no caminho, vamos comigo? Me ensina? É ter coragem de dizer: me ajuda? É ter coragem de ser quem se é, de propósito (como Helena teve coragem para fazer o concurso e se tornar professora), à revelia de um mundo que nos quer iguais mas não em pé de igualdade. É necessário querer estar com o outro de verdade, respeitando quem somos e quem a outra pessoa é, e se movimentar na direção desse encontro, abraçando os afetos produzidos e agindo com eles. E para tudo isso, é fundamental – e fica muito mais divertido – que não paremos de contar histórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história. TED Talks, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story) Acesso em junho, 2017.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. (Coleção Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016, p. 129-143.
- ALVES, Camila. *E se experimentássemos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.
- AMARAL, Ligia Assumpção. *Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ANZALDÚA, Gloria. “La Prieta” (1981). Em: Gloria Anzaldúa. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Traduzido por Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. *Como Domar uma Língua Selvagem*. Traduzido por Joana Plaza Pinto e outros. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n.39, 2009, p. 297-309.
- ARENDRT, Ronald, MORAES, Marcia, TSALLIS, Alexandra. Por uma psicologia não moderna: o PesquisARCOM como prática meso-política. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v.15, n.4, 2015, p. 1143-1159.
- ARRAES, Jarid. *Redemoinho em dia quente*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- BENTES, José Anchieta de Oliveira. HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. *Revista Brasileira de Educação*, v.21, n.67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216744> Acesso em maio, 2023.

- BIERNACKI, Patrick, WALDORF, Dan. Snowball Sampling – Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, n.10, v.2, 1981, p. 141-163. <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm) Acesso em maio, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Acesso em maio, 2018.
- BUZE, Adilson, GRASSE, Rosana, GOMES, Roberta, SILVA, Lucila, FERNANDES, Stela, LARRUBIA, Eduarda. Ensino de Libras para estímulo da comunicação e afetividade das famílias. *Revista Fórum*, n. 37, 2018.
- CAFÉ FILOSÓFICO: *O que pode o corpo?* Com Dani Lima e Viviane Mosé. 1 vídeo (47min51s). Publicado pelo canal Café Filosófico CPFL (2009). Disponível em: <https://youtu.be/d8kSSGX1Ufw> Acesso em novembro, 2020.
- CAMPBELL, Fiona. Exploring Internalized Ableism using Critical Race Theory. *Disability & Society*, n.23, v.2, 2008, p. 151–162.
- CAMPELLO, Ana Regina. *Pesquisar sobre os Surdos: qual é o posicionamento ético que devemos adotar?* 1 vídeo (1h13min50s). Publicado pelo canal TV UNITAU (2020). Disponível em: <https://youtu.be/SNgsIzFyByk> Acesso em janeiro, 2021.
- CARNEIRO, Angela, SILVA, Lucila. Oficina de escolhas profissionais: uma parceria entre jovens surdos, intérpretes e psicólogas. *Revista Fórum*, n.38, 2018.
- CASTILHO, Leonardo. Publicações dos dias 29/07 e 11/08/2020. Instagram. Disponível em: <https://instagram.com/leocastilho?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em maio, 2023.



- CASTRO, Nelson Pimenta de. *Corporidade e prosódia em Libras*. 1 vídeo (16min05s). Publicado pelo canal INES DDHCT (2019). Disponível em: [https://youtu.be/F0\\_9tDNetvI](https://youtu.be/F0_9tDNetvI) Acesso em janeiro, 2021.
- CASTRO, Nelson Pimenta de, QUADROS, Ronice Muller de. *Curso de Libras 1*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade [recurso eletrônico] / tradução Rane Souza*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CONTI, Josselem. *Contar histórias, povoar o mundo: versões de um encontro com a loucura e a cegueira*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.
- CONTI, Josselem; SILVEIRA, Marília. *Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, n. 11, v. 1, São João del Rei: 2016, p. 53-68.
- CORPO, Slam do. *SLAM DO CORPO – 1º SLAM de surdos e ouvintes no Brasil*. Documento eletrônico. s/d. Disponível em: [https://d1fdloi71mui9q.cloudfront.net/vhYUWB23SPiVqkL0PxVC\\_CONJUNTO%20DE%20PROJETOS-LINKTREE.pdf](https://d1fdloi71mui9q.cloudfront.net/vhYUWB23SPiVqkL0PxVC_CONJUNTO%20DE%20PROJETOS-LINKTREE.pdf) Acesso em maio, 2023.
- DESPRET, Vinciane. *V comme versions. Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?* Paris: La Découverte / LesEmpêcheurs de Penser en Rond, 2012, p. 231-242.
- DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. *Les faiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à la pensée*. Paris: La Découverte / LesEmpêcheurs de Penser en Rond, 2011.
- DIVERSILIBRAS. Álon Mauricio. *Privilégio ouvinte. O que nós ouvintes precisamos fazer? [Vídeo]*. YouTube. Publicado em 16/07/2020. Disponível em <https://youtu.be/MVP2CexvBxY> Acesso em maio, 2023.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FERREIRA, João Gabriel. *Publicações dos dias 16,20, 21 e 22/07/2020*. Instagram. Disponível em <https://instagram.com/johnnybiels?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em maio, 2023.

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber* (1969). Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Introdução. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (1984). tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque, 8ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O método desviante*. Documento eletrônico. Revista Trópico, 2006. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod\\_resource/content/0/GAGNEBIN\\_O\\_metodo\\_desviante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod_resource/content/0/GAGNEBIN_O_metodo_desviante.pdf) Acesso em janeiro, 2021.
- GESSER, Audrei. *Do Patológico ao Cultural na Surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas*. Trabalhos em Linguística Aplicada (online), vol.47, n.1, 2008, pp.223-239. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000100013>. Acesso em março, 2020.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v.5, 1995, p. 7-41.
- HARAWAY, Donna. Able bodies and companion species. Em: Donna Haraway. *When Species Meet*. London: University Minesotta Press, 2008, p. 161-179.
- HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, n. 35, 2011, p. 27-64.
- HARAWAY, Donna. Introduction. In: *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016, p. 1-8.
- ISAAC, Gabriel. Publicação do dia 12/12/2022. Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CmFKedqJczg/> Acesso em maio, 2023.
- JUNG, Ana Paula. *Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Neiva de Aquino Albres. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2022.
- KONRAD, Annika. Access Fatigue: the rhetorical work of disability in everyday life. *College English*, v. 83, n. 3, 2021, p. 179-199. Disponível em: <https://library.ncte.org/journals/ce/issues/v83->

[3/31093?fbclid=IwAR076DprOAK7UJl60FTveHvUAzbnVwsEgSOVCQg413UjZYxPdRRo4zi8uI0](https://www.facebook.com/3/31093?fbclid=IwAR076DprOAK7UJl60FTveHvUAzbnVwsEgSOVCQg413UjZYxPdRRo4zi8uI0) Acesso em maio, 2023.

- LABORIT, Emmanuelle. *O voo da gaivota*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1994.
- LATOUR, Bruno. An attempt at a “Compositionist Manifesto”. *New Literary History*, n. 41, 2010, p. 471-490.
- LATOUR, Bruno. Não há mundo comum: é preciso compô-lo. Tradução por Vinícius N. Honesko do texto *Il n’y a pas de monde commun: il faut le composer*. Em: *Multitudes*, n. 45, special, été 2011. Disponível em: <https://politicadasensibilidade.wordpress.com/2017/01/16/nao-ha-mundo-comum-e-preciso-compo-lo-bruno-latour/> Acesso em junho, 2018.
- LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa da ficção. Tradução de Luciana Chierigati e Vivian Chierigati Costa do texto *The Carrier Bag Theory of Fiction* (1986). São Paulo: n-1, 2021.
- LEITE, Tarcísio. *Elaboração visual da (corp)oralidade pelas pessoas surdas*. 1 vídeo (25min50s). Publicado pelo canal INES DDHCT (2019). Disponível em: <https://youtu.be/XBeHgXNn0SM> Acesso em janeiro, 2021.
- LIOLI, Amanda; MOREIRA, Catherine. Na língua. 1 vídeo (2min10s). Publicado pelo canal Amanda Lima Oliveira (2017). Disponível em <https://youtu.be/aLRrLauNCQ> Acesso em janeiro, 2021.
- LUCENA, Cibele Toledo. *Beijo de Línguas – quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Suely Belinha Rolnik. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 2017.
- MANSO, Carolina Cardoso. *Narrativas do cegar: (re)criações de um corpo*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2010.
- MARTINS, Francielle Cantarelli; KLEIN, Madalena. Estudos da contemporaneidade: sobre ouvintismo/audismo. In: *IX ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, Caxias do Sul: Gráfica Nordeste, 1, 1-12.
- MELLO, Anahí Guedes de. O modelo social da surdez: um caminho para a surdolândia?. *Mosaico Social*, v.3, 2006, p. 55-75.

- MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 21, v. 10, 2016, p. 3265-3276.
- MINGUS, Mia. *Access Intimacy: the missing link*. Documento eletrônico. 2011. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2011/05/05/access-intimacy-the-missing-link/> Acesso em janeiro, 2021.
- MINGUS, Mia. *Access Intimacy, Interdependence and disability justice*. Documento eletrônico. 2017a. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2017/04/12/access-intimacy-interdependence-and-disability-justice/> Acesso em janeiro, 2021.
- MINGUS, Mia. *Forced Intimacy: an ableist norm*. Documento eletrônico. 2017b. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2017/08/06/forced-intimacy-an-ableist-norm/> Acesso em janeiro, 2021.
- MINGUS, Mia. *Access is Love*. Documento eletrônico. 2019. Disponível em: <https://disabilityvisibilityproject.com/2019/02/01/access-is-love/> Acesso em maio, 2023.
- MORAES, Marcia. Política ontológica e deficiência visual. Em: Marcia Moraes e Virginia Kastrup. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora / Faperj, 2010, p. 26-51.
- MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*, v.6, n.1, 2016, p. 39-50.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*. Ilustrações de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *O mar que banha a ilha de Goré*. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2014.
- OLIVEIRA, Tainá dos Santos. SILVA, Lucila Lima da. Habitar-compor um método: políticas de pesquisa e de escrita em Psicologia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.15, n.3, 2020, e-3502.
- PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

- Disponível em: <https://sites.google.com/site/pesquisassobresurdez/gladis-perlin>  
Acesso em junho, 2018.
- PERLIN, Gladis. O ouvinte: o outro do outro surdo. Anais do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Florianópolis: Fapeu, 2003. Disponível em <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=20&idart=150>  
Acesso em maio, 2023.
- REAGON, Bernice Johnson. Coalition Politics: turning the century. Em: Barbara Smith (org.). *Home Girls: a Black Feminist Anthology*. New York: Kitchen Table: Women of Color Press, 1983, p. 356-368. Disponível em: <https://womenwhatistobedone.files.wordpress.com/2013/09/1983-home-girls-coalition-politics-bernice-johnson-reagon.pdf>
- ROCHA, Solange. *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Surdos em seu percurso de 150 anos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.
- ROCHA, Solange. *Memória e história: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul, 2010.
- ROMANO, Bruna; SERPA JR, Octavio Domont de. Singularidades da comunicação no encontro de pessoas surdas e profissionais de saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n.31, v.2, 2021, e310208. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310208>
- SANTOS, Hebert Silva dos. *O dançar afro no caminhar ancestral: lembrar, rememorar e reconhecer*. Monografia de Graduação. Orientadora: Alexandra Cleopatre Tsallis. Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2019.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SILVA, Lucila Lima da. *Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

- SILVA, Lucila, CARNEIRO, Angela. Oficina de escolhas profissionais: invenção de futuros. *Revista Fórum*, n.37, 2018.
- SILVA, Lucila Lima da, MORAES, Marcia. Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v.9, n.2, 2019, p. 221-243.
- SILVA, Lucila Lima da, RODRIGUES, Ingrid Moura Barroso. *Psicólogas bilíngues em português/Libras: histórias para inspirar e (in)formar*. 2023, no prelo.
- SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. *Revista Educação e Realidade*, n. 24, v. 1, 1999, p. 15-32.
- SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SOARES, Ildete Vianna. *Surdo oralizado no contexto de ouvintes e de surdos: identidade e diferença como desafio*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Ana Claudia Lima Monteiro. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2020.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1677/2009.
- STENGERS, Isabelle. A Ciência no Feminino. *Revista 34 Letras*, n. 5/6, 1989, p. 427-431.
- STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese de Doutorado. Orientadora: Ronice Muller de Quadros. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.
- VIEIRA, Saulo. Narrativas em Libras como traduções intersemióticas com elementos da linguagem cinematográfica. Documento Eletrônico. Revista re-produção, sem data. Disponível em: [http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=112#:~:text=o%20visual%20vernacular%20\(vv\)%20%c3%a9,est%c3%a9tica%20das%20%c3%adnguas%20de%20sinais](http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=112#:~:text=o%20visual%20vernacular%20(vv)%20%c3%a9,est%c3%a9tica%20das%20%c3%adnguas%20de%20sinais) Acesso em maio, 2023.

VITURINNO, Léo. Linguagem neutra na Libras? *[Vídeo]*. YouTube. Publicado em 07/04/2023. Disponível em <https://youtu.be/89A7DN1jUcw> Acesso em maio, 2023.

## ANEXO 1 – Os quatro elementos da Natureza no Corpo

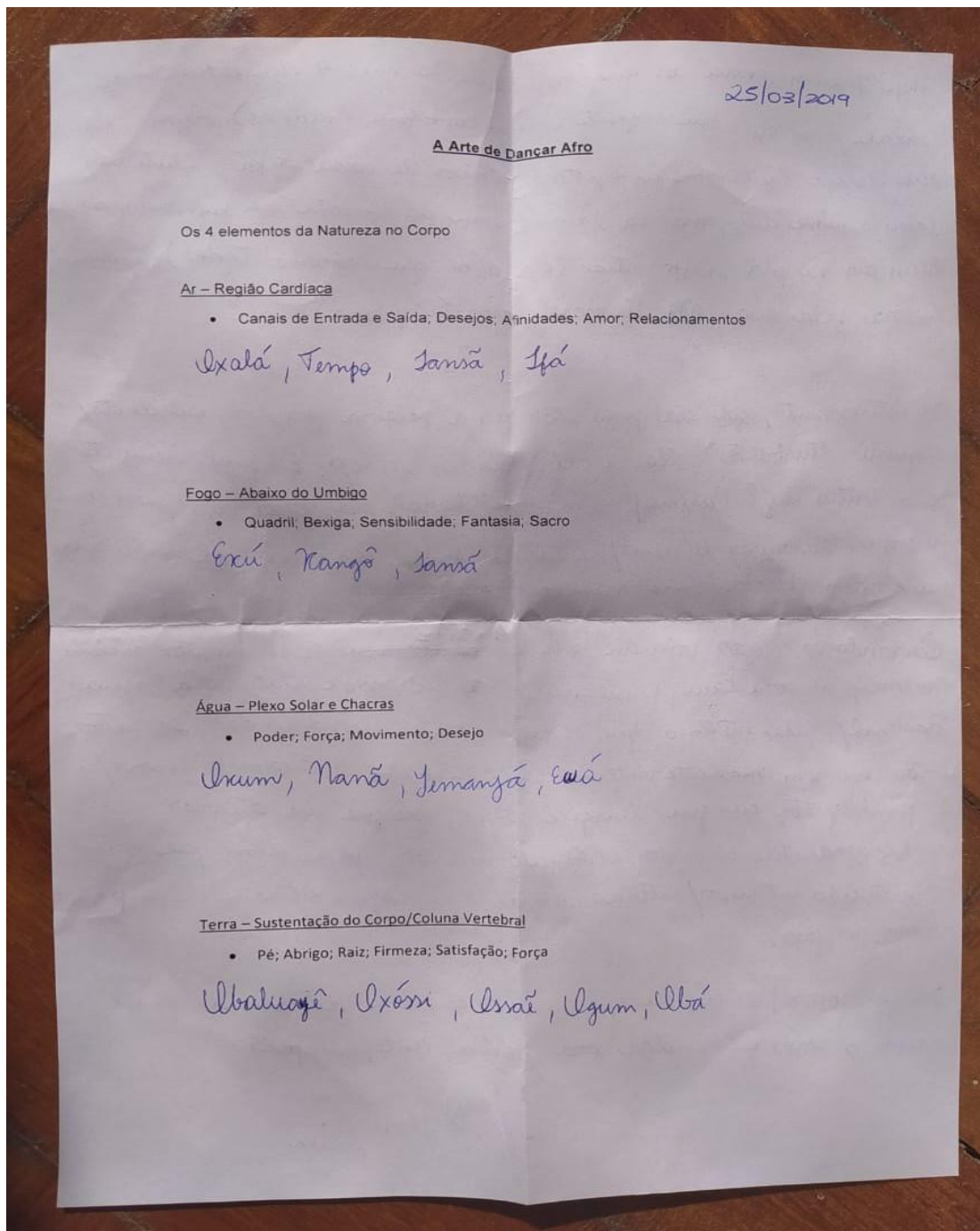


Imagem 95: Os quatro elementos da Natureza no Corpo



## **ANEXO 2 – Relato de Hebert: O voo do *sankofa***

Relato de Hebert Silva dos Santos, extraído de sua monografia “O *dançar afro* no caminhar ancestral: lembrar, rememorar, reconhecer.” Rio de Janeiro: UERJ, 2019. p. 32-34.

### **2.1 VOO DO *SANKOFA* : REMEMORAR ANCESTRAL NO *DANÇAR AFRO***

No dia 19 de agosto de 2019, iniciamos o módulo II da oficina de dança afro no COART na UERJ. Voltar depois de 2 meses de férias teve seus prejuízos, é um desconectar que acaba nos afastando e nos desmembrando da dança. Após o período de recesso, voltamos aos exercícios de repetição dos passos e “limpeza” dos movimentos. Por todo o primeiro semestre, me mantive em conhecer os elementos afros e repeti-los para que fixassem em minha memória. Fizemos o aquecimento básicos, de andar pela sala, inicialmente devagar e em seguida aumentando o ritmo. Tudo isso sempre com cabeça erguida e olhar guiando a direção do andar. Em seguida, fizemos os movimentos de flexionar os joelhos e subir ao ritmo da música.

Ao final do aquecimento, professora Eliete nos propôs algo diferente, pôs uma música com ritmo bastante lento, com uma melodia calma. Pediu que andássemos pela sala sentindo a música e que trouxéssemos um pensamento que nos acometia. Fui possuído por profundos sentimento de tristeza, de medo, insegurança, que já me cercavam a um tempo. Os anseios de alguém perto de se formar que não sabe como dará os próximos passos, a tristeza de não ter a presença dos meus pais nesse momento de conquista e toda uma sobrecarga de pesos que preciso carregar em minha trajetória. Fui totalmente imerso nessa enxurrada de sentimentos pesados e sofridos. Em seguida, ouvi Eliete dizer “*faça um movimento que represente esse sentimento*”. Não conseguia pensar em um movimento que representasse aqueles sentimentos, tentei alguns movimentos que sentia meu corpo rejeitar, era difícil executar essa tarefa. Após algumas tentativas, fiz um movimento de levantar e descer os braços que pareceu confortável e decidi me manter nele. Fechei os olhos, pra deixar que o corpo se apoderasse do movimento. Conforme eu me mantinha nele, ouvia que a música ficava levemente agitada e meu corpo sentia a

necessidade de seguir aquele ritmo. Me senti entrando num estado diferente de consciência corporal, eu sentia e sabia os movimentos que estava fazendo, mas não guiava esses movimentos, eles aconteciam. Eu não conseguia diferenciar o que era meu corpo, minha mente e o espaço físico que ocupava, era como se tudo fosse uma coisa só. A música continuou a agitar cada vez para algo mais forte e rápido e, nesse momento, senti meu corpo girar e girar com muita velocidade. Emergiu nesse momento um grande sentimento de liberdade. Eu não via as outras pessoas, não enxergava o espaço, era tudo junto, como se todos ali fôssemos um só. Acredito que isso tenha relação com o senso de coletividade, como Ubuntu. Minha saia amarela girava e fazia parte de mim, ela se abria como um grande girassol a procura da luz solar, como se eu estivesse à procura de minha energia, de meu axé. Meus braços batiam como asas enquanto eu girava sem muita noção do espaço. Ao fundo, podia ouvir a voz de Eliete dizendo “*FAZ MAIOR!!*”, “*FAZ COM INTENÇÃO!!*”, “*EU QUERO VER GRAAANDE!!*”.

Meu corpo respondia a esses estímulos e intensificava-se no movimento. Naquele momento, percebi que eu era o *Sankofa*, voando e pousando em minha ancestralidade. Trazendo através do corpo minha história. Ao sobrevoar meu passado, pude lembrar o quanto a dança sempre fez parte de minha vida. Minha família sempre se unia pra me ver dançar, nas festas em casa, na escola. Voando, pude ver que a dança me conectava com minha mãe, que ela me ensinou a dançar frevo e que depois de sua morte, tive a oportunidade de me dedicar ao frevo em meu colégio no ensino médio e me apresentar. Na época foi apenas mais uma apresentação de dança, mas neste momento de lembrar pude enxergar o quanto aquela apresentação foi um modo de mantê-la comigo e contar sua história, através do meu corpo. Pelo alto, vendo meu passado, pude perceber que apesar da negritude adoecida pelo racismo que minha mãe passava pra mim, ela ainda era uma mulher negra, que carregava consigo vários elementos da negritude. Depois de um tempo nesse processo, Eliete reduziu gradativamente a música, até que pudéssemos parar e tirar um momento de racionalizar e sentir o que aconteceu.

Pude refletir que constantemente vivemos um movimento de desmembrar o corpo. Pensamos corpo, mente e mundo de maneira separada. Durante a dança, senti que não existia essa distinção, tudo era uma unidade. Toda a dor e sofrimento que eu sentia, percorreu minha mente, corpo e espaço e, apesar desta dor estar presente, fluiu pela

unidade. Com a liberdade desses sentimentos, pude me tornar sankofa e lembrar minha ancestralidade, visitar minha negritude através de minhas vivências e assim poder trazer elementos de força e empoderamento para fortalecer o meu presente. O lembrar, teve um efeito terapêutico, de colocar meu corpo à expressar os sentimentos e emoções presas em mim. Lembrar, me permite recriar o passado no presente, produzindo uma personificação do passado, atualizando-o. Ao lembrar, posso revitalizar, ou seja, dar uma nova roupagem a aquilo que busquei no passado.